

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Estudo Comparativo dos Provérbios e Idiomatismos Chineses e Portugueses com Animais:  
Abordagem Cognitivo-Cultural

Liao Yiran

Orientadoras: Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria Clotilde de Valle-Flor Telles de Freitas Almeida

Prof<sup>a</sup>. Doutora Elisabetta Colla Rosado Coelho David

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Estudos de Literatura e de  
Cultura, na especialidade de Cultura e Comunicação.

2019



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Estudo Comparativo dos Provérbios e Idiomatismos Chineses e Portugueses com Animais:

Abordagem Cognitivo-Cultural

Liao Yiran

Orientadoras: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Maria Clotilde de Valle-Flor Telles de Freitas Almeida

Prof<sup>ª</sup>. Doutora Elisabetta Colla Rosado Coelho David

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Estudos de Literatura e de Cultura, na especialidade de Cultura e Comunicação.

Júri:

Presidente: Doutora Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel, Professora Catedrática e Membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Vogais:

- Doutor Gustavo de Brito Aranha Sanches Infante, Teaching Fellow School of Modern Languages, University of Bristol;
- Doutora Olga Blanco-Carrión, Professora Associada da Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba;
- Doutora Iolanda Cristina de Freitas Ramos, Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Doutor Rodrigo Miguel Correia Furtado, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutora Maria Clotilde de Valle-Flor Telles de Freitas Almeida, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientadora;
- Doutora Guilhermina Augusta Pelicano Jorge, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



## **Resumo**

Os provérbios e idiomatismos são produtos cognitivos da representação linguística que nos remetem para a experiência física, cultural e social de uma comunidade linguística que, no caso da presente tese, se afigura vasta porque se reporta a dois países, China e Portugal. Na base desta consideração sobre a natureza cultural do provérbio e idiomatismo, enveredamos pelo estudo comparativo dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais, com enfoque nos doze animais do zodíaco chinês e seus equivalentes no português europeu, com o propósito de produzir uma reflexão sobre os enquadramentos culturais subjacentes aos mesmos.

Adotando-se o paradigma da linguística cognitiva como suporte teórico, a presente tese analisa e desconstrói qualitativamente, no âmbito de um acervo considerável de provérbios e expressões idiomáticas, as figurações construídas por via de metáforas e metonímias, tendo por base os enquadramentos culturais que os motivam. Com base nesta análise qualitativa de pendor cognitivo, preconiza-se que é possível delimitar convergências e divergências conceptuais das expressões idiomáticas e proverbiais em chinês e português europeu.

Comprova-se que, não obstante algumas convergências cognitivo-culturais, se vislumbram divergências cognitivo-culturais entre provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, o que se reveste da maior importância cultural para o entendimento das cosmovisões distintas do mundo.

**Palavras-chave:** provérbios, idiomatismos, zodíaco chinês, metáfora conceptual, cultura portuguesa e chinesa



## **Abstract**

Proverbs and idioms are cognitive products of linguistic representation that take us back to the physical, cultural and social experience of a linguistic community which, in the case of this thesis, appears vast since it concerns two countries, China and Portugal. On the basis of this consideration of the cultural nature of proverb and idiom, we engage in a comparative study of Portuguese and Chinese proverbs and idioms about animals, focusing on the twelve animals of the Chinese zodiac and their equivalents in European Portuguese, with the aim of reflecting on the cultural frameworks underlying them.

Adopting the paradigm of cognitive linguistics as theoretical support, this thesis analyses and deconstructs qualitatively, in the context of a considerable collection of proverbs and idiomatic expressions, the figurations constructed by means of metaphors and metonymies, based on the cultural frameworks that motivate them. On the basis of this cognitively driven qualitative analysis, it is argued that it is possible to delimit the conceptual convergences and divergences of the idiomatic and proverbial expressions in Chinese and European Portuguese.

It is verified that, despite some cognitive-cultural similarities, there are marked cognitive-cultural differences between the Chinese and Portuguese proverbs and idioms, which is of great cultural importance for the understanding of the distinct worldviews in which they are embedded.

**Keywords:** proverbs, idioms, Chinese zodiac, conceptual metaphor, Portuguese and Chinese culture



## **Agradecimentos**

A primeira e profunda gratidão dirige-se às minhas orientadoras Professora Doutora Maria Clotilde Almeida e Professora Doutora Elisabetta Colla, pela orientação extremamente eficiente, cuidadosa e responsável, pelas sugestões e comentários preciosos e inspiradores e pelo rigor académico que me transmitiram. Sem o grande apoio incessante das minhas orientadoras, não teria sido possível realizar a presente tese. Os seus conhecimentos, atitude bem como qualidades técnicas e humanas vão continuar a inspirar-me no futuro.

Agradeço aos meus pais e ao meu marido pelo amor e apoio incondicional e pela compreensão e paciência das muitas horas da minha ausência, necessárias à concretização da presente tese.

O meu agradecimento a todos os docentes do Curso de Doutoramento em Estudos de Cultura, pelos conhecimentos transmitidos ao longo dos diversos seminários que compõem o curso.

À Universidade de Economia e Negócios Internacionais em Pequim onde trabalho, por me facultar as condições necessárias à obtenção do grau de doutor em Portugal.

A todos os meus amigos chineses e portugueses que, de forma diferente, contribuíram para a minha investigação, pela sua disponibilidade, simpatia e amizade, especialmente à Tânia Ferreira, Luísa Carreira e Nuno Sobral, que me ajudaram na revisão linguística da minha tese em português.

Dedico esta tese à minha avó paterna, que não pode partilhar comigo a alegria da concretização da presente tese.



# Índices

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I Nota introdutória sobre os provérbios e idiomatismos com animais e sua relação com os estudos de cultura</b> .....	11
Observações Gerais .....	11
1.1 Estudos de Cultura e Estudos Focados nos Animais.....	12
1.2 Provérbios e idiomatismos com animais e estudos de cultura .....	19
1.3 O zodíaco chinês e os provérbios e idiomatismos com os doze animais.....	24
<b>Capítulo II Definição de Provérbio e Idiomatismo</b> .....	41
Observações Gerais .....	41
2.1 Revisão das delimitações proverbial e idiomática.....	43
2.2 Revisão das definições dos géneros do <i>shúyǔ</i> 熟语.....	57
2.3 Proposta da definição dos conceitos proverbial e idiomático .....	64
<b>Capítulo III Enquadramento teórico da metáfora e da metonímia e sua relação com os provérbios e idiomatismos dos animais</b> .....	67
Observações Gerais .....	67
3.1 Metáfora e metonímia à luz da linguística cognitiva .....	68
3.1.1 A natureza conceptual da metáfora e metonímia .....	68
3.1.2 Bases experienciais da metáfora e metonímia.....	74
3.1.3 Metáfora, metonímia e cultura .....	82
3.2 Provérbio e idiomatismo à luz da linguística cognitiva .....	91
3.3 Os provérbios e idiomatismos com animais à luz da linguística cognitiva .....	112
3.3.1 Características das metáforas conceptuais de animais .....	112
3.3.2 Provérbios e idiomatismos com animais sob o paradigma metafórico conceptual .....	116
3.3.3 Estudos comparativos sobre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais.....	124
<b>Capítulo IV Análise comparativa dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses</b> 129	
Observações Gerais .....	129
4.1 Análise cognitiva dos provérbios e idiomatismos chineses .....	130
4.1.1 Rato.....	130
4.1.2 Búfalo.....	138
4.1.3 Tigre .....	144
4.1.4 Coelho.....	150

4.1.5	Dragão.....	154
4.1.6	Serpente .....	163
4.1.7	Cavalo .....	167
4.1.8	Cabra.....	174
4.1.9	Macaco .....	178
4.1.10	Galo.....	181
4.1.11	Cão .....	184
4.1.12	Porco .....	192
4.2	Análise cognitiva dos provérbios e idiomatismos portugueses.....	195
4.2.1	Rato.....	195
4.2.2	Búfalo.....	197
4.2.3	Tigre .....	198
4.2.4	Coelho.....	199
4.2.5	Dragão.....	199
4.2.6	Serpente .....	200
4.2.7	Cavalo .....	202
4.2.8	Cabra.....	206
4.2.9	Macaco .....	208
4.2.10	Galo.....	212
4.2.11	Cão .....	214
4.2.12	Porco .....	217
4.3	Análise comparativa entre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses	219
<b>Conclusão.....</b>		<b>241</b>
<b>Bibliografia.....</b>		<b>249</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Quantidades dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses analisados.....	8
Tabela 2: Valores simbólicos dos animais zodiacais chineses.....	39
Tabela 3: Categorização do <i>shúyǔ</i> do ponto de vista de diferentes estudiosos.....	57
Tabela 4: Simbolismos dos animais zodiacais nos provérbios chineses preconizados por Huang (2011).....	120
Tabela 5: Simbolismos dos animais zodiacais nos idiomatismos chineses preconizados por Pan (2012).....	122
Tabela 6: Tradução e interpretação figurativa da expressão 1a.....	130
Tabela 7: Motivação conceptual da expressão 1a.....	131
Tabela 8: Tradução e interpretação figurativa da expressão 1b.....	132
Tabela 9: Motivação conceptual da expressão 1b.....	132
Tabela 10: Tradução e interpretação figurativa da expressão 2a.....	133
Tabela 11: Motivação conceptual da expressão 2a.....	133
Tabela 12: Tradução e interpretação figurativa da expressão 3a.....	134
Tabela 13: Motivação conceptual da expressão 3a.....	135
Tabela 14: Tradução e interpretação figurativa da expressão 4a.....	136
Tabela 15: Motivação conceptual da expressão 4a.....	136
Tabela 16: Tradução e interpretação figurativa da expressão 5a.....	137
Tabela 17: Motivação conceptual da expressão 5a.....	137
Tabela 18: Tradução e interpretação figurativa da expressão 6a.....	139
Tabela 19: Motivação conceptual da expressão 6a.....	139
Tabela 20: Tradução e interpretação figurativa da expressão 7a.....	139
Tabela 21: Motivação conceptual da expressão 7a.....	140
Tabela 22: Tradução e interpretação figurativa da expressão 8a.....	141
Tabela 23: Motivação conceptual da expressão 8a.....	141
Tabela 24: Tradução e interpretação figurativa da expressão 9a.....	142
Tabela 25: Motivação conceptual da expressão 9a.....	142

Tabela 26: Tradução e interpretação figurativa da expressão 10a.....	143
Tabela 27: Motivação conceptual da expressão 10a.....	143
Tabela 28: Tradução e interpretação figurativa da expressão 11a.....	144
Tabela 29: Motivação conceptual da expressão 11a.....	145
Tabela 30: Tradução e interpretação figurativa da expressão 12a.....	145
Tabela 31: Motivação conceptual da expressão 12a.....	146
Tabela 32: Tradução e interpretação figurativa da expressão 13a.....	147
Tabela 33: Motivação conceptual da expressão 13a.....	147
Tabela 34: Tradução e interpretação figurativa da expressão 14a.....	148
Tabela 35: Motivação conceptual da expressão 14a.....	148
Tabela 36: Tradução e interpretação figurativa da expressão 15a.....	149
Tabela 37: Motivação conceptual da expressão 15a.....	150
Tabela 38: Tradução e interpretação figurativa da expressão 16a.....	150
Tabela 39: Motivação conceptual da expressão 16a.....	151
Tabela 40: Tradução e interpretação figurativa da expressão 17a.....	152
Tabela 41: Motivação conceptual da expressão 17a.....	153
Tabela 42: Tradução e interpretação figurativa da expressão 18a.....	153
Tabela 43: Motivação conceptual da expressão 18a.....	154
Tabela 44: Tradução e interpretação figurativa da expressão 19a.....	155
Tabela 45: Motivação conceptual da expressão 19a.....	155
Tabela 46: Tradução e interpretação figurativa da expressão 19b.....	156
Tabela 47: Motivação conceptual da expressão 19b.....	157
Tabela 48: Tradução e interpretação figurativa da expressão 20a.....	157
Tabela 49: Motivação conceptual da expressão 20a.....	158
Tabela 50: Tradução e interpretação figurativa da expressão 21a.....	159
Tabela 51: Motivação conceptual da expressão 21a.....	159
Tabela 52: Tradução e interpretação figurativa da expressão 22a.....	160
Tabela 53: Motivação conceptual da expressão 22a.....	161
Tabela 54: Tradução e interpretação figurativa da expressão 23a.....	162
Tabela 55: Motivação conceptual da expressão 23a.....	162

Tabela 56: Tradução e interpretação figurativa da expressão 24a.....	163
Tabela 57: Motivação conceptual da expressão 24a.....	164
Tabela 58: Tradução e interpretação figurativa da expressão 25a.....	164
Tabela 59: Motivação conceptual da expressão 25a.....	165
Tabela 60: Tradução e interpretação figurativa da expressão 26a.....	165
Tabela 61: Motivação conceptual da expressão 26a.....	166
Tabela 62: Tradução e interpretação figurativa da expressão 27a.....	166
Tabela 63: Motivação conceptual da expressão 27a.....	167
Tabela 64: Tradução e interpretação figurativa da expressão 28a.....	168
Tabela 65: Motivação conceptual da expressão 28a.....	168
Tabela 66: Tradução e interpretação figurativa da expressão 29a.....	169
Tabela 67: Motivação conceptual da expressão 29a.....	169
Tabela 68: Tradução e interpretação figurativa da expressão 30a.....	170
Tabela 69: Motivação conceptual da expressão 30a.....	170
Tabela 70: Tradução e interpretação figurativa da expressão 31a.....	171
Tabela 71: Motivação conceptual da expressão 31a.....	171
Tabela 72: Tradução e interpretação figurativa da expressão 32a.....	171
Tabela 73: Motivação conceptual da expressão 32a.....	172
Tabela 74: Tradução e interpretação figurativa da expressão 33a.....	173
Tabela 75: Motivação conceptual da expressão 33a.....	173
Tabela 76: Tradução e interpretação figurativa da expressão 34a.....	174
Tabela 77: Motivação conceptual da expressão 34a.....	175
Tabela 78: Tradução e interpretação figurativa da expressão 35a.....	175
Tabela 79: Motivação conceptual da expressão 35a.....	176
Tabela 80: Tradução e interpretação figurativa da expressão 36a.....	177
Tabela 81: Motivação conceptual da expressão 36a.....	177
Tabela 82: Tradução e interpretação figurativa da expressão 37a.....	178
Tabela 83: Motivação conceptual da expressão 37a.....	178
Tabela 84: Tradução e interpretação figurativa da expressão 38a.....	179
Tabela 85: Motivação conceptual da expressão 38a.....	179

Tabela 86: Tradução e interpretação figurativa da expressão 39a.....	180
Tabela 87: Motivação conceptual da expressão 39a.....	180
Tabela 88: Tradução e interpretação figurativa da expressão 40a.....	181
Tabela 89: Motivação conceptual da expressão 40a.....	182
Tabela 90: Tradução e interpretação figurativa da expressão 41a.....	182
Tabela 91: Motivação conceptual da expressão 41a.....	183
Tabela 92: Tradução e interpretação figurativa da expressão 42a.....	183
Tabela 93: Motivação conceptual da expressão 42a.....	184
Tabela 94: Tradução e interpretação figurativa da expressão 43a.....	184
Tabela 95: Motivação conceptual da expressão 43a.....	185
Tabela 96: Tradução e interpretação figurativa da expressão 44a.....	185
Tabela 97: Motivação conceptual da expressão 44a.....	186
Tabela 98: Tradução e interpretação figurativa da expressão 45a.....	187
Tabela 99: Motivação conceptual da expressão 45a.....	187
Tabela 100: Tradução e interpretação figurativa da expressão 46a.....	187
Tabela 101: Motivação conceptual da expressão 46a.....	188
Tabela 102: Tradução e interpretação figurativa da expressão 46b.....	188
Tabela 103: Motivação conceptual da expressão 46b.....	189
Tabela 104: Tradução e interpretação figurativa da expressão 47a.....	189
Tabela 105: Motivação conceptual da expressão 47a.....	190
Tabela 106: Tradução e interpretação figurativa da expressão 48a.....	190
Tabela 107: Motivação conceptual da expressão 48a.....	190
Tabela 108: Tradução e interpretação figurativa da expressão 49a.....	191
Tabela 109: Motivação conceptual da expressão 49a.....	191
Tabela 110: Tradução e interpretação figurativa da expressão 50a.....	192
Tabela 111: Motivação conceptual da expressão 50a.....	193
Tabela 112: Tradução e interpretação figurativa da expressão 51a.....	193
Tabela 113: Motivação conceptual da expressão 51a.....	193
Tabela 114: Tradução e interpretação figurativa da expressão 52a.....	194
Tabela 115: Motivação conceptual da expressão 52a.....	194

Tabela 116: Motivação conceptual da expressão 1A.....	195
Tabela 117: Motivação conceptual da expressão 2A.....	195
Tabela 118: Motivação conceptual da expressão 3A.....	196
Tabela 119: Motivação conceptual da expressão 4A.....	196
Tabela 120: Motivação conceptual da expressão 5A.....	196
Tabela 121: Motivação conceptual da expressão 6A.....	197
Tabela 122: Motivação conceptual da expressão 7A.....	198
Tabela 123: Motivação conceptual da expressão 8A.....	201
Tabela 124: Motivação conceptual da expressão 9A.....	201
Tabela 125: Motivação conceptual da expressão 10A.....	203
Tabela 126: Motivação conceptual da expressão 11A.....	203
Tabela 127: Motivação conceptual da expressão 12A.....	203
Tabela 128: Motivação conceptual da expressão 13A.....	204
Tabela 129: Motivação conceptual da expressão 14A.....	204
Tabela 130: Motivação conceptual da expressão 15A.....	205
Tabela 131: Motivação conceptual da expressão 16A.....	206
Tabela 132: Motivação conceptual da expressão 17A.....	206
Tabela 133: Motivação conceptual da expressão 18A.....	207
Tabela 134: Motivação conceptual da expressão 19A.....	207
Tabela 135: Motivação conceptual da expressão 20A.....	208
Tabela 136: Motivação conceptual da expressão 20B.....	208
Tabela 137: Motivação conceptual da expressão 21A.....	209
Tabela 138: Motivação conceptual da expressão 22A.....	209
Tabela 139: Motivação conceptual da expressão 23A.....	210
Tabela 140: Motivação conceptual da expressão 24A.....	210
Tabela 141: Motivação conceptual da expressão 25A.....	211
Tabela 142: Motivação conceptual da expressão 26A.....	212
Tabela 143: Motivação conceptual da expressão 26B.....	212
Tabela 144: Motivação conceptual da expressão 26C.....	212
Tabela 145: Motivação conceptual da expressão 26D.....	213

Tabela 146: Motivação conceptual da expressão 27A.....	213
Tabela 147: Motivação conceptual da expressão 28A.....	214
Tabela 148: Motivação conceptual da expressão 29A.....	215
Tabela 149: Motivação conceptual da expressão 30A.....	215
Tabela 150: Motivação conceptual da expressão 31A.....	215
Tabela 151: Motivação conceptual da expressão 32A.....	216
Tabela 152: Motivação conceptual da expressão 33A.....	216
Tabela 153: Motivação conceptual da expressão 34A.....	217
Tabela 154: Motivação conceptual da expressão 35A.....	218
Tabela 155: Motivação conceptual da expressão 36A.....	218
Tabela 156: Motivação conceptual da expressão 37A.....	218
Tabela 157: Motivação conceptual da expressão 38A.....	219
Tabela 158: Provérbios e idiomatismos com rato.....	220
Tabela 159: Provérbios e idiomatismos com búfalo.....	220
Tabela 160: Provérbios e idiomatismos com tigre.....	220
Tabela 161: Provérbios e idiomatismos com coelho.....	221
Tabela 162: Provérbios e idiomatismos com dragão.....	221
Tabela 163: Provérbios e idiomatismos com serpente.....	221
Tabela 164: Provérbios e idiomatismos com cavalo.....	222
Tabela 165: Provérbios e idiomatismos com cabra.....	222
Tabela 166: Provérbios e idiomatismos com macaco.....	223
Tabela 167: Provérbios e idiomatismos com galo.....	223
Tabela 168: Provérbios e idiomatismos com cão.....	224
Tabela 169: Provérbios e idiomatismos com porco.....	224
Tabela 170: Metáforas semelhantes dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses.....	225
Tabela 171: Imoralidade nos provérbios e idiomatismos chineses.....	226
Tabela 172: Imoralidade nos provérbios e idiomatismos portugueses.....	227
Tabela 173: Mulheres nos provérbios e idiomatismos portugueses.....	228
Tabela 174: Mulheres nos provérbios e idiomatismos chineses.....	228
Tabela 175: Motivações cognitivas dos provérbios e idiomatismos portugueses.....	229

Tabela 176: Motivações cognitivas dos provérbios e idiomatismos chineses.....	230
Tabela 177: Duplo domínio-fonte nos provérbios e idiomatismos chineses.....	233

## **Índice de Figuras**

Figura 1: mapeamento da metáfora conceptual.....	71
Figura 2: mapeamento da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM.....	71

## **Lista de Acrónimos dos Dicionários Citados:**

CH = *Cihai 辞海 (Dicionário Enciclopédico da Língua Chinesa)*. 2009. 6ª ed.  
Shanghai: Shanghai Cishu Chubanshe.

HC = *Handa Chengyu Da Cidian 汉大成语大词典 (Grande Dicionário Handa do  
Idiomatismo)*. 2000. 2ªed. Shanghai: Hanyu Da Cidian Chubanshe.

LP = *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2006. Porto: Porto Editora.

LPC = *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de  
Lisboa. 2001. 2ªed. Braga: Editorial Verbo. Vol.I e II.

## **Introdução**

A presente tese de doutoramento encontra-se dividida em cinco partes. O primeiro capítulo consiste numa introdução sobre os provérbios e idiomatismos com animais e a sua relação com os estudos de cultura. Parte-se do postulado de que os provérbios e idiomatismos com os animais do zodíaco estão profundamente ancorados no acervo linguístico-cultural chinês, o que motivou a comparação com as representações equivalentes dos doze animais nos provérbios e idiomatismos portugueses, como forma de reflexão sobre as convergências e divergências das duas línguas e culturas.

O segundo capítulo tem por objetivo definir o provérbio e o idiomatismo, sendo que a definição dos dois conceitos se afigura o ponto de partida da presente investigação, sobretudo, no âmbito da seleção dos provérbios e idiomatismos que analisaremos na perspetiva cognitivo-cultural. Tal tarefa não se afigura fácil, tendo em conta que as duas formas de expressão linguística são delimitáveis de forma distinta nos contextos chinês e português.

No terceiro capítulo, incide-se sobre o enquadramento cognitivo enquanto suporte teórico da dissertação, sobretudo no que respeita ao postulado de que os provérbios e idiomatismos dos animais são construídos na base de metáforas e metonímias conceptuais,

em ligação estreita com a cultura. Segundo o paradigma cognitivo, muitos idiomatismos e provérbios têm uma motivação conceptual ancorada na metáfora e metonímia, daí a sua natureza cognitiva, que decorre de uma associação estreita com uma panóplia de experiências sociais e culturais vigentes em português europeu e chinês. Verifica-se que nos idiomatismos e provérbios com animais nas variadas línguas, os humanos são frequentemente compreendidos metaforicamente em termos de propriedades e comportamentos (assumidos) de cada um dos animais, o que nos remete para as características e cosmovisões dos diferentes povos.

O quarto capítulo dedica-se à análise comparativa dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais, a fim de se delimitar as convergências e divergências culturais e cognitivas entre os dois *corpora* linguístico-culturais em análise.

Por último, condensa-se numa conclusão final, as observações que fomos aduzindo ao longo do trabalho.

## **1. Língua, cultura e sociedade: o paradigma cognitivo enquanto metodologia de análise**

A cultura é identificada por muitos teóricos como um conglomerado de entendimentos compartilhados ancorados num conjunto de *frames* (igualmente denominados domínios cognitivos, modelos culturais, entre outros). Assim sendo, um *frame* é uma representação mental estruturada de uma área das experiências humanas. Os *frames* constituem um sistema vasto e complexo de conhecimentos sobre o mundo, que servem de fundo quando usamos a língua, pensamos e agimos (Kövecses 2006, 64-70).

Para Bourdieu (1977, 72), esses conhecimentos, por ele designados de *habitus* são disposições duráveis e transponíveis que funcionam como princípios de geração e estruturação de práticas e representações. Nesta mesma linha, os *frames* representam vastas faixas de entendimento e conhecimento partilhados, que nos remetem para acervos linguístico-culturais de elevada coerência semântica (Kövecses 2006, 70). Na nossa perspectiva, os referidos *frames* podem ser concebidos como uma força centrípeta, conforme postulado por Strauss e Quinn (1997), que radica em cinco aspetos:

Cultural understandings have five centripetal tendencies. First, they can be relatively durable in individuals. Secondly, cultural understandings can have emotional and motivational force, prompting those who hold them to act upon them. Thirdly, they can be relatively durable historically, being reproduced from generation to generation. Fourthly, they can be relatively thematic, in the sense that certain understandings may be repeatedly applied in a wide variety of contexts. Finally, they can be more or less widely shared; in fact, we do not call an understanding “cultural” unless it is shared, to some extent, in a social group (1997, 85).

À luz da cultura enquanto força centrípeta, afigura-se evidente que a língua é na sua essência um produto cultural partilhado por uma determinada comunidade linguística. Sapir, no seu muito citado artigo, sublinha que a língua “é principalmente um produto cultural ou social e deve ser entendida como tal” (1929, 214). Se “a rede de padrões culturais de uma civilização é indexada na língua que expressa essa civilização” (ibid., 209) e, se a língua consiste num “repositório chave de valores culturais e significados” (Hall 1997, 1), é deduzível que a língua seja indissociável da cultura, uma vez que reflete a cultura em que se encontra enraizada.

Na ótica da linguística cognitiva, a produção de significado é um aspeto crucial da língua e da cultura, sendo que este é o primeiro postulado metodológico da tese, dado que acedemos à cultura através das representações linguísticas. Segundo Kövecses (2006; 2015), a língua constitui um repositório de significados partilhados por membros de uma determinada cultura. De facto, nesta ótica, a cultura constitui um conjunto de experiências unificadas de um grupo de pessoas que vivem num ambiente físico, social, e histórico de notória proximidade. Nesse sentido, a cultura é um grande conjunto de significados partilhados por um grupo de pessoas, sendo que ser um membro de uma cultura significa ter a capacidade de produzir sentido em perfeita sintonia com outros membros dessa mesma cultura. O facto de a língua consistir num repositório de significados partilhados garante por si só um papel fundamental na estabilização e preservação de uma cultura.

O nosso segundo postulado metodológico é de que o provérbio e o idiomatismo,

enquanto duas formas linguísticas distintas, preservam as dimensões culturais vigentes numa língua enquanto forças centrípetas. Os variados elementos de cultura e cosmovisões de um povo são articulados nos provérbios, porque o repositório dos mesmos “nos transmite sobre as origens, tradições, costumes, comportamentos, atitudes, conhecimento” (Soares 2008, 456) desse povo. Neste aspeto, o idiomatismo aproxima-se do provérbio e oferece “um terreno fértil à sociolinguística” (Santos 2000, ix), porque há nele vestígios de manifestações culturais, costumes e tradições, eventos históricos, bem como experiências da vida quotidiana (Goshkheteliani 2013). Tendo em conta os valores culturais exorbitantes dos provérbios e dos idiomatismos, consideramos que os mesmos constituem uma herança linguística de forte cunho cultural.

Para a linguística cognitiva, os provérbios e idiomatismos são, não só um fenómeno linguístico, mas também produtos cognitivos da representação do mundo e da cultura, sendo que existe uma organização conceptual coerente subjacente aos idiomatismos e provérbios, que radica na sua natureza metafórica e metonímica.

Segundo os fundadores da linguística cognitiva George Lakoff e Mark Johnson ([1980] 2003), o nosso sistema conceptual ordinário, na base do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico. Assim sendo, a metáfora não é simplesmente um fenómeno linguístico, mas também é uma ferramenta conceptual por natureza que se reporta à compreensão e experienciação de um domínio cognitivo à luz de outro domínio cognitivo. A metonímia, uma outra ferramenta que desempenha um papel indispensável na nossa conceptualização do mundo, é um processo cognitivo em que uma entidade conceptual proporciona o acesso mental a outra entidade conceptual no seio de um mesmo domínio cognitivo.

Como a metáfora e a metonímia são edificadas no seio de um ou dois domínios cognitivos, a construção das mesmas tem uma motivação experiencial. Com efeito, a metáfora e a metonímia baseiam-se na panóplia de experiências do ser humano, incluindo as físicas e as psicológicas, assim como as concebidas na interação com os ambientes naturais e culturais, sendo este o nosso terceiro postulado metodológico. Deste modo, o estudo sobre as metáforas e metonímias de uma determinada língua permite-nos identificar as experiências do seu povo. Por isso, a linguística cognitiva, mais especificamente, o

paradigma metafórico e metonímico, consiste numa metodologia exequível para os estudos de cultura. Tal como afirma Kövecses, comparando os sistemas conceptuais metafóricos de duas línguas/culturas, podemos ver o que partilham e onde diferem, e assim se realiza um estudo confrontativo dos dois panoramas culturais (2005, 192).

Tendo em conta a estreita relação da metáfora e da metonímia com a cultura, se, de acordo com a linguística cognitiva, os provérbios e idiomatismos têm um mecanismo conceptual frequentemente de natureza metafórica e metonímica, o fundamento cultural dos provérbios e idiomatismos torna-se mais evidente, sendo que estão ancorados nas variadas dimensões das experiências humanas. Desse modo, à luz do nosso quarto postulado metodológico, por via da análise das metáforas e metonímias subjacentes nos idiomatismos e provérbios duma língua, podemos observar as características culturais e cognitivas da comunidade desta língua. A linguística cognitiva afigura-se uma metodologia vocacionada para a análise prática de *corpora*, que incide sobre a interseção entre a cultura e a língua, uma vez que fornece uma nova perspectiva sobre a natureza dos idiomatismos e provérbios, permitindo uma melhor compreensão da raiz cultural dos mesmos.

O nosso quinto postulado metodológico reporta-se ao facto de que uma quantidade considerável dos provérbios e idiomatismos relacionados com animais, abundantes em diferentes línguas/culturas, servem frequentemente à cunhagem metafórica de significados relativos às características e comportamentos do ser humano. Apesar da sua omnipresença na representação de características e comportamentos humanos, as representações prototípicas de cada animal manifestam inequívocas diferenças culturais, ao confrontarmos os provérbios chineses e portugueses.

Registe-se que as representações metafóricas com animais radicam, em parte, nas características dos animais em si, uma vez que os seres humanos constroem mentalmente modelos cognitivos idealizados desses mesmos animais no contexto linguístico-cultural. Também por este motivo é por demais previsível que, em face das divergências culturais entre as línguas e culturas chinesa e portuguesa, os animais nos provérbios e idiomatismos configurem representações culturalmente divergentes.

Portugal e a China, dois países geograficamente distantes, cujas raízes culturais são manifestamente distintas, possuem um abundante acervo de idiomatismos e provérbios

com animais. Se nos reportarmos ao repositório dessas duas formas linguísticas com animais, podemos, a partir de uma análise cognitivo-cultural, descortinar um conjunto de divergências e também algumas convergências culturais. Apesar de o povo português ser um pioneiro europeu no contacto com o povo chinês na época dos Descobrimentos, as duas culturas continuam a ser pouco conhecidas uma da outra nos dias de hoje. Assim sendo, o estudo comparativo português/chinês dos idiomatismos e provérbios com animais contribuirá para uma reflexão sobre os carizes culturais dos dois países e, conseqüentemente, para uma melhor compreensão das duas culturas.

É importante esclarecer que, apesar da sua grande disparidade em termos da dimensão geográfica e diversidade cultural, no contexto chinês e português, operam ao mesmo tempo, na questão da constituição e consolidação linguístico-culturais, as forças centrípetas, que se reportam à preservação destas formas linguístico-culturais enquanto heranças culturais, e centrífugas, que promovem a sua variação linguístico-cultural. O nosso postulado de base da presente tese está ancorado na conceção de que, no que respeita a estas formações linguísticas, as forças centrípetas se afiguram determinantes. Contudo, não podemos negar que no mesmo país e sociedade os entendimentos culturais, à luz do conceito das forças centrífugas no seio da cultura, apresentam diferenças linguístico-culturais de região para região, de geração para geração e até de pessoa para pessoa.

No que diz respeito aos estudos comparativos sobre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses já existentes, verifica-se que há poucos estudos com alguma extensão, quer dedicados aos provérbios e idiomatismos com animais, quer orientados pelo paradigma cognitivo de análise de *corpora* de expressões.

Reforçamos, assim, que se justifica plenamente a realização da presente tese enquanto estudo comparativo do ponto de vista cognitivo-cultural de índole cognitiva, dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses com animais, confrontando as características que permitem os mapeamentos cognitivos metafóricos e metonímicos, de forma a descortinar as convergências e divergências culturais e cognitivas, ancoradas nos acervos proverbiais e idiomáticos em questão nas duas línguas e culturas.

Para proceder à nossa análise, enveredámos pela seguinte metodologia de trabalho. Constituímos um repositório de idiomatismos e provérbios portugueses e chineses com

animais recolhidos de diversas fontes. Para a recolha do *corpus* em português europeu, recorreremos a *O Livro dos Provérbios Portugueses* (2004), *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* (2000), bem como ao *Glossário Português-Chinês de Expressões e Provérbios Portugueses* (2015). No que diz respeito aos provérbios e idiomatismos chineses, foram coletados a partir de *Os Idiomatismos com os Doze Signos Chineses* (1995), *Os Idiomatismos e Ditos Alegóricos de Duas Partes relacionados com o Zodíaco Chinês* (2011), *Grande Dicionário Handa do Idiomatismo* (2000), *Dicionário de Classificação dos Provérbios de Uso Comum* (2000), *Dicionário Xinhua do Provérbio* (2016), assim como *Dicionário das Locuções Idiomáticas em Chinês* (1990). A seleção e compilação dos idiomatismos e provérbios seguem os critérios que passamos a referir.

Em primeiro lugar, partimos das seguintes definições: o provérbio define-se como uma frase concisa, relativamente fixa, normalmente anónima e vinda da tradição, que comunica uma determinada visão do mundo e transmite, sobretudo, experiências populares. O idiomatismo é, no nosso entendimento, uma locução relativamente cristalizada cuja interpretação geral não corresponde à literal.

Em segundo lugar, face à opção teórica pelo paradigma cognitivo, os provérbios e idiomatismos selecionados estão ancorados em processos de construção cognitiva, recorrendo à metáfora conceptual e a metonímia conceptual, tendo como pano de fundo o conhecimento do mundo, na linha do estudo de Kövecses e Szabó (1996). Registe-se que, por vezes, a cunhagem conceptual decorre da combinação de ambas as ferramentas conceptuais (ibid., 340), pelo que recorreremos, de modo idêntico, ao conceito de metaftonímia proposto por Goossens (1990; 2002).

Em terceiro lugar, foi escolhida a categorização proverbial e idiomática com animais como objeto de estudo na presente dissertação, pela quantidade expressiva dos idiomatismos e provérbios com animais, pela abundante representação metafórica das características e comportamentos humanos à luz dos animais. Os animais constituem um domínio-fonte dos mapeamentos metafóricos extremamente produtivo para a conceptualização do ser humano em termos de propriedades (assumidas) dos animais (Kövecses 2010, 19). Assim sendo, os mapeamentos metafóricos e metafórico-metonímicos dos provérbios e expressões idiomáticas que integram o nosso

*corpus* têm o domínio-fonte, uma entidade animal e o domínio-alvo, o ser humano.

Finalmente, à luz do sexto postulado metodológico, foi limitada a análise aos doze animais do zodíaco chinês, a saber, o rato, o búfalo, o tigre, o coelho, o dragão, a serpente, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo, o cão e o porco<sup>1</sup>. Esta nossa opção metodológica decorre do facto de serem considerados os animais cognitivamente mais salientes na cultura chinesa, uma vez que o zodíaco chinês consiste uma forma de expressão cultural tipicamente chinesa (Li e Wang 2014, 1). Os animais zodiacais possuem abundantes conotações culturais que são metaforicamente transportadas para o ser humano, conforme patente nos diversos provérbios chineses, o que também acontece com os idiomatismos chineses. Assim sendo, ambas as formações linguístico-culturais constituem uma opção metodológica relevante para uma análise confrontativa com os provérbios e idiomatismos portugueses.

Com base nos critérios acima referidos, o nosso *corpus* contém no total de ocorrências de 96 idiomatismos e provérbios, 54 e 42, respetivamente do chinês e do português. Na tabela abaixo, são representados os provérbios e idiomatismos por cada animal estudado.

Animal	Quantidade	
	Chinês	Português
rato	6	6
búfalo	5	0
tigre	5	1
coelho	3	0

---

<sup>1</sup> É de realçar que entre os animais no zodíaco chinês figuram nomes que identificam a família da espécie, i.e., não especificam de que tipo da família de determinada espécie se trata, pelo que não existe uma equivalência total entre os termos em chinês e português. Para se resolver tal problemática, trilhamos a Teoria das Três Portas relativa à tradução de Terminologia da autoria de Teresa Cabré (2003), que postula que uma unidade terminológica, indistintamente de outras unidades linguísticas, contempla três dimensões: a cognitiva (o conceito), a linguística (o termo) e a comunicativa (a situação) (2003, 187). A teoria é representada pela imagem de uma casa com várias portas de entrada. Pode-se entrar em qualquer um dos seus quartos através de uma porta diferente, mas a escolha da porta condiciona o caminho para o interior da casa (ibid., 195-196). Nesse sentido, as três dimensões afiguram-se inseparáveis, mas não simultaneamente acessíveis. Posto o facto de que o chinês designa a família da espécie, e o português especifica de que tipo da família se trata, é difícil ativar o acesso entre as duas línguas/culturas por via das portas cognitiva e linguística, sendo que a porta comunicativa se constitui como sendo a mais adequada. O caminho pela via da porta comunicativa permite que as unidades linguísticas compartilhem “o espaço expressivo com as de outros sistemas de comunicação” (ibid., 187). Para tal, um tradutor deve usar a terminologia apropriada, i.e., já consignada na comunidade-alvo (ibid., 179). À luz desta estratégia, seguimos a tradução convencionalizada no uso corrente em Português Europeu para os animais zodiacais chineses. Assim sendo, a tradução constatada no *A Astrologia Chinesa – Guia Completo do Horóscopo Chinês* (1999) constitui a referência para a nossa tradução. Além disso, é importante apontar a particularidade do dragão, sendo o único animal imaginário entre os doze animais, pelo que remete para uma diferença essencial das duas culturas, o que será abordado pormenorizadamente nos capítulos I e IV.

dragão	6	0
serpente	4	2
cavalo	6	6
cabra	3	4
macaco	3	7
galo	5	5
cão	6	6
porco	3	5

Tabela 1: Quantidades dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses analisados

É importante esclarecer que a nossa análise cognitivo-cultural será realizada no plano qualitativo, o sétimo postulado metodológico, mediante análise semântica dos provérbios e idiomatismos compilados no *corpus* a título individual. Efetuar-se-á a análise comparativa da paremiologia e expressões idiomáticas com animais portuguesas e chinesas, de acordo com os procedimentos que descrevemos de seguida.

Em primeiro lugar, analisaremos a construção cognitiva dos idiomatismos e provérbios chineses e portugueses, individualmente e em separado. Em cada uma das línguas, identificaremos para cada animal, os domínios-alvo do mapeamento metafórico, tendo por base a análise da motivação cognitiva dos mapeamentos conceptuais.

Em segundo lugar, confrontaremos as convergências e divergências dos provérbios e idiomatismos entre o chinês e o português, analisando as divergências linguístico-conceptuais que eclodem das formações linguísticas nas duas línguas, à luz de Kövecses (2005, 231), que decorrem das dimensões cognitivo-experienciais. Com base nestes processos metodológicos de análise, refletiremos sobre divergências e convergências cognitivo-culturais para as formações proverbiais e idiomáticas.



## **Capítulo I Nota introdutória sobre os provérbios e idiomatismos com animais e sua relação com os estudos de cultura**

### **Observações Gerais**

No presente capítulo, iremos, em primeiro lugar, aprofundar a questão da intersecção entre os estudos focados nos animais e os estudos de cultura. As figurações de animais, apesar da sua omnipresença em diferentes línguas/culturas, manifestam inequívocas variações culturais, sendo que, na conceptualização de animais, o ser humano tende a seleccionar e representar, em vez de reproduzir o que observa. Tal processo de selecção e codificação de animais parte das preocupações humanas (Sterckx 2002, 4), que se diferenciam de cultura para cultura. Naturalmente, os animais denotam representações culturalmente divergentes, abrindo uma porta para os estudos de cultura.

Enquanto uma forma importante da representação dos animais, os provérbios e idiomatismos com animais constituem um repositório rico para os estudos focados nos animais e os estudos de cultura. A presença e a configuração dos animais nos provérbios e idiomatismos são pautadas nos contextos culturais, pelo que a comparação dos provérbios

e idiomatismos portugueses e chineses nos permite incidir sobre as peculiaridades culturais dos dois povos.

Devido à impossibilidade de analisar todos os animais, e tendo em consideração que a nossa cultura de partida é aquela chinesa, optou-se por uma análise da representação dos doze animais do zodíaco chinês nos provérbios e idiomatismos chineses e a perceção dos mesmos animais na cultura portuguesa. Este “círculo de animais” (do grego *zōdiakós kýklos*) ocupa um lugar especial na cultura chinesa, pois esses animais são retratados abundantemente e atribuídos de perfis culturais nos provérbios e idiomatismos, remetendo para os panoramas da cultura chinesa. Daí, a comparação da representação dos doze animais nos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses fornece uma perspectiva para nós refletirmos sobre as convergências e divergências das duas culturas.

## **1.1 Estudos de Cultura e Estudos Focados nos Animais**

Os estudos focados nos animais, igualmente denominados de estudos do foro Humano-Animal ou antrozologia, consistem numa área académica relativamente nova. Apesar de tradicionalmente os animais se terem constituído enquanto objetos de estudo em domínios científicos como a biologia, zoologia, ciências médicas, ecologia, entre outras, a linha da demarcação entre os estudos focados nos animais no contexto das Humanidades e os estudos dos animais nas áreas tradicionais supracitas reside na questão da interseção entre o ser humano e os animais. Assim sendo, ao assumir-se que a vida humana é inseparável dos animais, exploram-se os espaços conceptuais que os animais ocupam nas dimensões sociais e culturais humanas, no âmbito das Humanidades (DeMello 2012; Marvin e McHugh 2014).

Os estudos com foco nos animais são uma área interdisciplinar que envolve uma grande variedade de saberes, cujo foco de interesse é abrangente, como sublinha DeMello (2012, 9):

We explore the literary and artistic usage of animals in works of literature or art, the

relationship between companion animals and their human families, the use of animals as symbols in religion and language, the use of animals in agriculture or biomedical research, and people who work with animals. Our focus then is to look at animals wherever they exist within the human world.

Nesse sentido, verifica-se a existência de alguns domínios do saber, no âmbito das Humanidades, em que os estudos com foco nos animais exercem um papel importante, entre os quais se destacam os estudos de cultura (DeMello 2012; Waldau 2013; Peggs 2012; Marvin e McHugh 2014).

Within the humanities are a number of fields in which human-animal studies plays a major role, such as cultural studies (...) Cultural studies scholars use the findings from a variety of disciplines (...) and combine them with analyses of representations of animals in culture (...) in order to understand the cultural construction of animals and how those constructions are historically and culturally contingent (DeMello 2012, 24).

Subentendem-se das palavras de DeMello dois pontos essenciais, que possibilitam o cruzamento entre os estudos focados nos animais e os estudos de cultura: em primeiro lugar, os animais são omnipresentemente representados em diferentes línguas/culturas, como observa Waldau (2013, 37), desde que as línguas humanas e as tradições culturais foram estabelecidas, que nelas se encontram recorrentes referências a animais. Para DeMello (2012, 283), uma das formas mais importantes das quais os animais desempenham um papel nas culturas humanas é através das suas representações, sendo que os animais têm sido retratados na arte, literatura, folclore, religião, linguagem, filosofia das culturas humanas, há milénios (ibid.; Hatalová 2007; Marvin e McHugh 2014; Waldau 2013). Em segundo lugar, as representações de animais são culturalmente variáveis, sendo que as diferentes conceptualizações rapidamente se tornam visíveis, quando fazem incidir os estudos sobre animais em culturas diferentes (Waldau 2013, 46).

Um fator essencial que contribui para a variação cultural das representações de animais

consiste numa característica comum da conceptualização humana do mundo animal: a representação dos animais é moldada pela mente humana, ancorada culturalmente (Waldau 2013, 134; DeMello 2012, 10), pelo que os animais revelam, não só as informações sobre animais, mas também culturais (Sterckx 2002, 4). Logo, as representações dos animais refletem necessariamente as divergências culturais.

Descola (1996) afirma que a conceptualização de animais em diferentes culturas converge no facto de que os animais são sempre predicados pela referência ao domínio humano, divergindo, porém, em dois ramos diferentes – o modelo sociocêntrico e o de universo dualista:

A common feature of all conceptualisations of non-humans is that they are always predicated by reference to the human domain. This leads either to sociocentric models, when social categories and relations are used as a kind of mental template for the ordering of the cosmos, or to a dualistic universe, as in the case of western cosmologies where nature is defined negatively as that ordered part of reality which exists independently from human action. Whether it operates by inclusion or by exclusion, the social objectivation of non-humans thus cannot be disjoined from the objectivation of humans; both processes are directly informed by the configuration of ideas and practice from which every society draws its concepts of self and otherness (Descola 1992:111). Both processes imply establishing boundaries, ascribing identities and devising cultural mediations (Descola 1996, 85-86).

Conforme acima referido, a conceptualização dos animais na cultura ocidental pertence ao modelo de universo dualista. Em contrapartida, a predominante percepção clássica dos animais na cultura chinesa é reveladora de um modelo sociocêntrico, tal como sugere Sterckx (2002, 240). Tal divergência radica nas visões distintas em termos da relação entre a natureza e a cultura, sendo que, na cultura chinesa, se destaca a percepção holística entre o mundo da natureza e da cultura humana (Lloyd 2008, 126; Sterckx 2002, 5), enquanto que geralmente na cultura ocidental se prefere manter uma dicotomia entre a cultura e a natureza (Lloyd 2008, 127). A partir daí, abordaremos a conceptualização de animais

diferente nas cosmovisões tradicionais das duas culturas, sendo que esta conceptualização servirá de alicerce para a nossa análise comparativa.

Em primeiro lugar, ambas as culturas apontam para a superioridade humana em relação aos animais (Needham 1956, 23; Sterckx 2002, 82; Lloyd 2008, 104). Do ponto de vista de Aristóteles ([1944] 1959), a singularidade dos humanos, que os distingue dos animais reside na razão, que determina a dotada superioridade humana. Embora o filósofo confucionista Xunzi afirme uma escala dos seres muito semelhante à aristotélica, a fronteira entre o ser humano e os animais consiste no senso de moralidade (Needham 1956, 23; Sterckx 2002, 89; Lloyd 2008, 105), o que constitui uma perspectiva típica dos pensamentos chineses (Needham 1956, 23). Com efeito, “várias passagens no *Mengzi*, *Xunzi*, *Guanzi*, e outras obras dos Estados Combatentes enfatizaram que a separação do Homem e a besta consistia em primeiro lugar na emancipação moral” (Sterckx 2002, 94). Com base nesta distinção, os indivíduos carentes de moralidade são identificados como animais, sendo que um exemplo ilustrativo se constata nos almanaques antigos para a identificação de bandidos de acordo com o ciclo do zodíaco chinês, nos quais as características físicas e comportamentais dos vilões eram esboçadas de acordo com um determinado animal (ibid., 160).

Em segundo lugar, na percepção ocidental dos animais, um aspeto merece ser sublinhado, a existência de uma fronteira clara entre as espécies, nomeadamente a demarcação total entre os humanos e os animais (Lloyd 2008, 108-110; Raphals 2018, 152). Os filósofos e teólogos europeus da Idade Média e do início da Idade Moderna afirmavam que a criação divina dos seres vivos concedia ao Homem o exclusivo direito de dominar o mundo natural (Sterckx 2002, 166). DeMello sublinha que tal fronteira bem delimitada entre o Homem e os animais contribui para explicar o medo de monstros e bestas míticas, bem como de criaturas meio-humanas ou meio-animais sentido pelas pessoas na época medieval (2012, 37-39).

Em contrapartida, os chineses preconizam a continuidade entre os diferentes seres vivos, bem como a continuidade entre os seres naturais e as criaturas míticas, sendo que reconheciam processos de mudança, transformação e metamorfose (Sterckx 2002, 5; Lloyd 2008, 108; Raphals 2018, 153-154). Segundo Sterckx, a mudança e o fluxo constituem a

ordem normal na cultura chinesa, sendo que os escritos da China antiga contêm numerosas referências às mudanças de interespécies e às transformações entre humanos e animais (Sterckx 2002, 165-166). Por exemplo, *Huainanzi* aborda cinco categorias de espécies que têm como origem uma determinada criatura mítica, ou seja, um determinado tipo de dragão que se transformava numa outra criatura mítica num estado intermédio, e, mais tarde, evoluía na forma de seres vivos naturais, a saber: os humanos, pássaros, mamíferos, peixes e tartarugas (ibid., 84-85). Além disso, os chineses acreditavam que os animais eram suscetíveis à transformação e mudança induzidas pelo comportamento humano e, por sua vez, os seus atos metamórficos pressagiavam mudanças sociais ou políticas. Por exemplo, a metamorfose de animais revelava mudança de dinastias ou alteração de poder. Assim sendo, compreender os significados por trás das mudanças físicas entre as espécies vivas e adequar-se às mudanças humanas constitui um padrão da governação sensata e virtuosa (ibid., 194-198).

É importante sublinhar que o foco na mudança e transformação, em vez da manutenção das espécies, reflete o facto de que os chineses dão importância à relação dinâmica e interdependente entre as entidades (Lloyd 2008, 110; Sterckx 2002, 211). Para Lloyd, o *yin* e *yang* instanciam, por excelência, esta característica da mentalidade chinesa.

*Yin* and *yang* exemplify this strikingly. They do not denote permanent essences, but aspects of a constantly shifting balance or interrelationship. What is *yin* in one regard may be *yang* in another: typically either *yin* or *yang* is on the increase, at the cost of the decline of the other (2008, 110).

De modo análogo, as categorias dos seres não são concebidas como fixas, nem as fronteiras entre eles se afiguram rígidas, sendo sujeitas a ciclos de transformações (ibid.).

Em terceiro lugar, a continuidade entre os diferentes seres, incluindo as criaturas imaginárias, remete para uma questão crucial: os chineses não constroem uma dicotomia entre a natureza e a cultura, o que contrasta com a metodologia de abordagem focada nos animais de Aristóteles, que excluía os mitos e crenças, dando ênfase aos estudos da natureza (ibid., 107-109). Contrariamente aos filósofos gregos, que enfatizam a divergência entre a

natureza e a cultura (ibid., 110), a percepção clássica chinesa sobre o mundo não estabelece fronteiras rígidas entre os animais, humanos e outras criaturas como fantasmas e espíritos (Sterckx 2002, 5; Raphals 2018, 153).

Em quarto lugar, enquanto na cultura ocidental já se dedicaram aos estudos biológicos de animais a partir de Aristóteles (Lloyd 2008, 107), a percepção dos animais no pensamento clássico chinês não se encontra dissociada do domínio humano, o que resulta na existência de muito poucos estudos neste domínio (Sterckx 2002, 43). Verifica-se que as referências aos animais nas obras dos Estados Combatentes e da Dinastia Han combinavam as categorias morais e físicas, manifestando o cariz de projetar o comportamento animal no funcionamento social e as propriedades sociais humanas no domínio dos animais (ibid., 239-241). Por exemplo, o comportamento de certas aves adultas de alimentar os pais é visto como um modelo de piedade filial; o hábito do cuco de ter os próprios ovos incubados por outros pássaros é interpretado como o comportamento de um progenitor desnaturado (ibid., 9). Mescladas que são as propriedades biológicas e as percepções sociais dos animais, os mesmos são vistos, quer como criaturas socioculturais, quer como seres naturais. Daí que não se estimulou cientificamente o estudo com foco nos animais, pelo contrário, estes são indissociáveis dos seres humanos, ajudando à categorização de situações sociais (ibid., 240).

Comparando-se os dois modelos da conceptualização de animais, é evidente que as representações de animais não são universais, mas sujeitas aos contextos culturais.

Não obstante as diversidades, tal como indica Descola acima, os dois modelos convergem, na medida em que o modo como vemos os animais repercute-se no modo como construímos os conceitos de nós próprios e de outrem. Os homens compreendem as suas vivências à luz da vida e comportamento animal (DeMello 2012; Baker 1993; Peggs 2012). Logo, os animais são frequentemente usados para representarem características e comportamentos humanos, tal como afirma Haraway: “Nós polimos um espelho animal para nos procurarmos” (1991, 21).

Verifica-se que o comportamento dos animais se reporta, em grande medida, a hábitos e atributos humanos indesejáveis (Leach 1989; DeMello 2012; Peggs 2012; Rodríguez 2009), e ao associarem sentidos pejorativos aos nomes de animais, os homens estabelecem distância entre si e os animais que são considerados criaturas inferiores, bem como entre si

e outrem que os animais representam (Leach 1989). Segundo Peggs (2012, 126), “os animais aparecem como representações do que sentimos que não somos e, portanto, são importantes para as nossas noções da nossa identidade humana”. Para Berger, a relação essencial entre o Homem e o animal afigura-se metafórica. Nessa relação metafórica, o que os dois termos - homem e animal – partilham no campo metafórico, revela o que os diferencia (1980, 7). Logo, os humanos constroem a sua identidade, bem como a de outrem, por recurso à representação animal.

(...) other animals appear as representations of what we feel we are not and thus are important in our notions of our human identity. Humans who transgress are often depicted as more animal-like. Such cultural representations have been used in hateful ways to depict odious ideas about the ‘otherness’ of groups of humans. In addition, they have been used to denigrate women and other animals by making links between sex, women and other animals. All such representations reveal that human identity is based on notions of the ‘natural superiority’ of at least some (mainly white male) humans (Peggs 2012, 126).

Segundo Peggs, os animais são usados para configurar a discriminação de determinados grupos sociais, sobretudo as mulheres e daí o reforço do estatuto superior de alguns grupos. DeMello (2012) corrobora esses pareceres, sublinhando que os estudos sobre a raça, classe e género são aprimorados com base nos estudos focados nos animais.

Animals exist as mirrors for human thought; they allow us to think about, talk about, and classify ourselves and others. For that reason, the study of race, class, and gender has been enhanced by examining the role of animals in human society. Animals, and our use of them, play a vital part in racialization and the construction of gender. Likewise, class, in numerous ways, is tied to how we relate to the animal world (DeMello 2012, 14).

Pelo que foi referido anteriormente, os animais servem para marcar a fronteira entre

nós e o que sentimos que não somos. Além disso, os animais permitem-nos manifestar a identidade, porque as especificidades culturais estão patentes nos mesmos. Os diferentes povos caracterizam-nos de forma divergente, além disso, o modo como os povos se referem a eles próprios mediante o recurso aos animais afigura-se diferente. Desse modo, os animais constituem uma forma de representação das especificidades culturais das diferentes comunidades.

Em suma, os animais são conceptualizados para espelhar e manifestar as propriedades e a mentalidade dos humanos e tal modo de representação decorre dos enquadramentos culturais diversos. Estes aspetos ficam evidenciados nos provérbios e idiomatismos com animais, pelo que a análise dos mesmos está também fortemente ancorada nos estudos de cultura.

## **1.2 Provérbios e idiomatismos com animais e estudos de cultura**

As línguas humanas estão repletas de referência a animais, sendo que uma forma representativa da abundância da linguagem com animais reside nos provérbios e idiomatismos relacionados com animais, cuja quantidade considerável em diferentes línguas é apontada por variados estudos (Chen e Zhu 2004; Maças 2010; Caldas 2014; Ismail, Samian, e Muslim 2016; entre outros). Especificamente acerca dos casos chinês e português, Gao (2017, 70) afirma que “os elementos zoomórficos têm uma importância fundamental nos provérbios, quer em Portugal, quer na China”. E segundo Jiang (2014, 38), “há um grande número de idiomatismos com animais em línguas chinesa e ocidentais”.

O foco dos provérbios e idiomatismos com animais normalmente não reside nos animais em si, mas no ser humano. Caldas aponta “a preferência na utilização de animais ao invés do próprio ser humano em situações genuinamente humanas” nas expressões relacionadas com animais (2014, 29). E segundo Maças (2010, 266), a paremiologia é caracterizada de forma bastante abrangente “não só quantitativamente, mas também pela arte com que muitas vezes se tira partido das associações entre os animais” e os homens. Para Lakoff e Turner, os provérbios com animais, efetivamente, dizem respeito ao ser

humano, consistindo num modo de compreender os humanos através de animais (1989, 166).

Nos provérbios e idiomatismos, fica evidente a depreciação do comportamento dos animais que são projetados nos atributos e comportamentos indesejáveis do ser humano (Pan 2012; Hsieh 2006; Maças 2010; Guerra 2011). Através das representações negativas dos animais, os provérbios e idiomatismos transmitem conceptualizações das nossas mundividências, sendo tal questão retomada nos capítulos III e IV, nomeadamente na nossa análise dos idiomatismos e provérbios portugueses e chineses.

Igualmente a outras formas de representações de animais, as divergências culturais são inequívocas nos provérbios e idiomatismos com animais. As diferenças conceptuais ficam bem patentes na presença ou ausência de determinado animal, bem como no tipo de conceptualização do comportamento humano à luz do comportamento animal.

Primeiramente é necessário sublinhar que se, à luz da linguística cognitiva, as nossas línguas e pensamentos emergem das interações entre nós e o ambiente físico e cultural (Gibbs 2005, 9), é deduzível que a presença ou ausência de determinado animal nos provérbios e idiomatismos de uma língua esteja sujeita ao ambiente físico e cultural dessa língua-cultura. Costumamos recrutar os outros seres que nos são familiares para as representações linguísticas, sendo que os animais que mais frequentemente aparecem nos provérbios e idiomatismos são normalmente os que conhecemos melhor na vida quotidiana (Chen e Zhu 2004, 69). Pelo contrário, aqueles que não estão ou estão pouco presentes na vida quotidiana podem estar ausentes das nossas representações. Porém, é importante sublinhar que o ambiente cultural se constitui igualmente como um fator essencial na determinação da presença ou ausência de determinado animal nos provérbios e idiomatismos, como por exemplo, o leão. Apesar da ausência na vida quotidiana dos portugueses, é conhecido culturalmente e representado nos provérbios e idiomatismos; e o dragão chinês, que apesar de ser uma criatura imaginária, denota uma importância evidente nos provérbios e idiomatismos. A questão das figurações com o dragão é muito relevante para a comparação dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, sendo que voltará a ser abordada mais adiante.

Em segundo lugar, as figurações animais nos provérbios e idiomatismos variam de

cultura para cultura. Como os humanos compreendem os seus próprios comportamentos à luz do comportamento dos animais, no processo da associação dos animais às dimensões da vida humana, os animais permanecem na língua e na cultura enquanto representações simbólicas. Tal é muito evidente nos provérbios e idiomatismos, como observa Carmo: “o Homem sempre atribuiu aos animais um grande simbolismo (...) por meio de expressões fixas, tais como provérbios e expressões idiomáticas” (2017, 55).

Devido ao facto de que o foco dos provérbios e idiomatismos com animais normalmente reside no ser humano, as características e conotações dos animais nos provérbios e idiomatismos não radicam necessariamente nas próprias propriedades, mas são frequentemente subjacentes à influência dos fatores culturais, que, na ótica de Liao (2000, 17), incluem a mitologia, religião, lendas, história, literatura, costumes, ideologias, tradições, entre outros. Nessa linha, instanciamos as influências culturais com base em exemplos de provérbios e idiomatismos portugueses e chineses.

As interações culturalmente diferentes entre os humanos e os animais contribuem para as especificidades dos provérbios e idiomatismos. Em Portugal “o burro é um bom companheiro das famílias rurais, dados os múltiplos trabalhos que para elas realiza” (Ferreira 1985, 10), pelo que naturalmente surgiu a expressão “burro de carga” (Santos 2000, 68). Na China, o búfalo e o cavalo denotavam um estatuto indispensável na vida agrícola e no transporte, por isso, surgiu a expressão “*zuò niú mǎ 做牛马*” (ser búfalo e cavalo) que denota o sentido semelhante, i.e., significa fazer trabalhos duros por outrem (Li e Wang 2014, 123).

As circunstâncias sociais e as relações interpessoais moldam, de modo idêntico, os sentidos figurativos dos animais. “Onde há galos, não cantam galinhas” reflete o sexismo na sociedade tradicional portuguesa (Venclovská 2010, 67). Já o provérbio chinês “*yī rén dé dào, jī quǎn shēng tiān 一人得道，鸡犬升天*” (Quando uma pessoa alcançou o *Tao*<sup>2</sup>, os seus galos e cães vão para o Céu) refere-se ao nepotismo, significando que quando uma pessoa ganhou poder, as pessoas relacionadas com a mesma igualmente beneficiam-se

---

<sup>2</sup> *dào* 道, também conhecido na grafia *Tao*, literalmente significa caminho ou método, que no provérbio em questão, denota um sentido taoísta, sendo que o mesmo tem origem na lenda do rei *Huainan*, que se tornou imortal (daí, alcançou o *Tao*) por um processo de alquimia.

disso (Zhao 2000, 283; Wang e Shang 2010, 209; Niu e Zhao 2014, 78).

A representação dos animais nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses pode surgir nas mitologias, lendas, fábulas, entre outras fontes literárias. Algumas expressões portuguesas têm raízes localizadas na mitologia greco-romana, fábulas de Esopo e de La Fontaine, entre outras (Venclovská 2010; Romão 2013). Por exemplo, “bicho de sete cabeças” consiste num monstro que matou Hércules na mitologia grega, fazendo referência a uma dificuldade enorme (Venclovská 2010, 44-45); “galinha dos ovos de ouro” refere-se a uma fonte fácil de obter a riqueza, cuja origem pode ser encontrada numa fábula de La Fontaine (ibid., 66).

Muitos provérbios e idiomatismos chineses têm origem em mitologias e lendas antigas, bem como em versos da poesia clássica (Fan 1997, 5; Gao 2017, 29) e em outras formas da literatura. A expressão “*lóng shēng jiǔ zǐ* 龙生九子” (O dragão pariu nove filhos) tem origem na lenda “Dragão Rei do Mar Leste”, que narra a história de um dragão que teve nove filhos com personalidades muito divergentes, e é utilizada quando as pessoas, sobretudo os irmãos, têm características muito diferentes (Dong 2000, 293). “*Hédōng shīzi hōu* 河东狮子吼” (Ruge o leão de Hedong) usa-se para se brincar com um homem que é casado com uma mulher-homem, da qual tem medo. Havia um homem chamado Chen Jichang cuja mulher tinha nascido em Hedong. Chen gostava de convidar amigos para casa, mas a mulher ficava sempre aborrecida e expulsava até os convidados. Assim, Su Shi escreveu um poema para gozar do seu amigo Chen, derivando do mesmo essa expressão conhecida (HC 2000, 315). Além disso, o “*jǐng dǐ zhī wā* 井底之蛙” (sapo que vive no fundo do poço), que se refere a pessoa de visão curta, encontra-se numa passagem do *Zhuangzi* (ibid., 420).

Os provérbios e idiomatismos com animais repercutem a influência religiosa. No contexto português, algumas figuras metafóricas dos animais evocam a Bíblia (Venclovská 2010, 91; Gao 2017, 28), por exemplo, o “bode expiatório” refere-se a um indivíduo que sofre injustamente as consequências da conduta de outras pessoas, decorrendo do autossacrifício de Jesus que pagou pelos pecados da Humanidade (Venclovská 2010, 45). No contexto chinês, a influência religiosa vem, sobretudo, do taoísmo e budismo (Zhang

2009, 20; Ma 2015, 15; Gao 2017, 18), como é o caso do “*huáinán jī quǎn* 淮南鸡犬” (o galo e o cão do rei *Huainan*) que reflete o taoísmo, tendo origem na lenda do rei *Huainan* anteriormente referida (Wang 1991, 109).

As superstições, costumes e tradições influenciam igualmente as conotações culturais dos animais. A expressão “agarrar um touro pelos cornos” está ligada à tourada portuguesa, significando enfrentar um desafio sem medo. No caso da China, pode citar-se o “*fēi xióng rù mèng* 飞熊入梦” (Um urso voador entrou no sonho), que tem a raiz na superstição de que tal se afigura um agoiro de um rei obter um vassalo virtuoso (HC 2000, 224). Já o uso tradicional do cavalo enquanto um instrumento de guerra na China motivou a expressão “*hàn mǎ gōngláo* 汗马功劳” (contribuição de cavalo transpirante), que diz respeito à grande contribuição de soldado na guerra (Dong 2000, 82).

Os provérbios e idiomatismos com animais também provêm dos episódios históricos. O “cavalo de Tróia”, expressão que se refere a meio de traição através de uma infiltração, está ligado à história sobre a guerra de Tróia, segundo a qual os gregos construíram um grande cavalo de madeira onde esconderam as tropas (Venclovská 2010, 57). “*yī míng jīng rén* 一鸣惊人” (surpreender as pessoas com um chilreio) implica que uma pessoa chamou a atenção de outrem com um sucesso inesperado. Constata-se no *Shiji* (*Registros do Historiador*)<sup>3</sup> que no Período dos Estados Combatentes, o rei Wei do Estado Qi não se preocupava com a gestão do país. O seu súbdito Chun Yukun perguntou-lhe: “Há um pássaro grande que vive no palácio da Sua Majestade, mas nunca voou nem piou. Qual será a razão?”. O rei percebeu a metáfora e respondeu: “Assim que o pássaro chilrear, vai surpreender todo o mundo”. Desde então, passou a entregar-se ao governo efetivo do país (Sima 2016a, 301).

Resumindo, pelo que foi abordado acima, nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, os animais denotam significados figurativos ancorados nos elementos culturais, pelo que se apresentam como um reflexo da cultura dos dois povos. Desta forma, fica em evidência que uma abordagem confrontativa dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses nos permitirá, não só conhecer as características culturalmente diferentes dos

---

<sup>3</sup> O primeiro livro histórico sistemático no que diz respeito à história da China, escrito de 109 a 91 a.C. por Sima Qian que contava a história da época do Imperador Amarelo até à sua própria época.

animais, mas também, e mais importantemente, ponderar as semelhanças e divergências da cultura dos dois povos.

### 1.3 O zodíaco chinês e os provérbios e idiomatismos com os doze animais

O surgimento do zodíaco chinês, como o conhecemos hoje, data pelo menos do Período dos Estados Combatentes (475 a 221 a.C.), cuja origem ainda não foi identificada (Li 1997, 152; Chen 1988, 42; Liu 2013, 48; Sterckx 2002, 67; entre outros). Apesar desta incógnita, é inequívoca a sua associação à contagem de tempo na China antiga.

Adotavam-se os doze *dìzhī* 地支 (ramos terrestres) como uma forma de contagem de tempo, que, ao longo da história, foram sendo aplicados para a contagem diária, anual, mensal e horal (Li 1997; Xu 1986; Xu 1987; Liu 1983; Chen 1988; Fan 2009). Em relação à origem do número doze, alguns autores (cf. Tang 1983; Xu 1986; Wu 2003; e Wang 2010) afirmam que resultaram das doze mutações lunares num ano, para outros (cf. Ye 1998; Ma 1999; Fan 2009; Chang 2001), da duração de doze anos do ciclo do Júpiter.

No que concerne à ligação entre os doze *dìzhī* e o zodíaco, alguns estudiosos (Xu 1987; Zhou 1989; Fan 2009; Yuan 2006) preconizam que, devido à dificuldade na memorização dos ramos terrestres, o povo associou doze animais que lhe eram familiares aos mesmos para facilitar a contagem do tempo, e assim, terá surgido o zodíaco chinês. No entanto, para outros (Liu 2013; Chen 1988), foram os astrólogos que associaram os doze animais aos ramos terrestres para atividades de adivinhação, atribuindo a cada ramo terrestre um animal cujo carácter era semelhante ao carácter do mesmo.

Em virtude da incerteza da origem do zodíaco, o povo inventou justificações em relação à escolha e à ordem dos animais no zodíaco, como, por exemplo, a de que o Imperador Amarelo<sup>4</sup> (numa outra versão, o Imperador de Jade<sup>5</sup>) organizou uma corrida para seleccionar doze animais responsáveis pela contagem do tempo. O gato pediu ao rato para o acordar no dia da corrida e o rato prometeu que iam partir juntos. No entanto, o rato

---

<sup>4</sup> Um rei lendário considerado o ancestral de todos os chineses da etnia Han (a principal etnia da China) e o criador do antigo calendário chinês.

<sup>5</sup> O senhor autoritário de todos os domínios de existência na mitologia chinesa.

levantou-se muito cedo de manhã e partiu sozinho. O búfalo foi o que correu mais rápido e, ao ver que ia ganhar a corrida, o rato saltou para cima das suas costas. No momento em que o búfalo chegava ao final da corrida, o rato saltou para a frente do mesmo, ocupando o primeiro lugar. A ordem foi decidida de acordo com o resultado da corrida, a saber, o rato, o búfalo, o tigre, o coelho, o dragão, a serpente, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo, o cão e o porco (Chen 1988; Xu, Wei, e Su 1993; Wu 2003; Chang 2001; Yuan 2006; Wang 2010).

Embora não se saiba a origem verdadeira, verifica-se que o zodíaco desempenha a função da contagem do tempo, nomeadamente da contagem anual, desde os tempos longínquos até aos dias de hoje. Ao longo da história, os doze animais deixaram de ser simplesmente marcas de tempo, mas foram representados e adquiriram abundantes propriedades culturais assim como valores simbólicos nas lendas, fábulas, superstições, literatura, artes, costumes populares bem como expressões linguísticas, entre outras dimensões, constituindo uma faceta extremamente importante e representativa da cultura chinesa. Vejamos a seguir as figuras culturais e representações simbólicas dos animais zodiacais com base nos estudos principais em alusão.

### **Rato**

O rato é tido como um animal esperto (Chang 2001; Xu, Wei, e Su 1993; Zhang 2001), o que se evidencia na lenda zodiacal referida anteriormente sobre a corrida dos animais. Su Shi, escritor da Dinastia Song (960 a 1279), escreveu uma história sobre um rato esperto. Uma noite, ele ouviu um barulho semelhante a um roer e chamou o criado para descobrir donde vinha o barulho. Descobriram que este vinha de um saco. Quando o criado o abriu, o barulho desapareceu e encontrou um rato morto. Apesar da admiração sobre como o rato morreu de repente, decidiu deitar fora o saco. Logo que este chegou ao chão, o rato fugiu do saco e desapareceu. Afinal, o rato fez-se de morto para ser liberto do saco (Su 2005, 278-279). Conhecido pela esperteza do rato, diz-se em chinês “*bǐ lǎoshǔ hái jīng* 比老鼠还精” (ser mais esperto que um rato) (Li 2005, 69). Ma Jia (2006, 18-19) afirma que nos provérbios e idiomatismos chineses o rato conceptualiza a astúcia humana, como é o caso do “*zhāng tóu shǔ mù* 獐头鼠目” (cabeça de hidrópote e olhos de rato), no qual os “olhos de rato” implicam ar astuto.

O rato associa-se muito ao carácter maléfico (Chang 2001; Ji 1995). Conta-se no

*Liangzhou Ji* 梁州记 (*Registros de Liangzhou*) que um homem chamado Tang Gongfang se tornou imortal, levando os seus galos e cães para o Céu, no entanto, o rato não foi levado por ser muito vilão (Liu 1997, 261). O provérbio “*Lǎoshǔ guò jiē, rén rén hǎn dǎ* 老鼠过街，人人喊打” (Quando um rato atravessa a rua, todos gritam: “Matem-no”!) demonstra a repugnância em relação aos ratos, que representam pessoas más (Li e Wang 2014, 9; Chen e Zhu 2004, 71).

Uma característica muito apontada nos estudos sobre os provérbios e idiomatismos com o rato consiste na visão limitada. “*shǔ mù cùn guāng* 鼠目寸光” (O rato só consegue ver luz à distância de uma polegada) refere-se às pessoas de visão limitada (Li e Wang 2014, 10; Chen e Zhu 2004, 71).

Segundo Ma Jia (2006, 19) e Chen e Zhu (2004, 71), a valorização depreciativa das figuras com o rato é prevalente nos provérbios e idiomatismos.

### **Búfalo**

O búfalo fazia parte dos “*liùchù* 六畜” (os seis animais domesticados – cavalo, búfalo, cabra, galo, cão e porco) da China (Wu 2003, 117; Wang e Shang 2010, 172; Niu e Zhao 2014, 173). Sendo que a China era um país agrícola, o búfalo desempenhava um papel imprescindível na vida do povo, utilizado para puxar o arado desde a Dinastia Shang (1600 a 1045 a.C.) (Wang 2010, 26). Devido à importância do mesmo para a produção alimentar, os chineses sentem afeição em relação ao búfalo, representado com o trabalhador dedicado (Li e Wang 2014; Chang 2001; Zhao 2000; Wang 2010; Wang e Shang 2010; Zhang 2001). Em chinês diz-se a expressão “*rúzǐniú* 孺子牛” (búfalo disposto a servir filho), que originalmente se referia a pais amorosos, mas atualmente usa-se no sentido de pessoa dedicada que serve o povo (CH 2009, 1905; Zhang 2001, 47; Wang e Shang 2010, 95).

Nesta mesma linha, o búfalo representa o amor parental. Conta-se que o rei Jing do Estado Qi<sup>6</sup> amava muito o seu filho mais novo. Um dia, para lhe agradar, fingiu ser um búfalo, andando com as mãos pelo chão com uma corda na boca, que o filho segurava. De repente, o filho caiu, partindo os dentes do pai. Assim, surgiu a expressão “*rúzǐniú*” (búfalo disposto a servir filho) (Zhang 2001, 47; Wang e Shang 2010, 95; D. Ma 2006, 22). Além

---

<sup>6</sup> Um poderoso Estado da antiga China durante o Período das Primaveras e Outonos e Período dos Estados Combatentes (770 a 221 a.C.) (CH 2009, 1770).

disso, o idiomatismo em chinês “*lǎo niú shì dú* 老牛舐犊” (O búfalo velho lambe o bezerro) faz referência a pais amorosos (HC 2000, 460; Zhang 2001, 47; D. Ma 2006, 22; Cheng 2012, 41).

Apesar desta imagem positiva, o búfalo assume também uma imagem pejorativa, representando a estupidez, como na ocorrência idiomática “*duì niú tánqín* 对牛弹琴” (tocar cítara chinesa ao búfalo), que significa falar a quem não percebe o que se lhe diz, implicando, muitas vezes, um sentido irónico da sua estupidez (Chang 2001, 33; Li e Wang 2014, 21; Liu 2014, 15; D. Ma 2006, 22; J. Ma 2006, 16; Cheng 2012, 41).

### **Tigre**

O tigre constitui uma figura ambivalente na cultura chinesa, sendo que, por um lado, o povo tem medo dele, por considerá-lo feroz e cruel; por outro, admira-o pela sua força e valentia, atribuindo-lhe poder e estatuto.

A força e a valentia destacam-se entre as características do tigre (Li e Wang 2014; Wu 2003; Chang 2001; Zhang 2001; Ji 1995; Wang e Shang 2010; Niu e Zhao 2014). Conta-se que o tigre era o guarda do palácio do Céu. Devido aos danos que as bestas causavam ao povo, o Imperador de Jade enviou-o para as combater. Tendo-as vencido, o tigre passou a ser admirado e elogiado pelo povo (Li e Wang 2014, 31-32). Antigamente, as armas e os selos do comandante continham listras ou figuras do tigre, simbolizando força, valor e vitória. Além disso, as expressões “soldado de tigre”, “tropa de tigre”, “estratégia de tigre”, “bandeira de tigre”, entre outras, demonstram os mesmos significados simbólicos (Zhang 2001, 51-52; Chang 2001, 36; Wang e Shang 2010, 106-107). O idiomatismo “*liǎng hǔ xiāng dòu* 两虎相斗” (Dois tigres lutam um com o outro) significa luta entre duas pessoas fortes ou duas forças (Cheng 2012, 40; Liu 2014, 16). “*xióng hǔ zhī shì* 熊虎之士” (soldado de urso e tigre) refere-se a soldado muito valente e robusto (D. Ma 2006, 38).

O tigre é designado de rei das bestas, consistindo num símbolo de poder e estatuto na cultura chinesa (Li e Wang 2014; Chang 2001; Ji 1995; Wang e Shang 2010; Zhang 2001). Os chineses associam as linhas na testa do mesmo ao carácter chinês do rei (*wáng* 王), que as herdou do poder do tigre (Wang e Shang 2010, 104). Nos provérbios e idiomatismos, o tigre representa frequentemente soberanos, entre outras pessoas com poder e estatuto (D.

Ma 2006, 39; Li e Wang 2014, 44). Por exemplo, “*lóng xíng hǔ bù* 龙行虎步” (andar do dragão e passo do tigre) refere-se ao aspeto e comportamento dignos de soberanos (Li e Wang 2014, 44; HC 2000, 494).

Nota-se que, de forma repetida, o tigre, juntamente com o dragão, se afiguram símbolos de força e poder na cultura chinesa (Ji 1995, 20; Chang 2001, 39), o que fica evidenciado no provérbio “*Lóng yóu qián shuǐ zāo xiā xì, hǔ luò píngyáng bèi quǎn qī* 龙游浅水遭虾戏, 虎落平阳被犬欺” (Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu da montanha para o terreno plano é maltratado por cão), implicando que uma pessoa muito forte ou poderosa, mas que perdeu o poder, pode ser apossada pelos mais fracos, quando se encontra numa situação desfavorável (Li e Wang 2014, 34).

Tal como referido anteriormente, a figura do tigre nem sempre é positiva, sendo que também é conhecida pela sua ferocidade e crueldade (Zhang 2001; Chang 2001; Zhao 2000; Wang 2010).

Constata-se no *Clássico dos Ritos* uma história: Confúcio e o seu discípulo Zilu encontraram uma mulher a chorar ao passarem pela montanha Tai. Essa disse que o seu tio, marido e filho foram sucessivamente mortos pelo tigre. Confúcio perguntou por que razão não deixaram este sítio e ela respondeu que ainda não tinha abandonado aquele sítio porque lá não havia tirania. Confúcio concordou com esta perspetiva de que a tirania era mais feroz do que o tigre (Dai 2000, 36).

Conta-se ainda a seguinte história antiga: um tigre teve três crias, uma das quais era o *biāo* 彪, o mais feroz, que comia até os seus irmãos. Quando a mãe os levava a atravessar um rio, tinha de levar primeiro o mais feroz para o outro lado, ao deixar um outro neste lado do rio, não podia buscar o último sozinha e tinha de levar consigo o mais feroz, a fim de nunca deixar o mesmo com qualquer um dos outros dois filhos sem a sua vigilância. Desta história derivou a expressão “*Hǔ shēng sān zǐ, bì yǒu yī biāo* 虎生三子, 必有一彪” (um tigre tem três filhos, pelo menos um deles é *biāo*) (Zhou 1988, 212-213).

Nos provérbios e idiomatismos chineses, o tigre representa frequentemente uma pessoa cruel, como por exemplo, “*rén miàn hǔ láng xīn* 人面虎狼心” (cara humana e coração de tigre e lobo) refere-se a uma pessoa aparentemente simpática, mas que tem um coração

cruel (Li e Wang 2014, 37).

### **Coelho**

O coelho tem a conotação de amenidade (Li e Wang 2014; Wu 2003; Chang 2001; Ji 1995). Diz-se em chinês um dito – “*Tùzi jí le yě yǎo rén* 兔子急了也咬人” (quando um coelho fica apressado também morde pessoas), significando que quando uma pessoa mansa fica intolerante, também se pode revoltar (Li e Wang 2014, 55).

O coelho também é tido como esperto devido a um episódio histórico da época dos Estados Combatentes. O senhor Mengchang, primeiro-ministro do Estado Qi, enviou o Feng Xuan para recolher impostos a um lugar chamado Xue. Feng perguntou o que compraria com o dinheiro e o senhor Mengchang disse-lhe para comprar o que lhe faltasse em casa. Convocando os devedores dos impostos ao ter chegado a Xue, Feng dispensou-lhes os mesmos em nome do primeiro-ministro e queimou os contratos de dívida, pelo que lhe ficaram muito gratos. Quando regressou, o senhor Mengchang perguntou-lhe o que tinha comprado. Respondeu que não lhe faltava fortuna nem mulheres bonitas em casa e que por isso tinha comprado a benevolência. Tendo ouvido a história, o senhor Mengchang ficou zangado, apesar de não o castigar.

Um ano mais tarde, o rei do Estado Qi, por ter ouvido palavras malquistas entre ele e o senhor Mengchang, despediu-o e este teve de ficar a viver em Xue. Ao terem sabido desta notícia, as pessoas deste lugar fizeram uma longa fila para lhe dar as boas-vindas. Neste momento é que ele ficou a reconhecer o valor da benevolência e agradeceu muito a Feng. Este disse-lhe: “Um coelho esperto tem três tocas para evitar predação, mas agora só tem uma toca, portanto, não pode ficar descansado e deixe-me encontrar para si mais duas tocas”, implicando que, apesar de Xue ser o seu abrigo, ainda precisava de ter mais abrigos (Liu 2005, 121). Daí, surgiu a expressão “*jiǎo tù sān kū* 狡兔三窟” (Um coelho esperto tem três tocas), pelo que ao coelho é atribuída a qualidade da esperteza.

### **Dragão**

Enquanto único animal imaginário no zodíaco, o lugar especial do dragão é por demais evidente. Porém, tal particularidade torna-se trivial tendo em conta o facto anteriormente referido de que, nas cosmovisões clássicas chinesas, o domínio de animais compreende ambos os animais naturais e as criaturas míticas, sendo que estas são “retratadas com

características biológicas e comportamentais de referência, que se tornaram em conhecimento compartilhado” (Sterckx 2002, 9).

A origem do dragão é objeto de controvérsia, no entanto, a hipótese veiculada por Wen Yiduo é uma das mais reconhecidas e adotada por vários estudiosos (e.g. Li e Wang 2014; Wu 2003; Zhao 2000; Wang 2010; Wang e Shang 2010; Niu e Zhao 2014; Chang 2001; entre outros). Segundo Wen (2006, 26), o protótipo do dragão era a serpente. O clã cujo totem era a serpente venceu outros clãs que tinham diferentes animais como totens, e durante a integração dos mesmos, a serpente assumiu gradualmente as características físicas de outros animais, tornando-se, assim, numa nova criatura totêmica com o corpo de serpente, os quatro pés de quadrúpede, a cabeça de cavalo, os cornos de veado, as patas de cão, as escamas de peixe, entre outros.

Mais tarde, o dragão evoluiu de totem para um animal divino e onipotente, entre cujos poderes se destacava a gestão da chuva (Chang 2001, 64; Zhang 2001, 8; Zhao 2000, 178; Wang 2010, 94; Wang e Shang 2010, 139; Niu e Zhao 2014, 112). Dado que a China antiga era um país nomeadamente agrícola, o dragão veiculava o desejo do povo pela colheita e abundância alimentar (Li e Wang 2014, 71; Niu e Zhao 2014, 113). O povo atribuiu-lhe o papel sagrado e dedicava-lhe algumas práticas, como é o caso da dança de dragão, que era inicialmente um ritual para rezar pela chuva (Wang 2010, 97).

Em relação à divindade do dragão, Sterckx (2002, 179-180) afirma que constitui um exemplo representativo do valor da transformação, no pensamento chinês:

The champion of metamorphosis among early China’s sacred animals was the dragon. Central to descriptions of dragons and other dragonsque creatures was the idea that they underwent physical changes.

(...)

The dragon’s bodily composure combined parts of all other animal species, and its habitat and forms of locomotion encompassed those of swimming, winged, and running creatures alike. The dragon epitomized the image of the sacred animal as the embodiment of change. It encompassed the boundaries of species, space, and time, and represented all animals in one without losing its “original shape,” its permanence

or constancy within change (2002, 179-180).

Em virtude da característica híbrida e da sua capacidade metamórfica, o dragão assumiu o lugar sagrado enquanto criatura de adoração, sendo símbolo de sabedoria, competência, poder e virtude, sendo associado aos sábios: os chineses acreditavam que os mesmos eram capazes de mudar e acomodar as circunstâncias em mudança, tal como o dragão.

If numinous power among animals was identified with the ability to metamorphose, transcend one's habitat, and respond to changing circumstances, these were precisely the features associated with the human sage.

(...)

“Transforming like a dragon” here distinguishes the commoner from the sage, who is said to be capable of transcending the local airs and alight at the palaces of foreign rulers who will solicit his counsel (ibid., 185).

A associação do dragão aos sábios pode encontrar-se nas lendas. Vejam-se os dois exemplos seguintes. Dizem que na noite em que nasceu Confúcio, desceram dois dragões do céu (Ji 1995, 25). Conta-se no *Zhuangzi* 莊子<sup>7</sup> que Confúcio, depois de se ter encontrado com Laozi<sup>8</sup>, disse que tinha encontrado o dragão, expressando, dessa maneira, a admiração por Laozi (2010, 239).

Enquanto animal sagrado e adorado, o dragão tornou-se no ícone da cultura chinesa, pelo que a China é denominada “país do dragão” e os chineses “descendentes do dragão” (Li e Wang 2014, 71; Wang e Shang 2010, 143; Niu e Zhao 2014, 167). Dado que ocupa um lugar cultural destacado, o dragão denota conotações muito positivas, que se apresentam nos provérbios e idiomatismos.

O dragão era o emblema dos imperadores chineses, que se designavam de “*zhēn lóng*

---

<sup>7</sup> Zhuangzi era o segundo grande mestre do taoísmo a seguir a Laozi. O seu pensamento foi compilado no livro denominado do seu nome (Cheng 2017, 95).

<sup>8</sup> Grande filósofo chinês, o autor do *Tao Te Ching* e fundador do taoísmo filosófico (Cheng 2017, 94).

*tiān zǐ* 真龙天子” (dragão verdadeiro, filho do Céu). Na época do Imperador Yao,<sup>9</sup> havia inundações incontroláveis. Yao mandou o Gun para as combater, mas este não o conseguiu fazer e foi morto, mas o corpo não apodreceu durante três anos. Yao receava que ele ia renascer para o vingar, por isso, mandou o Wudao para destruir o seu corpo. Quando cortou a barriga, saiu um dragão, que era o seu filho Yu. Mais tarde, Yu tornou-se no imperador da Dinastia Xia (2070 - 1600 a.C.) em virtude dos seus contributos no combate às inundações. Assim, dizia-se que os imperadores eram “*zhēn lóng tiān zǐ*” (Li e Wang 2014, 73).

Com efeito, a estreita ligação entre o dragão e os imperadores remonta à Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) (Eberhard 2006, 97; Wang 2010, 98; Zhao 2000, 191), devido à qual surgiram palavras compostas a partir de dragão, exclusivamente utilizadas para se referirem a algo relacionado com os imperadores, tais como, “*lóngyán* 龙颜” (aparência do dragão), “*lóngtǐ* 龙体” (corpo do dragão), “*lóngpáo* 龙袍” (roupão do dragão), “*lóngzuò* 龙座” (cadeia do dragão), “*lóngchuáng* 龙床” (cama do dragão), entre outras (Chang 2001, 65-66; Zhao 2000, 178; Wang 2010, 98; Wang e Shang 2010, 142).

Registe-se que os imperadores se aproveitaram do lugar sagrado do dragão na cultura chinesa para justificarem e reforçarem o seu poder de liderança, ao inventarem a associação entre si e o dragão, tais como, um dragão apareceu aquando do seu nascimento, ou a mãe sonhou com um dragão e ficou grávida, ou ele era o verdadeiro dragão na terra, entre outros (Li e Wang 2014, 74; Chang 2001, 66; Zhao 2000, 191-192; Wang e Shang 2010, 143).

O dragão aparece frequentemente associado à fénix, representando o imperador e imperatriz, respetivamente (Eberhard 2006, 289), bem como auspício e harmonia, entre outros, por isso, são muito utilizados nas decorações e objetos do casamento (Li e Wang 2014, 75), sendo que se diz “*lóng fèng chéng xiáng* 龙凤呈祥” (O dragão e a fénix demonstram auspício)” (ibid.).

O dragão representa também excelência e sucesso, o que se demonstra na expressão “*wàng zǐ chéng lóng* 望子成龙” (desejar que o filho varão se torne dragão), que exprime o desejo dos pais pelo sucesso dos filhos (Li e Wang 2014, 79). Antigamente, a lista em

---

<sup>9</sup> Um imperador lendário dos tempos antigos da China (2358 - 2258 a.C.).

que se constatavam os nomes dos candidatos que passaram nos exames imperiais do nível superior chamava-se “*lóng hǔ bǎng* 龙虎榜” (lista dragão-tigre, i.e., lista dos vencedores) (Zhang 2001, 11).

Tal como referido anteriormente, o dragão e o tigre aparecem frequentemente juntos, simbolizando, por exemplo, força e competência, como é o caso acima e o da expressão “*lóng téng hǔ jù* 龙腾虎踞” (O dragão salta e o tigre senta-se), que se refere a uma força dominante (Li e Wang 2014, 85).

Sendo um animal com alto nível de moralidade, o dragão refere-se a pessoas virtuosas, como por exemplo, “*lóng shé bù biàn* 龙蛇不辨” (não distinguir o dragão da serpente) faz a antagonia entre o dragão que representa pessoas íntegras, e a serpente que representa pessoas vis (Yu 1994, 88).

### **Serpente**

A serpente denota uma representação muito negativa com propriedades má, viciosa, traiçoeira e gananciosa nas lendas tradicionais e nos provérbios e idiomatismos (Liu 2014, 19; D. Ma 2006, 4).

A serpente é frequentemente utilizada como sinónimo de maldade. Conta-se que havia uma serpente gigante maléfica à qual o povo tinha de oferecer uma menina em cada mês de agosto. Uma menina chamada Li Ji ofereceu-se para a matar. Seduziu-a com comida para sair da caverna e matou-a com a ajuda do seu cão. A menina ficou assim conhecida pela sua valentia (Li e Wang 2014, 99; Chang 2001, 84; Zhao 2000, 201; Wang e Shang 2010, 162). Numa outra lenda dizia-se que o rei Wu da Dinastia Liang (502-557) sonhou com a sua falecida concubina Xi, que se tornou numa serpente venenosa, pois fazia muitas maldades quando estava viva (Li e Yao 2005, 44).

A imagem maléfica e traiçoeira da serpente figura nos idiomatismos e provérbios, como por exemplo, “*shé xīn fó kǒu* 蛇心佛口” (coração de serpente e boca de buda) que se refere a uma pessoa traiçoeira com fala simpática, mas coração maléfico (Liu 2014, 19).

A serpente também é representada como muito ávida. Havia uma serpente gigante registada no *Clássico das Montanhas e dos Mares* que engoliu todo um elefante e só três anos depois é que ejetou os ossos do mesmo (Chen 2008, 285; Strassburg 2002, 190). Assim,

ficou conhecida a expressão “*Rén xīn bù zú shé tūn xiàng* 人心不足蛇吞象” (Uma pessoa insatisfeita é tal como a serpente que engoliu um elefante) (Li e Wang 2014, 95; Chang 2001, 76; Li e Yao 2005, 47; Zhao 2000, 203; Wang 2010, 42-43).

### **Cavalo**

O cavalo ocupava o primeiro lugar dos “seis animais domesticados”, tendo uma relação muito estreita com o povo. Consistia num meio de transporte, um auxiliar precioso para os trabalhos agrícolas, bem como um veículo utilizado nas guerras (Li e Wang 2014, 104-107; Zhao 2000, 215; Chang 2001, 94-95; Wang 2010, 47-48; Ji 1995, 34; Zhang 2001, 17; Wu 2003, 117; Niu e Zhao 2014, 173; Wang e Shang 2010, 172).

Devido à ligação conceptual entre o cavalo e a guerra, este frequentemente refere-se metonimicamente a soldados e à guerra, por exemplo, “*jīn gē tiě mǎ* 金戈铁马” (lança brilhante e cavalo blindado) que se refere à guerra, e “*mǎ gé guō shī* 马革裹尸” (cadáver enrolado de pele de cavalo) que implica soldado falecido na guerra (Chang 2001, 101; Wang e Shang 2010, 181).

O cavalo é muito apreciado pelos chineses, que lhe atribuíram algumas conotações positivas, a saber, caracteres lutador, talentoso, experiente e leal.

Muito conhecida é a expressão “*qiānlǐmǎ* 千里马” (cavalo que aguenta mil *lǐ*<sup>10</sup>), que se utiliza como sinónimo de pessoa talentosa ou competente (Wu 2003, 120; Zhang 2001, 19; Zhao 2000, 228-229). Regista-se um episódio histórico no *Estratégias de Período dos Estados Combatentes*. O Guo Wei era um oficial do Estado Yan na Época dos Estados Combatentes. Um dia, contou ao rei Zhao uma história: Havia um rei que queria muito ter um *qiānlǐmǎ*, mas passados três anos ainda não o havia conseguido. Um oficial ofereceu-se, dizendo que conseguiria encontrar um. Três meses mais tarde, ouviu a notícia de um *qiānlǐmǎ*, mas quando o encontrou, já tinha morrido. Comprou os ossos do cavalo por muito dinheiro. Quando regressou, o rei ficou muito zangado, porque não percebeu para que serviam os ossos. O oficial explicou-lhe: “Pagou tanto dinheiro por um *qiānlǐmǎ* morto, um *qiānlǐmǎ* vivo seria muito mais caro. Ao ouvirem que a sua Majestade lhe dava tanto valor, ainda se preocupa que não encontra um *qiānlǐmǎ*?” Com esta fábula que Guo contou ao rei

---

<sup>10</sup> 里: medida de comprimento chinesa equivalente a meio quilómetro (CH 2009, 1346).

Zhao, esse pretendeu fazer-lhe entender que, se o rei queria atrair pessoas competentes para a corte, tinha primeiro de o valorizar, porque se uma pessoa menos competente como ele era apreciada, então as mais competentes chegariam para o ajudar na governança (Liu 2005, 335).

O “*lǎo jì fú lì* 老驥伏枥” (Um *qiānlǐmǎ* velho deitado no estábulo) refere-se a uma pessoa ambiciosa apesar da idade avançada (Chang 2001, 91; Zhang 2001, 17; Zhao 2000, 221; Wang e Shang 2010, 181).

O “*lǎo mǎ shí tú* 老马识途” (O cavalo velho conhece o caminho) implica que a sabedoria normalmente vem com a idade e a experiência (Li e Wang 2014, 119; Chang 2001, 91; Zhang 2001, 17; Zhao 2000, 220).

O cavalo também é tido como leal para o seu dono. O rei Fujian da Época dos Dezasseis Reinos (304-439) foi derrotado numa batalha. Ao fugir, caiu num buraco profundo do qual não conseguiu sair. Neste momento, o cavalo atirou a rédea para o retirar de lá. Assim sendo, derivou a expressão “*Mǎ yǒu chuí jiāng zhì* 马有垂缰志” (O cavalo tem a lealdade de suspender a rédea) (Li e Wang 2014, 119-120).

No entanto, ao cavalo nem sempre são atribuídos sentidos positivos, sendo que aparece por vezes associado ao búfalo, representando tipicamente pessoas exploradas com estatuto social baixo (D. Ma 2006, 89). Veja-se o seguinte idiomatismo: “*zuò niú mǎ* 做牛马” (ser búfalo e cavalo) significa fazer trabalhos muito duros por outrem (Li e Wang 2014, 123).

### **Cabra**

A cabra foi um dos primeiros animais que foram domesticados pelo povo chinês (Chang 2001, 106; Zhao 2000, 36; Wang e Shang 2010, 184). Os chineses manifestam um sentimento afetivo em relação a este animal, sendo um emblema de virtudes tais como bondade, gratidão e amor filial (Li e Wang 2014; Wu 2003; Zhao 2000; Wang 2010; Wang e Shang 2010; Niu e Zhao 2014).

Nos tempos primordiais, não se cultivavam cereais na terra e o povo sofria com fome. A cabra, que era divindade no Céu, captava a simpatia das pessoas. Roubou do Céu as sementes de arroz, *millet*, aveia, feijão e cânhamo para oferecer ao povo. O Imperador de Jade ficou muito furioso e matou-a. Curiosamente, no lugar em que foi morta, cresceram ervas e cabras, que serviam de alimento para a população (Li e Wang 2014, 125-126).

Dado o hábito de se ajoelhar ao ser amamentada pela mãe e ao facto de que o gesto demonstra respeito, a cabra é representada pela qualidade de gratidão e amor filial, pelo que se diz a expressão “*Yáng yǒu guì rǔ zhī ēn* 羊有跪乳之恩” (A cabra tem a gratidão de se ajoelhar ao ser amamentada) (Li e Wang 2014, 133; Wu 2003, 124; Zhao 2000, 244; Wang 2010, 52; Wang e Shang 2010, 186; Niu e Zhao 2014, 124).

No entanto, devido à relação na cadeia biológica da cabra com os animais fortes, constitui sinónimo de fraqueza, o que se apresenta nas seguintes expressões: “*hǔ rù yángqún* 虎入羊群” (O tigre entrou num rebanho de cabras) significa que os fortes oprimem os fracos; “*shǐ yáng jiàng láng* 使羊将狼” (nomear a cabra para mandar o lobo) significa eleger um fraco para ordenar um forte (ibid., 140-141).

### **Macaco**

O macaco é conhecido pela sua esperteza (Wu 2003; Chang 2001; Zhang 2001; Wang 2010; Wang e Shang 2010; Niu e Zhao 2014). Diz a lenda que na Dinastia Tang (618-907), havia uma floresta na vila Gutian onde viviam milhares de macacos. Os vilões decidiram cortar as árvores e matar os macacos. Os mesmos foram todos rodeados, e neste momento vital, um macaco furou o cerco e incendiou uma casa. Logo, todas as pessoas correram para apagar o incêndio, e desse modo, os macacos foram salvos (Chang 2001, 114). Em chinês usa-se a palavra “*hóujīng* 猴精” (esperto como macaco) para se referir a uma pessoa muito esperta (Li e Wang 2014, 146).

A inquietação também é um traço do macaco (Wu 2003, 127; Chang 2001, 116; Wang 2010, 55; Niu e Zhao 2014, 130), por exemplo, diz-se “*hóují* 猴急” (impaciente como macaco) ou “*hóu tóu hóu nǎo* 猴头猴脑” (cabeça e cérebro de macaco) para se descrever uma pessoa da mesma característica (Li e Wang 2014, 146).

O macaco é representado com uma capacidade medíocre, por exemplo, “*Shān zhōng wú lǎohǔ, hóuzǐ chēng dàwáng* 山中无老虎, 猴子称大王” (Na montanha onde não há tigre, o macaco nomeia-se como rei) implica que quando não há uma pessoa extraordinária num certo lugar, uma pessoa medíocre torna-se líder (Li e Wang 2014, 153-154; Zhao 2000, 269).

Além disso, o macaco é representado como bajulador: “*Shù dǎo húsūn sǎn* 树倒猢猻”

散” (Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se) implica que quando uma pessoa influente perde poder, os seus bajuladores dispersam-se. (Li e Wang 2014, 152-153; Chang 2001, 121; Zhao 2000, 268).

### **Galo**

O galo tem ocupado um papel vulgar na vida no campo do povo chinês. “*Méiyǒu jī gǒu bù chéng jiā* 没有鸡狗不成家” (Não se constitui casa sem galo e cão) (Li e Wang 2014, 159) e “*Wú jī bù chéng yàn* 无鸡不成宴” (Não se constitui banquete sem frango) (Wang 2010, 58) evidenciam o laço estreito entre a vida dos chineses e este animal.

Nos provérbios e idiomatismos chineses, o galo constitui o sinónimo de pessoa medíocre, como por exemplo, “*hè lì jīqún* 鹤立鸡群” (Uma cegonha está no meio dum conjunto de galos) significa que uma pessoa competente facilmente se distingue num grupo de pessoas medíocres (Li e Wang 2014, 167; Chang 2001, 133; Zhao 2000, 284).

Além disso, o galo representa pessoa que ganha poder pelo favorecimento ilícito, por exemplo, “*Yī rén dé dào, jī quǎn shēng tiān*” (Quando uma pessoa alcançou o *Tao*, os seus galos e cães vão para o Céu) (D. Ma 2006, 106).

### **Cão**

O cão fazia parte dos seis animais domesticados anteriormente referidos, sendo que tinha uma relação estreita com os homens (Li e Wang 2014; Wang e Shang 2010; Niu e Zhao 2014). Assim sendo, o cão é representado em variadas expressões para se referir ao ser humano. O que os chineses sentem em relação ao cão é de certa forma ambivalente (Chang 2001, 145), sendo que, por um lado, apreciam muito a sua lealdade, por outro, atribuem-lhe variados traços negativos.

Uma história conta-nos sobre um cão que salvou o seu dono. Um dia, um homem chamado Li Xinchun ficou bêbado. Ao regressar a casa com o seu cão, deitou-se num prado e adormeceu. De repente, aconteceu um incêndio, mas o cão não conseguiu acordá-lo. Por isso, corria para o rio, trazendo água suficiente para molhar a relva à volta dele para evitar que pegasse fogo. O homem foi assim salvo, mas o cão morreu de exaustão (Chang 2001, 140-141; Zhao 2000, 297; Ji 1995, 46). Disso derivou a expressão “*gǒu yǒu shī cǎo yì* 狗有湿草义” (O cão tem a lealdade de molhar prado) (Li e Wang 2014, 119).

O cão é frequentemente representado como alguém que tira proveito do poder de outro,

como é o caso anteriormente mencionado - “*yī rén dé dào, jī quǎn shēng tiān*” (Quando uma pessoa alcançou o *Tao*, os seus galos e cães vão para o Céu) (Niu e Zhao 2014, 85). Em muitos casos, o cão tira tal proveito para fazer maldades, por exemplo, “*gǒu zhàng rén shì* 狗仗人勢” (O cão ladra mais alto com o poder do seu dono) refere-se às pessoas que oprimem outras com a proteção de pessoas poderosas (Li e Wang 2014, 175; Chang 2001, 144; Zhao 2000, 300; Wang 2010, 64; Niu e Zhao 2014, 82).

O cão também é tido como pretensioso e lisonjeiro. “*Rén jìng yǒu qián de, gǒu yǎo kuà lán de* 人敬有钱的，狗咬挎篮的” (Os homens respeitam aqueles que têm dinheiro, os cães mordem aqueles que seguram cesta na mão), no qual as pessoas com cesta na mão se referem aos mendigos, significa que os ricos são venerados, enquanto os pobres são humilhados e maltratados (Li e Wang 2014, 175). E a expressão “*gǒu yáowěi* 狗摆尾” (Cão abana rabo) usa-se para descrever um ato bajulador (ibid., 176).

O cão é frequentemente associado à maldade. “*gǒu gǎi bù liǎo chī shǐ* 狗改不了吃屎” (O cão não muda o hábito de comer excrementos) significa que as pessoas maliciosas não perdem os seus vícios (Li e Wang 2014, 182; Chang 2001, 144). “*gǒu zuǐ lǐ tǔ bù chū xiàngyá* 狗嘴里吐不出象牙” (A boca do cão não cospe marfim) implica que as pessoas maliciosas não dizem boas palavras (Li e Wang 2014, 186).

### **Porco**

Os valores simbólicos do porco são muito pejorativos em chinês.

O porco tem conotações de estupidez, preguiça e sujidade, como por exemplo, “*bènzhū* 笨猪” (porco estúpido), “*lǎnzhū* 懒猪” (porco preguiçoso) e “*zhūwō* 猪窝” (chiqueiro de porco). Usa-se a imagem do porco para descrever as características referidas de uma pessoa e da falta de higiene do lugar onde se vive (Li e Wang 2014, 198; Niu e Zhao 2014, 86).

O porco também é representado como maléfico. Em chinês, diz-se “*zhū gǒu bù rú* 猪狗不如” (nem se compara com o porco e o cão) para descrever uma pessoa que tem valores morais muito baixos (Li e Wang 2014, 203; Chang 2001, 158) ou “*xíng tóng gǒu zhì* 行同狗彘” (comportar-se como cão e porco) que se refere a comportamentos infames (Li e Wang 2014, 202-203).

Por fim, elencamos as conotações dos animais zodiacais chineses acima referidas com base nos estudos pertinentes na seguinte tabela:

animais	valores simbólicos
rato	esperteza, maldade, visão limitada
búfalo	diligência, dedicação, amor parental, estupidez
tigre	força, valor, poder, ferocidade, crueldade
coelho	brandura, esperteza
dragão	imperador, poder, excelência, sucesso, força, competência, presságio auspicioso
serpente	maldade, traição e ganância
cavalo	soldado, carácter lutador, talento, competência, experiência, lealdade, pessoa explorada por outrem
cabra	bondade, gratidão, amor filial, fraqueza
macaco	esperteza, inquietação, mediocridade, carácter bajulador
galo	mediocridade, pessoa que ganha poder pelo favorecimento ilícito
cão	lealdade, vaidade, lisonja, maldade, quem tira proveito do poder de outrem
porco	estupidez, preguiça, sujidade, maldade

Tabela 2: valores simbólicos dos animais zodiacais chineses

Em suma, os animais zodiacais chineses são retratados com perfis culturais que refletem os elementos da cultura chinesa. Pelo que foi dito anteriormente, demonstrámos que aos animais são atribuídas abundantes características e sentidos metafóricos pelo ser humano. Uma das formas de representações de animais consiste nos provérbios e idiomatismos que frequentemente abordam os animais a fim de fazer referência ao ser humano, o que foi comprovado pelos variados exemplos de expressões idiomáticas e proverbiais que citámos anteriormente.



## **Capítulo II Definição de Provérbio e Idiomatismo**

### **Observações Gerais**

O objetivo do presente capítulo será tentar definir o provérbio e o idiomatismo, sendo que uma definição dos dois conceitos se afigura como ponto de partida da presente investigação, sobretudo, da seleção dos provérbios e idiomatismos que analisaremos. Esta meta é atingida com base nas definições estabelecidas e nas características analisadas por alguns estudos fundamentais sobre o provérbio e o idiomatismo, principalmente nos contextos português e chinês.

O carácter universal do provérbio é apontado por muitos estudiosos (Taylor [1931] 1985; Russo 1983; Mieder 2004; etc.), entre os quais citamos Mieder, “sem dúvida um dos maiores paremiologistas de todos os tempos” (Lau, Tokofsky e Winick 2004, 1):

There are literally thousands of proverbs in the multitude of cultures and languages of the world. (Mieder 2004, xii)

(...)

Proverbs are in fact everywhere, and it is exactly their ubiquity that has led scholars

from many disciplines to study them from classical times to the modern age (Mieder 2004, 1).

Neste aspeto, o idiomatismo não se afigura diferente do provérbio, sendo que está presente em todas as línguas (Boers 2008; Pastore 2009), pelo que tem sido abundantemente estudado.

Apesar do carácter ubíquo em diferentes línguas, a definição de provérbio e idiomatismo representa um grande desafio para os estudiosos. No que diz respeito a essa problematização, Archer Taylor, o “decano dos estudos proverbiais nos EUA nos anos 1930” (Mieder 1997, 408), assinala que:

The definition of a proverb is too difficult to repay the undertaking; and should we fortunately combine in a single definition all the essential elements and give each the proper emphasis, we should not even then have a touchstone ([1931] 1985, 3).

O idiomatismo também denota essa dificuldade de delimitação conceptual. Segundo Philip (2007, 1), é difícil encontrar um consenso entre os estudiosos sobre o que é precisamente o idiomatismo, tendo em conta a heterogeneidade da classe. Langlotz refere-se também a essa problemática:

When browsing through common idiom-dictionaries, one notices that the set of linguistic expressions termed 'idiomatic' is very heterogeneous indeed

(...)

The colourful linguistic spectrum of expressions called 'idioms' directly reflects the considerable difficulties linguists face in finding an appropriate definition and classification of these linguistic phenomena and to explain their grammatical behaviour (2006, 1-2).

Independentemente dessa dificuldade de demilitação do escopo de provérbio e de expressão idiomática, esta questão ocupou estudiosos de muitas disciplinas. Segundo

Mieder, muitas tentativas de definição do provérbio foram feitas, de Aristóteles até ao presente (2004, 2), e como lembra Langlotz, foram “feitas várias tentativas para estruturar esta neblina terminológica (idiomatismo)” (2006, 2). No presente capítulo enfrentaremos o mesmo desafio, tentando definir o provérbio e o idiomatismo para a presente tese.

## 2.1 Revisão das delimitações proverbial e idiomática

Começaremos por rever as principais definições proverbiais e analisar as suas características.

Aristóteles considera os provérbios “fragmentos de uma sabedoria antiga, que, devido à sua brevidade e aptidão, têm ajudado a preservar um naufrágio e ruína gerais” (*apud* Trench 1861, 24), realçando a brevidade e a sabedoria encerrada nos provérbios.

Para Trench, a propriedade mais essencial, e até unicamente essencial do provérbio, é a aceitação popular:

(...) the most essential of all, and indeed almost the only essential—I mean *popularity*, acceptance and adoption on the part of the people. Without this popularity, without these suffrages and this consent of the many, no saying, however brief, however wise, however seasoned with salt, however worthy on all these accounts to have become a proverb, however fulfilling, all other its conditions, can yet be esteemed as such. This popularity, omitted in that enumeration of the essential notes of the proverb, is yet the only note whose presence is absolutely necessary, whose absence is fatal to the claims of any saying to be regarded as such (1861, 9).

Whiting (1994) descreve o provérbio de modo seguinte:

A proverb is an expression which, owing its birth to the people, testifies to its origin in form and phrase. It expresses what is apparently a fundamental truth - that is, a truism, - in homely language, often adorned, however, with alliteration and rhyme.

It is usually short, but need not be; it is usually true, but need not be. Some proverbs have both a literal and figurative meaning, either of which makes perfect sense; but more often they have but one of the two. A proverb must be venerable; it must bear the sign of antiquity, and, since such signs may be counterfeited by a clever literary man, it should be attested in different places at different times. This last requirement we must often waive in dealing with very early literature, where the material at our disposal is incomplete (1994, 80).

Pode notar-se a heterogeneidade proverbial nas palavras descritivas de Whiting, no entanto, as características principais de um provérbio para este autor são o seu carácter tradicional, atemporal, popular e universal, sendo que, no plano formal, se destacam os arranjos fono-simbólicos, tais como a aliteração e a rima.

Por sua vez, Russo (1983) sublinha a concisão, completeza frásica, anonímia, antiguidade, fixidez relativa, senso comum e sabedoria do provérbio:

I define the proverb as a brief, well-shaped complete sentence, understood by its users as anonymous in authorship, existing in the language for a long time in almost invariant form, stating a general truth that everyone would accept as important and useful to recall, and because of this antiquity and accuracy of insight, sanctioned or almost “sanctified” by the culture as wisdom of the elders that must be taken seriously, must be accorded “weight”, when spoken (1983, 121).

Em 1985, Mieder (2004) realizou uma investigação baseando-se na suposição de Archer Taylor de que as pessoas em geral sabem o que é um provérbio e perguntaram a 55 cidadãos de Vermonte dos EUA sobre como eles definiriam esse conceito. Um estudo da frequência das palavras contidas nas mais de 50 tentativas de definição possibilitou a formulação da seguinte descrição geral (2004, 3):

A proverb is a short, generally known sentence of the folk which contains wisdom, truth, morals, and traditional views in a metaphorical, fixed and memorable form

and which is handed down from generation to generation (ibid.).

As características apontadas por este inquérito deveras pertinente são: brevidade, frase, carácter folclórico, conhecimentos sabedores, verdadeiros e morais, e visões tradicionais, metaforicidade, fixidez, facilidade de memorização e atemporalidade.

Winick entende os provérbios por “enunciados breves contextualizados que revelam um sentido de sabedoria, inteligência e autoridade de referência intertextual explícita e intencional a uma tradição de pareceres de sabedoria anteriores semelhantes” (2003, 595), frisando a brevidade, antiguidade, sabedoria e autoridade do provérbio.

Lau, Tokofsky e Winick (2004) ao analisar as teorias de variados paremiologistas, chegaram à conclusão de que pelo menos concordariam com a descrição seguinte: “Os provérbios são enunciados breves e tradicionais que encapsulam verdades culturais e resumem situações sociais recorrentes” (2004, 8), assinalando a brevidade, tradicionalidade, e valores culturais e sociais do provérbio.

Sanauddin (2015, 25) faz uma abordagem abrangente das definições anteriores propostas por variados estudiosos de disciplinas diferentes e considera que um provérbio é “um enunciado curto, mas completo, que veicula sabedoria popular em geral e, muitas vezes, figurativa para orientar o comportamento numa situação recorrente”.

No contexto português, o provérbio possui uma sinonímia abrangente: adágio, ditado, anexim, rifão, máxima, entre outros, como, por exemplo, se pode verificar na ambiguidade da explicação apresentada no *Dicionário da Língua Portuguesa* (2006, 1372) - “adágio; ditado; máxima; rifão; anexim”. De acordo com Brazão (1999, 20), “a prática efectivamente consagrou (termos) como equivalendo a provérbio e designações ainda hoje frequentes: *ditado, adágio e rifão*. Outros vocábulos, como *anexim*, terão constituído apenas moda demasiado fugaz e pouco significativa”. Apesar de alguns autores conceberem definições particulares para cada um deles (c.f. Batalha 1924; Vilela 2002), não é o nosso objetivo explanarmos as designações e, por conseguinte, consideramo-las sinónimos no presente trabalho. Privilegiamos o termo provérbio de entre as variadas denominações sinonímicas, uma vez que “*Provérbio* é (...) o vocábulo que alcançou uso crescente na nossa oralidade e que, hoje, maior aceitação conhece, na expressão escrita

nacional e, provavelmente, no domínio internacional” (Brazão 1999, 21).

A dificuldade na definição do provérbio em português também se afigura considerável. Na linha de Arnaldo Saraiva (1999, 12), “Será caso para dizer «cada cabeça cada sentença» mas não para desistirmos de clarificar o que sobretudo em Portugal anda muito confuso”. Lamentavelmente, pouca bibliografia especializada na paremiologia foi produzida. De acordo com Saraiva, em “Portugal não se tem feito nada de verdadeiramente importante no domínio da paremiologia. Não há nenhum livro fundamental sobre o provérbio em português - nem mesmo uma recolha satisfatória, como as dos dicionários de provérbios que existem noutras línguas” (ibid.) e Lopes (1992, 2) realça que “os provérbios constituem entre nós um domínio praticamente inexplorado, sobretudo numa perspectiva linguística (...) As pesquisas realizadas por investigadores portugueses sobre provérbios são, de facto, escassas”. Recorreremos, pois, às definições dicionarísticas, entre outras, e às abordagens das características proverbiais dos estudos existentes para tirar o véu ao provérbio português.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, 2994), o provérbio define-se como “máxima ou sentença de carácter prático e popular, expressa em poucas palavras e geralmente rica em imagens e sentidos figurados”, assinalando a brevidade, popularidade, bem como a riqueza figurativa.

Segundo o *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa* (2006, 969), o provérbio é um “enunciado curto, frequentemente com ritmo, rima e imagens sugestivas e cujo conteúdo, denso e de teor moral, é fundado na sabedoria popular”, enfatizando como características a brevidade, o ritmo, a rima, o aconselhamento, a moralidade e a sabedoria popular.

Como já referido anteriormente, no *Dicionário da Língua Portuguesa* (2006, 1372), o provérbio corresponde a “uma sentença moral ou conselho da sabedoria popular”, uma definição que destaca, de modo idêntico às anteriores definições aqui consideradas, as seguintes características: moralidade, aconselhamento e sabedoria popular.

Ferreira, ao adotar indistintamente os vocábulos ‘adágio’ e ‘provérbio’, sublinha que os adágios “assumem a categoria de regras de conduta humana, individual ou social, ora encarando um sentido preventivo ora seguindo uma atitude crítica, mas sempre fornecedoras de ensinamentos preciosos” (1985, 5), realçando a função educativa de

provérbio.

Lopes (1992) propõe, entretanto, uma definição muito mais detalhada, acrescentando as dimensões de coloquialidade, anonímia, atemporalidade e senso comum.

(...) o provérbio é um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam-se normas de conduta socialmente consideradas exemplares (1992, 1).

Para Brazão, o provérbio caracteriza-se pela brevidade, ritmo, simetria, metáfora e norma:

Em termos breves e mais rigorosos: os provérbios caracterizam-se, essencialmente, pela brevidade, pelo ritmo geralmente binário e pela simetria; trazem com frequência consigo a metáfora, mas não necessariamente; sugerem, de forma discreta mas corrente, uma norma ou advertência. A sua noção poderia reduzir-se à fórmula BRSMN, em que B corresponde à brevidade, R corresponde ao ritmo, S corresponde à simetria, M corresponde à metáfora e N corresponde à norma (1999, 20).

Além disso, o autor faz referência a algumas outras índoles proverbiais, tais como, coloquialidade, reconhecimento geral, tradicionalidade e uso específico na pragmática:

Entendemos por *provérbios* os enunciados de natureza oral que têm o consenso da comunidade nacional, regional ou local, que os reconhece como vindos da tradição, e que são em geral utilizados por adultos; constituem um modo específico de comunicação e obedecem a uma estrutura própria; revestem, habitualmente, o carácter de citação, que aparece a ilustrar um discurso e que é sempre posta em

evidência pela diferente tonalidade da fala e, frequentemente, por um indicador formal (ibid.).

Teixeira argumenta que “um provérbio é uma estrutura semântica completa (corresponde habitualmente a uma frase ...)” e os provérbios são “tidos como verdades socialmente reconhecidas e aceites, que transmitem a ideia de segurança de uma comunidade que partilha universos de crença” (2007, 6-7), indicando a completeza frásica e o reconhecimento comunitário do provérbio.

Reverendo as definições existentes, a brevidade ou a concisão é uma característica muito apontada. Apesar de ser um critério relativo, reconhecemos este aspeto por possibilitar a transição proverbial, sobretudo oral, de geração em geração.

O seu carácter tradicional considera-se importante, sendo que um dito “teria que ser assumido por outros e ser usado durante um período de tempo para ser considerado um provérbio de boa fé” (Mieder 2004, 5).

A autossuficiência proverbial é identificada pela maioria dos paremiologistas (Sanauddin 2015, 20). Este discernimento é imprescindível para se distinguir do idiomatismo, por exemplo, segundo Teixeira, um provérbio é uma estrutura semântica completa que corresponde a uma frase, enquanto que uma expressão idiomática corresponde a um sintagma (2007, 6).

A coloquialidade também está entre as características indicadas, porém, não se afigura absoluta, como por exemplo, “Toma em rapaz bom caminho, segui-lo-ás em velhinho” e “Quem a horas não vier, comerá do que trouxe”, que denotam tempos verbais normalmente não usados na linguagem oral.

O provérbio surge da tradição e vai-se cristalizando, embora a fixidez proverbial não seja absoluta. Segundo Chacoto,

(...) os provérbios são, em geral, considerados como as expressões que têm, em qualquer língua, um maior grau de fixidez - grau que parece difícil, se não mesmo impossível, de determinar com exactidão.

Contudo, e contrariamente ao que seria de supor, as frases de carácter proverbial

podem apresentar variação de vários tipos (1994, 30).

Sanauddin (2015, 21) aponta a variabilidade proverbial em termos de mudanças estruturais, adição e transformação lexicais, bem como abreviação, etc. Alegamos isso através de alguns exemplos portugueses: “Burro velho não aprende línguas”/ “Macaco velho não aprende arte nova”; “A quem madruga, Deus ajuda”/ “Quem madruga, Deus ajuda”; “Não há carne sem osso, nem madeira sem nó”/ “Não há madeira sem nó” (Costa 2004). Não obstante as variações, o grau de fixidez proverbial afigura-se alto.

Registe-se que algumas definições têm como critérios arranjos poéticos, tais como, aliteração, rima, ritmo, simetria e metáfora. No entanto, enquanto a prosódia certamente ajuda a tornar um enunciado mais memorável, fixo na estrutura e, assim, aumenta a possibilidade de se tornar numa unidade linguística, tal não implica que todos os provérbios denotem estruturas prosódicas (Norrick 1985). A metáfora também não é uma condição necessária e de acordo com as palavras de Brazão relativamente aos provérbios portugueses, “a nossa tradição reconhece indistintamente como provérbios tanto os enunciados de expressão metafórica como os enunciados de expressão directa” (1999, 21). Por exemplo, “Tosse e amor não se podem ocultar”, “Tudo tem prós e contras”, “Quem tem coragem não é filho de pai assustado”, esses provérbios não manifestam as características poéticas acima mencionadas.

Em relação ao conteúdo proverbial, inclinamo-nos para um ponto de vista mais abrangente, i.e, o provérbio exprime uma determinada visão do mundo e transmite, sobretudo, experiências populares. De facto, um provérbio constitui-se mediante uma generalização que escapa à classificação em verdadeiro ou falso. “Sendo uma generalização, um provérbio em si não se pode definir como verdadeiro ou falso” (Sanauddin 2015, 21).

O seu carácter anónimo é discutível, por exemplo, para Ladislau Batalha, a origem proverbial pode identificar-se, fazendo assim uma distinção entre o provérbio e o adágio, e este, para o autor, surge da tradição oral popular (1924, 31).

O proverbio [sic] erudito é, pois, apenas a generalização [sic] oral de certos pensamentos de sabor literário colhidos nas obras dos antigos filósofos [sic] gregos,

romanos e outros, no Velho e Novo Testamento e nos escritores clássicos, cronistas, poetas ou prosadores antigos e modernos da Europa e Ásia (ibid.: 30-31).

Tal como explicitámos anteriormente, não fazemos a distinção entre o provérbio e o adágio. No que diz respeito à autoria e apesar de, em alguns casos, ser possível identificar o autor, como em “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, provérbio oriundo de um soneto de Luís Vaz de Camões (Vale 2015,43), a verdade é que, na esmagadora maioria dos casos, é difícil averiguar a identidade autoral do dito popular. Além disso, no uso convencionalizado dos provérbios, mesmo entre aqueles com autoria identificável, o povo não tem necessariamente o conhecimento da sua origem. Por isso, os provérbios afiguram-se populares e, como lembra Lopes (1992),

Pertença colectiva, o provérbio é, pois, um texto anónimo quando encarado numa perspectiva sincrónica; de um ponto de vista diacrónico, talvez seja mais correcto falar em termos de 'anonimização', na medida em que há sempre uma fonte remota individual responsável pela produção do enunciado (1992, 2).

Os valores culturais são outra propriedade dos provérbios referida por variados estudos. Os provérbios guardam “o que de mais profundo respeita a identidade de um povo: os provérbios são eles os próprios autores da sua própria história” (Soares 2008, 450). Apesar disso, esta característica não deve ser considerada como condição necessária para se discernir um provérbio, sendo que a peculiaridade cultural pode variar entre os diferentes provérbios. Por exemplo, “A maior riqueza é a saúde” existe tanto na cultura portuguesa como na chinesa, pelo que não se afigura peculiar de uma determinada cultura. Assim sendo, e independentemente deste facto, não deixa de ser um provérbio.

Em suma, e atendendo às definições acima analisadas, reiteramos as seguintes delimitações para a caracterização de um provérbio:

- enunciado completo
- concisão
- forma relativamente fixa

- tradicionalidade
- anonímia ou anonimização
- expressão de uma determinada visão do mundo e transmissão de experiências populares.

Já esclarecemos anteriormente que a completeza do enunciado é uma pista para discriminar o provérbio e o idiomatismo, sendo que “os provérbios geralmente são frases completas; Os idiomatismos geralmente representam partes de frases” (Benson 1985, 66). Isso consiste num dos aspetos que permite distinguir o provérbio do idiomatismo; no entanto, só poderemos abordar este tópico depois de respondermos à questão: “o que é o idiomatismo?”, sendo certo que a resposta não se afigura menos difícil do que a relativa ao conceito proverbial, o que já foi supramencionado na introdução do presente capítulo.

Nota-se que, paralelamente ao provérbio, as designações para idiomatismo abrangem um amplo leque de rótulos cujos núcleos nominais assentam em idiotismo, expressão idiomática (EI), expressão figurada, fraseologismo, lexemas idiomáticos, entre outros (Vilela 2002, 169; Wang 2012, 12).

Chomsky (1980) dedica algumas páginas ao idiomatismo, afirmando que este tem um sentido indecomponível, uma forma sintáctica não idiomática e uma estrutura semântica semelhante a um lexema. Por vezes, tem um significado literal perfeitamente lógico (1980, 149-150).

Para Fraser, uma EI é “constituente ou uma série de constituintes cuja interpretação semântica não é uma função composicional dos formativos de que é composta” (1970, 22), sublinhando o sentido indecomposto da EI.

Fernando e Flavell (1981) apontam na mesma direção, considerando o idiomatismo uma “expressão não literal cujo significado não é uma função composicional dos seus constituintes sintáticos, mas que sempre possui uma contrapartida literal homónima” (1981, 48).

A par de identificar a mesma característica, frisando a opacidade do sentido, O'Grady acrescenta também a convencionalidade dos componentes:

(...) idioms have a meaning that is not a simple function of the literal (i.e., non-figurative) meaning of their parts and that they manifest a high degree of conventionality in the choice of component lexical items (...) their meanings cannot be predicted from the literal meaning of their parts and the choice of component lexical items is largely a matter of convention (1998, 279-280).

O *Dicionário Cambridge para Aprendentes* (2004) enfatiza, de modo semelhante, a dificuldade na compreensão do significado, afirmando que a EI é um grupo de palavras usadas em conjunto com um significado que não se pode aferir dos significados isolados das palavras que a compõem.

No entendimento de Peters, os elementos da EI não podem ser alterados (2004, 265). No entanto, Benson define o idiomatismo como “uma expressão relativamente cristalizada cujo significado não reflete os significados das suas partes componentes” (1985, 66), sublinhando a sua fixidez relativa. Para este autor, a fixidez do idiomatismo é relativa porque a variabilidade gramatical é normalmente possível, como por exemplo, a conjugação verbal e para alguns idiomatismos, é possível haver variabilidade lexical (ibid.).

Langlotz (2006) ao propor quatro parâmetros para a definição da EI – institucionalização, composição, cristalização e indecomponibilidade (2006, 3), alicerça a seguinte definição:

An idiom is an institutionalised construction that is composed of two or more lexical items and has the composite structure of a phrase or semi-clause, which may feature constructional idiosyncrasy. An idiom primarily has an ideational discourse-function and features figuration, i.e. its semantic structure is derivationally non-compositional. Moreover, it is considerably fixed and collocationally restricted (2006, 5).

Mencionámos anteriormente a existência de tentativas abundantes para a definição do idiomatismo, no entanto, o mesmo não se aplica ao caso português. Schemann e Schemann-Dias (1980) reconhecem a crescente importância da EI nas línguas europeias, apontando, porém, a circunstância distinta no português.

Nos últimos anos, a idiomática tem adquirido cada vez mais importância não só como objecto de investigação da linguística, mas também na aprendizagem prática das línguas. Assim existem entretanto para as línguas europeias mais importantes, sobretudo para o inglês, francês e alemão, a par de vasto material de ensino que muitas vezes apresenta as unidades idiomáticas com outra terminologia, dicionários idiomáticos bastante voluminosos - dicionários tanto para uma só língua como dicionários bilingues.

Para o português de Portugal, contudo, não existe até hoje nada de semelhante (1980, 1).

Jorge (1991) considera que “Em Portugal, a investigação idiomática está a dar os seus primeiros passos”, todavia, segundo Sousa (2000), o número dos estudos continua escasso e “a insuficiência do tratamento linguístico das E.I.s do Português é notável” (2000, 10).

Verifica-se que, além do número reduzido, muitos estudos existentes portugueses não propõem uma definição, mas só listam as suas características (Santos 1989; Jorge 1991; Mascarenhas 1999; Sousa 2000; Evangelista 2003; etc.). Apesar disso, contribuem para delimitar a noção de expressão idiomática.

O *Dicionário da Língua Portuguesa* (2006, 728) delimita a expressão idiomática como “agrupamento de palavras que funcionam como uma unidade cujo significado não é literal”.

Na linha de Guilhermina Jorge, “A heterogeneidade manifesta-se, por exemplo, na dificuldade em propor uma definição clara e coerente de EI e advém da multiplicidade de factores que intervêm nessa mesma definição” (1991, 15). Contudo, tentou chegar a “uma definição abrangente” (1998, 371), sublinhando a polilexicalidade, lexicalização, não-composicionalidade, opacidade e cristalização.

(...) a expressão idiomática (EI) é um signo polilexical, uma unidade sintáctica, lexicológica e semântica. O seu significado não pode ser calculado pelos significados das palavras contidas na expressão e apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais. As particularidades da EI abrangem dois vectores: a forma (um grupo de palavras) e o conteúdo (o sentido idiomático) (ibid.).

Para Lindley Cintra, a EI tem um sentido convencionalizado que “se afasta muito do literal”, sendo que a “sua origem, o processo de associação de ideias que está na sua base está geralmente ligado a um processo de transposição do sentido, de substituição de um sentido literal por um figurado, metafórico, que raramente é possível reconstituir com rigor” (1990, vii).

Santos (1989), ao adotar o parecer de Gréciano (1983), enumera três condições necessárias da EI – polilexicalidade, fixidez e carácter figurativo.

- a. serem polilexicais: resultando do reagrupamento de pelo menos 2 lexemas.
- b. terem uma estrutura fixa: traduzindo-se mais pelas proibições do que pelas tolerâncias.
- c. serem figurativas: aqui entraria o seu carácter emblemático, ligado ao processo de lexicalização e de remetaforização (Santos 1989, 46).

De acordo com Mascarenhas (1999), a EI tem uma estrutura complexa, “não é geralmente uma frase completa” (1999, 42) e “não se referem a casos concretos” (1999, 43). Nesse sentido, a fixidez das EI é relativa, na medida em que “embora fixas, admitem adequação ao contexto através da flexão dos verbos, da concordância e admitem certas alternâncias” (1999, 44). Além disso, a idiomaticidade também é uma característica da EI, i.e., “As palavras tornam-se intransparentes, o resultado composicional ou sentido global é totalmente diferente da soma do sentido dos elementos que compõem a expressão” (1999, 43).

Sousa (2000) reitera um conjunto de características do idiomatismo: unidade lexical complexa, sentido contextualizado, sentido figurativo, certa opacidade semântica, bloqueio na variação, vivências e valores socioculturais, etc.

Segundo Vilela (2002, 190), a definição de idiomatismo radica numa sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, i.e., não é possível a tradução palavra por palavra.

Evangelista (2003) realça algumas propriedades da EI: unidade lexical institucionalizada, estrutura complexa, sentido literal e sentido figurativo, fixidez relativa,

contextualização, transparência semântica variante, bem como motivação metafórica, metonímica entre outras.

Reverendo as delimitações idiomáticas, pode verificar-se que é muito apontada a divergência entre o sentido literal e o sentido geral. Não obstante muitos linguistas considerem o sentido do idiomatismo indecomponível e não deduzível dos seus componentes, na realidade, tal posição afigura-se como problemática, já que, por exemplo, a expressão “num abrir e fechar de olhos”, cuja interpretação figurativa é “muito rápido”, tem um sentido decomponível, sendo que as suas partes individuais evidentemente contribuem para o sentido global. Por conseguinte, é possível haver na EI dedutibilidade do sentido. Segundo Gibbs, o sentido de muitos idiomatismos não é indecomponível, mas analisável, contribuindo independentemente os significados, sejam literais, seja figurativos, das suas partes para a interpretação global (1994, 278). Nesse sentido, a opacidade também pode variar entre os diferentes idiomatismos, sendo que “apresenta graus de transparência semântica que vão do maior grau de transparência à total opacidade” (Evangelista 2003, 51). Por exemplo, “aliviar a bexiga” denota uma transparência muito maior do que “descarregar a bília sobre alguém”. Em suma, a divergência entre o sentido literal e o sentido geral não implica necessariamente a indecomponibilidade nem a opacidade do sentido do idiomatismo.

Outras índoles frequentemente delimitadas são a unidade lexical e a estrutura plurilexical. Ainda que não haja consenso entre os estudiosos, reconhecemos os dois aspetos e julgamos que o idiomatismo é um enunciado incompleto.

Tendo em vista que o idiomatismo apresenta uma característica lexical, a cristalização idiomática é relativa, sendo que a adequação ao contexto, através da conjugação verbal e da concordância adjetiva, entre outras, é visivelmente aceite. Aliás, verifica-se a flexibilidade sintática e semântica em alguns idiomatismos (Gibbs 1994, 2007). Na linha de Vilela, “a fixidez é (quase) sempre relativa” (2002, 219).

Por vezes, o sentido do idiomatismo pode apresentar-se contextualizado, i.e, a determinação do sentido da expressão depende do contexto em que se insere, por exemplo, “puxar a brasa à sua sardinha” pode significar que um homem deitou fora os livros da mulher em vez dos seus quando não há espaço na estante ou pode significar que uma pessoa

colocou mais comida no seu próprio prato em vez de colocar nos pratos de outros. No entanto, em outros casos, o sentido das EI depende menos do contexto, como é o caso de “prestar orelhas”, “andar de gatas”, etc.

Registe-se que apesar de alguns estudiosos indicarem a motivação metafórica e metonímica, essas não são condições necessárias, como é o caso de “mais hoje, mais amanhã” que não tem motivação metafórica nem metonímica. Embora a metáfora e a metonímia não sejam condições necessárias para a definição idiomática, são características importantes do idiomatismo, o que será explorada detalhadamente no capítulo III.

Por último, denotar valores culturais também se constitui como propriedade apontada da EI. Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, 1654), a EI é peculiar a uma língua. Logo, a EI em si já faz parte da identidade de uma determinada comunidade. De modo semelhante ao provérbio, esta característica não se deve considerar uma condição necessária para se identificar um idiomatismo, sendo que a peculiaridade cultural pode ser variável entre os diferentes idiomatismos. Por exemplo, “ter o coração perto da boca” deriva dos sentimentos comuns do ser humano e faz referência à aflição em chinês bem como em português. Apesar deste facto, não perde o seu estatuto idiomático.

Resumimos as nossas delimitações para o idiomatismo:

- unidade lexical
- estrutura plurivocabular
- forma relativamente cristalizada
- dualismo entre o sentido literal e o sentido geral

Adotando a caracterização de Benson (1985, 66), distinguimos o idiomatismo do provérbio principalmente pelos seguintes aspetos: 1. Os provérbios são frases completas e os idiomatismos representam partes de frases; 2. O provérbio tem uma forma mais fixa, porque a EI permite uma variabilidade sobretudo gramatical; 3. O sentido proverbial pode ser literal ou quase literal, como por exemplo, “Com a saúde todo o cuidado é pouco”, “Sardinha de Abril, vê-la e deixá-la ir”; 4. Os provérbios normalmente transmitem sabedoria popular, uma suposta verdade, ou norma reguladora de comportamento, o que não se evidencia nas EI, sendo que estas são de carácter lexical e não são enunciados

completos<sup>11</sup>.

Se até agora observarmos a dificuldade na delimitação do provérbio e do idiomatismo, o desafio tornar-se-á maior ao incluirmos os provérbios e idiomatismos chineses, sendo que os mesmos denotam ainda algumas características específicas, verificando-se a discordância entre os estudiosos nas definições propostas para os provérbios e idiomatismos chineses.

## 2.2 Revisão das definições dos géneros do *shúyǔ* 熟语

Nesta subalínea, analisaremos as características dos diferentes géneros do *shúyǔ* - categoria geral que inclui as variadas expressões e frases fixas em chinês - a fim de encontrar as contrapartidas chinesas semelhantes ao provérbio e idiomatismo.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que, em relação ao conceito do *shúyǔ*, existem discussões sobre se é a categoria geral que abrange todos os géneros de expressões e frases fixas ou se é um dos géneros de expressões e frases fixas. No entanto, o primeiro parecer está a tornar-se cada vez mais reconhecido (Yao 1998, 39) e ecoado por muitos linguistas (cf. Ma 1978; Wu 1986; Hu 1981; Sun 1989; entre outros). Por isso, o presente trabalho parte também do mesmo ponto de vista.

Tendo em consideração que o *shúyǔ* é uma categoria geral, a outra polémica reside nas subcategorias que compreende. Exemplificamos a mesma através dos principais ramos de pareceres em causa:

Fonte	Subcategorias do <i>shúyǔ</i>					
Ma (1978, 80)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>			
Hu (1981, 293)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>	<i>guànyòngyǔ</i>	<i>géyán</i>	
Wu (1986, 174)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>	<i>guànyòngyǔ</i>		
Sun (1989, 5)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>	<i>guànyòngyǔ</i>	<i>géyán</i>	

<sup>11</sup> Parece-nos importante esclarecer que a anonímia ou anonimização não se constitui como fator diferenciador entre o provérbio e o idiomatismo. Na verdade, esta propriedade não foi colocada na delimitação idiomática, já que também não surge em nenhuma das definições apresentadas. Todavia, e como vimos, para alguns investigadores (cf. Russo 1983; Lopes 1992), a anonímia ou anonimização afigura-se como particularmente importante para a delimitação concetual de 'provérbio'. Portanto, a identidade autoral interessa de modo diferente nos dois casos, idiomatismo e provérbio, sendo menos relevante para o idiomatismo, já que este corresponde a um enunciado incompleto, ao passo que o provérbio possui uma natureza frásica, com uma visão particular acerca da realidade envolvente.

Shao (2002, 140)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>	<i>guànyòngyǔ</i>		
Xing e Wang (2003, 221)	<i>chéngyǔ</i>	<i>yànyǔ</i>	<i>xiēhòuyǔ</i>	<i>guànyòngyǔ</i>	<i>géyán</i>	<i>súyǔ</i>

Tabela 3: Categorização do *shúyǔ* do ponto de vista de diferentes estudiosos

Verifica-se que o *chéngyǔ* 成语, *xiēhòuyǔ* 歇后语 e *yànyǔ* 谚语 são os três géneros consensualmente aceites, como subcategorias do *shúyǔ*. Porém, os três restantes géneros, nomeadamente o *súyǔ* 俗语, levantam maiores pontos de divergência. O *súyǔ*, tal como o próprio carácter “*sú* 俗” (popular) indica, reside na sua linguagem popular. De acordo com o prestigiado linguista Wen Duanzheng (1989), os *súyǔ* são expressões ou frases simples, concisas e normalmente fixas que são criadas e transmitidas oralmente pelo povo. O *súyǔ*, desse modo, inclui *guànyòngyǔ*, *xiēhòuyǔ*, *yànyǔ* e os *chéngyǔ* coloquiais<sup>12</sup>. O ponto de vista de Wen faz consequentemente uma distinção entre o *súyǔ* e as expressões e frases fixas de linguagem escrita e erudita. Por isso, não se trata de uma subcategoria equivalente a outras subcategorias do *shúyǔ*. Relativamente ao *guànyòngyǔ* 惯用语 e ao *géyán* 格言, parece-nos que se devem incluir no *shúyǔ*, sendo a definição deste muito compreensiva - expressões e frases fixas numa língua (CH 2009, 2095), e o *guànyòngyǔ* e o *géyán* têm uma estrutura fixa, sobre a qual iremos abordar mais adiante. Em suma, a nosso ver, o *shúyǔ* tem as cinco subcategorias - *guànyòngyǔ*, *chéngyǔ*, *xiēhòuyǔ*, *yànyǔ* e *géyán*. Tendo delimitado o escopo, veremos estes géneros em detalhe, começando pelo *yànyǔ*.

### *Yànyǔ*

Segundo Tang, “o *yànyǔ* (...) consiste numa frase fixa e frequentemente veiculada oralmente pelo povo” (1981, 55).

Wang considera-o um dito veiculado oralmente pelo povo, derivado das experiências de vida popular e que tem diferentes funções, tais como educar, aconselhar e regular o comportamento dos indivíduos (1981, 8).

Para Wu e Ma (1983), o *yànyǔ* afigura-se como uma frase curta com rima e de linguagem simples, concisa e expressiva. Transmite-se oralmente pelo povo, expressando

<sup>12</sup> Existe discórdia entre os estudiosos em relação ao estilo de linguagem do *chéngyǔ*. Muitos (e.g. Wu Zhankun, 2007; Qi Yucun et al., 1993; Bin, Zhang, 2005; Chen Huaqin, 2007; Shao Jingmin, 2007; etc.) argumentam que o *chéngyǔ* tem um carácter erudito e escrito, enquanto há alguns (e.g. Wen Duanzheng, 1989) que distinguem o *chéngyǔ* em dois géneros: os eruditos bem como os usados frequentemente na oralidade.

as suas próprias experiências de vida.

Wen (1985) delimita o *yànyǔ* a uma forma linguística simples e concisa, transmitida oralmente pelo povo de geração em geração e que tem como objetivo comunicar o conhecimento e experiência.

Na perspectiva de Li e Ma (1985), sendo um dos géneros do *shúyǔ*, os *yànyǔ* são uma frase fixa popularmente veiculada que reflete verdades profundas, fruto das experiências do povo, como recurso a uma linguagem simples e concisa.

Xing e Wang (2003) delimitam o *yànyǔ* a uma frase fixa, simples e concisa cujo sentido se caracteriza como profundo. Veicula-se popularmente, sendo fruto do conhecimento sobre a natureza e a sociedade, bem como o resumo das experiências de vida do povo.

De acordo com Wang (2012), o *yànyǔ* define-se como frase fixa de carácter coloquial e concisa, que transmite as sabedorias populares e tem um valor educativo.

Apesar de haver algumas divergências, as definições supramencionadas apontam frequentemente as características seguintes:

- frase
- fixidez
- concisão
- linguagem coloquial
- origem popular
- experiências populares

Relativamente ao conteúdo do *yànyǔ*, embora a maioria das definições se limite ao aspeto de transmissão de experiências populares, alguns *yànyǔ* também têm o carácter regulador (Wang 1981), que consideramos um elemento importante para a caracterização do *yànyǔ*, na medida em que o conteúdo do *yànyǔ* é muito compreensivo (R. Zhang 1984, 78). O *yànyǔ* exprime uma determinada visão do mundo, inclusivamente norma de conduta, como é o caso dos dois exemplos retirados do *Dicionário Xinhua do Yànyǔ* (2016): “*nán dà xū hūn, nǚ dà xū jià* 男大须婚, 女大须嫁” (2016, 249) – Seja homem, seja mulher,

quando está crescendo, tem de casar; “*nán bù yǔ nǚ dòu* 男不与女斗” (2016, 248) – Um homem não briga nem combate com uma mulher.

Para além disso, a antiguidade é uma característica importante para o *yànyǔ*, que “se transmite oralmente pelo povo de geração em geração” (Wen 1985, 4) e é produto coletivo das práticas populares durante um longo prazo (Jiang e Wang 1985; Zhang 2004; Xie 2011; etc.)

### ***Guànyòngyǔ***

No que diz respeito ao *guànyòngyǔ*, Ma (1961) considera-o uma locução relativamente cristalizada cujo sentido não se pode decompor porque reside num sentido figurativo.

Segundo Wang, o *guànyòngyǔ* é uma unidade lexical constituída por três caracteres cuja linguagem é simples e coloquial (1990, 111).

Para Xing (1993, 232), o *guànyòngyǔ* consiste numa unidade lexical com estrutura relativamente fixa e sentido figurativo na linguagem oral. Normalmente tem três caracteres, havendo, no entanto, alguns com quatro caracteres e poucos com cinco caracteres.

O *Dicionário Enciclopédico do Chinês Moderno* (2003, 408) define o *guànyòngyǔ* como uma locução fixa de linguagem coloquial e expressiva, formada normalmente por três caracteres, que tem normalmente sentidos duplos – sentido literal e sentido estendido ou figurado.

O *Dicionário do Chinês Moderno* (2005, 506) considera que, sendo uma subcategoria do *shúyǔ*, o *guànyòngyǔ* é uma locução fixa normalmente de linguagem coloquial, cujo sentido é indecomponível. Indica também o dualismo do seu sentido, afirmando que se utiliza mais com o sentido figurado.

Segundo Shao (2002), trata-se de uma unidade lexical com sentido convencionalizado na linguagem oral. A maioria tem três caracteres e uma estrutura de verbo-objeto.

Pode verificar-se que as propriedades mais indicadas pelas delimitações são:

- unidade lexical
- fixidez
- coloquialidade
- sentido literal e sentido figurado
- normalmente com três caracteres

## *Chéngyǔ*

Em relação ao *chéngyǔ*, Ma (1978) sublinha as quatro características – cristalização, convencionalidade, bem como o seu carácter tradicional e nacional, e identifica também a forma de unidade lexical e a estrutura de quatro caracteres.

Segundo Shi (1979), o *chéngyǔ* é uma locução ou frase curta convencionalizada e fixa. O seu sentido não se compreende literalmente e funciona como uma palavra.

Hu, Gou e Deng (1990) ao reconhecerem que se trata de uma subcategoria do *shúyǔ*, definem o *chéngyǔ* como uma locução ou frase curta cristalizada cujo sentido não é decomponível. Geralmente, é constituído por quatro caracteres e funciona como uma palavra.

Liu (2000) aponta a convencionalidade e a fixidez do *chéngyǔ*. Para este linguista, o *chéngyǔ* é uma locução, mas não exclui os casos em que corresponde a uma frase curta.

O *Dicionário Xinhua* (2001, 121) considera-o uma subcategoria do *shúyǔ*, e delimita-o como uma locução fixa e concisa com sentido indecomposto. Normalmente é formada por quatro caracteres e funciona como uma palavra.

O *Dicionário Enciclopédico do Chinês Moderno* (2003, 135) descreve-o como uma subcategoria do *shúyǔ*, e que se trata de uma locução ou frase curta fixa, concisa e institucionalizada, constituída normalmente por quatro caracteres.

O *Dicionário do Chinês Moderno* (2005, 160) reconhece as mesmas propriedades indicadas acima, ao acrescentar que geralmente se pode identificar a sua origem. É possível interpretar literalmente alguns *chéngyǔ*; porém, alguns *chéngyǔ* são mais difíceis de compreender, sendo que é preciso ter o conhecimento da sua origem.

Para Zhang (2005, 255), o *chéngyǔ* é uma locução fixa convencionalizada de linguagem escrita. Afirma que uma definição mais holística entre as variadas definições feitas será: uma locução convencionalizada com sentido indecomposto, estrutura fixa e forma concisa.

Nota-se a heterogeneidade das definições acima mencionadas; porém, apesar disso, as propriedades mais convergentemente indicadas são:

- locução ou frase curta
- fixidez
- concisão

- sentido geral que não corresponde ao literal
- normalmente com quatro caracteres

Em relação ao primeiro aspeto, convém realçar que muitos *chéngyǔ* são, em si mesmos, uma frase curta, mas têm um sentido convencionalizado e usam-se normalmente enquanto uma unidade lexical, como por exemplo, “*fēng qǐ yún yǒng* 风起云涌” tem o sentido literal ‘os ventos e as nuvens surgem’ e o sentido idiomático ‘desenvolver rapidamente com muito vigor’. Além disso, também existem alguns *chéngyǔ* que são autossuficientes, ou seja, contêm em si todos os elementos que permitem descodificar o seu significado e usam-se enquanto uma frase completa, por exemplo, “*shù dǎo hú sūn sàn* 树倒猢猻散”, que significa “Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se”, consiste num enunciado completo e refere-se à circunstância de quando uma pessoa perde o poder, as pessoas que a bajulavam vão afastá-la.

Ter um sentido não literal não significa necessariamente um sentido indecomponível e totalmente opaco, o que já abordámos anteriormente respeitante ao idiomatismo (cf. 2.1). No caso de *chéngyǔ*, por exemplo, “*tǔ bēng wǎ jiě* 土崩瓦解” cuja interpretação geral é a destruição num sentido mais geral, é decomponível e deduzível de modo figurativo dos sentidos das partes individuais que significam “a terra desfaz-se e a telha colapsa”.

Uma outra questão por esclarecer é a diferença entre o *chéngyǔ* e o *guànyòngyǔ*, sendo que as características mais apontadas pelas definições não a evidenciam. Na linha de vários linguistas (Qi et al. 1993; Chen 2007; Shao 2002; etc.), as divergências entre os dois géneros demonstram-se principalmente em três factores: 1. O *chéngyǔ* tem uma linguagem escrita e erudita enquanto a linguagem do *guànyòngyǔ* é coloquial; 2. O *chéngyǔ* tem normalmente quatro caracteres enquanto o *guànyòngyǔ* tem, em geral, três caracteres; 3. A fixidez do *chéngyǔ* é mais restrita, em contrapartida, é possível, em alguns casos, inserir outras palavras num *guànyòngyǔ* sem se alterar o sentido. Segundo Zhang (2005), além dessas diferenças, o *chéngyǔ* tem uma fonte, enquanto que não é possível identificar a fonte do *guànyòngyǔ*. Fan afirma que os *chéngyǔ* “provêm, basicamente, de episódios históricos, geralmente da Antiguidade remota (...); de lendas e tradições (...); e de versos da poesia clássica (...). Ressalta, portanto, o seu carácter erudito” (1997, 5).

## ***Géyán***

Em relação ao *géyán*, Ning (1980) considera que o mesmo tem as índoles seguintes: primeiro, tem por objetivo dar um conselho ou advertência; segundo, na maior parte dos casos, pode identificar-se a origem; terceiro, o estilo de linguagem é, sobretudo, erudito e do chinês antigo, embora também existam alguns de carácter oral.

Na ótica de Yao, o *géyán* é uma frase concisa aconselhadora da autoria de um famoso (1998, 40).

Ao comparar com o *yànyǔ*, Zhang (1984) afirma que o conteúdo do *géyán* se concentra na advertência sobre a nossa conduta, enquanto no *yànyǔ* se fala de todos os aspetos dos fenómenos naturais e da vida social. O *yànyǔ* é criado pelo povo e possui uma linguagem coloquial, mas o *géyán* corresponde a palavras de uma pessoa influente e tem, essencialmente, um registo escrito. Pela transmissão oral, a estabilidade do *yànyǔ* pode afigurar-se mais baixa em comparação com o *géyán*, sendo este da autoria de uma pessoa famosa e fixo na linguagem escrita.

Para Song e Wang (1957), a heterogeneidade entre os dois géneros reside em dois aspetos: primeiro, o estilo de linguagem do *yànyǔ* afigura-se oral, enquanto o do *géyán* é escrito; segundo, o *yànyǔ* advém das experiências de vida do povo, mas o *géyán* tem como fonte uma obra escrita.

Registe-se que as delimitações do *géyán* são mais ou menos consensuais, e apontam nomeadamente as características seguintes:

- função reguladora e aconselhadora
- registo escrito
- autoria identificável

## ***Xiēhòuyǔ***

No que diz respeito ao *xiēhòuyǔ*, Hu, Gou e Deng (1990) afirmam que o mesmo se constitui como uma subcategoria do *shúyǔ*, e que é composta por duas partes, sendo a primeira semelhante a um enigma e a segunda como a resposta a esse mesmo enigma. Além disso, realça a sua origem popular.

Ao apontar as mesmas características, Wen (2000) acrescenta também a fixidez relativa

e a linguagem coloquial do *xiēhòuyǔ*.

De modo idêntico, o *Dicionário do Chinês Moderno* (2005, 1391) menciona a composição dupla do *xiēhòuyǔ*, afirmando que o sentido verdadeiro se revela na segunda parte.

Segundo Wang (1981), o *xiēhòuyǔ* forma-se por duas partes, sendo a primeira sobretudo figurativa e a segunda que explica o seu sentido conotativo. O autor refere também a origem popular e o registo oral.

Pode verificar-se que a definição do *xiēhòuyǔ* também é mais ou menos unânime, para a qual as índoles seguintes são mais importantes:

- composição por duas partes: tema-explicação
- coloquialidade
- popularidade

É de realçar que, em virtude da sua estrutura especial, é considerado um género exclusivo da língua chinesa (Ma e Gao 1983, 30).

Sendo que já esclarecemos as propriedades dos diferentes géneros do *shúyǔ*, a tarefa seguinte é encontrar os pontos comuns das expressões portuguesas e chinesas, a fim de delimitar o escopo da comparação e propor a definição do provérbio e da EI para o nosso trabalho.

### **2.3 Proposta da definição dos conceitos proverbial e idiomático**

Pelo que já analisamos, verifica-se que os idiomatismos e provérbios portugueses e chineses apresentam características diferentes. Ainda assim, a nosso ver, o provérbio é semelhante ao *yànyǔ* e o idiomatismo corresponde em larga medida ao *chéngyǔ* e ao *guànyòngyǔ*. Com efeito, este modo de equivalência é reconhecido por vários estudiosos (*Dicionário Moderno Chinês-Inglês* 2001; *Dicionário Moderno Inglês-Chinês* 2002; *Dicionário Chinês-Inglês da Nova Era* 2001; *Dicionário Completo das Locuções Idiomáticas Inglês-Chinês* 1996; Jiao, Kubler e Zhang 2011; Mascarenhas 1999; entre

outros), e por esse motivo, partiremos no presente trabalho dessa forma da equivalência entre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses.

Com base nesta delimitação, as definições proverbial e idiomática para a presente tese focam as convergências desses géneros nas duas línguas. O provérbio define-se como uma frase concisa, relativamente fixa, normalmente anónima e vinda da tradição, que comunica uma determinada visão do mundo e transmite, sobretudo, experiências populares. O idiomatismo é, no nosso entendimento, uma locução relativamente cristalizada cuja interpretação geral não corresponde à literal.

Tendo estabelecido os conceitos de provérbio e de idiomatismo, o próximo capítulo terá por objetivo alegar as razões pelas quais se adota a perspectiva da linguística cognitiva para a observação dos provérbios e idiomatismos na presente tese.



## **Capítulo III Enquadramento teórico da metáfora e da metonímia e sua relação com os provérbios e idiomatismos dos animais**

### **Observações Gerais**

No início dos anos 80 do século XX, George Lakoff e Mark Johnson advogaram, pela primeira vez, de forma sistemática, na sua obra *Metaphor We Live By* (1980), que a metáfora e a metonímia se afiguram como ferramentas cognitivas que são usadas na representação da experiência humana. Nesta linha, foi postulado que os provérbios e idiomatismos também são um produto cognitivo da representação do mundo e da cultura (Lakoff e Kövecses 1987; Gibbs 1994a; Kövecses e Szabó 1996; Gibbs e Beitel 1995; etc.). Assim sendo, estes autores sublinham a sua natureza conceptual e não meramente linguística dos provérbios e idiomatismos, dado que muitos são construídos metaforicamente tendo por base aspetos culturais inerentes ao conhecimento do mundo.

O presente capítulo versa, em primeiro lugar, a natureza conceptual da metáfora e da metonímia, assinalando as motivações experienciais destas duas ferramentas. Tendo em

vista que as metáforas e metonímias se baseiam nas experiências humanas corporais, ecológicas e culturais de todo o tipo, infere-se naturalmente que as metáforas e metonímias têm uma ligação estreita com a cultura, refletindo as dimensões culturais das comunidades linguísticas.

Em segundo lugar, sublinharemos as perspectivas da linguística cognitiva no que diz respeito aos provérbios e idiomatismos, postulando o seu cariz conceptual e sua relação com a cultura com base na revisão de variados estudos em causa. Assim, esclareceremos as razões pelas quais se adota a perspectiva da linguística cognitiva para a observação dos provérbios e idiomatismos na presente tese.

Em terceiro lugar, remeteremos para os provérbios e idiomatismos com animais. Segundo Kövecses, os animais constituem um domínio-fonte extremamente produtivo para a conceptualização metafórica. Por excelência, os seres humanos são compreendidos em termos de propriedades (assumidas) dos animais (2010, 19). Isso demonstra-se manifestamente nos idiomatismos e provérbios, o que se irá descortinar no presente capítulo. Espelharemos as características das metáforas conceptuais de animais de acordo com a linguística cognitiva, sendo uma referência fundamental para a presente tese. Por fim, reveremos os estudos principais a respeito dos provérbios e idiomatismos com animais à luz da linguística cognitiva, dando ênfase ao estado da arte do estudo contrastivo português/chinês em questão.

### **3.1 Metáfora e metonímia à luz da linguística cognitiva**

#### **3.1.1 A natureza conceptual da metáfora e metonímia**

Sob a ótica da linguística cognitiva, a língua permite aceder à cognição, fornecendo informações sobre a natureza, estrutura e organização de pensamentos e ideias. Nesse sentido, analisar uma língua é refletir sobre modelos de conceptualização do mundo (Evans e Green 2006, 5).

Ao abordar a questão da conceptualização linguística, Kövecses (2006, 8) associa a

língua ao processo de conceptualização. A língua consiste num conjunto de signos linguísticos que têm uma forma e um significado, indissociáveis entre si (Kövecses 2010, 742). Refere-se que as relações internas de significante/significado, bem como as interrelações entre signos, por si só, não conseguem explicar cabalmente as línguas em toda a sua dimensão (Evans e Green 2006, 7), uma vez que uma determinada forma está ligada a uma determinada representação mental denominada conceito na sua aplicação contextual a uma determinada referência. Além do mais, o significado é construído a nível conceptual sob a forma de processo dinâmico (ibid., 162). A língua não se refere a uma realidade objetiva, mas a conceitos que a representam: os significados convencionais associados a palavras e outras unidades linguísticas são vistos como relacionados com pensamentos e ideias que se encontram em relação direta com as dimensões culturais e sociais vigentes (ibid., 172). Deste modo, a linguística cognitiva investiga o sistema conceptual humano, refletido no uso linguístico que se encontra em estreita articulação com a dimensão social e cultural.

Segundo Lakoff e Johnson, a metáfora é perspectivada não como uma mera questão linguística, mas uma forma de pensamento e de ação ([1980] 2003, 3), sendo que tal fica evidenciado na definição de metáfora, a saber: “A essência da metáfora é entender e experimentar algo à luz de outro algo” (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 5). Na óptica de ambos os autores (ibid.), a metáfora consiste na compreensão de um domínio-alvo à luz de um domínio-fonte. Em geral, o domínio-fonte é um domínio cognitivo mais concreto, enquanto o domínio-alvo se afigura mais abstracto. Logo, o domínio-fonte é uma janela de acesso à compreensão do domínio-alvo quer em textos escritos ou na comunicação oral.

Registe-se que o conceito de domínio cognitivo se inspira na noção fillmoreana de *frame*, que é uma representação mental estruturada de uma área da experiência humana (Fillmore 1976, 25; Evans e Green 2006, 211). O conceito assume uma variada sinonímia proposta por diferentes ramos da ciência cognitiva, tais como modelo cultural, modelo cognitivo e modelo cognitivo idealizado (Kövecses 2006, 64).

Na senda de teóricos percussores ou integrantes do paradigma cognitivo (e.g. Fillmore 1976; Langacker 1987; Kövecses 2006; Evans e Green 2006; etc.), as representações com significado são inseparáveis dos domínios cognitivos que integram. Na linha de Fillmore,

“o processo de compreensão de uma palavra exige que invoquemos as nossas memórias de experiências - selecionadas, filtradas e generalizadas - através das quais já apreendemos as palavras nas suas funções de rotulagem e descrição” (1976, 27). Parte-se, assim, do postulado de que o significado de uma determinada palavra ou construção gramatical é indissociável do *frame* que representa um certo episódio experiencial, ou seja, não pode ser entendido independentemente do domínio cognitivo ao qual está associada.

(...) semantic structure (the meaning associated with linguistic units like words) provides access to a large inventory of structured knowledge (the conceptual system). According to this view, word meaning cannot be understood independently of the vast repository of **encyclopaedic knowledge** to which it is linked (Evans e Green 2006, 206).

A metáfora, cuja construção e significação se produz mediante mapeamento entre dois domínios cognitivos diferentes, entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, é desse modo conceptual na essência, e não apenas do foro meramente linguístico. Convém, porém, sublinhar que o mapeamento é uma projeção conceptual parcial entre elementos do domínio-fonte e elementos do domínio-alvo (Lakoff e Johnson [1980] 2003; Lakoff 1987).

Adotando os postulados sobre a metáfora conceptual de Lakoff e Johnson, Kövecses resume o conceito de mapeamento conceptual de maneira seguinte:

(...) there is a set of systematic correspondences between the source and the target in the sense that constituent conceptual elements of B correspond to constituent elements of A. Technically, these conceptual correspondences are often referred to as mappings (2010, 7).

Recorremos à figura 1, bem como ao exemplo na figura 2 retirado de Kövecses (ibid., 9), tendo por base a definição de mapeamento conceptual de Lakoff e Johnson para esclarecer o mesmo.

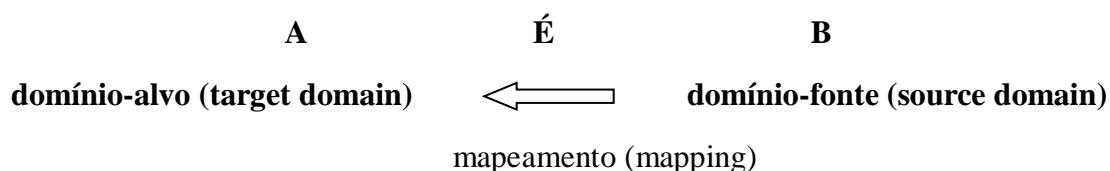


Figura 1: mapeamento da metáfora conceptual

Exemplo: O AMOR É UMA VIAGEM

<i>Source: JOURNEY</i>		<i>Target: LOVE</i>
the travelers	⇒	the lovers
the vehicle	⇒	the love relationship itself
the journey	⇒	events in the relationship
the distance covered	⇒	the progress made
the obstacles encountered	⇒	the difficulties experienced
decisions about which way to go	⇒	choices about what to do
the destination of the journey	⇒	the goal(s) of the relationship

Figura 2 (cf. Kövecses 2010, 9): mapeamento da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM

Tendo por base os mapeamentos acima, são construídas as seguintes expressões metafóricas: “The relationship is foundering” (A relação está a afundar-se), “We’re at a crossroads” (Estamos numa encruzilhada), “We aren’t going anywhere” (Não vamos a lugar nenhum) para se descrever uma relação amorosa concebida à luz da experiência física de uma viagem (ibid., 8). Em chinês também existe a mesma metáfora, por exemplo, “Àiqíng de lù hěn cháng 爱情的路很长” (O caminho do amor é muito longo), “Àiqíng de shízìlùkǒu 爱情的十字路口” (encruzilhada no amor).

Se considerarmos a essência da metáfora conceptual, verificamos que o mapeamento conceptual é de importância capital, na medida em que sanciona a projecção conceptual de elementos do domínio-fonte, associados a processos de inferência para elementos do domínio-alvo (Lakoff 1993, 208). Os teóricos da metáfora costumam usar o termo “metáfora” para se referir ao mapeamento conceptual e o termo “expressão metafórica” para se referir a uma expressão linguística individual que é sancionada por um mapeamento conceptual (ibid., 209). A sistematicidade do processo metafórico permite-nos analisar as expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e,

desta forma, adquirir uma compreensão acerca da natureza metafórica das nossas ações quotidianas (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 7).

Pararelamente à metáfora, a metonímia não é meramente um fenómeno linguístico, mas antes uma ferramenta conceptual de representação da experiência humana. Na ótica de Panther e Thornburg, a metonímia é tradicionalmente considerada uma figura da fala que, desde a antiguidade, figura em manuais retóricos como um dispositivo estilístico de menor importância. No entanto, a metonímia é, de facto, um fenómeno cognitivo recorrente com impacto considerável no uso e estrutura das línguas (2003a, 5). Enquanto uma ferramenta conceptual, a metonímia, contudo, tem uma natureza diversa da metáfora, uma vez que estabelece uma relação entre duas entidades no seio do mesmo domínio cognitivo. Para Barcelona (2018, 44), a metonímia é um mapeamento assimétrico do domínio-fonte para o domínio-alvo que se encontram no mesmo *frame* e estão ligados por uma função pragmática, de modo que o alvo é mentalmente ativado. Já segundo Kövecses e Radden, a metonímia é um processo cognitivo em que uma entidade conceptual – o veículo, proporciona o acesso mental a outra entidade conceptual – o alvo, no seio do mesmo domínio cognitivo (1998, 39), sendo representada pela fórmula “B Por A” em que o B é o veículo e o A o alvo, em vez da “A É B” que representa a metáfora. Por exemplo, em chinês a “*báigōng* 白宮 (Casa Branca)” representa frequentemente o governo americano. Comparativamente ao alvo, o veículo é mais fácil de entender, mais fácil de lembrar, mais fácil de reconhecer, ou mais imediatamente útil (Lakoff 1987, 84). Segundo Langacker (1993, 30), referimos uma entidade mais saliente no plano perceptivo para evocar outra entidade com menos saliência perceptiva, sendo que há vários tipos de fatores que podem tornar uma entidade mais saliente, conforme abaixo.

Various kinds of factors can make an entity sufficiently salient to serve as a metonymic reference point. (...) Other things being equal, various principles of relative salience generally hold: human > non-human; whole > part; concrete > abstract; visible > non-visible; etc (ibid.).

Deste excerto se depreende que, de acordo com Lakoff e Johnson, os conceitos

metonímicos são sistemáticos, ou seja, não são ocorrências aleatórias ou arbitrárias ([1980] 2003, 37). Dado que as metonímias são conceptuais por natureza, figuram em expressões metonímicas que frequentemente são convencionalizadas.

Segundo Kövecses e Radden, um domínio cognitivo pode ser visto como um todo constituído por partes. Mais especificamente, as entidades conceptuais, ou elementos, são as partes que constituem o domínio cognitivo que é o todo. Assim, a metonímia pode assumir duas formas: 1) um todo que representa uma parte ou uma parte que representa um todo; 2) uma parte que representa uma outra parte (1998, 49). Por exemplo, “*Tā dǎ le wǒ* 他打了我” (Ele bateu-me) em que a pessoa representa a parte corporal que foi alvo de pancada; “*Wǒ xǐhuān fāngāo* 我喜欢凡高” (Gosto de Van Gogh) em que o pintor representa as suas obras.

Na linha de Kövecses (2010, 174-177), a metáfora e a metonímia diferem principalmente em três aspetos no que diz respeito às funções cognitivas. Em primeiro lugar, enquanto se recorre à metáfora conceptual para ativar a compreensão de um domínio cognitivo à luz de outro, o papel principal da metonímia reside em dirigir a atenção, ou seja, proporcionar o acesso mental a um outro elemento menos facilmente perceptível. Em segundo lugar, a construção da metáfora envolve dois domínios cognitivos, ao passo que a construção da metonímia é consubstanciada no seio do mesmo domínio cognitivo. Em terceiro lugar, as bases de construção de ambos os processos cognitivos são distintas. O mapeamento entre os dois domínios cognitivos na metáfora baseia-se sobretudo em semelhanças percecionáveis (Iremos abordar este assunto na sublínea seguinte – 3.1.2), ao passo que a motivação cognitiva inerente à metonímia reside na contiguidade entre entidades ou entre uma entidade e o seu todo, que integram o mesmo domínio cognitivo.

Apesar de possuírem naturezas distintas, a metáfora e a metonímia encontram-se articuladas em diversas construções. Muitos linguistas advogam que a metonímia é possivelmente uma operação mais fundamental para o sistema conceptual humano do que a metáfora, mas, por outro lado, apontam que a própria metáfora tem uma base metonímica (Evans e Green 2006, 311). Goossens (1990, 2002) designa o fenómeno da interceção entre a metáfora e a metonímia de “metaftonímia (metaphtonymy)” (1990, 323). Goossens (2002) afirma que embora, em princípio, a metáfora e a metonímia sejam processos cognitivos

distintos, não se afiguram mutuamente exclusivos em todas as instâncias (2002, 350), pelo que categoriza a interceção destas duas ferramentas cognitivas em quatro tipos: 1) metáfora surgida da metonímia, em que uma metáfora é fundamentada na sua origem metonímica; 2) metonímia no seio da metáfora, em que uma metonímia existe a par da construção metafórica; 3) desmetonimização no seio da metáfora, em que é preciso desconstruir a metonímia para construir a metáfora; 4) metáfora no seio da metonímia, em que uma metáfora existe a par da construção metonímica.

Resumindo, a metáfora e a metonímia são consideradas pelos linguistas cognitivos como processos conceptuais que operam na estruturação do sistema conceptual humano.

### **3.1.2 Bases experienciais da metáfora e metonímia**

A nossa experiência corporal do mundo exterior e da nossa relação com esse mundo exerce um papel fundamental na cognição humana, segundo o que é postulado pela linguística cognitiva. O carácter “cognitivo” da mesma centra-se no facto de que esta abordagem procura revelar a ligação entre a cognição humana e a representação linguística.

O conceito de “corporização” postula que a nossa estrutura e experiência corporais desempenham um papel fundamental na configuração do nosso sistema conceptual, constitui um dos pilares fundamentais da linguística cognitiva.

A nossa experiência é corporizada – isto é, estruturada em parte pela natureza dos nossos corpos e pela nossa organização neurológica (Evans e Green 2006, 46). A corporização da experiência radica em dois aspetos, a saber, na natureza da nossa experiência que é subjacente à natureza do nosso corpo físico, e também no meio ambiente com o qual interagimos fisicamente.

The idea that experience is embodied entails that we have a species-specific view of the world due to the unique nature of our physical bodies. In other words, our construal of reality is likely to be mediated in large measure by the nature of our bodies.

(...)

Similarly, the nature of our biological morphology (the kinds of body parts we have), together with the nature of the physical environment with which we interact, determines other aspects of our experience (ibid., 45).

Logo, a experiência corporizada reflete-se necessariamente na cognição humana. Segundo Mark Johnson, “O que experienciamos e a relevância dessa experiência para nós, a forma como entendemos essa experiência e a forma como raciocinamos a respeito disso estão integralmente ligados ao nosso corpo” (1989, 109). Deste modo, a experiência ancorada na corporização, constitui a base da nossa língua e da nossa conceptualização (Gibbs 2005).

People’s subjective, felt experiences of their bodies in action provide part of the fundamental grounding for language and thought. Cognition is what occurs when the body engages the physical, cultural world and must be studied in terms of the dynamical interactions between people and the environment. Human language and thought emerge from recurring patterns of embodied activity that constrain ongoing intelligent behavior (...) we must (...) seek out the gross and detailed ways that language and thought are inextricably shaped by embodied action (2005, 9).

Para Johnson (1987, 102), experienciamos o nosso mundo como uma realidade complexa a vários níveis, sendo que o nosso entendimento é o nosso modo de “estar no mundo”, i.e., estamos situados no nosso mundo através das nossas interações corporais, instituições culturais, tradição linguística e contexto histórico.

A experiência corporizada manifesta-se ao nível cognitivo, em parte, por ligação aos esquemas imagéticos (Johnson 1987; Gibbs, Lima e Francozo 2004). Estes emergem da experiência pré-conceptual humana: experiência do mundo diretamente mediada e estruturada pelo corpo humano. Registe-se que o termo “imagem” se reporta à experiência sensorial, porque decorre de mecanismos sensoriais-percetivos que englobam, mas não estão limitados ao sistema visual. Já o termo “esquema” indica que os esquemas imagéticos

não são conceitos ricos e detalhados, em vez disso, são padrões abstratos da experiência que se reportam a casos repetidos de experiências corporizadas (Evans e Green, 178-179).

(...) image schemas are concepts, but of a special kind: they are the foundations of the conceptual system, because they are the first concepts to emerge in the human mind, and precisely because they relate to sensory-perceptual experience, they are particularly schematic (ibid., 180).

Assim sendo, os esquemas imagéticos são padrões abstratos da experiência decorrentes da experiência corporizada, sendo que representam uma das maneiras pelas quais a experiência corporal dá origem a conceitos significativos (ibid., 158). Os referidos padrões podem ser sistematicamente usados para conceber conceitos mais abstratos construídos metaforicamente (Lakoff 1990). Os linguistas cognitivos (e.g. Lakoff 1990; Johnson 1987; Gibbs 1996; etc.) postulam que os domínios-fonte de muitas metáforas conceptuais são constituídos por esquemas imagéticos que são orientados para a estruturação dos domínios cognitivos mais abstratos. Segundo Gibbs (1996, 316), os esquemas imagéticos abarcam uma ampla gama de dimensões experienciais, têm estrutura interna e contribuem para a nossa compreensão de domínios semânticos mais abstratos. A importância dos esquemas imagéticos reside no facto de que constituem uma base concreta de alguns mapeamentos metafóricos (Evans e Green 2006, 190). Nesta linha, se os esquemas imagéticos emergem da experiência corporal, então as metáforas conceptuais também estão ancoradas nas vivências físicas do ser humano.

Além disso, relembremos que o domínio cognitivo é uma representação mental estruturada de uma área da experiência humana, sendo que o significado é indissociável deste repositório da experiência física, social e cultural, pelo que experiências diversificadas dão origem a um leque variado de realizações metafóras.

Lakoff e Johnson ([1980] 2003) analisaram a dimensão experiencial dos diferentes géneros da metáfora conceptual: metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais, discernidas de acordo com as funções cognitivas.

As metáforas orientacionais, tal como a designação indica, reportam-se a dimensões de

orientação espacial básicas, tais como, CIMA-BAIXO, DENTRO-FORA, FRENTE-ATRÁS, PERTO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, etc. A estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa experiência espacial constante, i.e, a nossa interação com o ambiente físico (ibid., 56-57). Efetivamente, a “experiência humana básica que leva à conceptualização das relações espaciais em literalmente centenas de línguas é o próprio corpo humano” (Kövecses 2005, 79). Por exemplo, “*Tā jīntiān hěn dīluò* 他今天很低落” (Ele está muito em baixo hoje) contém a metáfora TRISTEZA É PARA BAIXO; “*Liǎng jiā guānxì hěn jìn* 两家关系很近” (As duas famílias têm uma relação próxima) contém a metáfora APEGO É PROXIMIDADE FÍSICA; “*Dāng jú zhě mí, páng guān zhě qīng* 当局者迷, 旁观者清” (Quem está dentro de um assunto fica confuso, quem está ao lado para o observar vê claramente) contém a metáfora ESTAR CONFUSO É ESTAR DENTRO e ESTAR LÚCIDO É ESTAR FORA.

As metáforas ontológicas têm por domínios-fonte OBJETO, SUBSTÂNCIA ou CONTENTOR. Estes não fornecem uma interpretação detalhada aos domínios-alvo, mas sim uma base concreta, permitindo, assim, agregar algumas propriedades dos domínios-fonte para tornar a nossa compreensão dos domínios-alvo mais concreta.

(...) we conceive of our experiences in terms of objects, substances, and containers, in general, without specifying exactly what kind of object, substance, or container is meant. It is (...) a cognitively important job to assign a basic status in terms of objects, substances, and the like to many of our experiences. The kinds of experiences that require this the most are those that are not clearly delineated, vague, or abstract. For example, we do not really know what the mind is, but we conceive of it as an object (...) This way we can attempt to understand more about it (Kövecses 2010, 38).

Na ótica de Lakoff e Johnson, os conceitos OBJETO, SUBSTÂNCIA e CONTENTOR surgem das nossas experiências diretas:

(...) the concepts OBJECT, SUBSTANCE, and CONTAINER emerge directly. We

experience ourselves as entities, separate from the rest of the world—as containers with an inside and an outside. We also experience things external to us as entities—often also as containers with insides and outsides. We experience ourselves as being made up of substances—e.g., flesh and bone—and external objects as being made up of various kinds of substances—wood, stone, metal, etc. We experience many things, through sight and touch, as having distinct boundaries, and, when things have no distinct boundaries, we often project boundaries upon them—conceptualizing them as entities and often as containers (for example, forests, clearings, clouds, etc.) ([1980] 2003, 58).

Estes conceitos emergem das nossas experiências do cotidiano, servindo de base concreta a outros domínios mais abstratos no mapeamento metafórico, por exemplo, O CAMPO VISUAL É UM CONTENTOR, O TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, entre outros, como por exemplo, “*zài shìyě lǐ* 在视野里” (dentro do campo visual), “*rìqī línjìn* 日期临近” (A data está a aproximar-se).

As metáforas estruturais têm a função cognitiva de permitirem entender o domínio-alvo dos mapeamentos metafóricos à luz da estrutura do domínio-fonte. O mapeamento da metáfora estrutural não só explica o sentido das expressões metafóricas particulares, mas também fornece uma estrutura claramente delineada do domínio-alvo. Este tipo de metáforas contém elementos para mapeamento relativamente abundantes, pelo que proporciona uma interpretação concreta dos conceitos abstratos (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 61). Todavia, a correlação experiencial das metáforas estruturais pode não ser tão evidente como a das metáforas orientacionais e ontológicas.

Ao propor uma distinção entre dois tipos de metáfora: a metáfora primária e a metáfora complexa (que também foi designada de “composta”), Grady (1997) delineia o fundamento experiencial das metáforas estruturais. O primeiro tipo emerge diretamente de correlações em experiências, como é o caso de MAIS É PARA CIMA, que surge da nossa experiência e percepção sobre quantidade e verticalidade. O segundo tipo é composto por diversas metáforas primárias, como por exemplo, TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS que decorre de duas metáforas primárias – ESTRUTURA LÓGICA É ESTRUTURA FÍSICA e PERSISTIR É

PERMANECER ERETO. Tendo em conta a base experiencial da metáfora primária, pode inferir-se naturalmente que a metáfora complexa também tem por fundo uma base experiencial. Este tipo de caracterização pressupõe que todas as metáforas têm uma ancoragem experiencial, incluindo os casos de metáforas estruturais enquanto metáforas complexas.

Ainda em relação às bases experienciais da metáfora, Lakoff e Johnson ([1980] 2003) apontam divergências entre a linguística cognitiva e as visões tradicionais acerca da motivação metafórica. Segundo as visões tradicionais, a metáfora tem por base a semelhança preexistente entre duas entidades. Já a linguística cognitiva, pelo contrário, advoga que a metáfora não se baseia fundamentalmente numa semelhança preexistente, mas que se estabelece num contexto particular, tendo por base a percepção de semelhanças ([1980] 2003, 150). Estas são elencadas por Kövecses (2010) como sendo estabelecidas a partir de correlações experienciais, semelhanças estruturais entre elementos ou entidades, semelhanças estruturais induzidas por metáforas básicas ou factores culturais ou biológicos do domínio-fonte que motivam o domínio-alvo:

(...) the cognitive linguistic view maintains that the selection of source domains depends on human factors that reflect nonobjective, nonliteral, and nonpreexisting similarities between a source and a target domain. These are called the “experiential bases” or “motivation” of conceptual metaphors. Some of the common kinds of such similarities are (1) correlations in experience, (2) perceived structural similarity, (3) perceived structural similarity induced by basic metaphors, and (4) source being the root of the target. In this last case, the source may be either the biological or the cultural root of the target (2010, 88).

Em relação às correlações experienciais, Kövecses toma como exemplo a metáfora MAIS É PARA CIMA. Esta emerge da correlação entre a quantidade e a verticalidade que nos permitem compreender algumas experiências humanas (2010, 80). Por exemplo, “*Běijīng zūfáng jiàgé shàngzhǎng* 北京租房价格上涨” (A renda subiu em Pequim).

Em vez de se basear numa semelhança preexistente entre elementos ou entidades, a

metáfora gera ela própria semelhanças subjetivas, que são designadas pelos linguistas cognitivos como similitudes estruturais percebidas. Kövecses utiliza o exemplo A VIDA É UM JOGO para explicar esta relação de motivação:

People perceive certain similarities between life and gambling games, but these are not objective and preexisting similarities between them. The similarities arise as a result of metaphorically conceiving of life as a gambling game. We view our actions in life as gambles and the consequences of those actions as either winning or losing. Actions in life and their consequences are not inherently gamblelike. In life, an action simply has some consequences, but we can conceive of the relationship between the action and its consequences in terms of a gambling situation, in which a gamble (corresponding to an action in life) results in winning or losing (corresponding to the consequence of the action). We see a similarity between the relationship of gambles and winning or losing and life's actions and their consequences. When we see a similarity between the structure of one domain and that of another, we have cases where there is a perceived structural similarity in the conceptual metaphor (ibid., 82).

É de realçar que o ser humano, ao gerar a metáfora A VIDA É UM JOGO, como por exemplo, “*Rénshēng zuìhǎo de dǔzhù shì zìjǐ* 人生最好的赌注是自己” (A melhor aposta na vida somos nós próprios), tendo por base uma série de mapeamentos, recorre ao conceito de jogo para interpretar e compreender o que se entende por vida.

Às vezes, as semelhanças estruturais percebidas são menos visíveis, sendo que algumas metáforas são complexas, dado que provêm de metáforas primárias, como por exemplo, IDEIAS SÃO COMIDA, que é uma metáfora complexa com base em três metáforas ontológicas: A MENTE É UM CONTENTOR, IDEIAS SÃO OBJETOS e COMUNICAÇÃO É O ENVIO DE IDEIAS DE UMA MENTE/CONTENTOR PARA OUTRA MENTE/CONTENTOR. É um facto que o processo envolve também alguns conhecimentos não metafóricos relativamente ao nosso corpo, tais como, o corpo é um contentor, comprovável pelo facto de ingerirmos alimentos de fora para dentro do corpo

(ibid., 83-84). Não podemos deixar de invocar o papel do processo inferencial na construção metafórica, uma vez que existem aspetos do domínio-fonte que não estão explicitamente indicados nos mapeamentos, mas que podem ser inferidos a partir dos mesmos. Em suma, os mapeamentos metafóricos transportam consigo um conjunto de vinculações ou inferências sem as quais o significado não poderia ser entendido devidamente.

A outra base experiencial da metáfora é a relação próxima entre o domínio-fonte e o domínio-alvo de tipo biológico ou cultural que engloba questões ou factos históricos. Nas metáforas O AMOR É UM ELO DE LIGAÇÃO, O AMOR É UMA UNIDADE (de duas partes indivisíveis), AFECTO É INTIMIDADE, é a experiência física e social que está plasmada nos domínios-fonte das metáforas de amor (Kövecses 2010, 84-85). Por exemplo, “*Tāmen guānxì gèng jìn le* 他们关系更近了” (A relação deles ficou mais próxima), “*Rèn hé kùnnán dōu bùnéng jiāng wǒmen fēnkāi*” 任何困难都不能将我们分开 (Seja qual for o impedimento, nada nos poderá separar).

Relativamente às questões culturais de índole histórica, invoquemos as representações metafóricas da área do desporto. De facto, concebemos metaforicamente o DESPORTO em termos de GUERRA devido ao facto de muitas modalidades desportivas terem surgido no plano histórico da luta e da guerra. Assim sendo muitas metáforas termibológicas e conceptuais na área do desporto radicam no domínio-fonte da GUERRA (Almeida et al. 2013, 85), por exemplo, “*Jiàoliàn tiáozhěng le zhànshù* 教练调整了战术” (O treinador mudou da tática).

Pelo que já abordamos anteriormente, registre-se que muitos linguistas cognitivos assinalam, de forma enfática, a base experiencial da metáfora conceptual. De modo semelhante, a metonímia também é fundamentada na nossa experiência do mundo. De facto, o fundamento dos conceitos metonímicos é, em geral, mais óbvio do que o caso dos conceitos metafóricos, uma vez que geralmente envolve associações mentais físicas ou causais mais diretamente comprováveis (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 39). Por exemplo, a nossa experiência com objetos físicos serve de base à metonímia, sendo que os conceitos metonímicos emergem de correlações na nossa experiência entre duas entidades físicas (e.x., PARTE PARA TODO, OBJETO PARA UTILIZADOR, etc.) ou entre uma entidade

física e algo metaforicamente conceptualizado como uma entidade física (e.x., O LUGAR PARA O EVENTO, A INSTITUIÇÃO PARA O RESPONSÁVEL) (ibid., 59). Segundo Radden e Kövecses, uma entidade concreta possui uma saliência maior do que uma relativamente abstrata, porque a nossa experiência humana radica fundamentalmente em objetos concretos (1999, 45). Além disso, este conjunto de autores, ao abordar os princípios cognitivos que regem a seleção do veículo preferencial da metonímia, sublinham o primado da experiência humana (ibid.).

Our basic human experiences are derived from our anthropocentric view of the world and our interaction in the world. In this world, humans take precedence over non-humans, things are looked at from a subjective rather than objective point of view, concrete objects are more salient than abstract entities, things we interact with are selected over things we do not interact with, and functional things are more important to us than things which are nonfunctional (ibid.).

Em suma, a corporização dessa experiência humana é fulcral para a nossa cognição. A metáfora e a metonímia enquanto mecanismos cognitivos diferentes, mas compatíveis estão alicerçados na motivação experiencial. Por conseguinte, podemos aceder à dimensão cognitiva de uma cultura mediante análise das experiências culturais plasmadas nos *frames* linguísticos.

### **3.1.3 Metáfora, metonímia e cultura**

Ao sublinhar a importância da experiência na cognição do ser humano, relembremos um conceito importante na linguística cognitiva – o de domínio cognitivo. Este afigura-se central para se estabelecer uma relação entre a linguagem e a cultura, sendo que em ambas vigoram constelações de significados (Geertz 1973, 5), organizados em domínios cognitivos. Na base destes constroem-se metáforas e metonímias que abstractamente poderemos organizar num contínuo, com diferentes graus de convencionalização: as metáforas e metonímias convencionalizadas num extremo do contínuo diferem das

metáforas e metonímias criativas, construídas em contextos artísticos. Relativamente a estas construções criativas, sublinhe-se que decorrem do facto de termos uma “mente artística” que, através de processos de integração conceptual, fundamentalmente na base de processos de compressão espaço-tempo, concebe imagens linguísticas e produtos artísticos criativos (Turner 2006).

Pelo que já foi dito anteriormente, um domínio cognitivo, equivalente para alguns autores cognitivos a *frame*, modelo cultural, modelo cognitivo e modelo cognitivo idealizado, é uma representação mental estruturada de uma área das experiências humanas (Kövecses 2006, 64). Nesta linha, os domínios constituem um sistema vasto e complexo de conhecimentos sobre o mundo. O facto de muitos domínios cognitivos serem partilhados por um conjunto de pessoas faz com que estes se assumam como produtos culturais. Registe-se que os domínios cognitivos representam vastas faixas de entendimento partilhado, que torna as sociedades, as subculturas, e os grupos sociais de vários tipos em conjuntos culturais coerentes. Portanto, na perspetiva cognitiva define-se a cultura como um conglomerado de conhecimento cultural partilhado, ancorado em modelos culturais. Desta forma, as culturas podem ser diferenciadas na base dos modelos culturais que as suportam (ibid., 69-78).

Com base no postulado de que a cultura constitui um conjunto de conhecimentos partilhados do mundo, a nossa compreensão do mundo engloba objetos e eventos concretos e abstratos, sendo que estes últimos são elaborados mediante recurso à metáfora (Kövecses 2005, 284; Gibbs 1999, 145).

Desta forma, segundo Kövecses (2005, 228), muitos conceitos abstratos só podem ser conceptualizados metaforicamente e por isso, o nosso entendimento cultural partilhado do mundo baseia-se em *frames* metafóricos, ou seja, casos em que um determinado domínio ou modelo cognitivo é estruturado à luz de outro domínio ou modelo cognitivo (Kövecses 2006). Por outro lado, quer os conceitos usados no nosso quotidiano, quer os conceitos-chave de uma cultura têm influência na conceptualização metafórica (Kövecses 2006), e por isso, os conceitos-chave específicos da cultura resultam em frequentes divergências fundamentalmente nas realizações metafóricas em diferentes idiomas (Almeida 2016).

Nesse sentido, a metáfora e a cultura estão interligadas, porque, por um lado, a metáfora

tem uma função fundamental na conceptualização dos conceitos culturais e, por outro, a cultura está ancorada em conceptualização metafórica. Na ótica de Lakoff e Johnson, os valores mais fundamentais duma cultura integram um sistema coerente de conceitos metafóricos que estão associados à experiência do mundo ([1980] 2003, 22).

Na linha de Kövecses (2005), advogamos que, se a metáfora se baseia na maneira como o corpo e o cérebro humanos funcionam, não se deveriam registar diferenças entre línguas e culturas. Porém, na realidade, as metáforas variam consideravelmente mesmo em línguas/culturas consideradas próximas. Embora o nosso corpo no plano funcional e até mesmo experiencial, seja um domínio-fonte potencialmente semelhante para realização de mapeamentos metafóricos de experiências corporais no domínio-fonte para domínios-alvo mais abstratos, tal não se verifica na realidade, em face de o processo envolver factores diversos. Registe-se que a construção de uma metáfora envolve necessariamente três dimensões - a corporização (i.e., de base neuronal-física), a experiência sociocultural e os processos cognitivos estilísticos (2005, 293). Algumas metáforas são coerentes com todas essas dimensões, algumas outras com apenas uma ou duas delas. Outras há que parecem não serem construídas de forma muito coerente em nenhuma das dimensões, embora tal não seja muito comum.

Registe-se que Yu (2008) corrobora a perspectiva de Kövecses, enfatizando a interacção entre experiências corporais e culturais, conforme abaixo:

While the body is a potentially universal source for emerging metaphors, culture functions as a filter that selects aspects of sensorimotor experience and connects them with subjective experiences and judgments for metaphorical mappings. That is, metaphors are grounded in bodily experience but shaped by cultural understanding. Put differently, metaphors are embodied in their cultural environment (2008, 247).

Gibbs (1999) advoga que a dimensão cultural é central às construções metafóricas, mesmo que ancoradas em esquemas imagéticos, padrões abstratos de representação da experiência, em princípio comuns a todas as línguas/culturas:

(...) even image schemas, which arise from recurring embodied experiences, and which often serve as the source domains for conceptual metaphors, might very well have a strong cultural component to them, especially in terms of which aspects of embodied experience are viewed as particularly salient and meaningful in people's lives (1999, 154).

Inspirado em Lakoff e Johnson (1980), Gibbs preconiza que a metáfora corporizada é moldada pelas dimensões corporais em conjunto com as dimensões culturais da experiência, pelo que o que é corporizado se afigura inerentemente cultural (ibid., 155-156).

Conforme apontado acima, já Lakoff e Johnson tinham defendido que todas as experiências ocorrem num vasto cenário de pressupostos culturais e, por isso, todas as experiências são culturais ([1980] 2003, 57). No entanto, tal não significa que não exista uma diferença entre experiências físicas e culturais, porque “ainda podemos fazer a importante distinção entre experiências que são ‘mais’ físicas, como levantar do corpo de um assento e as que são ‘mais’ culturais, como participar de uma cerimónia de casamento” (ibid.).

Tendo em vista a relação diferente das metáforas primárias e complexas com as experiências corporais e culturais, Lakoff e Johnson ([1980] 2003) apontam o cariz universal das metáforas primárias.

Inevitably, many primary metaphors are universal because everybody has basically the same kinds of bodies and brains and lives in basically the same kinds of environments, so far as the features relevant to metaphor are concerned.

The complex metaphors that are composed of primary metaphors and that make use of culturally based conceptual frames are another matter. Because they make use of cultural information, they may differ significantly from culture to culture ([1980] 2003, 257).

Esta hipótese já foi corroborada em diversos estudos de caso (Boers 2003, 234). Todavia, é importante sublinhar que, por um lado, as metáforas primárias, não obstante a

sua direta correlação das experiências sensoriais-perceptuais, não são necessariamente universais, porque a corporização somente consiste num dos factores no processo da conceptualização metafórica. Por outro lado, as metáforas complexas podem ser potencialmente ou parcialmente universais, quando têm por motivação as experiências humanas comuns (Kövecses 2005).

Se abordar a metáfora e a sua particularidade cultural a nível das metáforas primárias e complexas se afigurar mais ou menos vago, Kövecses (2005) fornece mais detalhes, ao agrupar as quatro dimensões de variação da metáfora, no plano cultural – metáfora congruente, metáfora alternativa, conceptualização preferencial, bem como metáfora específica.

A primeira dimensão da variação ocorre entre uma metáfora de nível genérico e as de nível específico. As metáforas podem ser classificadas pelo grau de genericidade. As metáforas construídas na base de esquemas imagéticos são metáforas genéricas, uma vez que os esquemas imagéticos, como a própria designação indica, não se reportam a pormenores. Os conceitos, tais como eventos e ações, são definidos apenas por um pequeno número de propriedades esquematizadas, isto quer dizer que são caracterizados por estruturas não especificadas. Nas metáforas específicas, os conceitos específicos assinalam mais propriedades das ações ou dos eventos, de forma explícita. Por exemplo, o esquema de movimento pode ser realizado não só como uma viagem, mas também como uma caminhada, uma corrida, ou uma escalada. E no caso da viagem, a noção de movimento é pormenorizada possivelmente com um viajante, um ponto de partida, um meio de transporte, um horário de viagem, dificuldades ao longo do caminho, um destino, um guia e assim por diante (Kövecses 2010, 44-45).

Segundo Kövecses (2005), há casos de metáforas que operam a um nível extremamente genérico e não especifica muitos detalhes, como no caso de *UMA PESSOA ZANGADA É UM CONTENTOR SOB PRESSÃO*, não é referido de que contentor se trata, como se desenvolve a pressão, se o contentor é aquecido ou não, que tipo de substância contém (líquido, substância ou objetos), quais são as consequências da explosão, entre outros. Uma metáfora deste tipo constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura de forma diferente. Quando é preenchido, recebe conteúdo cultural único a um nível específico.

Ou seja, a níveis mais genéricos de conceptualização, os domínios-fonte são partilhados entre diversas línguas/culturas, enquanto a níveis mais específicos, diferentes línguas/culturas usam domínios-fonte diferentes. Por exemplo, o trabalho muito citado de Yu (1995) indica que o inglês e o chinês partilham a metáfora genérica “ZANGA É CALOR”, que se diverge em duas metáforas específicas – “ZANGA É O CALOR DE UM LÍQUIDO NUM CONTENTOR” em inglês e “ZANGA É O GÁS QUENTE NUM CONTENTOR” em chinês, como por exemplo, “*nù qì chōng tiān* 怒气冲天” (gás zangado sobe para o céu), “*biē le yī dùzi qì* 憋了一肚子气” (abafar uma barriga cheia de gás).

O segundo tipo instancia casos em que uma cultura usa um conjunto variado de domínios-fonte para um determinado domínio-alvo ou, inversamente, no qual uma língua/cultura usa um domínio-fonte específico para conceptualizar um conjunto de domínios-alvo diferentes.

Nos casos de conceptualização metafórica preferencial, existe um conjunto de metáforas conceptuais para um determinado domínio-alvo que é aproximadamente o mesmo entre duas línguas/culturas, mas uma língua/cultura geralmente evidencia uma clara preferência por um conjunto de metáforas conceptuais. A título de exemplo, Kövecses assinala que os americanos e os húngaros partilham muitas metáforas conceptuais respeitantes à vida, no entanto, enquanto os primeiros se inclinam para domínios-fonte do tipo ALGO DE PRECIOSO e JOGO, os segundos recorrem aos domínios-fonte da LUTA ou GUERRA e COMPROMISSO (2005, 82-85).

No último tipo das metáforas específicas vigoram um domínio-fonte e um domínio-alvo culturalmente específicos.

Além de sintetizar as variadas formas da variação cultural da metáfora, Kövecses identifica as causas da variação, elencando-as em duas categorias:

(...) the causes can be grouped into two large classes: differential experience and differential cognitive preferences, or styles. In other words, the suggestion is that, on the one hand, many of our metaphors vary because our experiences as human beings also vary and, on the other hand, our metaphors vary because the cognitive processes we put to use for the creation of abstract thought also vary (2005, 231).

Kövecses designa as diferentes formas de experiências diferentes por um termo geral – experiências socioculturais (ibid., 286), envolvendo os contextos físico, cultural, social e comunicativo, a história social, bem como as preocupações e interesses de um determinado grupo cultural.

Em relação às preferências cognitivas, sublinha que muitos processos cognitivos diferentes estão envolvidos nos pensamentos metafóricos, podendo ser aplicados processos de conceptualização diferentes para diferentes casos no seio de línguas/culturas diversas. Os processos de construção cognitiva englobam a metáfora, a metonímia, a elaboração, a convencionalização, a especificidade, a transparência, o foco experiencial, a preferência metafórica ou metonímica, entre outros (Kövecses 2005, 2006), na linha de Barcelona (2001).

A elaboração é no sentido de que “um determinado mapeamento ou vinculação metafórica dá origem a um número maior ou menor de expressões linguísticas em duas línguas” (Kövecses 2005, 151).

Tendo a mesma metáfora conceptual e o mesmo mapeamento, o nível de convencionalidade de uma certa expressão metafórica pode variar em diferentes línguas.

A especificidade de uma expressão linguística metafórica em diferentes línguas também pode mostrar diferentes níveis, como por exemplo, dólar é mais específico do que dinheiro, que é mais específico do que comodidades valiosas.

A transparência reside em casos em que, apesar das línguas/culturas partilharem a mesma metáfora conceptual, a transparência de expressões metafóricas evidencia níveis distintos. A transparência é medida pelo uso no domínio-alvo ou em ambos o domínio-fonte e o domínio-alvo. Se uma expressão linguística se aplica em ambos os domínios, então a transparência metafórica afigura-se alta.

Do ponto de vista de Kövecses, em muitos casos, uma base experiencial comum não leva necessariamente a uma conceptualização metafórica equivalente. Isso significa que diferentes línguas/culturas podem estar em sintonia com diferentes aspetos do seu funcionamento corporal na representação de um domínio-alvo ou que podem ignorar ou minimizar certos aspetos do seu funcionamento corporal em relação à conceptualização metafórica de um domínio-alvo (2005, 246). A corporização da experiência no domínio-

fonte em diferentes línguas podem focar aspetos distintos da base experiencial relacionada ao domínio-alvo e, por isso, conceptualizam o mesmo de maneira divergente, mas igualmente motivada (ibid., 248-252).

Relativamente à questão da preferência pelo recurso à metáfora ou metonímia, Kövecses (ibid., 257-258) postula que a conceptualização das nossas experiências no mundo pode variar em diferentes línguas/culturas. Tal é o caso do uso figurativo da “boca”, “língua” e “lábios” em inglês e malaio, como aponta Charteris-Black (2003) que chega à conclusão de que os ingleses privilegiam o uso de metonímias, enquanto os malaios recorrem mais frequentemente ao uso das metáforas.

Em suma, tendo em consideração a natureza cognitiva da metáfora, a interligação entre a metáfora e a cultura fica por demais evidente. “As metáforas são tão culturais da mesma forma que são entidades e processos cognitivos” (Kövecses 2005, 11), pelo que se trata de uma ferramenta aplicável ao desenvolvimento de investigação em Estudos de Cultura.

Comparativamente ao que se verifica com a metáfora, a variação cultural da metonímia é menos abordada (Panther e Thornburg 2007; Zhang 2016). Zhang concede a base experiencial direta da metonímia à principal razão desse fenómeno:

However, relatively fewer scholars have explored the cross-linguistic variation in conceptual metonymy in a systematic way. One of the reasons for the lack of investigation of cross-linguistic variation in metonymy in CL might be that the experiential grounding of conceptual metonymy is in general more obvious than it is in conceptual metaphor, as metonymy usually involves direct physical or causal associations (Lakoff and Johnson 1980: 39) (2016, 29).

Apesar disso, a variação metonímica verifica-se efetivamente entre línguas/culturas, pelo que não se afigura menos importante do que a metáfora. Para Lakoff, os princípios gerais de metonímia, por exemplo, LUGAR PARA EVENTO, LUGAR PARA INSTITUIÇÃO, não são os mesmos em todas as línguas/culturas. Daí que “não se pode simplesmente dizer que qualquer coisa pode representar qualquer outra coisa no contexto certo. É preciso distinguir que princípios funcionam para que idiomas” (1987, 78).

Littlemore considera que “as culturas desenvolvem metonímias particulares que ajudam a definir a identidades dos grupos” (2015, 161). Panther e Thornburg apontam na mesma direção: “As metonímias (tal como metáforas) não funcionam necessariamente da mesma maneira em todas as línguas” (2003a, 6). Além disso, alguns estudos de caso (e.g., Barcelona 2003; Brdar e Brdar-Szabó 2003; Panther e Thornburg 1999, 2003b; Ruiz e Pérez 2003; e Niemeier 2008; Liu 2008; etc.) corroboram a existência da variação cultural da metonímia.

Embora a existência da variação cultural da metonímia seja afirmada pelos linguistas cognitivos, estudos sistemáticos relativamente à universalidade e variação cultural da metonímia, como o caso do estudo de Kövecses (2005) sobre a metáfora, são escassos. Segundo Panther e Thornburg, algumas questões ficam por responder, a saber: “Existem metonímias conceptuais que têm o estatuto universal? As línguas podem ser classificadas no plano tipológico, à luz das metonímias que exploram ou não?” (2007, 254). Entre os trabalhos pertinentes sobre este assunto destacamos Lakoff (1987) e Radden e Kövecses (1999).

Lakoff (1987) analisa variados tipos de modelos metonímicos para casos em que um membro saliente representa toda a categoria, indicando explicitamente que a configuração cultural determina qual subcategoria representa a categoria toda (1987, 87). Os géneros compreendem estereótipos sociais (e.g. dona de casa representa mãe), exemplares típicos de uma categoria (e.g. maçã ou laranja representam fruta), entre outros.

Radden e Kövecses (1999), na senda de Lakoff (1987), sublinham que este tipo de modelos metonímicos de “preferência cultural” conferem um estatuto preferencial a membros particulares de uma categoria (1999, 48).

Em suma, a natureza experiencial da metáfora e da metonímia enquanto ferramentas cognitivas está em ligação estreita com as línguas/culturas. Por conseguinte, é praticável analisar as dimensões culturais das diversas línguas/culturas por via das metáforas e metonímias que nelas figuram.

### 3.2 Provérbio e idiomatismo à luz da linguística cognitiva

Os provérbios e idiomatismos são tradicionalmente considerados somente fenómenos linguísticos, no entanto, para a linguística cognitiva, muitos provérbios e idiomatismos são motivados pelos conhecimentos conceptuais do ser humano e refletem sistemas coerentes de conceitos metafóricos e metonímicos, tal como observa Gibbs:

(...) people speak idiomatically because they conceptualize of many ideas and events, particularly human ones, in terms of metaphor and metonymy (...) the study of idioms, in fact, provides a significant source of evidence showing the fundamental figurative character of many aspects of human thought (2007, 704).

Lakoff e Johnson ([1980] 2003, 46) instanciam, de modo inovador, mas indireto, a ligação entre o idiomatismo e o nosso sistema conceptual. A fim de fornecer provas para o argumento de que as metáforas estruturam parcialmente os nossos conceitos diários, os linguistas enumeram uma lista de idiomatismos, entre outras expressões, que são, de facto, metáforas, em contextos quotidianos.

Lakoff e Kövecses (1983) explicitam que existe uma organização conceptual coerente subjacente às expressões idiomáticas, sendo que a maior parte das mesmas é da natureza metafórica e metonímica (1983, 12). Comprovam esta afirmação referindo um conjunto de idiomatismos relacionados com a “zanga”, ao explicar os seus significados por via das metáforas e metonímias conceptuais ancoradas nesses idiomatismos.

Lakoff (1987) descreve a base conceptual do idiomatismo através de três elementos - “imagem + conhecimento + metáforas” (1987, 449).

Segundo este linguista (ibid., 446-447), as imagens convencionais, i.e., imagens “inconscientes, automáticas, que aparentemente dispensam de esforço e independentes de habilidade” (ibid., 446) convencionais partilhadas pelos membros de uma determinada cultura, desempenham um papel central no processo de significação do idiomatismo. Um número elevado de idiomatismos é pelo menos parcialmente motivado por imagens

convencionais associadas (ibid., 452), que são referidos por Lakoff como “idiomatismos de imagem (*imageable idioms*)”.

Lakoff realizou um inquérito informal, tendo descoberto que as pessoas têm imagens mais ou menos uniformes associadas a determinado idiomatismo, o que não se enquadra nas teorias clássicas, porque segundo as mesmas, as palavras de idiomatismo são simplesmente associadas diretamente com o seu significado de modo arbitrário, i.e., os sentidos dos componentes não contribuem para o sentido geral do idiomatismo. O facto de que partilham imagens mais ou menos semelhantes propõe uma outra possibilidade de interpretação que radica na motivação.

A ligação que motiva a relação entre o idiomatismo e o seu significado reside na fórmula “imagem + conhecimento + metáforas” (ibid., 449). Para Lakoff, tomando o exemplo de “*spill the beans* (trad. literal: derramar os feijões)”, as pessoas têm uma imagem consistente do idiomatismo, bem como conhecimentos acerca desta situação, por exemplo, quando os feijões são derramados, é difícil recolhê-los. Além disso, as metáforas A MENTE É UM CONTENTOR, AS IDEIAS SÃO ENTIDADES, e a comunicação envolve tirar ideias para fora da mente, colocá-las em palavras e enviá-las para outras pessoas, contribuem para o significado figurativo do idiomatismo (ibid., 449-450). Lakoff resume a fórmula “imagem + conhecimento + metáforas” de modo seguinte:

In detail, the explanation goes like this:

- The literal meaning of the idiom fits the conventional image (though it underdetermines it).
- The image has accompanying knowledge.
- The (...) metaphors map the literal meaning, the image, and its associated knowledge into the meaning of the idiom.
- Letting A be the idiom and B be its meaning, L is the conventional image plus its associated knowledge plus the (...) metaphors. L thus links A to B.

What it means for an idiom to “be natural” or to “make sense” is that there are independently existing elements of the conceptual system that link the idiom to its meaning (ibid., 449).

Neste sentido, Lakoff defende que a ligação entre o significado idiomático e os seus componentes não é arbitrária, mas é motivada. No entanto, isso não implica que as pessoas possam fazer sentido de todos os idiomatismos, sendo que alguns são totalmente arbitrários (ibid., 451).

Gibbs (1994a) dedica um capítulo a abordar a idiomaticidade, confrontando as visões tradicionais e as conceptuais relativamente à natureza do idiomatismo.

Segundo as visões tradicionais, os significados figurativos dos idiomatismos são diretamente estipulados no léxico mental da mesma maneira que os significados de palavras individuais estão listados num dicionário e que não podem ser determinados através de uma análise dos significados das palavras individuais. Aprender os significados das expressões idiomáticas requer que as pessoas façam ligações arbitrárias entre os idiomatismos e os seus significados não literais (1994a, 270-271). Pelo contrário, Gibbs preconiza que o sentido de muitos idiomatismos não é indecomponível, contribuindo independentemente os significados, seja literal, seja figurativo, das suas partes para a interpretação figurativa (ibid., 278), mediante corroboração deste argumento na base de vários estudos linguísticos e psicológicos.

1. Muitos idiomatismos são analisáveis, i.e., decomponíveis, como por exemplo, na expressão “*pop the question* (trad. literal: fazer saltar a questão)”, o nome “questão” refere-se a proposta de casamento, enquanto “fazer saltar” é usado para se referir ao acto de a anunciar (ibid.).
2. O estudo de Gibbs e Nayak (1989) revela que é possível uma análise intuitiva do idiomatismo. Em estudos experimentais de desenvolvimento linguístico, Gibbs (1987; 1991) comprova que a compreensão das expressões idiomáticas pelas crianças depende das suas intuições sobre a semântica interna dessas expressões figurativas.
3. Alguns idiomatismos são sintaticamente flexíveis, enquanto outros são cristalizados. Gibbs e Nayak (1989) apontam que os idiomatismos semanticamente analisáveis tendem ser mais produtivos sintaticamente do que os indecomponíveis. Por isso, a função sintática dos idiomatismos resulta parcialmente da relação entre os idiomatismos e as suas partes individuais.
4. Verifica-se em alguns casos a flexibilidade lexical dos idiomatismos. Alguns estudos

experimentais (Gibbs et al. 1989) indicam que os falantes tendem ser significativamente mais criativos no uso dos idiomatismos semanticamente analisáveis. A relação entre os idiomatismos e as suas partes individuais afeta a flexibilidade lexical idiomática.

5. Em alguns casos, as palavras individuais num idiomatismo podem ser alteradas para criar novo sentido baseado no sentido do idiomatismo original e nas palavras novas. Quando as partes de um idiomatismo contribuem para o seu sentido geral, as variações idiomáticas são possíveis.
6. Na compreensão do idiomatismo, uma série de experimentações sobre o tempo de leitura (Gibbs, Nayak, e Cutting 1989) comprova que se leva consideravelmente menos tempo a processar os idiomatismos decomponíveis do que os indecomponíveis, o que implica que a capacidade de analisar os idiomatismos decomponíveis constitui uma fonte muito útil de informação, que facilita o reconhecimento de que o conjunto de palavras idiomáticas leva a uma interpretação figurativa.

Os argumentos acima resumidos comprovam que a relação entre o sentido figurativo do idiomatismo e os sentidos dos seus componentes não é arbitrária. O facto de serem decomponíveis a nível semântico serve de fundamento à questão da motivação conceptual deste tipo de expressões linguísticas.

De acordo com Gibbs, os estudos tradicionais sobre estas formas linguísticas assumem que a expressão idiomática pode ter sido metafórica, mas perdeu a sua metaforicidade ao longo do tempo, sendo que passa a existir no léxico mental como metáfora morta. Porém, efetivamente, os significados de muitos idiomatismos são motivados pelos pensamentos metafóricos e metonímicos do quotidiano.

Linguistic analyses of idioms provide some evidence for believing that idioms do not exist as separate semantic units within the lexicon but actually reflect coherent systems of metaphorical concepts (...) idioms make sense in the ways they do precisely because they are motivated by conceptual knowledge that is metaphorical (1994a, 291).

As pessoas de uma forma geral conseguem entender muitos dos idiomatismos porque

reconhecem tacitamente o mapeamento metafórico entre dois domínios cognitivos diferentes que lhe são inerentes (ibid., 290). Na senda de Lakoff (1987) e Gibbs e O'Brien (1990), Gibbs (1994a, 292) postula que uma maneira de desvendar o conhecimento tácito dos falantes sobre a base metafórica dos idiomatismos realiza-se através de um exame detalhado das imagens mentais dos falantes sobre as expressões idiomáticas. Uma abordagem experimental (Gibbs e O'Brien 1990; Lakoff 1987) comprova que as imagens mentais dos inquiridos são consistentes porque os seus conhecimentos tácitos dos idiomatismos são estruturados por metáforas conceptuais.

Uma outra prova da natureza conceptual dos idiomatismos é a sua interpretação em contexto pragmático. Segundo os estudos de Nayak e Gibbs (1990), Gibbs e Nayak (1991) e Gibbs e O'Brien (1990), quando um conjunto de idiomatismos tem um sentido figurativo semelhante, o significado dos mesmos é acedido a partir do contexto pragmático. Esta abordagem difere de uma perspectiva tradicional que pressupõe que os significados dos idiomatismos são arbitrários para os falantes, sendo representados por paráfrases literais. De facto, podem ter, na realidade, interpretações bastante complexas. As condições pragmáticas inerentes ao uso dos idiomatismos podem ser diretamente motivadas pela compreensão das pessoas sobre as estruturas conceptuais subjacentes aos mesmos, bem como pelas diferentes formas de conceptualização sobre eventos e conceitos em diferentes situações discursivas (Gibbs 1994a, 302-303).

Desse modo, os idiomatismos denotam uma natureza conceptual, revelando a forma como as pessoas conceptualizam metaforicamente a vida quotidiana (Gibbs 1994a, 270).

É importante sublinhar que Gibbs não considera a existência de antagonismo entre as abordagens tradicionais e as cognitivas sobre os idiomatismos. Por um lado, nem todos os idiomatismos são motivados pela metáfora conceptual. Muitos idiomatismos podem ser metáforas mortas ou têm sentidos que foram construídos de forma arbitrária. Ao mesmo tempo, uma ampla gama de idiomatismos é gramaticalmente anómala, pelo que resiste a uma análise conceptual (ibid., 308). Por outro lado, embora muitos idiomatismos sejam motivados por via da metáfora ou da metonímia, tal não implica que se aceda automaticamente ao conhecimento metafórico, sempre que se deparem com uma expressão idiomática (ibid., 306). Pode aceder-se a significados figurativos diretamente, quer para os

idiomatismos indecomponíveis, quer ainda para os decomponíveis (ibid., 285). Registe-se que, tendo em vista a complexidade do idiomatismo, não existe uma teoria que se aplique a todos os tipos de idiomatismos.

As we learn more about the complexity of idiomatic phrases, it seems increasingly likely that no single theory or model can account for all kinds of idioms and all kinds of discourse situations (both conversational and literary). Idiomatic phrases do not form a homogeneous class of linguistic items that differ from literal language, differ from metaphor, and resist standard grammatical analysis. Each phrase demands its own analysis in terms of its syntactic, semantic, pragmatic, and conceptual properties. Theories of idiom processing must be flexible enough to explain the tremendous diversity among idioms (1994a, 308).

Gibbs (1995) sublinha a motivação metonímica dos idiomatismos, afirmando que, embora o foco de investigação sobre a ancoragem conceptual da idiomaticidade se tenha concentrado no processo metafórico, várias construções metonímicas do nosso sistema conceptual estão subjacentes a muitas expressões figurativas e convencionais. Em muitos idiomatismos, um aspeto saliente de um objeto, uma ideia ou um evento representa o objeto, ideia ou evento como um todo (1995, 111). Além disso, Gibbs advoga que a interação entre a metáfora e a metonímia também está presente, mediante exemplificação de alguns idiomatismos em inglês, em que se reconhecem os dois tipos de metaftonímia abordados por Goossens (1990).

Kövecses e Szabó (1996) abordam a questão da natureza conceptual do idiomatismo, comparando as visões tradicionais e cognitivas. Na ótica destes autores, verifica-se uma grande motivação conceptual sistemática para o significado da maioria dos idiomatismos (1996, 326). Os seus significados não são arbitrários nem independentes do sistema conceptual, sendo que uma prova da natureza conceptual do idiomatismo reside em que muitas expressões idiomáticas não são isoladas, mas evidenciam sistematicidade.

Note-se que, para ambos os autores, as duas visões não são antagónicas, porque admitem que nem todos os idiomatismos têm motivação conceptual, mas que haverá casos

em que não podemos prever completamente qual será o significado idiomático associado às palavras (1996, 330).

Segundo Kövecses e Szabó, os processos cognitivos mais revelantes que motivam muitos idiomatismos são a metáfora, a metonímia e o conhecimento do mundo (ibid.) no sentido de “a informação partilhada que as pessoas de uma determinada cultura têm sobre um domínio cognitivo” (ibid., 338). “A motivação para os idiomatismos raramente vem de uma única origem (i.e., de um único mecanismo cognitivo). Na maioria dos casos, a motivação decorre da combinação de duas ou mais origens” (ibid., 340), como é o caso de uma série de expressões com “mão”, que evidenciam o recurso combinado à metonímia e conhecimentos do mundo.

Em relação ao mecanismo metafórico, pressupõem três fatores envolvidos neste tipo de motivação:

(...) the meaning of many idioms seems to depend on at least three factors, a source-target relationship that is applicable to a word (or words) in an idiomatic expression, the systematic correspondences or mappings between the source and the target domains, and the particular knowledge structures or inferences associated with the source domain (ibid., 352).

O sentido geral de um idiomatismo é determinado pelo domínio-alvo da metáfora conceptual subjacente ao idiomatismo, por exemplo, o sentido geral da expressão *spit fire* (cuspir fogo), que tem a ver com a zanga, depende da metáfora conceptual ZANGA É FOGO. O sentido preciso do idiomatismo é determinado pelo mapeamento particular aplicado ao idiomatismo, por exemplo, o sentido da “cuspir fogo” vem do mapeamento “a intensidade do fogo é a intensidade da zanga”. Por fim, aspetos conotativos adicionais do significado idiomático parecem depender do que Kövecses e Szabó designam de “correspondências epistêmicas”, i.e. as vinculações ou inferências metafóricas, que foram referidas na parte 3.1.2. Mais uma vez no exemplo da “cuspir fogo”, o facto de que, quando o fogo é intenso e fora de controlo, pode ser perigoso leva à conceptualização da zanga intensa como uma manifestação emocional perigosa (ibid., 336-337).

Dobrovol'skij e Piirainen (2005) apontam a importância da teoria da metáfora conceptual para as investigações sobre o idiomatismo, sendo que “em muitos casos, a aplicação desta ferramenta permite explicar muitas propriedades de unidades figurativas que não poderiam ser captadas no quadro de qualquer abordagem tradicional” (2005, 29). Adotando a teoria da motivação idiomática de Lakoff (1987), os autores acima referidos dão ênfase especial ao papel da imagem mental na motivação idiomática, porque os idiomatismos baseados na mesma metáfora conceptual muitas vezes revelam diferenças semânticas que não podem ser explicadas na base de modelos metafóricos. Nesta linha, algumas características concretas da imagem mental desempenham um papel mais importante para determinar o significado exato de um idiomatismo do que a metáfora conceptual subjacente. Por exemplo, os dois idiomatismos sinônimos “*spill the beans* (trad. literal: derramar os feijões)” e “*blow the lid off* (trad. literal: sair para fora da panela com tampa)”, que denotam a revelação de algo, respectivamente, ativam ao mesmo tempo as mesmas duas metáforas conceptuais: A MENTE É UM CONTENTOR e IDEAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS, o que, por si só, não explica a especificidade dos significados, sendo que essas diferenças são causadas pelas imagens mentais correspondentes às expressões em questão. O outro argumento que os dois autores invocam é a importância da consideração dos conhecimentos culturais para a análise da motivação idiomática. Deste modo, a metáfora conceptual pode servir de uma base empírica semanticamente estruturada para investigar especificidades intra e interlinguísticas da linguagem figurativa (ibid., 20).

Langlotz (2006) dedica um capítulo a um estudo empírico de um conjunto de idiomatismos ingleses sobre o sucesso, o insucesso e o progresso para revelar até que ponto os idiomatismos podem ser motivados e estruturados conceptualmente. Sublinha o papel importante da metáfora e da metonímia, acrescentando que a metonímia aparece predominantemente na combinação com a metáfora conceptual para criar motivação metaftonímica à luz do género de “metonímia no seio da metáfora” proposto por Goossens (1990, 2002) (2006, 166).

Geeraerts (2003) explora a interação entre a metáfora e a metonímia nos idiomatismos e compostos em holandês, afirmando que a metaftonímia é parte de um modelo “prismático” mais abrangente para a semântica das expressões idiomáticas e compostas (2003, 435).

Bílková (2000) realiza um estudo contrastivo checo-inglês sobre os idiomatismos corporais. Conclui que as expressões idiomáticas em causa são motivadas por estratégias cognitivas, a saber, o conhecimento convencional geral do mundo, preconizando que as metáforas e metonímias conceptuais estão subjacentes ao significado figurativo dessas expressões, pelo que, nesse sentido, as partes individuais contribuem sistematicamente para o significado figurativo geral das mesmas. As metáforas e metonímias ajudam os falantes a fazer sentido de muitos idiomatismos com partes do corpo, na medida em que ligam o domínio cognitivo físico do conhecimento ao significado idiomático de tais expressões. Ao relacionar as áreas concretas com as abstratas da experiência humana, o enquadramento cognitivo parece ser uma ferramenta muito útil para explicar a linguagem idiomática (2000, 86).

Faria (1999) instancia recorrendo a variadas expressões idiomáticas portuguesas os alicerces fundamentais da linguística cognitiva em relação aos idiomatismos, afirmando desse modo a motivação conceptual inerente aos sentidos figurativos das expressões idiomáticas portuguesas. Assim, assinala que os “mapeamentos com esquemas conceptuais subjacentes, metafóricos e/ou metonímicos, parecem explicar melhor a natureza da idiomaticidade e assegurar o seu reconhecimento como tal” (1999, 387).

Drăghici (2009) confronta as expressões idiomáticas portuguesas e romenas no domínio das emoções, analisando a forma como a conceptualização das emoções se reflete nas EI. Realça as semelhanças dos dois idiomas motivadas pelas experiências universais. Refere que o corpo humano tem um papel fundamental na conceptualização metafórica das emoções, e para além disso, sublinha a proximidade tipológica linguística e cultural entre as duas línguas-culturas. Os casos em que não se constata equivalências devem-se às “referências culturais (do presente ou do passado) da sociedade em causa” (2009, 87).

Lanović (2010) analisa no total 115 expressões idiomáticas e provérbios que se referem ao domínio cognitivo de pesca - 67 portugueses e 48 croatas, afirmando que um total de 105 destas ocorrências é motivada pelas metáforas conceptuais. Verifica-se um alto grau de similitude entre as duas línguas “pelo facto de a motivação metafórica das unidades fraseológicas analisadas basear-se muito mais na experiência física do que na cultural” (2010, 36). O que difere em alguns casos radica em preferências cognitivas diferentes, bem

como em representações novas e originais das metáforas convencionais, que levam a novas inferências (2010, 35). Refere que “nas metáforas conceptuais a «carga cultural» é tão importante como a cognitiva; é possível dois idiomas partilharem a mesma metáfora conceptual, mas a sua expressão linguística diferir sob influência das diferenças ancoradas no contexto cultural” (2010, 22), acrescentando que a análise conceptual possibilita identificar a informação cultural contida nos provérbios e idiomatismos (2010, 17).

Lodi e Sabino (2013) dedicam-se a comparar expressões idiomáticas psicossomáticas do italiano e do português do Brasil. Segundo esta análise, 60% das expressões italianas analisadas são metaforicamente semelhantes às brasileiras, principalmente devido ao facto de “boa parcela das metáforas subjacentes a essas EIs levar em conta, em sua constituição, as características e funções inerentes a cada uma das partes do corpo, bem como as ações que são realizadas pelo ser humano por meio delas” (2013, 184), em grande parte, devido às semelhanças históricas, culturais e linguísticas. As divergências entre as expressões das duas línguas resultam de diferentes vivências culturais dos dois povos (2013, 185).

Zhang (2003) analisa, à luz da semântica cognitiva, a construção de significado dos idiomatismos chineses, que para o autor, são os *chéngyǔ* de quatro caracteres com duplo sentido – sentido literal e sentido figurativo (2003, 1). Preconiza que a perspectiva da semântica cognitiva permite explorar a natureza conceptual dinâmica dos idiomatismos chineses, bem como a sua melhor compreensão (ibid.). Ao utilizarem-se os idiomatismos, mediante recurso a elementos concretos, experiências abstractas tornam-se mais facilmente acessíveis, fundamentalmente se forem identificados os esquemas imagéticos, bem como alguns conceitos culturais relevantes (2003, 6). Além disso, aborda a motivação conceptual na construção do sentido dos idiomatismos chineses através de três aspetos: metáfora, metonímia e a interação entre ambas.

Segundo o autor, o mapeamento metafórico nos idiomatismos categoriza-se em dois géneros: mapeamento com base na semelhança e na correlação experiencial, enquanto o mapeamento metonímico em cinco: 1. Entre o todo e as partes de um objeto, principalmente na forma de PARTE PARA TODO na maioria dos idiomatismos; 2. Entre o todo e as partes de um evento, em que o evento pode representar uma sequência e esta pode representar o evento; 3. Entre uma categoria e os seus membros; 4. Entre uma categoria e as suas

propriedades, em que uma propriedade pode representar a categoria ou a categoria pode representar as suas propriedades; 5. A redução dos idiomatismos, i.e., uma parte geralmente mais relevante do idiomatismo representa o mesmo. Para além disso, o autor frisa que na construção dos idiomatismos, a metáfora e a metonímia sempre se interagem e muitas vezes é difícil discernir os dois processos cognitivos.

Zhang e Ji (2012), na senda das teorias da linguística cognitiva sobre a virtualidade de análise dos idiomatismos propostos por Gibbs (1994a), Gibbs e Nayak (1989), Gibbs e O'Brien (1990), entre outros, advogam a aplicabilidade das mesmas aos *chéngyǔ*, afirmando a motivação metafórica em vez da relação arbitrária entre os mesmos e os seus componentes.

Yu (2000) compara os idiomatismos com duas partes do corpo - dedos e palma em chinês e em inglês, revelando as semelhanças e diferenças nos usos metafóricos e metonímicos dos dois idiomas. Conclui que, embora o corpo humano desempenhe um papel importante na significação e na compreensão humanas, esse papel é matizado por culturas específicas. Para tal, os usos metafóricos e metonímicos da terminologia do corpo podem ter muito em comum em todas as línguas porque refletem experiências universais com o nosso corpo, mas também esperamos diferenças entre línguas como reflexão das diferenças culturais (2000, 173). Por exemplo, o autor aponta que a metáfora O CONTROLO É AGARRAR NA PALMA DA MÃO não se afigura convencionalizada em inglês, mas manifesta-se rica em chinês, como é o caso de “*zhǎng sháor* 掌勺儿”, que significa literalmente “palma agarrando colher”, refere-se ao chefe cozinheiro, sendo que “agarrar algo na mão” significa “estar no comando de algo”.

Yu (2009) promove um estudo sistemático sobre a conceptualização do “*xīn* 心 (coração-mente)” com base na análise de variadas expressões, incluindo os idiomatismos e provérbios, que às quais subjazem metáforas e metonímias conceptuais. O autor chega à conclusão de que o coração é culturalmente conceptualizado como a faculdade central da cognição e como sede de ambas as vidas mentais e emocionais, o que provém das concepções do coração na filosofia antiga e na medicina tradicional chinesas. Esta conceptualização difere da cultura ocidental, sendo que denota um sistema de dualismo com o cérebro enquanto o centro do pensamento e o coração enquanto o centro dos

sentimentos, o que ecoa as teorias das civilizações ocidentais, nomeadamente as mentalidades de cardiocentrismo e cerebrocentrismo da Grécia Antiga. Mesmo assim, a conceptualização do “coração-mente” em chinês e do “coração” em inglês manifesta semelhanças, porque tem uma base corporal universal resultante das estruturas anatómicas e das funções fisiológicas do coração (2009, 371-375).

Wang e Yao (2004) comparam os idiomatismos em inglês e os *chéngyǔ* e apontam que, enquanto as expressões chinesas costumam adotar um duplo domínio-fonte para realizar o mapeamento conceptual, as inglesas adotam apenas um. Tomam como exemplo a expressão chinesa “*shuǐ shēn huǒ rè* 水深火热” (em água profunda e fogo quente) que corresponde ao sentido da expressão inglesa “in deep water”, sendo que ambas as expressões metaforizam uma “vida difícil”, no entanto, a primeira tem dois domínios-fonte (água profunda e fogo quente), enquanto a segunda possui apenas um domínio-fonte (água profunda), pelo que o caso chinês se evidencia uma maior complexidade conceptual. Argumentam que a razão pela qual revelam esta diferença radica na preferência ao equilíbrio e harmonia do modo de pensar do povo chinês.

Pan (2012) dedica-se a realizar um estudo contrastivo entre os idiomatismos assim como os compostos em inglês e os *chéngyǔ*, *guànyòngyǔ* bem como os compostos de dois caracteres em chinês relacionados com o ser humano e os seres não humanos, incluindo animais, plantas, vestuário, alimentos, entre outros, do ponto de vista da linguística cognitiva. Através da análise sistemática, conclui que, por um lado, as línguas chinesa e inglesa mostram mais convergências do que divergências nas metáforas com o ser humano como o domínio-fonte e um ser não humano como o domínio-alvo, porque é um fenómeno comum que as pessoas refiram metaforicamente e metonicamente o mundo exterior em termos do corpo humano; por outro, denotam mais divergências do que convergências na conceptualização com um ser não humano como o domínio-fonte e o ser humano como o domínio-alvo, porque são moldadas por fatores sociais, políticos, modelos de pensamento e valores culturais.

He (2002) analisa alguns *chéngyǔ* com origem na literatura clássica, ao comparar com os idiomatismos em alemão. O estudo confirma a sistematicidade dos idiomatismos, sendo que muitos provêm da mesma metáfora conceptual. Além disso, defende que os *chéngyǔ*

fazem o mapeamento do contexto na literatura clássica para o novo contexto de uso contextual, portanto, a metáfora, até mesmo as metáforas convencionalizadas como os *chéngyǔ* em causa, não é simplesmente um fenómeno linguístico, mas também conceptual, absolutamente essencial à cognição humana.

Wang (2012) refere que a metaforicidade é uma característica dos idiomatismos, e por causa disso, as semelhanças da metáfora que existem nos idiomatismos portugueses e chineses contribuem para a compreensão durante o processo da aprendizagem (2012, 29-30).

Paralelamente ao idiomatismo, alguns estudos têm assinalado a relação entre o provérbio e a conceptualização metafórica.

Segundo White (1987), o traço mais característico do provérbio reside no uso extensivo de imagens metafóricas para conceptualizar e expressar mensagens sociais. A maioria dos provérbios é manifestamente metafórica na sua composição. Esse facto sugere uma complementaridade importante de função entre o papel conceptual da metáfora e do uso pragmático do provérbio.

If one views metaphor as a device for expressing abstract concepts in terms of other concepts more closely grounded in physical experience, then metaphorical imagery would seem to be an excellent vehicle for proverbial sayings that seek to express propositions taken to be self-evident on the basis of shared experience and that can thus be used to give advice, make recommendations, and so forth (1987, 153).

O autor advoga que a maioria dos provérbios reivindica verdades sobre questões sociais e morais, ligando características de situações sociais a outros domínios cognitivos mais mundanos com implicações conceptuais amplamente conhecidas e claramente definidas (1987, 154). No entanto, a associação entre o significado social abstrato e a metáfora concreta somente constitui uma parte do processo da significação proverbial, sendo que a maior parte do processo da compreensão proverbial consiste na elaboração de implicações comportamentais e avaliativas, mediante interpretação particular de uma situação, em vez de construir um mapeamento para vincular o domínio-fonte e o domínio-alvo. Isso sucede

por via de conhecimento prévio sobre situações semelhantes ancorados no modelo cultural, daí, o mesmo tem um papel fundamental na compreensão proverbial (ibid., 154-155). Por sua vez, “o facto de que certos provérbios são frequentemente usados sugere que expressem entendimentos fundamentais sobre a vida quotidiana. Se assim for, os provérbios podem fornecer uma fonte de percepção dos modelos culturais em áreas específicas da experiência comum” (ibid., 153).

Gibbs e Beitel (1995) fazem uma abordagem pormenorizada da natureza conceptual do provérbio, afirmando que muitos provérbios emergem e são entendidos à luz de diferentes metáforas conceptuais que são omnipresentes no nosso pensamento quotidiano. Os provérbios têm interpretações complexas e específicas devido aos mapeamentos metafóricos de informações de domínios-fonte familiares a domínios-alvo menos familiares e geralmente mais vagos (1995, 136).

Na ótica destes autores, vários estudos empíricos e psicolinguísticos comprovam a motivação conceptual do provérbio.

1. O estudo experimental de Gibbs, Strom e Spivey-Knowlton (1997) comprova que a imagem mental dos provérbios possui bastante consistência, em detrimento das imagens mentais das definições figurativas ou das correspondências literais.
2. Gibbs (1994b) alega que a compreensão proverbial é mais específica e detalhada do que a interpretação mediante paráfrase literal, o que sugere a conceptualização metafórica se encontrar subjacente aos provérbios.
3. Mesmo as crianças desenvolvem um processo metafórico bastante sofisticado ao tentarem entender os provérbios (Pasamanick 1983).

As teorias linguísticas tradicionais sobre o provérbio não fornecem nenhuma explicação para os resultados acima referidos, porque pressupõem que as palavras individuais não contribuem para o significado figurativo do provérbio, pelo que não existem intuições sobre a relação entre um provérbio e o seu significado figurativo (Gibbs e Beitel 1995, 138).

Gibbs e Beitel frisam que embora a teoria da metáfora conceptual sugira um elo importante entre a forma metafórica como as pessoas pensam no dia-a-dia e o seu uso e compreensão proverbiais, que está em falta nas discussões anteriores sobre o provérbio

(ibid., 136), a mesma não explica todos os aspetos da compreensão proverbial, sendo que nem todos os provérbios são motivados pela metáfora conceptual (Gibbs 1994a, 317) e que as pessoas não têm acesso imediato ao significado metafórico sempre que se deparem com os mesmos (Gibbs e Beitel 1995, 141).

Lakoff e Turner (1989) destacam uma característica importante do provérbio, que foi corroborada por outros linguistas (Gibbs 1994a; Gibbs e Beitel 1995; Gibbs, Johnson e Colston 1996; Gibbs, Colston e Johnson 1996; Home 2004; etc.)

Segundo Lakoff e Turner (1989, 162-166), o provérbio especifica uma imagem bastante rica, memorável e concreta do domínio-fonte, no entanto, não refere explicitamente o domínio-alvo. Podem existir muitos casos em que um provérbio é utilizado num contexto específico que indica explicitamente o domínio-alvo. A metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO ilustra esta característica genérica do provérbio que se aplica a casos variados, e ao mesmo tempo, permite-nos entender a situação específica baseada na riqueza do caso especial.

There exists a single generic-level metaphor, *GENERIC IS SPECIFIC*, which maps a single specific-level schema onto an indefinitely large number of parallel specific-level schemas that all have the same generic-level structure as the source-domain schema.

(...)

The *GENERIC IS SPECIFIC* metaphor (...) allows us to understand a whole category of situations in terms of one particular situation. Given a particular situation (...) and a particular proverb (...), *GENERIC IS SPECIFIC* provides a way of understanding that situation metaphorically in terms of the schema evoked by the proverb (ibid., 162, 165).

Segundo Holme (2004, 65-66), a metáfora pode assumir a forma nominal ou frásica, sendo que esta última é recorrente nos provérbios. Distinguindo-se de outras metáforas frásicas, os provérbios configuram certas características essenciais que se coadunam com a vigência do domínio-fonte e do domínio-alvo.

Relativamente ao primeiro aspeto, o domínio-fonte do provérbio integra um elemento convencional do elenco cultural em questão. Holme preconiza que os provérbios são idiomatismos no sentido de que são expressões que usam linguagem figurativa ou metafórica de forma repetida para representar um significado convencionalizado entre os membros de uma comunidade (ibid., 65). Nesta perspetiva, podemos dizer que este significado convencionalizado se formou ao longo da história, emergindo das raízes culturais e sociais de determinada comunidade linguística.

No que diz respeito ao segundo aspeto, o domínio-alvo presente nos provérbios figura fora dos provérbios, integrando áreas diferentes da experiência e do conhecimento humanos. Os provérbios podem aplicar-se a situações diferentes, porque as mesmas partilham estrutura similar a que os provérbios dão expressão, num determinado contexto de comunicação.

Lakoff e Turner (1989, 166-191) preconizam que a metáfora da Grande Cadeia dos Seres vigora no acervo proverbial. O provérbio permite-nos compreender as características humanas à luz de animais, plantas e objetos, entre outros. Para o efeito, utilizamos a Grande Cadeia dos Seres, que elenca os seres diferentes numa escala vertical de acordo com as suas propriedades. O lugar em que um ser ocupa na Cadeia depende estritamente de um conjunto de características de cada Ser, tais como ser dotado de razão, ter um comportamento instintivo, entre outros. A escala forma-se, de cima para baixo, o ser humano no topo, seguindo-se os animais, as plantas, objetos complexos e os elementos da natureza, sendo que têm como traço razão, comportamentos instintivos, função biológica, atributos estruturais e comportamentos funcionais, assim como atributos e comportamentos físicos naturais, respetivamente. Consideramos que o ser humano é um ser de nível mais alto do que os animais, os animais de nível mais alto que as plantas, e assim sucessivamente. Na mesma ordem existe a diferença a subnível, como por exemplo, os cães estão num nível mais alto que os insetos.

A Grande Cadeia dos Seres envolve três factores importantes: 1. Os seres de nível mais alto têm todas as propriedades dos seres de nível mais baixo; 2. Os seres de nível mais alto são mais importantes do que os de nível mais baixo, no sentido de que os dominam; 3. De modo geral, quanto mais alto o nível em que se insere um ser, menos acessível é à nossa

percepção e compreensão.

Segundo Lakoff e Turner, a Grande Cadeia dos Seres afigura-se uma teoria extremamente generalizada, sendo que existe numa grande quantidade de culturas além da ocidental.

Na interpretação proverbial envolvem-se quatro ingredientes essenciais, o conjunto dos quais denominado da metáfora da Grande Cadeia dos Seres: a Grande Cadeia dos Seres, a Natureza das Coisas, i.e., a relação causal entre os atributos e os comportamentos, a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, o princípio comunicativo Máximo da Quantidade, ou seja, ser informativo de modo mais económico possível. Porém, convém sublinhar que a metáfora da Grande Cadeia dos Seres é mais do que uma metáfora, por outras palavras, afigura-se complexo conceptual recorrente constituinte de uma metáfora, uma teoria do lugar-comum e um princípio comunicativo.

A metáfora da Grande Cadeia dos Seres afigura-se muito importante, na medida em que, por um lado, a Grande Cadeia e a Natureza das Coisas combinam os nossos conhecimentos holísticos do ser humano aos objetos inanimados e por outro, a associação da teoria do lugar-comum com a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO permite-nos compreender os traços humanos através dos atributos não humanos facilmente compreensíveis e por sua vez, os aspetos menos compreensíveis dos animais e objetos através das características humanas facilmente compreensíveis.

O princípio Máximo da Quantidade determina que se entende em termos de quê. Sendo que os seres de nível mais alto têm todas as propriedades dos seres de nível mais baixo, de acordo com o princípio económico, é a alta propriedade de cada nível que está em foco na compreensão metafórica.

Lakoff e Turner acrescentam que na interpretação proverbial, a metáfora da Grande Cadeia dos Seres frequentemente se interage com metáforas e metonímias conceptuais convencionais, sublinhando a natureza conceptual proverbial.

Mele (2013) recorre à metáfora conceptual para analisar como os provérbios kanuris combinam conhecimento de fenómenos naturais ou objetos com experiências sociais, para conceptualizar as visões de mundo e a cosmologia de Kanuri. Segundo o autor, a análise metafórica é uma abordagem apropriada especialmente para analisar provérbios e

compreender os aspetos epistemológicos subjacentes aos provérbios (2013, 335). Além disso, acrescenta que a metonímia desempenha um papel central nesses processos cognitivos (2013, 343). Na maioria dos provérbios analisados, encontram-se referências a objetos comuns, animais ou seres humanos que não constituem descrições da realidade concretizada, mas sim um meio de articular experiências sociais, relações sociais, atitudes e crenças. Assim, nos provérbios de Kanuri, descobrem-se referências ao enquadramento ecológico - da flora e da fauna locais aos objetos e ações relacionadas com a vida quotidiana das pessoas (2013, 337).

Vilela (2002) também advoga a motivação metafórica e metonímica dos provérbios e idiomatismos portugueses inclusivamente com exemplificação de outras línguas. Enfatiza que a memória genuína de um povo se encontra nos provérbios e expressões idiomáticas, afirmando que “as normas morais e éticas, as normas de comportamento, as rotinas de representação e de vivências espelham-se nos seus provérbios, nas suas expressões idiomáticas (...)” (2002, 373).

Batoréo (2005) analisa um conjunto de expressões idiomáticas e provérbios portugueses relacionados com o pé e afirma que a metáfora e a metonímia são dois processos muito produtivos de conceptualização para as expressões e que ocorrem em muitos casos “processos de conceptualização mais complexos, efectuados por várias metáfora(s) e/ou metonímia(s)” (2005, 249).

Ramos (2017) defende que “os provérbios são artefatos culturais que nos informam sobre processos cognitivos de construção de sentido e de concepção de mundo” (2017, 31). Sendo que os provérbios revelam conceptualizações metafóricas, as relações feitas entre os conceitos num enunciado proverbial não são aleatórias. Além disso, manifestam conceptualizações que refletem valores sociais, políticos, éticos, religiosos, etc.

Teixeira (2007) reconhece que os provérbios e as expressões idiomáticas funcionam, muitas vezes, como uma metáfora de uma outra realidade. O esquema de processar a outra realidade significativa que o significado linguístico dos idiomatismos e provérbios representa pode ser apenas metafórico numa fase inicial e tornar-se cristalizado posteriormente, mantendo, contudo, a sua carga semântica, mas perdendo a aparência metafórica.

As chamadas *expressões idiomáticas* facilmente perdem a transparência metafórica e perduram na língua muito para além desta mesma perda

(...)

Nos provérbios, a transparência metafórica é tendencialmente maior, porque:

1. um provérbio é uma estrutura semântica completa (corresponde habitualmente a uma frase, enquanto uma expressão fixa corresponde habitualmente a um sintagma);

2. um provérbio corresponde habitualmente à constatação de uma realidade colectivamente aceite, utilizada para conceptualizar (nos mesmos moldes) uma outra realidade em referência (2007, 6).

O autor aponta que nem todos os provérbios manifestam a metaforicidade, sendo que “uma grande parte são instruções comportamentais directas” (ibid.).

Segundo Teixeira, o motivo pelo qual na publicidade se recorre muitas vezes aos provérbios reside no facto de que os provérbios são “tidos como verdades socialmente reconhecidas e aceites, que transmitem a ideia de segurança de uma comunidade que partilha universos de crença”, e desse modo, evocam “o sentimento de partilha, de convivência social de aceitação ou de novidade e confronto, mas sempre de uma cultura e de uma visão do mundo partilhada” (ibid., 7).

Siqueira et al. (2017) investigam a presença de metáforas e metonímias em seis provérbios do português brasileiro. Chegam à hipótese de que metáforas são mais prevalentes do que metonímias em provérbios, particularmente nos que apresentam uma maior idiomaticidade. Porém, as metonímias ainda têm um papel importante na formação dos provérbios. Para além disso, foi observada uma interação entre mapeamentos metafóricos e metonímicos. O estudo corrobora a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO que pressupõem Lakoff e Turner (1989), sendo que perpassa todos os provérbios analisados.

Segundo Wang (2008), a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO constitui um instrumento viável e pormenorizado para a análise da compreensão dos *yànyǔ*. Apesar disso, constata-se algumas problemáticas nesta teoria, nomeadamente pelo facto de que não tem em consideração o papel metonímico nem as divergências culturais no processo complexo

da compreensão proverbial. Sendo que os provérbios transmitem a visão do mundo e especificidades culturais das diferentes comunidades, é preciso enquadrá-los no seio dos modelos culturais correspondentes para os compreender.

Zhu (2008) promove um estudo contrastivo cognitivo sobre os provérbios em inglês e os *yànyǔ*. Ao analisar os fenômenos metafóricos e metonímicos dos provérbios, argumenta que, apesar das diferenças linguísticas e culturais, os mecanismos cognitivos que os falantes utilizam são os mesmos. Frisa o valor sociolinguístico do provérbio, sendo que se afigura informativo para aceder às tradições e crenças populares de uma comunidade de língua (2008, 58-59).

Kou (2007) afirma que o provérbio surge com base no nosso pensamento metafórico. Por um lado, as convergências proverbiais em chinês e inglês devem-se às semelhanças do pensamento metafórico do ser humano, que tem por base as experiências corporais e interagidas com o ambiente físico. Por outro lado, as divergências dos provérbios estão ancoradas nas diferenças culturais (2007, 107).

Jia e Hou (2015) comparam os provérbios chineses e franceses relacionados com o coração. Afirmam a viabilidade da abordagem da metáfora conceptual para o estudo cultural do provérbio, sendo que as semelhanças e as diferenças dos provérbios repercutem as experiências parecidas de vida e as distintas tradições populares e valores culturais, respetivamente, dos dois povos.

Liu (2008) analisa os idiomatismos e provérbios em inglês e chinês relacionados com a mão que são metáforas e metonímias, sublinhando que os dois processos cognitivos se interagem em muitos casos. Afirmam que o modo de cognição básico é semelhante entre diferentes povos e por isso, as expressões das duas línguas demonstram muitas similitudes, enquanto que as especificidades culturais resultam nas divergências linguísticas, como por exemplo, o ritual de pôr o anel no pedido de casamento motiva a metonímia de MÃO POR CASAMENTO em inglês, todavia, pela ausência deste costume na China, registam-se muito menos expressões com esta metonímia em chinês do que em inglês.

Liu (2012) reconhece a característica conceptual dos provérbios e idiomatismos. Com base nas teorias de Teixeira (2007), Liu considera que as “bases conhecidas” são conceitos familiares, identificáveis e simples, enquanto os “alvos a categorizar” são complexos e não

obviamente identificáveis e que isso pode “ser transposto para expressões idiomáticas e provérbios” (2012, 77).

O exemplo referido poderá ser transposto para expressões idiomáticas e provérbios, na sua intencionalidade de exprimir conteúdos comunicacionais mais complexos com frases ou quase narrativas de simples compreensão. O processo metafórico visível em muitos provérbios, que contêm conjuntos de metáforas em sentido amplo, também se reporta a estas unidades comunicacionais de “base conhecida”, ou seja, a frase em si expõe uma realidade relativamente simples, mas com a intenção, o que é mais importante, de chegar a uma outra realidade mais profunda e não dita diretamente, ou seja, “escondida”, designada por “alvo a categorizar” (ibid.).

A fim de explicar as semelhanças e as diferenças entre línguas que podem revelar os provérbios em idiomas distintos, Liu recorre a uma categorização distintiva entre elementos endógenos e exógenos.

(...) a semelhança ou proximidade entre o “alvo a metaforizar” e a “base” pode, e seguramente tem, elementos psicológicos, ou seja, subjetivos, endógenos, e elementos socioculturais, ou seja, exógenos. Porventura, os elementos endógenos serão mais comuns à condição humana, e os exógenos mais dependentes da sociedade e da história.

Esta subjetividade entrelaçada com a objetividade enquanto campo onde opera a metaforização não entram necessariamente em conflito, pelo contrário, complementam-se e interagem; se a subjetividade poderá porventura relevar de um património comum à humanidade, também a objetividade permite pontes interculturais que constituem condição de possibilidade para a comunicação, a tradução, etc. De resto, estas distinções ou dicotomias excessivamente nítidas devem ser abordadas com reserva e cautela. Nos provérbios, como já foi referido, haverá sempre diferentes contextos de partida conforme a cultura, a história, a geografia, etc., mas tal não impedirá compreensão e similitude ao nível de chegada ou

conclusão de todo o complexo metafórico (ibid., 78-79).

Resumindo, pelo que já foi dito anteriormente, foi possível comprovar que os idiomatismos e provérbios proporcionam evidências para a natureza metafórica do nosso pensamento e mecanismo cognitivo de representação partilhada de dimensões da realidade. Tendo em conta as propriedades cognitivas dos mesmos e o facto de ambos refletirem os conhecimentos culturais e práticas sociais de uma determinada comunidade, é evidente que, por via da análise dos idiomatismos e provérbios numa língua, podemos, por um lado, assinalar a construção, o mecanismo e características do sistema cognitivo da comunidade desta língua, e por outro, conhecer melhor os enquadramentos biológicos, geográficos, sociais, assim como, culturais nos quais se baseia a construção do sistema conceptual da comunidade.

### **3.3 Os provérbios e idiomatismos com animais à luz da linguística cognitiva**

#### **3.3.1 Características das metáforas conceptuais de animais**

A ubiquidade das metáforas de animais é reconhecida por vários estudos da linguística cognitiva (Lakoff e Turner 1989; Kövecses 2010; Talebinejad e Dastjerdi 2005; Wang e Dowker 2008; Zhang 2009; Pan 2012; entre outros).

Por um lado, o animal é um domínio-fonte extremamente produtivo. Por excelência, os seres humanos são frequentemente entendidos através de propriedades dos animais (Nesi 1995; Kövecses 2010; Haslam, Loughnan, e Sun 2011; Chen 2015; Cavalcanti e Pelosi 2016; entre outros). Segundo Rodríguez (2009, 80), os seres humanos usam o seu conhecimento do mundo natural na construção de uma existência social e a metáfora O SER HUMANO É ANIMAL serve de uma boa prova disso. Pan (2012, 64) considera as metáforas animais um modo de pensar importante para conhecer nós próprios, sendo que os diferentes aspetos dos animais são sistematicamente mapeados para as variadas dimensões do ser humano.

Por outro lado, Lakoff e Turner (1989, 193) preconizam que os domínios mais elaborados para compreender o não humano mediante o ser humano consiste nos dos animais. Goatly (2006) aponta na mesma direção, afirmando que os animais são vistos através da lente da sociedade humana, i.e., os atributos humanos e os carizes das sociedades humanas são projetados aos animais.

With a Target as complex and multi-faceted as ‘animal’ there is enormous scope for different Source metaphors derived from different concepts of humanity and different social and cultural systems within which that humanity takes its shape (2006, 35).

Lakoff e Turner (1989) explicam o mecanismo das metáforas de animais por via da metáfora da Grande Cadeia dos Seres, sendo que o Homem e os animais se situam em diferentes níveis na hierarquia da Grande Cadeia, e por isso, a conceptualização pode ocorrer em duas direções contrárias, i.e., compreendemos o ser humano através dos animais, e por sua vez, entendemos os animais através do Homem (1989, 193). O argumento foi corroborado por vários estudos sobre metáforas de animais em diferentes idiomas (Rodríguez 2009; Cavalcanti e Pelosi 2016; Shahabi e Roberto 2015; Chen 2016; Zhang 2017; entre outros).

Salienta-se que em alguns casos, verifica-se um processo mais complexo que envolve ambas as direções contrárias da metáfora da Grande Cadeia, i.e., os animais são primeiramente metaforizados com características humanas, e seguidamente, essas características são mapeadas para os seres humanos (Lakoff e Turner 1989; Kövecses 2010; Martsa 2007). Na linha de Lakoff e Turner, Kövecses (2010) exalta a conceptualização personificada dos animais.

(...) humans attributed human characteristics to animals and then reapplied these characteristics to humans. That is, animals were personified first, and then the “human-based animal characteristics” were used to understand human behavior.

But it is not only human behavior that is metaphorically understood in terms of

animal behavior; people themselves are also often described as animals of some kind. Thus, we have the conceptual metaphor PEOPLE ARE ANIMALS (2010, 152-153).

Sendo que as próprias características físicas e o comportamento dos animais podem não ser o único determinante na conceptualização metafórica (Shahabi e Roberto 2015, 280) e são também subjacentes aos caracteres humanos, incluindo os fatores sociais e culturais, tais como, as relações interpessoais, a história, mitologias, religião, literatura, costumes e convenções, entre outros, portanto, as metáforas de animais podem variar de cultura para cultura (Deignan, 2003; Coimbra e Bendiha 2004; Talebinejad e Dastjerdi 2005; Wang e Dowker 2008; Rodríguez 2009). Zhang (2009, 8-9) considera os elementos culturais o fator mais importante no mecanismo da metáfora de animal, produzindo típicas figuras metafóricas e expressões linguísticas relativamente fixas de uma língua/cultura. Nesse sentido, como observa Nesi (1995), os animais têm diferentes características convencionadas ancoradas em metáforas em diferentes línguas/culturas.

Animal terms are heavily conventionalized in metaphor. In each culture, certain animal terms are strongly linked with certain attributes, and there is communal agreement about what these attributes are. This does not mean that such metaphors are 'dead'; on the contrary, they form a very vital part of the language (1995, 274).

Ao serem comparadas metáforas de animais em diferentes línguas, verifica-se que as experiências humanas universais motivam as semelhanças, enquanto os ambientes naturais, sociais bem como culturais distintos contribuem para as divergências (Zhang 2009; Zhang 2017; Pan 2012).

De acordo com a observação de vários estudiosos, a maioria das metáforas animais caracteriza-se pejorativa, descrevendo hábitos e atributos indesejáveis do ser humano (Kövecses 2010; Goatly 2006; Rodríguez 2009; Haslam, Loughnan, e Sun 2011; Pan 2012; entre outros). Registe-se que a visão generalizada e persistente de que os seres humanos estão no auge da Grande Cadeia e têm dominância sobre os animais fornece a explicação a esse fenómeno linguístico (Kövecses 2010; Goatly 2006; Rodríguez 2009). Os homens

sentem a superioridade em relação aos animais, marcando uma distância entre eles. Por conseguinte, os atributos indesejáveis humanos são considerados de natureza animal. Por sua vez, a inclinação emocional negativa dessas metáforas reforça a ideologia da superioridade humana e do desdém pelos animais, implicando que os animais e os seres humanos não têm o mesmo direito de existência (Goatly 2006, 28).

Esta característica das metáforas de animais resulta num efeito específico, sendo que se trata de uma estratégia frequentemente utilizada a fim de discriminar um determinado grupo ao referi-lo como animais (ibid., 29). Segundo Goatly, nesse caso, os efeitos metafóricos não se limitam ao conceptual, sendo que têm força emocional, transmitindo juízo de valor e atitudes ideológicas e influenciando as nossas atitudes e comportamentos em relação aos animais e aos seres humanos (ibid., 16).

Rodríguez (2009) alega que as metáforas animais estão sempre à mão para degradar grupos sociais particulares que são considerados inferiores ou marginais, tais como homossexuais, mulheres e imigrantes. As identificações metafóricas de grupos marginais com animais podem ajudar a expressar e perpetuar avaliações coletivas sobre o seu papel na sociedade, reforçando estereótipos, servindo de veículos para a transmissão e perpetuação de crenças sociais em benefício de uma determinada comunidade de fala. Especificamente sobre as representações de mulheres nas metáforas animais, Rodríguez aponta que “as mulheres são vistas como uma extrema necessidade de subjugação, domesticação e controlo rigoroso. Essa noção de controlo finalmente sugere visões estereotipadas sobre a feminilidade, implicando a ideia de que algum tipo de restrição precisa de ser exercido sobre as mulheres” (2009, 95).

Lopes (2005) corrobora este argumento, afirmando que os animais nas expressões metafóricas sobre a mulher em português do Brasil que analisa “são domésticos e outros, apesar de não viverem com o Homem, são mansos e submissos. Esse traço lexical (...) pode contribuir para uma interpretação próxima à crença em uma possível submissão da mulher ao homem” (2005, 64).

Este papel que as metáforas animais desempenham corrobora as teorias da metáfora da Grande Cadeia dos Seres proposta por Lakoff e Turner (1989), sendo que, para os dois autores, a Grande Cadeia resulta em profundas consequências sociais e políticas (1989,

210), porque a sua organização implica o caráter de superioridade atribuído ao ser humano em relação ao animal, e com a aplicação penetrante da metáfora de Grande Cadeia nas variadas dimensões humanas, a dominância e a degradação caracterizam ambas as relações humana-animal e interhumana.

Todavia, é relevante esclarecer que as metáforas animais nem sempre são pejorativas, pois algumas capturam as características positivas das pessoas (Nesi 1995; Rodríguez 2009; Hsieh 2006; Silaški 2013). Segundo Haslam, Loughnan, e Sun (2011, 311), as metáforas animais transportam uma ampla gama de significados, desde insultos até expressões de amor, apesar de os conteúdos da metáfora serem principalmente negativos.

No que diz respeito ao papel que a metonímia desempenha nas metáforas animais, alguns linguistas argumentam que não se afigura típica, sendo que “os sentidos metonímicos são acompanhados ou até mesmo suprimidos pelos sentidos metafóricos” (Talebinejad e Dastjerdi 2005, 148). No entanto, para outros (Fu 2008; Pan 2012; Haslam, Loughnan, e Sun 2011; Silaški 2013), a metonímia não é menos importante. Haslam, Loughnan, e Sun referem que os franceses são sapos devido à associação indiretamente metonímica, sendo que os comem estereotipicamente (2011, 312). Silaški (2013) aborda o princípio cognitivo TÍPICO POR NÃO TÍPICO que se aplica à base metonímica das metáforas animais.

Such ANIMAL metaphors are metonymy-based, i.e. typical properties of an animal stand for that animal. Thus, in the process of metaphorisation only the most salient properties of animals (via metonymy motivated by the TYPICAL OVER NON-TYPICAL cognitive principle [Radden & Kövecses 1999:49]) are mapped onto people as a target domain (2013, 323).

De qualquer modo, a conclusão relativamente ao papel da metonímia na conceptualização animal tem de ser elaborada com base em estudos sistemáticos.

### **3.3.2 Provérbios e idiomatismos com animais sob o paradigma metafórico conceptual**

A omnipresença das metáforas conceituais com animais manifesta-se nos provérbios e idiomatismos (Moon 1998; Shahabi e Roberto 2015; Nesi 1995; Pan 2012; Fu 2008), pelo que revemos os estudos principais em questão na presente subalínea.

Lakoff e Turner (1989) instanciam com dois provérbios com animais o papel que a metáfora da Grande Cadeia desempenha na interpretação proverbial. Para os dois linguistas, o que importa na Grande Cadeia não é só os atributos e comportamentos dos diferentes seres, mas também a dominância que os seres de nível mais alto têm sobre os de nível mais baixo. O facto de que consideramos o gato dominar o rato, permite-nos perceber que “*The rats decide, the cat ought to be belled*” se refere a que as pessoas de classe mais baixa tentam, inadequadamente, controlar as de classe mais alta. Já o provérbio “*Cows run with wind, horses against it*”, sendo que na Grande Cadeia o cavalo é mais nobre que a vaca, advoga combater as forças sociais em vez de se conformar com estas (1989, 210-211).

Shahabi e Roberto (2015) comparam as expressões metafóricas com animais, nomeadamente provérbios, em inglês e pérsico, afirmando que três elementos servem de fonte da produção metafórica de animais – os traços e comportamentos animais, a cultura bem como a propriedade linguística, sendo a “cultura” mais produtiva e a propriedade linguística menos produtiva na emergência das metáforas. Verifica-se que as metáforas de animais nos dois idiomas manifestam especificidades culturais que se demonstram principalmente nos seguintes aspetos: 1. Devido ao ambiente natural e por conseguinte, à familiaridade diferente a um determinado animal, este pode estar presente ou ausente nas metáforas de animais de uma determinada língua. 2. Tendo por base as mesmas características dos animais, as diferentes línguas/culturas dão importância a atributos distintos e por isso, significado diferente associado a determinado animal. 3. Uma determinada espécie afigura-se mais ou menos importante em diferentes línguas/culturas. 4. As diferentes línguas/culturas atribuem diferentes juízos de valor a determinado animal.

Belkhir (2014) investiga o “cão” nos provérbios ingleses e cabilas que contêm a metáfora O COMPORTAMENTO HUMANO É O COMPORTAMENTO DO CÃO. As metáforas caninas das duas línguas demonstram convergências em dois aspetos: 1. Utilizam-se as próprias assim como as personificadas características do cão para se referir aos comportamentos humanos. 2. Verifica-se a predominância do valor negativo dos

provérbios, transmitindo comentários em relação aos comportamentos humanos desagradáveis, sendo que a metáfora da Grande Cadeia oferece uma explicação disso. No entanto, para o autor, tal metáfora tem de ser completada com os fatores socioculturais, sendo que por um lado, também existem metáforas caninas com conotações positivas, que têm origem da relação cultural entre o ser humano e o cão; e por outro, as especificidades socioculturais influenciam o uso de “cão” na representação de ações humanas bem como as circunstâncias em que está envolvido, e por conseguinte, resultam no seu uso distinto em línguas diferentes. As metáforas de animais consistem numa ferramenta cognitiva e linguística que transmite conhecimentos e crenças culturais.

Muhammad e Rashid (2014) afirmam que os animais são amplamente utilizados metaforicamente para transmitir certos significados relacionados com os seres humanos em malaio e em inglês (2014, 335), o que se revela nos provérbios dos dois idiomas. Os dois autores salientam a diferença cultural das metáforas de animais.

(...) culture does play a vital role in determining the meanings attached to the animal metaphors as different language will have different meanings ascribed to the same animal. This is to say that one same animal may not be equally conceptualised in different languages and cultures (2014, 337).

Kobia (2016) faz uma análise metafórica conceptual dos provérbios em suaíli em referência à galinha, argumentando que a mesma desempenha um papel importante na construção de provérbios dessa língua. As metáforas deste animal estão pautadas na cultura e ambiente social, constituindo assim um repositório dos valores socioculturais da comunidade e um veículo para desvendar as características culturais e visões do mundo desse povo.

Fu (2008) compara os provérbios com animais em chinês e inglês, sendo que a quantidade dos mesmos se afigura volumosa. Afirma que os provérbios das duas línguas demonstram similitudes devido a capacidades semelhantes de pensamento, funcionamento semelhante de cognição e o mesmo papel que alguns animais têm nas vidas das pessoas, para além dos mesmos atributos e características dos animais. Porém, as palavras animais

são dotadas de conotações culturais especiais de diferentes culturas, sendo que as discrepâncias na religião, costumes e história fazem os provérbios animais divergentes nas duas línguas. Advoga que a análise cognitiva contrastiva entre os provérbios ingleses e chineses mostra como compartilham uma conceptualização subjacente comum, enquanto igualmente refletem diferentes crenças culturais (2008, 1).

Enfatiza que na metáfora O SER HUMANO É ANIMAL, por vezes, se verifica a metaforização do ser humano através de um animal personificado (2008, 20). Além disso, a metonímia é essencial para a interpretação de provérbios, quando estes envolvem o mesmo domínio cognitivo (2008, 10).

No que diz respeito aos simbolismos de alguns animais nos provérbios chineses que Fu analisa e que interessam para a presente tese, o dragão goza de uma reputação muito alta na cultura chinesa, representando os imperadores e a competência, por exemplo, “*Even a dragon (from the outside) finds it hard to control a snake in its old haunt*” significa que uma pessoa competente num ambiente adverso não pode aproveitar o seu talento para o jogo completo (2008, 19). A figura do “cão” muitas vezes tem uma conotação depreciativa, simbolizando uma pessoa maliciosa, como é o caso de “*Out of a dog's mouth will never come ivory tusks*”, significando que não se pode esperar que as pessoas de má índole expressem algo de bom (2008, 23). O tigre tem uma imagem positiva associada à competência, por exemplo, “*Hidden dragons, crouching tigers*” significa que pessoas competentes são mantidas num perfil baixo. Entretanto, tem também uma imagem negativa de crueldade (2008, 24).

Huang (2011) compara os provérbios em chinês e inglês com os doze animais do zodíaco chinês e as suas correspondências em inglês. Afirma que os provérbios com animais são uma parte importante da língua e um elemento indispensável da cultura, sendo a metaforização uma característica dos mesmos (2011, 36). Contempla que a maioria das metáforas nos provérbios em causa consiste na O SER HUMANO É ANIMAL, além disso, sublinha que a maioria dos provérbios transmite uma conotação negativa.

Segundo Huang, as semelhantes experiências obtidas do ambiente natural e social explicam os pontos comuns dos provérbios das duas línguas, entretanto, as divergências dos ambientes de viver, religião assim como os estilos de vida e costumes motivam as

diferenças, que se demonstram nas seguintes facetas: 1. Os mesmos sentidos são transmitidos por diferentes animais; 2. O mesmo animal tem uma conotação distinta; 3. O mesmo animal tem um conjunto de simbolismos mais rico do que numa outra língua; 4. O mesmo animal tem o mesmo sentido, porém com diferença avaliativa.

Relativamente aos significados metafóricos dos animais relacionados com o ser humano em chinês, citamos as palavras de Huang na seguinte tabela. Os provérbios chineses são traduzidos para inglês pelo autor, sem explicação das conotações dos mesmos.

animal	simbolismo	provérbio traduzido de inglês	página
ovelha	pessoa bondosa	É melhor salvar cem ovelhas do que um lobo.	13
	pessoa sem as próprias opiniões	Quando um rebanho de ovelhas anda, todas olham para aquela que anda à frente.	13-14
gado	pessoa honesta	Orientar um boi é fácil, mas apanhar um rato é difícil.	15
	oponente	Por mais fortes que os touros sejam, os homens têm maneiras de os derrubar.	15
	estupidez	Se se tocar alaude ao boi, é impossível este entendê-lo.	15
	pessoa que não sabe os seus defeitos	Um boi não sabe que tem chifres tortos. Nem um cavalo sabe que tem um rosto comprido.	15
	pessoa	Um bezerro recém-nascido não teme o tigre.	15
cavalo	pessoa inteligente	Um cavalo rápido não precisa de chicotes e um bom tambor não precisa de muita batida.	16
	pessoa poderosa	Se houver cavalos altos amarrados em frente de uma casa, até os que não são parentes virão reivindicar-se como parentes do dono.	16
	pessoa pertinaz	Um bom cavalo não abaixa a cabeça perante um precipício.	16-17
	pessoa competente	Mesmo um cavalo que consegue correr mil léguas por dia pode tropeçar uma vez.	17
	cavalheiro	Um bom cavalo nunca mais voltará a pastar na grama por que já passou.	17
	servidor	Até um cão ou um cavalo sente apego ao seu dono.	17
	pessoa que não sabe os seus defeitos	Um boi não sabe que tem chifres tortos. Nem um cavalo sabe que tem um rosto comprido.	17
porco	pessoa suja	O porco goza do corvo por ser negro.	18
cão	pessoa má	Embora um cão possa viajar mil léguas, ainda	19

		comerá excremento.	
	pessoa leal	Cães que guardam a casa são profundamente odiados por ladrões.	19
	pessoa snobe	Tal como o cão não morde aqueles que vêm para pagar a chamada formal do Ano Novo; os funcionários do governo não batem aqueles que oferecem dinheiro.	19
	servidor	Até um cão ou um cavalo sente apego ao seu dono.	20
galo	pessoa que não é gananciosa	Galos não comem alimentos que não ganharam.	21
	pessoa ostensiva	Galinhas que cacarejam não põem ovos.	21
tigre	pessoa competente e talentosa	As montanhas escondem tigres e leopardos, e o deserto esconde unicórnios.	22
	pessoa cruel	O tigre, apesar de ser feroz, nunca come os seus filhotes.	22
	pessoa forte	Quando dois tigres lutam, um deles certamente ficará ferido.	22
	pessoa perigosa	Ninguém se atreve a tocar na traseira do tigre.	23
	inimigo	Depois de se libertar o tigre para regressar às montanhas, é difícil apanhá-lo novamente.	23
	pessoa má	Quando se mantém boa companhia, aprende-se a ser bom; quando se mantém companhia com tigres, aprende-se a morder pessoas.	23
lebre	pessoa esperta	Uma lebre astuta tem três tocas.	24
	pessoa humilde	Um coelho que se encontra em desespero fica tão feroz como um tigre.	24
	pessoa	Um coelho pode correr por todos os montes, mas mais cedo ou mais tarde regressará ao seu buraco.	24
macaco	pessoa menos competente	Quando não há tigre na montanha, o macaco torna-se no rei.	25
	pessoa	O macaco amarrado é gozado por outros.	25
rato	pessoa má	Quando um rato atravessa a rua, todos gritam para batê-lo.	26
	pessoa de visão curta	Os lobos nunca deixam sobrar carne dum dia para outro; os ratos nunca deixam sobrar o seu grão dum dia para outro.	26
	pessoa tímida	Por maior que seja um rato, ainda tem medo do gato.	27
	pessoa astuta	Orientar um boi é fácil, mas apanhar um rato é difícil.	27
cobra	pessoa má	Cobras venenosas sempre se movem em ziguezague, e os caranguejos sempre andam de	28

		lado.	
dragão	pessoa poderosa	Mesmo um dragão feroz tem dificuldade em lutar contra uma cobra local	29
	pessoa com estatuto alto	Fénix gera fénix, dragão gera dragão, o que nasceu do rato sabe cavar buracos.	29
	pessoa excelente	Os olhos de um dragão conseguem reconhecer pérolas; os olhos de uma fénix conseguem ver tesouros; e os olhos de um boi sabem que tipo de erva se pode comer.	29
	pessoa	O que os dragões mais receiam é que as suas escamas sejam raspadas e o que os tigres mais receiam é que o seu tendão seja puxado.	29

Tabela 4: Simbolismos dos animais zodiacais nos provérbios chineses preconizados por Huang (2011)

Pan (2012) estuda confrontativamente os idiomatismos em inglês bem como os *chéngyǔ* e *guànyòngyǔ* com animais, afirmando que as metáforas animais constituem uma categoria importante das metáforas conceptuais e manifestam-se nos idiomatismos (2012, 55). Além da metáfora, a metonímia assim como a interação das duas ferramentas são importantes para as expressões com animais. Ao recorrer às teorias da Grande Cadeia de Lakoff e Turner (1989), indica que as expressões com animais tendem ser pejorativas.

As metáforas animais evidenciam uma componente experiencial, sendo que por um lado, os idiomatismos nas duas línguas manifestam semelhanças em virtude das similitudes do modo de cognição e experiências; por outro, as diferenças são por demais evidentes em consequência dos ambientes naturais, culturais e sociais distintos. As divergências notam-se nos seguintes aspetos: 1. A utilização de diferentes animais para expressar a mesma conotação; 2. A ausência de determinado animal, por excelência os animais imaginários, numa outra língua; 3. A frequência de uso, a quantidade e os valores simbólicos positivos ou negativos das expressões relacionadas com um determinado animal podem variar em diferentes línguas.

As conotações metafóricas dos animais relacionadas com os homens em chinês que a autora analisa são as seguintes:

animal	simbolismo	idiomatismo	tradução	página
búfalo	amor parental	<i>lǎo niú shì dú</i> 老牛舐犊	O búfalo velho lambe o bezerro.	56

	estupidez	<i>duì niú tán qín</i> 对牛弹琴	tocar cítara chinesa ao búfalo	56
	peessoa que come muito	<i>jīng xī niú yǐn</i> 鲸吸牛饮	tragar como uma baleia e beber como um búfalo	56
cavalo	peessoa virtuosa	<i>Yānzhāo hào mǎ</i> 燕昭好马	O rei Yanzhao gosta de bons cavalos.	58
	peessoa experiente	<i>lǎo mǎ shí tú</i> 老马识途	O cavalo velho conhece o caminho.	58
	estupidez	<i>mǎ niú jīn jū</i> 马牛襟裾	cavalo e búfalo vestidos de roupa (A boa aparência não muda da estupidez)	58
	peessoa competente	<i>qiānlǐ mǎ</i> 千里马	cavalo que aguenta passeios de longa distância	106
cão	peessoa que oprima outros dependente do poder de outro	<i>gǒu zhàng rén shì</i> 狗仗人势	O cão ladra mais alto com o poder do seu dono	59
	peessoa maliciosa	<i>láng xīn gǒu fèi</i> 狼心狗肺	coração do lobo e pulmão do cão (má índole)	59
	peessoa desvergonhada	<i>yíng yíng gǒu gǒu</i> 蝇营狗苟	A mosca voa e o cão desvergonha-se.	59
rato	peessoa maliciosa	<i>guò jiē lǎoshǔ</i> 过街老鼠	rato que atravessa a rua	60
	peessoa insignificante	<i>wú míng shǔ bèi</i> 无名鼠辈	peessoa desconhecida e do mesmo jaez que os ratos	61
galo	peessoa molhada	<i>luò tāng jī</i> 落汤鸡	galo escaldado	105
ovelha	peessoa mansa	<i>lǎo miányáng</i> 老绵羊	ovelha velha	106
porco	peessoa preguiçosa	<i>lǎo mǔzhū</i> 老母猪	porca velha	106
tigre	peessoa cruel com aparência simpática	<i>xiào miàn hǔ</i> 笑面虎	tigre sorridente	107
	peessoa fraca que parece forte	<i>zhǐ lǎohǔ</i> 纸老虎	tigre de papel	107
	virago	<i>mǔ lǎohǔ</i> 母老虎	tigre fêmea	107
serpente	peessoa maliciosa	<i>dì tóu shé</i> 地头蛇	serpente local (peessoa maliciosa que tem muita força num local)	108
dragão	peessoa	<i>rén zhōng lóng</i>	dragão na multidão	109

	excelente	人中龙		
--	-----------	-----	--	--

Tabela 5: Simbolismos dos animais zodiacais nos idiomatismos chineses preconizados por Pan (2012)

Jiang (2014) incide sobre o mecanismo cognitivo subjacente aos idiomatismos relacionados com o cavalo em chinês, dando ênfase à metonímia. Segundo o autor, os idiomatismos com animais são utilizados metonimicamente para interpretar a aparência, as características e comportamentos do ser humano, sendo que a metonímia se afigura a mais importante motivação da formação e compreensão dos idiomatismos associados com o cavalo (2014, 38). Os princípios metonímicos nos idiomatismos são PARTE POR O TODO, O TODO POR PARTE, ENTIDADE ESTÁTICA POR AÇÃO DINÂMICA, AÇÃO DINÂMICA POR ENTIDADE ESTÁTICA OU QUALIDADE, CATEGORIA POR CARACTERÍSTICA e AÇÃO POR RESULTADO. Além da metonímia, o autor destaca a importância das experiências físicas e culturais para a formação dos idiomatismos de cavalo.

Com base nos estudos mencionados sobre os provérbios e idiomatismos com animais em diferentes idiomas, destacamos os seguintes argumentos: 1. Os provérbios e idiomatismos com animais são abundantes em diferentes línguas; 2. A metáfora, a metonímia bem como a interação entre as mesmas desempenham um papel na formação das expressões; 3. A metáfora da Grande Cadeia dos Seres fornece uma explicação ao mecanismo das metáforas de animais, no entanto, é indispensável ter em consideração os fatores culturais para interpretar as mesmas, sendo que as especificidades culturais são por demais evidentes nas metáforas de animais; 4. Afigura-se um campo por explorar o estudo destinado aos provérbios e idiomatismos portugueses com animais à luz da linguística cognitiva, sendo que com efeito, os estudos portugueses da linguística cognitiva ainda se afiguram muito reduzidos (Silva 2008); 5. Em termos do caso chinês, comparativamente ao português, a questão é mais estudada e a maioria dos estudos em causa adota a metodologia contrastiva entre o chinês e o inglês, incidindo nas convergências e discrepâncias das duas línguas e culturas.

### **3.3.3 Estudos comparativos sobre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais**

A quantidade das análises comparativas português/chinês em relação aos provérbios e/ou idiomatismos afigura-se muito reduzida, entre as quais se destacam Mascarenhas (1999), Wang (2012), Liu (2012) e Gao (2017). No entanto, os objetivos desses estudos referidos não residem em realizar um estudo empírico à luz da linguística cognitiva<sup>13</sup>. Entre os mesmos, Gao (2017) consiste num trabalho especificamente em relação aos animais nos provérbios das duas línguas, pelo que revemos algumas conclusões pertinentes do mesmo.

Gao aponta que “os elementos zoomórficos têm uma importância fundamental nos provérbios, quer em Portugal, quer na China” (2017, 70) e que a metaforização dos nomes de animais é frequente (2017, 53).

Os provérbios portugueses demonstram uma ligação estreita com a religião, sendo que “revelam-se, por vezes, algumas reflexões sobre a Bíblia” (2017, 72), todavia, “no caso dos provérbios chineses, os animais revestem-se de uma muito maior ligação aos mitos chineses e aos elementos rurais na China, do que a ligação à religião no caso da Europa” (2017, 8). No entanto, afirma mais tarde que os provérbios chineses refletem os pensamentos do Confucionismo, Taoísmo, Budismo e Legalismo (2017, 18). Além disso, Gao argumenta que “os fatores sociais, geográficos, históricos e mitológicos decidem os temas distintos nos provérbios das duas línguas” (2017, 72), com a exemplificação de que na paremiologia portuguesa se constata muitos casos com peixes marinhos, e no caso em chinês reflete mais o aspeto sobre a terra, devido às distintas características geográficas e históricas dos dois países.

Sublinha a prevalência das conotações negativas das metáforas de animais, que “refletem alguns dos seus comportamentos e instintos, para chegar a efeitos didáticos e educativos”. (2017, 22)

(...) os animais são geralmente considerados inferiores aos seres humanos e, por isso,

---

<sup>13</sup> Wang (2012) refere brevemente que a metaforicidade do ponto de vista da linguística cognitiva é uma característica dos idiomatismos, no entanto, não aprofunda o argumento e o paradigma da metáfora conceptual não desempenha um papel no seu trabalho. Relativamente ao trabalho de Liu (2012), embora aborde os provérbios e idiomatismos sob a perspetiva da linguística cognitiva no último capítulo, este não tem por objetivo comparar os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, mas somente abordar o cariz conceptual dos provérbios e idiomatismos em geral com base nas teorias da linguística cognitiva, afastando-se um pouco, desse modo, do objetivo principal do seu trabalho – um estudo contrastivo das expressões idiomáticas e da paremiologia em chinês e português.

as metáforas com animais tendem principalmente para o sentido negativo, embora decerto nem todas. Assim, as pessoas usavam esses provérbios com as figuras de animais para transmitir os pensamentos e criticar alguns assuntos aproveitando as suas metáforas (2017, 36).

Em termos dos simbolismos de alguns animais que Gao refere, o dragão chinês é o símbolo do poder auspicioso, do imperador da China e da identidade do povo chinês, enquanto o dragão em Portugal é tido geralmente como mau (2017, 21). Sendo o animal mais próximo à vida do ser humano, o cão destaca-se na constituição dos provérbios em português e chinês (2017, 42-43). Os simbolismos do animal canino apresentam dois aspetos extremos: o benéfico e o maléfico. No provérbio português o cão associa-se à imagem de um herói civilizador, um conquistador do fogo enquanto em chinês, o simbolismo dos cães tende relativamente para o aspeto maléfico (2017, 48). Para a autora, os provérbios portugueses sobre o galo normalmente não contêm metáforas, sendo que falam das suas funções físicas. A ovelha está associada à mansidão, sendo “um animal que não tem nenhum mecanismo natural de defesa e (...) que necessita de proteção” na cultura ocidental (2017, 46).

Registe-se que, na abordagem dos simbolismos dos animais, as conclusões a que Gao chegou não provêm necessariamente da análise dos provérbios portugueses e chineses, mas sim das suas representações simbólicas em geral nas culturas portuguesa e chinesa, aliás, por vezes, de modo muito abrangente e vago, tendo em vista inclusivamente os simbolismos na cultura ocidental e de outros países. Por isso, os resultados não refletem necessariamente os simbolismos dos animais nos provérbios chineses e portugueses, e até podem não corresponder aos simbolismos específicos das duas culturas. Além disso, confunde, em alguns casos, o simbolismo do próprio animal e o tema do provérbio.

É importante esclarecer que o estudo de Gao explicita que a sua investigação se ocupa da metáfora conceptual HUMANO É ANIMAL (2017, 13) e que a metáfora ocorre num “sentido descendente” (2017, 12) segundo a metáfora da Grande Cadeia de Lakoff e Turner (1989), contudo, com efeito, em alguns casos, os provérbios analisados não são metáforas e as teorias da metáfora conceptual não se caracterizam importantes para a sua análise,

sendo que, por um lado, contempla os provérbios, aliás não especificamente dos animais, mas, de modo geral, nos dois idiomas através dos seguintes aspetos: as diferenças fonológicas, estruturais, gramaticais e temáticas; origem, formação e desenvolvimento; bem como questões de tradução. E por outro lado, não obstante que analise alguns provérbios chineses e portugueses em que o mesmo animal apresenta simbolismos semelhantes ou diferentes, ou animais diferentes apresentam simbolismos semelhantes, a ênfase do seu trabalho encontra-se na explicação dos significados desses provérbios e as semelhanças e divergências do seu sentido nas duas línguas em vez da análise das próprias metáforas de animais nem das motivações metafóricas. Por esses motivos, o paradigma da metáfora conceptual não se caracteriza importante para o seu trabalho.

Além dos estudos mencionados anteriormente, constata-se o “Nem todas as cegonhas trazem bebés. Um estudo de metáforas com nomes de animais em falantes portugueses e chineses” de Coimbra e Bendiha (2004), que aborda os simbolismos animais em português e mandarim, ainda que não seja um estudo em relação aos provérbios nem idiomatismos.

Embora as duas autoras explicitem que a análise comparativa se baseia no modelo teórico da linguística cognitiva (2004, 217), na realidade, a metodologia que adotam é fazer um inquérito a um conjunto de falantes nativos das línguas para verificar se os simbolismos que os inquiridos consideram correspondem aos que as autoras consultaram em dicionários ou outras bibliografias de símbolos animais, e por isso, não fizeram efetivamente uma análise comparativa do ponto de vista da linguística cognitiva nem incidem de modo pormenorizado nos simbolismos de animais.

Embora os provérbios não sejam o objeto de estudo deste trabalho, refere brevemente que os provérbios com nomes de animais contêm a metáfora HUMANO É ANIMAL (2004, 219-220). Segundo as autoras, as metáforas que selecionam são diversas representações da metáfora HUMANO É ANIMAL (2004, 218), no entanto, muitos dos casos que analisam revelam que os domínios-alvo não são o próprio ser humano.

Adotam a metáfora da Grande Cadeia de Lakoff e Turner (1989) para explicar o mecanismo das metáforas de animais, acrescentando que também é preciso ter em consideração os fatores culturais para interpretar os sentidos dessas metáforas. No entanto, não aprofundam este argumento, sendo que não realizam uma análise das metáforas de

animais e os seus simbolismos das duas línguas.

Pelo que já foi dito acima, verifica-se que, por um lado, existem poucos estudos comparativos sobre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, muito menos são os que estudam os mapeamentos metafóricos com animais, recorrendo ao enfoque metodológico da linguística cognitiva. Por outro, a linguística cognitiva não é devidamente explorada como ferramenta teórica de base dos estudos que se dizem cognitivos.

De acordo com os argumentos invocados anteriormente, tendo em vista a estreita ligação entre as metáforas conceptuais e a cultura, a característica cultural dos provérbios e idiomatismos e sua natureza metafórica, bem como a omnipresença das metáforas conceptuais de animais nos provérbios e idiomatismos que fazem referência ao ser humano e suas especificidades culturais, comprova-se que o confronto português/chinês dos provérbios e idiomatismos com animais do ponto de vista da linguística cognitiva se afigura concretizável e da maior relevância para descortinar convergências e divergências entre os modelos culturais chinês e português.

## **Capítulo IV Análise comparativa dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses**

### **Observações Gerais**

O presente capítulo dedica-se à comparação dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais, com vista a responder às três questões:

1. Que mapeamentos metafóricos são realizados pelos provérbios e idiomatismos tendo como domínio-fonte os animais do zodíaco chinês para representar características ou comportamentos humanos?

2. Como é que os mapeamentos metafóricos são realizados por animais de contrapartida do zodíaco chinês, em Português Europeu?

3. Quais são as convergências e divergências culturais e cognitivas ancoradas nos acervos proverbiais e idiomáticos chineses e portugueses em questão?

Em primeiro lugar, realizaremos a análise dos provérbios e idiomatismos chineses. A fim de demonstrar a motivação conceptual dos mesmos, esclarecemos, para cada expressão, os significados dos seus constituintes lexicais, a tradução e a interpretação figurativa, assim como a contextualização. Em segundo lugar, analisaremos os provérbios e idiomatismos

portugueses. Note-se que a fonte dos provérbios e idiomatismos das duas línguas será indicada recorrendo às letras do alfabeto, a saber: A-*Os Idiomatismos e Ditos Alegóricos de Duas Partes relacionados com o Zodíaco Chinês* (2011), B-*Os Idiomatismos com os Doze Signos Chineses* (1994), C-*Dicionário Xinhua do Provérbio* (2016), D-*Dicionário de Classificação dos Provérbios de Uso Comum* (2000), E-*Grande Dicionário Handa do Idiomatismo* (2000), F-*Dicionário das Locuções Idiomáticas em Chinês* (1990), G-*O Livro dos Provérbios Portugueses* (2004), H-*Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* (2000), I-*Glossário Português-Chinês de Expressões e Provérbios Portugueses* (2015). Assim sendo, identificamos cada provérbio ou idiomatismo mediante indicação da letra do alfabeto e da página da obra de referência. Por último, confrontaremos as convergências e divergências dos provérbios e idiomatismos com os doze animais nos dois contextos culturais, discutindo os motivos a partir de dois aspetos – bases experienciais e características cognitivas, incidindo, desse modo, sobre as convergências e divergências culturais e cognitivas entre os dois acervos linguísticos e culturais.

## 4.1 Análise cognitiva dos provérbios e idiomatismos chineses

### 4.1.1 Rato

O rato é caracterizado de forma depreciativa nos provérbios e idiomatismos chineses, sendo que não foram encontrados mapeamentos com significado positivo no nosso repositório.

(1) Domínio-alvo: PESSOA MÁ

a. 老鼠过街, 人人喊打 (D, 444)

romanização	<i>lǎoshǔ guò jiē, rén rén hǎn dǎ</i>
significado dos termos	rato/atravessar/rua, todos/gritar/bater
tradução	Quando um rato atravessa a rua, todos gritam: “Matem-no!”
interpretação figurativa	Todos detestam coisas ou pessoas que

	fazem mal.
--	------------

Tabela 6: Tradução e interpretação figurativa da expressão 1a

Contextualização:

Esta expressão foi utilizada no discurso proferido por Mao Zedong a 8 de fevereiro de 1942, que advogou o extermínio de *dǎng bāgǔ* 党八股 (jargão do partido, trad. literal: [estilo de] oito pernas do partido), onde o *bāgǔ* se referia ao *bāgǔwén* 八股文 (trad. literal: ensaio de oito pernas), que consistia num ensaio constituído por oito partes exigido nos exames imperiais a partir da dinastia Ming (1368-1644) (Elman 2000, 384), visto por Mao como um estilo apenas formalista e desprovido de conteúdo (CH 2009, 401). Comparou com o *bāgǔwén* o estilo de escrita vago, superficial, enfadonho, sem objetivo, formalista, irresponsável e danoso existente no partido, que foi o alvo de crítica no seu discurso. Além disso, referiu brevemente que o subjetivismo e o sectarismo, que faziam mal ao partido, eram dois ratos escondidos nos artigos do mesmo estilo de escrita, e para ele, ao se exterminarem os artigos deste estilo, o subjetivismo e o sectarismo tornar-se-iam em ratos que atravessavam ruas, i.e., sem lugar para se esconderem, perseguidos e mortos por todos (Mao 1991, 830-846).

Com o tempo esta expressão passou a ter uma conotação mais abrangente, utilizada para se referir a coisas ou pessoas más detestadas por todos (B, 5; D, 444; E, 302), sendo que o rato traz doenças e é mau para a saúde humana, consistindo numa praga comum do ser humano (Li e Wang 2014, 9).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O rato é concebido como um animal repugnante, principalmente em virtude de viver em esgotos e se alimentar de dejetos, podendo ser prejudicial à	<i>frame</i> /conhecimento do mundo

saúde dos humanos.	
PESSOA MÁ DETESTADA POR TODOS É RATO	metáfora conceptual
ATRAVESSAR RUA POR ESTAR EXPOSTO NA VISÃO DAS PESSOAS	metonímia conceptual
GRITAR “MATEM-NO” POR MANIFESTAR DESDÉM	metonímia conceptual

Tabela 7: Motivação conceptual da expressão 1a

b. 器鼠难投 (E, 598)

romanização	<i>qì shǔ nán tóu</i>
significado dos termos	recipiente/rato/difícil/atirar
tradução	É difícil atirar (um pau para atacar) um rato perto de recipiente.
interpretação figurativa	É difícil castigar uma pessoa má sob proteção.

Tabela 8: Tradução e interpretação figurativa da expressão 1b

Contextualização:

A expressão tem origem no *Livro da Dinastia Han*, no qual se constata “Quando um rato está perto de recipiente, é difícil atacá-lo, sendo que se pode destruir o recipiente, muito mais difícil será castigar os vassalos poderosos à volta do soberano!” (Ban 2003, 220). Com o tempo, o sentido da expressão mudou, sendo aplicado às pessoas más com proteção.

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
É difícil atacar um rato quando se encontra perto de objetos valiosos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo

PESSOA MÁ É RATO	metáfora conceptual
TER PROTEÇÃO É ESTAR PERTO DE RECIPIENTE	metáfora conceptual
RECIPIENTE É PESSOA QUE DÁ PROTEÇÃO	metáfora conceptual
CASTIGAR É ATACAR	metáfora conceptual

Tabela 9: Motivação conceptual da expressão 1b

(2) Domínio-alvo: PESSOA ASTUTA

a. 獐头鼠目 (A, 4)

romanização	<i>zhāng tóu shǔ mù</i>
significado dos termos	hidrópote/cabeça/rato/olhos
tradução	cabeça de hidrópote e olhos de rato
interpretação figurativa	aparência feia e ar astuto

Tabela 10: Tradução e interpretação figurativa da expressão 2a

Contextualização:

Esta expressão tem origem no poema *Sonhar Com Uma Floresta De Zen Na Qual Se Senta Num Lugar Alto Um Abade Budista Idoso* de Lu You (1985, 455). O hidrópote, que tem cabeça pequena e pontiaguda, é tido como feio na cultura chinesa (E, 1078). O rato é tido como um animal esperto (cf. 1.3).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O hidrópote é tido como feio e o rato é tido como astuto.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
FEALDADE HUMANA É CABEÇA DE HIDRÓPOTE	metaftonímia conceptual metáfora com base na metonímia CABEÇA POR APARÊNCIA FÍSICA

ASTÚCIA HUMANA É OLHOS DE RATO	metafonímia conceptual metáfora com base na metonímia OLHOS POR ASPETO
-----------------------------------	--

Tabela 11: Motivação conceptual da expressão 2a

O rato é um animal hábil e cauteloso, pelo que podemos observar que, na cultura chinesa, é representado como esperto, normalmente com juízo de valor pejorativo, o que é evidenciado neste idiomatismo.

### (3) Domínio-alvo: PESSOA INCOMPETENTE

#### a. 老鼠烧尾 (A, 3)

romanização	<i>lǎoshǔ shāo wěi</i>
significado dos termos	rato/queimar/rabo
tradução	O rato queimou o seu rabo (para se tornar no dragão).
interpretação figurativa	Uma pessoa incompetente queria tornar-se funcionário público.

Tabela 12: Tradução e interpretação figurativa da expressão 3a

#### Contextualização:

Contava-se na dinastia Tang que o dragão se transformava do peixe. Para a transformação, o trovão tinha de queimar o seu rabo (Sun 2003, 72). “Queimar o rabo” nesta época referia-se ao banquete realizado quando uma pessoa passava no exame para a entrada na burocracia imperial (CH 2009, 1981), sendo que o dragão simbolizava pessoas com estatuto, poder e competência (cf. 1.3).

Este idiomatismo surgiu numa história sobre um homem chamado Yu Wenhong na dinastia Tang, que apesar de não ter uma grande educação, queria ser funcionário público. Tinha uma filha muito bonita e casou-a com um homem já com mais de sessenta anos, a fim de que o homem o recomendasse ao seu

irmão, que tinha influência para o ajudar a ser funcionário público pelo favorecimento ilícito. Assim, as pessoas gozavam de Yu ao dizer que quando o peixe se transformava no dragão, o trovão queimava o seu rabo, e que agora o rato também tinha queimado o rabo (Sun 2003, 71-72).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
PESSOA INCOMPETENTE É RATO	metáfora conceptual
mito da transformação do peixe para o dragão	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
O dragão representa pessoas com estatuto, poder e competência.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
QUEIMAR O RABO POR PRETENDER TORNAR-SE NO DRAGÃO	metonímia conceptual
FUNCIONÁRIO PÚBLICO É DRAGÃO	metáfora conceptual

Tabela 13: Motivação conceptual da expressão 3a

O idiomatismo em questão é inspirado no comportamento atribuído ao rato. Enquanto domínio-fonte, temos o processo de “queimar rabo”, na base do qual se produz a metamorfose em dragão que é mapeado no domínio-alvo da figura do funcionário público. Assim sendo, o mapeamento do dragão enquanto figura mitológica com elevado estatuto e poder na figura do funcionário público confere-lhe estas mesmas características na escala social. A conotação do rato decorre do facto de que o rato é um animal muito repugnante e que o estatuto social se associa frequentemente à dimensão do animal na cultura chinesa, o que se reconhece ser uma representação na base da metáfora conceptual IMPORTANTE É GRANDE (Lakoff e Johnson 1999, 51). Nesta linha, o rato afigura-se, na escala de grandeza, como figura antagónica ao dragão por ser uma pessoa incompetente sem estatuto.

Este idiomatismo demonstra que na visão tradicional chinesa sobre os animais,

as espécies não são permanentes, mas encontram-se em metamorfose, sendo que os animais são atribuídos de características culturais.

(4) Domínio-alvo: PESSOA DE VISÃO LIMITADA

a. 鼠目寸光 (A, 3)

romanização	<i>shǔ mù cùn guāng</i>
significado dos termos	rato/olhos/polegada/luz
tradução	O rato só consegue ver luz à distância de uma polegada.
interpretação figurativa	Refere-se a pessoa de visão limitada.

Tabela 14: Tradução e interpretação figurativa da expressão 4a

Contextualização:

A expressão surgiu da peça de teatro *Guilinshuang*, sendo utilizada para se referir à característica antagonista da mente aberta e compreensiva (Jiang 1993, 131).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
PESSOA DE VISÃO LIMITADA É RATO	metáfora conceptual
OLHOS POR VISÃO	metonímia conceptual
TER MENTE SUPERFICIAL É TER VISÃO REDUZIDA	metáfora conceptual

Tabela 15: Motivação conceptual da expressão 4a

Estamos perante uma instanciação da metáfora conceptual VER É COMPREENDER (UNDERSTANDING IS SEEING) (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 48).

(5) Domínio-alvo: PESSOA REGULADA COM COMPORTAMENTO IMORAL OU ILÍCITO

a. 猫鼠同眠 (A, 3)

romanização	<i>māo shǔ tóng mián</i>
significado dos termos	gato/rato/juntamente/dormir
tradução	O gato e o rato dormem juntos.
interpretação figurativa	O regulador tolera os comportamentos imorais ou ilícitos do seu regulado.

Tabela 16: Tradução e interpretação figurativa da expressão 5a

Contextualização:

Este idiomatismo surgiu dum conto registado no *Novo Livro da Dinastia Tang*. Em novembro do ano 661 d.C., no lugar chamado Luozhou o gato e o rato dormiam juntos, o que era considerado agouro de que os polícias irresponsáveis toleravam atividades ilícitas dos ladrões, sendo que o rato agia subrepticamente, tal como os ladrões; e o gato, que por natureza apanhava ratos, agora dormia com o rato, tal como os responsáveis por perseguir ladrões estavam de conivência com os mesmos (Ouyang e Song 1975, 882). O conto atribuiu ao gato e ao rato um comportamento de cúmplice, que evidentemente não correspondia à relação gato-rato na natureza. Tal acontece porque os chineses consideravam que o rato e o ladrão denotavam semelhança, e já o gato tinha um papel semelhante ao do polícia. Com base na relação entre o ladrão e o polícia, o gato e o rato assumiram um comportamento irreal. Derivou deste conto o idiomatismo, cujo sentido se alargou, significando que o regulador tolera os comportamentos imorais ou ilícitos do regulado (A, 3; B, 7; E, 516).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
a relação entre o rato e o gato na cadeia	<i>frame</i> /conhecimento do

biológica	mundo
PESSOA REGULADA É RATO	metáfora conceptual
PESSOA REGULADORA É GATO	metáfora conceptual
SER CONIVENTE É DORMIR JUNTO	metáfora conceptual
RELAÇÃO ÍNTIMA/COOPERAÇÃO É PROXIMIDADE	metáfora conceptual

Tabela 17: Motivação conceptual da expressão 5a

No idiomatismo acima, o rato e o gato, animais com estatutos diferentes na hierarquia animal, assumem um comportamento cúmplice para realização do mal, que é mapeado no comportamento humano de cooperação entre pessoas de alto e baixo nível, em regime de proximidade, para realização de más acções. A metáfora em questão é inspirada em “SEMELHANÇA É PROXIMIDADE (SIMILARITY IS CLOSENESS)”, conforme evidenciado por Lakoff e Johnson (1999, 51).

A expressão em questão é inspirada no comportamento atribuído ao rato e ao gato, sendo que não se afigura um comportamento natural para os dois dormirem juntos.

Resumindo, é por demais evidente que ao rato estão associadas conotações muito negativas nos provérbios e idiomatismos chineses estudados.

#### 4.1.2 Búfalo

O búfalo desempenha um papel imprescindível na vida agrícola do povo chinês, pelo que os chineses sentem afeição em relação a este animal, atribuindo-lhe características positivas. Todavia, a representação do búfalo também denota conotações pejorativas nos provérbios e idiomatismos, consistindo numa instanciação da desvalorização que os humanos sentem em relação aos animais (cf. 1.1).

(6) Domínio-alvo: PAIS AMOROSOS

a. 老牛舐犊 (A, 8)

romanização	<i>lǎo niú shì dú</i>
significado dos termos	velho/búfalo/lamber/bezerro
tradução	O búfalo velho lambe o bezerro.
interpretação figurativa	Refere-se aos pais que amam muito o seu filho.

Tabela 18: Tradução e interpretação figurativa da expressão 6a

#### Contextualização:

Yang Xiu, que era um súbdito de Cao Cao, o penúltimo chanceler da Dinastia Han Oriental (25-220), foi morto por Cao. O pai dele Yang Biao ficou muito abanado pelo falecimento do filho. Um dia, Cao viu-o e perguntou porque é que estava tão magro. Yang respondeu que ainda sentia o amor do búfalo velho que lambia o bezerro (Fan 1993, 371), expressando o seu amor profundo ao filho.

#### Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
PAIS AMOROSOS SÃO BÚFALO	metáfora conceptual
FILHO É BEZERRO	metáfora conceptual
AMAR É LAMBER	metafonímia conceptual com base na metonímia causa-efeito

Tabela 19: Motivação conceptual da expressão 6a

### (7) Domínio-alvo: PESSOA QUE SERVE O POVO COM MUITA DEDICAÇÃO

#### a. 孺子牛 (F, 342)

romanização	<i>rú zǐ niú</i>
significado dos termos	jovem filho/búfalo
tradução	búfalo (disposto a servir o seu) jovem filho
interpretação figurativa	pessoa que serve o povo com muita dedicação

Tabela 20: Tradução e interpretação figurativa da expressão 7a

Contextualização:

O rei Jing do Estado Qi amava muito o seu filho mais novo. Um dia, para lhe agradar, fingiu ser um búfalo, andando com as mãos pelo chão com uma corda na boca, que o filho segurava. De repente, o filho caiu, partindo os dentes do pai. Assim, surgiu a expressão “*rúzi niú* 孺子牛” (búfalo disposto a servir jovem filho), que se refere ao amor parental (CH 2009, 1905; Zhang 2001, 47; Wang e Shang 2010, 95). No entanto, hoje o sentido desta expressão alterou-se e o búfalo conceptualiza uma pessoa que serve o público com muita dedicação, devido a um verso do grande escritor Lu Xun (1881-1936), que se referiu a si próprio como o “búfalo disposto a servir jovem filho”, expressando o seu desejo de se dedicar a servir o seu povo (CH 2009, 1905). A metáfora utilizada pelo escritor acima referido está ancorada na estreita ligação do búfalo com a vida do povo chinês. Num país agrícola, como é o caso da China, o búfalo desempenha um papel imprescindível nos trabalhos agrícolas da sua população, trabalhando juntamente com os lavradores do amanhecer até ao anoitecer, pelo que o consideram um animal muito trabalhador e dedicado a ajudar os humanos na produção agrícola.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
o episódio histórico do rei Jing	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
O búfalo é tido como um animal muito trabalhador e dedicado a ajudar os humanos na produção agrícola.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA QUE SERVE O POVO COM MUITA DEDICAÇÃO É BÚFALO	metáfora conceptual
POVO É FILHO DO BÚFALO	metáfora conceptual

Tabela 21: Motivação conceptual da expressão 7a

(8) Domínio-alvo: PESSOA ESTÚPIDA

a. 对牛弹琴 (E, 201)

romanização	<i>duì niú tán qín</i>
significado dos termos	a/búfalo/tocar/cítara chinesa
tradução	tocar cítara chinesa ao búfalo
interpretação figurativa	falar de assuntos complexos com quem não os entende, normalmente implicando a ironia da estupidez do ouvinte

Tabela 22: Tradução e interpretação figurativa da expressão 8a

Contextualização:

Um dia, o músico Gongming Yi da época dos Estados Combatentes (475 a 221 a.C.) tocou na cítara chinesa uma canção ao búfalo, mas este não teve nenhuma reação, continuando a alimentar-se. O músico imitou então o som dos mosquitos e moscas, e assim o búfalo começou a abanar o rabo (ibid.). A cítara chinesa é um instrumento musical antigo, que era tocado para acompanhar manifestações artísticas eruditas e frequentemente associado aos literários na China (Tian 2010, 5).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A cítara chinesa alia-se aos eruditos e à cultura erudita.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA ESTÚPIDA É BÚFALO	metáfora conceptual
FALAR DE ASSUNTOS DIFÍCEIS COM PESSOA ESTÚPIDA É TOCAR CÍTARA CHINESA AO BÚFALO	metáfora conceptual

Tabela 23: Motivação conceptual da expressão 8a

(9) Domínio-alvo: PESSOA COM TRABALHO DURO, MAS EXPLORADO POR OUTROS

a. 牛马生活 (A, 6)

romanização	<i>niú mǎ shēnghuó</i>
significado dos termos	búfalo/cavalo/vida
tradução	vida de búfalo e de cavalo
interpretação figurativa	vida dura com muito trabalho que é explorado por outros

Tabela 24: Tradução e interpretação figurativa da expressão 9a

Contextualização:

A expressão surgiu numa prosa do escritor Zou Taofen (1895-1944), que a utilizou para descrever a vida dos chineses que trabalhavam numa fábrica de têxteis japonesa durante a invasão japonesa da China. Os chineses desta fábrica, embora trabalhassem arduamente, ganhavam um salário muito baixo (Zou 2017, 114), pelo que a vida de búfalo e de cavalo conceptualiza uma vida de trabalho duro e explorado por outros.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O búfalo e o cavalo são animais de carga, realizando trabalhos duros dos humanos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM TRABALHO DURO, MAS EXPLORADO POR OUTROS É BÚFALO	metáfora conceptual
PESSOA COM TRABALHO DURO, MAS EXPLORADO POR OUTROS É CAVALO	metáfora conceptual

Tabela 25: Motivação conceptual da expressão 9a

No idiomatismo acima, o búfalo e o cavalo figuram a par no domínio-fonte para a conceptualização do mesmo domínio-alvo, constituindo o fenómeno de duplo domínio-fonte postulado por Wang e Yao (2004) (cf. 3.2). Assim sendo, no mesmo idiomatismo aparecem dois animais diferentes com atributos ou comportamentos idênticos no domínio-fonte, à luz dos quais se representa o mesmo domínio-alvo.

(10) Domínio-alvo: PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE

a. 牛马襟裾 (E, 560)

romanização	<i>niú mǎ jīnjū</i>
significado dos termos	búfalo/cavalo/roupa
tradução	búfalo e cavalo vestidos de roupa
interpretação figurativa	Refere-se a pessoas com aparência elegante e baixo nível de moralidade.

Tabela 26: Tradução e interpretação figurativa da expressão 10a

Contextualização:

A expressão surgiu na peça de teatro *Qiuhu Molestou a Esposa*. Qiuhu foi para a guerra pouco depois de ter casado. Quando regressou à terra, enquanto um funcionário público de alto estatuto, viu uma mulher muito bonita, que na realidade era a sua esposa, mas já não se reconheciam um ao outro. Qiuhu molestou a mulher e ia violá-la. A mulher disse-lhe que era “búfalo e cavalo vestidos de roupa”, porque apesar de ele estar muito bem vestido, era na realidade uma pessoa maléfica com comportamento de besta (Shi 2008, 126).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O búfalo e o cavalo vestidos de roupa humana não mudam o facto de que são animais.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
TER UMA APARÊNCIA ELEGANTE É	metáfora conceptual

VESTIR-SE DE ROUPA HUMANA	
PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE É BÚFALO	metáfora conceptual
PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE É CAVALO	metáfora conceptual

Tabela 27: Motivação conceptual da expressão 10a

A expressão denota o fenómeno de duplo domínio-fonte, conforme já referido anteriormente.

Verifica-se da nossa análise que o povo chinês atribui ao búfalo características positivas, apesar disso, o mesmo serve igualmente a representações pejorativas.

#### 4.1.3 Tigre

O sentimento que o povo chinês manifesta nos provérbios e idiomatismos em relação ao tigre é ambivalente, sendo que, por um lado, admira-o pela sua força e valor, atribuindo-lhe poder e estatuto; por outro, representa-o como mau e cruel.

(11) Domínio-alvo: COMPETIDOR MUITO FORTE

a. 虎斗龙争 (E, 331)

romanização	<i>hǔ dòu lóng zhēng</i>
significado dos termos	tigre/lutar/dragão/competir
tradução	O tigre e o dragão competem.
interpretação figurativa	Refere-se a uma luta intensa em que os competidores são ambos muito fortes.

Tabela 28: Tradução e interpretação figurativa da expressão 11a

Contextualização:

A expressão tem origem na peça de teatro *Xiao He Persegue Han Xin* numa

*Noite Enluarada* do Jin Renjie (1988, 176) da Dinastia Yuan. O dragão consiste num animal mitológico onipotente e o tigre é considerado o rei dos animais. De forma frequente, os dois animais aparecem juntos, constituindo um par que transmite valores simbólicos de força e competência, entre outros, na cultura chinesa (cf. 1.3).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão e o tigre são tidos como animais muito fortes.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
COMPETIDOR MUITO FORTE É TIGRE	metáfora conceptual
COMPETIDOR MUITO FORTE É DRAGÃO	metáfora conceptual

Tabela 29: Motivação conceptual da expressão 11a

A importância e a força dos dois animais consistem numa instanciação da metáfora conceptual IMPORTANTE É GRANDE (IMPORTANT IS BIG) (Lakoff e Johnson 1999, 51).

No idiomatismo, o tigre e o dragão referem-se a pessoas muito fortes, constituindo o fenómeno de duplo domínio-fonte.

É importante notar que, tendo em consideração que o dragão é um animal ficcional, evidentemente o tigre não poderia lutar com um dragão no mundo real. Assim sendo, o comportamento do tigre baseia-se nos modelos culturais em vez de no seu próprio comportamento.

(12) Domínio-alvo: PESSOA PODEROSA

a. 狐假虎威 (E, 329)

romanização	<i>hú jiǎ hǔ wēi</i>
significado dos termos	raposa/pedir emprestado/tigre/poder
tradução	A raposa pediu emprestado o poder do tigre.

interpretação figurativa	intimidar outras pessoas ostentando o poder de uma outra pessoa
--------------------------	---

Tabela 30: Tradução e interpretação figurativa da expressão 12a

Contextualização:

O idiomatismo surgiu numa fábula da Época dos Estados Combatentes: O tigre apanhou uma raposa, quando a ia comer, a raposa disse-lhe que tinha sido enviada pelo Imperador do Céu para governar os animais, e se a tivesse comido, teria violado a ordem do Imperador. Acrescentou que podia provar as suas palavras ao dar uma volta na floresta, e que o tigre a seguiria para observar se os outros animais tinham medo dela. Assim foram passear os dois. O tigre andava atrás da raposa, descobrindo que os outros animais realmente fugiram todos. Mas o tigre não sabia que eles tinham fugido por causa de si próprio e não da raposa. O rei Xuan do Estado Qi, o Estado mais forte de então, uma vez perguntou aos seus súbditos porque é que os outros Estados tinham medo do seu primeiro-ministro. Um súbdito contou-lhe esta fábula, explicando-lhe: “O medo que os outros Estados têm são do poder da Sua Majestade” (E, 329).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O tigre é concebido como um animal muito forte e poderoso.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA PODEROSA É TIGRE	metáfora conceptual
PESSOA INTIMIDANTE É RAPOSA	metáfora conceptual
OSTENTAR PODER DE OUTRA PESSOA É PEDIR EMPRESTADO O PODER	metáfora conceptual

Tabela 31: Motivação conceptual da expressão 12a

Verifica-se no idiomatismo acima uma projecção da relação humana na relação

entre o tigre e a raposa, sendo que denotam comportamentos personificados.

(13) Domínio-alvo: PESSOA VALENTE/COMPETENTE

a. 虎父无犬子 (C, 149)

romanização	<i>Hǔ fù wú quǎn zǐ</i>
significado dos termos	tigre/pai/não ter/cão/filho
tradução	O pai tigre não gera filho cão.
interpretação figurativa	Uma pessoa valente ou competente não tem filho covarde ou incompetente.

Tabela 32: Tradução e interpretação figurativa da expressão 13a

Contextualização:

O provérbio tem origem no *Romance dos Três Reinos*, um dos Quatro Grandes Romances Clássicos da literatura chinesa. Numa batalha entre o Reino Wu e o Reino Shu, Guan Xing e Zhang Bao, que eram dois generais do Reino Shu, conseguiram matar os generais dos inimigos. Como os dois eram filho de Guan Yu e filho de Zhang Fei, respetivamente, que eram duas figuras muito importantes conhecidas por serem guerreiros muito valentes, o imperador do Reino Wu lamentou o fracasso do seu reino nessa batalha, suspirando que o pai tigre não gerava filho cão (Luo 1979, 707-708). Hoje em dia, o sentido do provérbio alargou-se, sendo que não se limita à valentia na guerra, mas também consiste num elogio à qualidade de grande competência (C, 149).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
Por natureza, o tigre é mais forte do que o cão.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA VALENTE OU COMPETENTE É TIGRE	metáfora conceptual

PESSOA COBARDE OU INCOMPETENTE É CÃO	metáfora conceptual
---	---------------------

Tabela 33: Motivação conceptual da expressão 13a

O tigre é caracterizado como um animal muito valente e forte na cultura chinesa (cf. 1.3), pelo que a figura do tigre enquanto domínio-fonte do mapeamento metafórico dá corpo aos significados de valentia e competência. E o cão, enquanto um animal menos forte do que o tigre pelas características biológicas, constitui o antagonista do tigre e dá corpo aos significados de cobardia e incompetência.

(14) Domínio-alvo: PESSOA CRUEL

a. 虎狼不食儿 (C, 149)

romanização	<i>Hǔ láng bù shí ér</i>
significado dos termos	tigre/lobo/não/comer/filho
tradução	O tigre e o lobo (embora sejam cruéis) não comem as suas crias.
interpretação figurativa	Por mais cruel seja uma pessoa, não faz mal ao seu filho.

Tabela 34: Tradução e interpretação figurativa da expressão 14a

Contextualização:

Trata-se de um provérbio antigo, cuja origem não é conhecida. Na cultura chinesa, o tigre é tido como um animal cruel (cf. 1.3), e a mesma característica é igualmente atribuída à figura do lobo (Eberhard 2006, 395; Werness 2004, 437).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
-----------------------	--------------------

O tigre e o lobo são considerados cruéis.	<i>frame/conhecimento do mundo</i>
PESSOA CRUEL É TIGRE	metáfora conceptual
PESSOA CRUEL É LOBO	metáfora conceptual
FAZER MAL AO FILHO É COMER AS CRIAS	metáfora conceptual

Tabela 35: Motivação conceptual da expressão 14a

Verifica-se o fenómeno de duplo domínio-fonte, sendo que o tigre e o lobo denotam atributos idênticos de crueldade enquanto domínios-fonte do mapeamento, à luz dos quais se representa o mesmo domínio-alvo, ou seja, o de ser humano cruel.

(15) Domínio-alvo: PESSOA MÁ

a. 为虎作倖 (A, 13)

romanização	<i>wèi hǔ zuò chāng</i>
significado dos termos	para/tigre/ser/fantasma <i>chang</i>
tradução	ser fantasma <i>chang</i> ao tigre
interpretação figurativa	ser cúmplice a pessoa má

Tabela 36: Tradução e interpretação figurativa da expressão 15a

Contextualização:

O idiomatismo surgiu num conto de Pei Xing da dinastia Tang (618-907), que contava que as pessoas comidas por um tigre se tornavam num tipo de fantasma designado de *chang*, que ajudava o tigre a comer outros humanos, conduzindo o caminho para o mesmo (Pei 1980, 62-63; CH 2009, 243). Daí, o tigre, por causar perigo ao ser humano, é tido como mau e o fantasma *chang*, por ajudar o tigre, fica a ter o papel de cúmplice, por isso, o idiomatismo significa ser cúmplice a pessoa má (A, 13; E, 846).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
PESSOA MÁ É TIGRE	metáfora conceptual
a lenda sobre o fantasma <i>chang</i> , que ajudava o tigre a comer outros humanos	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
CÚMPLICE A PESSOA MÁ É FANTASMA <i>CHANG</i>	metáfora conceptual

Tabela 37: Motivação conceptual da expressão 15a

A figura do tigre enquanto domínio-fonte da metáfora no idiomatismo em questão serve à representação do domínio-alvo de ser humano malévolo com base numa crença supersticiosa constatada num conto tradicional.

Em suma, o tigre denota representações ambivalentes nos provérbios e idiomatismos, o que reflete o sentimento complexo do povo chinês relativamente ao mesmo.

#### 4.1.4 Coelho

O coelho, um animal manso de pequeno porte, tem variados inimigos naturais, pelo que tem hábitos específicos que consistem em estratégias de autodefesa (Li e Wang 2014, 61). As imagens figurativas do coelho nos idiomatismos e provérbios chineses estão associadas a essas características do referido animal.

(16) Domínio-alvo: PESSOA DÓCIL

a. 兔子急了也要咬人 (C, 403)

romanização	<i>tùzi jí le yě yào yǎo rén</i>
significado dos termos	coelho/ansioso/palavra auxiliar que indica mudança de estado/também/ir/morder/pessoa
tradução	O coelho também vai morder pessoas quando está ansioso.

interpretação figurativa	Uma pessoa dócil também se pode revoltar quando é forçada demais.
--------------------------	---

Tabela 38: Tradução e interpretação figurativa da expressão 16a

Contextualização:

Trata-se de, apesar da incerteza da sua origem, um dito convencionalizado que expressa a visão de que mesmo as pessoas dóceis, quando forçadas, fazem resistência. Veja-se o seguinte exemplo retirado dum romance semi-autobiográfico da Ma Yixiang (1923-2016). “A mãe ... normalmente não briga com outros. No entanto, diz bem o provérbio que o coelho também vai morder pessoas quando está ansioso. Ela dirigiu-se para Jin Si (mordomo de um fazendeiro que explora os inquilinos como os pais da Ma), muito irritada e disse-lhe: ‘Vão para o inferno. São piores do que os assaltantes!’” (Ma 1961, 13).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O coelho tem uma índole meiga.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA DÓCIL É COELHO	metáfora conceptual
FICAR ANSIOSO POR SER FORÇADO	metonímia conceptual
REVOLTAR-SE É MORDER PESSOAS	metáfora conceptual

Tabela 39: Motivação conceptual da expressão 16a

O coelho, por ser pacífico, é mapeado nas pessoas dóceis. Todavia, quando o coelho enfrenta riscos de vida, por instinto faz resistência enquanto reação de autodefesa, o que é mapeado no facto de que as pessoas dóceis também reagem quando se sentem atacadas.

(17) Domínio-alvo: PESSOA QUE TEM VÁRIAS ESTRATÉGIAS OU LUGARES

## PARA EVITAR INFORTÚNIO

### a. 狡兔三窟 (E, 395)

romanização	<i>jiǎo tù sān kū</i>
significado dos termos	esperto/coelho/três/toca
tradução	Um coelho esperto tem três tocas.
interpretação figurativa	ter várias estratégias ou lugares para evitar infortúnio

Tabela 40: Tradução e interpretação figurativa da expressão 17a

#### Contextualização:

A expressão derivou de um episódio da Época dos Estados Combatentes. O senhor Mengchang, primeiro-ministro do Estado Qi, enviou o Feng Xuan para recolher impostos num lugar chamado Xue. Feng perguntou o que compraria com o dinheiro e o senhor Mengchang disse-lhe para comprar por ele o que lhe faltasse em casa. Convocando os devedores dos impostos ao ter chegado a Xue, Feng dispensou-lhes os mesmos em nome do primeiro-ministro e queimou os contratos de dívida, pelo que ficaram muito gratos. Quando regressou, o senhor Mengchang perguntou-lhe o que tinha comprado. Respondeu que não lhe faltava fortuna nem mulheres bonitas em casa, e que por isso tinha comprado a benevolência. Tendo ouvido a história, o senhor Mengchang ficou zangado, apesar de não o castigar.

Um ano mais tarde, o rei do Estado Qi, por ter ouvido palavras malquistas entre ele e o senhor Mengchang, despediu-o e este teve de viver em Xue. Ao terem sabido desta notícia, as pessoas deste lugar fizeram uma longa fila para lhe dar as boas-vindas. Neste momento é que ele ficou a reconhecer o valor da benevolência e agradeceu muito a Feng. Este disse-lhe: “Um coelho esperto tem três tocas para evitar predação, mas agora só tem uma toca, portanto, não pode ficar descansado e deixe-me encontrar para si mais duas tocas”, implicando que, apesar de Xue ser o seu abrigo, ainda precisa de ter mais abrigos (Liu 2005,

121).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O coelho faz várias tocas interligadas, a fim de evitar predação.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
ESTRATÉGIAS OU LUGARES PARA EVITAR INFORTÚNIO SÃO TOCAS DO COELHO	metáfora conceptual
PESSOA QUE TEM VÁRIAS ESTRATÉGIAS OU LUGARES PARA EVITAR INFORTÚNIO É COELHO	metáfora conceptual

Tabela 41: Motivação conceptual da expressão 17a

O coelho, dado que é um animal fraco e pequeno, desenvolve comportamentos para evitar riscos de vida. Com base nesta característica, na história de origem desta expressão e na sua aplicação em determinados contextos, ao fazer-se o mapeamento no coelho, o mesmo refere-se às pessoas que têm várias estratégias ou lugares para evitar infortúnio, cuja valorização apreciativa se afigura contextual.

(18) Domínio-alvo: PESSOA MALICIOSA

a. 兔子不吃窝边草 (C, 402)

romanização	<i>Tùzi bù chī wō biān cǎo.</i>
significado dos termos	coelho/não/comer/toca/redor/erva
tradução	O coelho não come ervas ao redor da sua toca.
interpretação figurativa	As pessoas maliciosas não fazem mal aos seus vizinhos.

Tabela 42: Tradução e interpretação figurativa da expressão 18a

Contextualização:

É um provérbio antigo cuja origem se perdeu no tempo. A fim de ter disfarce, o coelho não come ervas ao redor da sua toca. De modo semelhante, as pessoas maliciosas não cometem maldades aos vizinhos para que não sejam identificadas (Li e Wang 2014, 57).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O coelho não come ervas ao redor da sua toca por autodefesa.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MALICIOSA É COELHO	metáfora conceptual
NÃO FAZER MAL AOS VIZINHOS É NÃO COMER ERVAS À VOLTA DA TOCA	metáfora conceptual

Tabela 43: Motivação conceptual da expressão 18a

O provérbio implica uma metáfora conceptual, que apesar de não ser explícita nas palavras constituintes do provérbio, se evoca devido ao conhecimento do mundo e se afigura igualmente importante para a interpretação proverbial – TER O RISCO DE SER RECONHECIDO PELOS VIZINHOS É SER EXPOSTO AO PERIGO SEM A PROTEÇÃO DAS ERVAS AO REDOR DA TOCA.

Resumindo, a valorização apreciativa do coelho nos provérbios e idiomatismos analisados acima não evidencia uma preferência positiva ou negativa.

#### 4.1.5 Dragão

O dragão assumiu um lugar sagrado, constituindo-se como o símbolo principal de competência, força, poder bem como virtude na cultura chinesa (cf. 1.1 e 1.3). Esta

veneração do povo chinês relativamente à figura do dragão reflete-se nos provérbios e idiomatismos relacionados com esta criatura mitológica, nos quais denota figurações muito positivas.

(19) Domínio-alvo: IMPERADOR

a. 鼎成龙去 (E, 182)

romanização	<i>dǐng chéng lóng qù</i>
significado dos termos	<i>ding</i> /feito/dragão/partir
tradução	Feito o <i>ding</i> , o dragão partiu.
interpretação figurativa	Refere-se ao falecimento de imperador.

Tabela 44: Tradução e interpretação figurativa da expressão 19a

Contextualização:

O *ding* era um tipo de caldeirão com três ou quatro pés, geralmente fundido em bronze, além de ser usado para cozinha, constituindo-se como o símbolo do poder de regime, prevalente nomeadamente nas dinastias Shang (1600 a 1046 a.C.) e Zhou (1046 a 256 a.C.) (CH 2009, 475). A expressão em questão surgiu no *Registros do Historiador* (Sima 2016b, 153), no qual se constata que o Imperador Amarelo mandou fazer um *ding* ao pé da montanha Jin. Ao ser feito o *ding*, apareceu um dragão. O Imperador Amarelo montou no dragão e foi-se embora. Assim sendo, a expressão refere-se ao falecimento de imperador.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
história da origem desta expressão	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
IMPERADOR É DRAGÃO	metáfora conceptual
FALECIMENTO DE IMPERADOR É PARTIDA DE DRAGÃO	metáfora conceptual

Tabela 45: Motivação conceptual da expressão 19a

A expressão data duma época em que começaram a associar o dragão ao imperador (cf. 1.3), sendo que esta associação foi-se estreitando ao longo da história, pelo que a partida do dragão se refere metaforicamente à morte de imperador.

b. 龙楼凤阁 (E, 492)

romanização	<i>lóng lóu fèng gé</i>
significado dos termos	dragão/prédio/fénix/pavilhão
tradução	prédio de dragão e pavilhão de fénix
interpretação figurativa	Refere-se a palácio imperial.

Tabela 46: Tradução e interpretação figurativa da expressão 19b

Contextualização:

A expressão vem dum poema do Ma Zhiyuan (1251?-1321?), no qual manifestou o seu lamento de não ser devidamente valorizado, apesar de ter visto o “prédio de dragão e pavilhão de fénix”, i.e., ser um funcionário público na corte imperial (Ma 2002, 224-229).

A fénix chinesa é uma criatura mitológica que reina todos os seres com penas. Semelhante ao dragão, consiste num animal sagrado de composição híbrida, que transcende a permanência das espécies, com a combinação do corpo de cisne, pescoço de serpente, rabo de peixe e bico de andorinha, entre outros, ou, noutra versão, das belezas físicas e capacidades de todas as aves, sendo a elite e líder das mesmas. Devido a essas características, tal como o dragão, a fénix constitui o símbolo de poder, competência e virtude (Sterckx 2002, 178). No idiomatismo em questão, o dragão e a fénix referem-se juntamente ao imperador, daí, o mesmo significa o palácio de imperador<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> A palavra da fénix em chinês - *fènghuáng* 凤凰, originalmente referia-se aos dois sexos desta criatura mitológica, sendo que o *fèng* denominava o sexo masculino e o *huáng* o feminino (Eberhard 2006, 289). Com o tempo, esta distinção passou despercebida devido à associação da fénix à imperatriz, enquanto o dragão ao imperador, tornando-se num símbolo do sexo feminino (ibid.). Não obstante, esta ligação não é exclusiva, sendo que, por vezes, a fénix também se refere ao imperador, como por exemplo, *fèngniǎn* 凤辇 (carruagem da fénix) que implica a carruagem de imperador (CH 2009, 626), *lóng yán fèng zī* 龙颜凤姿 (aparência do dragão e da fénix) que implica a aparência de imperador (E,

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão e a fénix constituem símbolos imperiais na cultura chinesa.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
IMPERADOR É DRAGÃO	metáfora conceptual
IMPERADOR É FÉNIX	metáfora conceptual

Tabela 47: Motivação conceptual da expressão 19b

No idiomatismo acima, as duas criaturas mitológicas configuram um duplo domínio-fonte no mapeamento do mesmo domínio-alvo.

(20) Domínio-alvo: PESSOA PODEROSA

a. 龙不离海，虎不离山 (C, 222)

romanização	<i>lóng bù lí hǎi, hǔ bù lí shān</i>
significado dos termos	dragão/não/deixar/mar, tigre/não/deixar/montanha
tradução	O dragão não deixa o mar e o tigre não deixa a montanha.
interpretação figurativa	Uma pessoa poderosa não deixa o lugar em que tem influência.

Tabela 48: Tradução e interpretação figurativa da expressão 20a

Contextualização:

O dragão consiste num animal mitológico complexo cuja representação foi evoluindo ao longo do tempo, sendo que, com a influência dos reis dragões do budismo, a cultura do dragão chinês, que antes não denotava uma ligação com o mar, enriqueceu-se na dinastia Sui e Tang, com quatro reis dragões do mar (Xu e Cui 1987, 39). Acreditava-se que os reis dragões do mar dominavam os

495), entre outros. O mesmo também se demonstra no idiomatismo em questão, no qual o dragão e a fénix se referem juntamente ao imperador, daí, significa o palácio de imperador.

quatro mares – Leste, Oeste, Sul e Norte que rodeiam a terra, residindo em esplêndidos palácios recheados de preciosidades (Eberhard 2006, 99). Nesse sentido, o mar, em função dessas crenças mitológicas, e a montanha, o ambiente onde habita o tigre, são os ambientes mais favoráveis para os dois animais, respetivamente. Apesar de serem dois animais muito poderosos, do ponto de vista dialético, quando deixam os seus ambientes mais favoráveis, o seu poder fica mais limitado.

No *Romance Histórico dos Finais da Dinastia Tang e do Período das Cinco Dinastias* em que surgiu o presente provérbio, os súbditos do Imperador Zhaozong (867-904) utilizaram o mesmo a fim de convencerem o imperador a não mudar da capital, apontando que Chang'an, a capital, era o mar e a montanha do imperador (Luo 1983, 135). Com o tempo, o sentido metafórico do dragão e do tigre alargou-se, fazendo referência a pessoas com poder, para além do imperador (C, 222-223).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão e o tigre, dois animais poderosos, habitam o mar e a montanha, respetivamente.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA PODEROSA É DRAGÃO	metáfora conceptual
PESSOA PODEROSA É TIGRE	metáfora conceptual
ESFERA DE INFLUÊNCIA É MAR	metáfora conceptual
ESFERA DE INFLUÊNCIA É MONTANHA	metáfora conceptual

Tabela 49: Motivação conceptual da expressão 20a

Como já foi referido anteriormente, na cultura chinesa, o dragão e o tigre frequentemente aparecem juntos, sendo que constituem no provérbio acima, um duplo domínio-fonte para o mapeamento do mesmo domínio-alvo.

(21) Domínio-alvo: PESSOA EXCELENTE

a. 望子成龙 (E, 838)

romanização	wàng zǐ chéng lóng
significado dos termos	desejar/filho varão/tornar-se/dragão
tradução	desejar que o filho varão se torne dragão
interpretação figurativa	desejar que o filho seja pessoa excelente

Tabela 50: Tradução e interpretação figurativa da expressão 21a

Contextualização:

A origem desta expressão é impossível de determinar com exatidão. Uma das hipóteses é uma lenda sobre o político, escritor e estudioso Xie Jin (1369-1415) (Li e Wang 2014, 79-80). Dizem que ele conseguia andar aos dez meses e escrevia poemas e ensaios aos três anos. O pai, como já não tinha a capacidade de educar, levou-o a participar no exame imperial. Como era muito pequeno e não conseguia atravessar o peitoril da porta da sala onde se realizaria o exame, o pai levou-o aos ombros. O examinador estranhou e perguntou quem era o examinando que levava o seu filho aos ombros. Xie Jin respondeu que ele é que era o examinando e pediu ao examinador para perdoar o comportamento descortês. Este disse-lhe: “Que filho desnaturado que montou o pai como se montasse um cavalo!” Xie respondeu: “Que pai misericordioso que deseja o filho tornar-se dragão!” Isso refere-se ao desejo de uma vida com excelência e sucesso que o dragão representa na cultura chinesa (cf. 1.3).

No início, este idiomatismo utilizava-se exclusivamente ao filho de sexo masculino (E, 838), refletindo a sociedade patriarcal da China antiga, sendo que hoje, o sentido já se alargou, aplicando-se também à prole de sexo feminino.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão, sendo uma criatura imponente,	frame/conhecimento do

representa excelência e sucesso.	mundo
PESSOA EXCELENTE É DRAGÃO	metáfora conceptual

Tabela 51: Motivação conceptual da expressão 21a

(22) Domínio-alvo: PESSOA FORTE

a. 龙游浅水遭虾戏, 虎落平原被犬欺 (C, 224)

romanização	<i>Lóng yóu qiǎn shuǐ zāo xiā xì, hǔ luò píngyuán bèi quǎn qī</i>
significado dos termos	dragão/nadar/raso/água/sofrer/camarão/gozar, tigre/descer/terreno plano/palavra auxiliar (indicação da voz passiva) /cão/maltratar
tradução	Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão.
interpretação figurativa	Os fortes, quando se encontram num ambiente desfavorável, podem sofrer indignidade e maltratamento dos fracos.

Tabela 52: Tradução e interpretação figurativa da expressão 22a

Contextualização:

O provérbio acima, originado da *Coleção dos Provérbios Sensatos Tradicionais* (Zhou 2004, 9) compilada durante a dinastia Ming e Qing, assinala a relação dialética entre a força de uma pessoa e a circunstância em que se encontra. O dragão vive nas águas profundas e o tigre habita na montanha, pelo que a água rasa e o terreno plano são ambientes desfavoráveis aos dois animais, respetivamente, e assim, ficam, pelo contrário, à mercê dos outros animais do habitat plano.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão vive nas águas profundas e o tigre habita na montanha. Os dois animais têm uma figura forte na cultura chinesa, sendo que o camarão e o cão, pelo seu tamanho e força, se afiguram antagonistas do dragão e do tigre.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA FORTE É DRAGÃO	metáfora conceptual
PESSOA FORTE É TIGRE	metáfora conceptual
PESSOA FRACA É CAMARÃO	metáfora conceptual
PESSOA FRACA É CÃO	metáfora conceptual
AMBIENTE DESFAVORÁVEL É ÁGUA RASA	metáfora conceptual
AMBIENTE DESFAVORÁVEL É TERRENO PLANO	metáfora conceptual

Tabela 53: Motivação conceptual da expressão 22a

Na construção conceptual do provérbio em causa, é importante notar os seguintes aspetos: 1. O *frame*, ou o conhecimento cultural do dragão exerce uma função imprescindível na motivação e interpretação do provérbio, sendo que não é um animal real e a relação antagónica entre o dragão e o camarão concebe-se tendo em conta a natureza fraca e pequena deste e a figura imaginária forte e grande desse. 2. Com base nos próprios hábitos do tigre, cão e camarão, bem como na figura cultural do dragão, são colocados o dragão e o tigre no ambiente diferente que é o ambiente natural do camarão e cão, pelo que ocorre a alteração de vantagem. No caso do tigre, evoca-se a metáfora **CONTROLO É PARA CIMA** na sua conceptualização, sendo que a perda da força e vantagem do tigre é indicada pela mudança da altitude do lugar em que se encontra. 3. O camarão e o cão assumem comportamentos evidentemente humanos, sendo que ocorrem as duas direções da metáfora da Grande Cadeia dos Seres. 4. Verifica-se o fenómeno de duplo domínio-

fonte com a respetiva companhia do tigre e dragão, bem como do cão e camarão.

(23) Domínio-alvo: PESSOA ÍNTEGRA

a. 龙蛇不辨 (B, 88)

romanização	<i>lóng shé bù biàn</i>
significado dos termos	dragão/serpente/não/distinguir
tradução	não distinguir o dragão e a serpente
interpretação figurativa	não distinguir pessoa íntegra e pessoa vil

Tabela 54: Tradução e interpretação figurativa da expressão 23a

Contextualização:

A expressão idiomática acima surge numa peça de teatro *Li Taibai Exilado em Yelang* da autoria de Wang Bocheng, elaborada na Dinastia Yuan. Conta a história do poeta Li Bai, que era um súbdito valorizado pelo Imperador Xuanzong da Dinastia Tang. Por se ter apercebido do adultério da Yang Yuhuan, a concubina favorita do imperador, com o general An Lushan, bem como da sua pretensão de rebelião, os dois fizeram queixa dele ao imperador. Li Bai foi exilado pelo imperador para um lugar chamado Yelang. Por isso, Li Bai lamentou que não se tivessem distinguido o dragão e a serpente na corte imperial, implicando que ele, apesar de ser íntegro como o dragão foi expulso, ao passo que Yang e An, as serpentes, continuavam a ser bem tratados pelo imperador (Wang 1988, 32-41).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O nível de moralidade alto e baixo do dragão e da serpente, respetivamente, na cultura chinesa.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA ÍNTEGRA É DRAGÃO	metáfora conceptual
PESSOA MÁ É SERPENTE	metáfora conceptual

Tabela 55: Motivação conceptual da expressão 23a

A presente expressão idiomática manifesta que o dragão é um animal virtuoso, enquanto a serpente se afigura um animal muito malévolo na cultura chinesa.

A figura do dragão é caracterizada de forma muito positiva nos provérbios e idiomatismos chineses, que revelam as conotações de poder, competência e virtude atribuídas a esta criatura mitológica.

#### 4.1.6 Serpente

Por ser feroz e venenosa, a serpente é considerada uma figura muito pejorativa nos provérbios e idiomatismos chineses.

(24) Domínio-alvo: PESSOA MALÉVOLA

a. 蛇入筒中曲性在 (C, 349)

romanização	<i>Shé rù tǒng zhōng qū xìng zài.</i>
significado dos termos	serpente/entrar/tubo/dentro/curvado/natureza/existir
tradução	A serpente que entrou num tubo não perde a natureza de locomoção em ziguezagues.
interpretação figurativa	Pessoa malévola não muda sua natureza má.

Tabela 56: Tradução e interpretação figurativa da expressão 24a

Contextualização:

O provérbio tem origem no *Grande Tratado sobre a Perfeição da Sabedoria*. A serpente tem a natureza de andar aos ziguezagues, porém, quando a serpente entrou num tubo de bambu reto e fino, não podia manter a sua forma habitual de locomoção. Apesar disso, logo que saiu, continua a andar aos ziguezagues (Nagarjuna 2006, 3458). Com base nesta natureza da serpente bem como na sua

ligação culturalmente convencionalizada com pessoas más (cf. 1.3), o provérbio assinala que as pessoas más não mudam sua natureza malévola (C, 349).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A serpente costuma andar aos ziguezagues.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
A serpente é tida como má.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MÁ É SERPENTE	metáfora conceptual
AMBIENTE QUE RESTRINGE A NATUREZA É TUBO	metáfora conceptual
A PERSISTÊNCIA DA NATUREZA MÁ É A MANUTENÇÃO DO HÁBITO DE LOCOMOÇÃO EM ZIGUEZAGUES	metáfora conceptual

Tabela 57: Motivação conceptual da expressão 24a

(25) Domínio-alvo: PESSOA MÁ E TRAIÇOEIRA

a. 蛇心佛口 (E, 696)

romanização	<i>shé xīn fó kǒu</i>
significado dos termos	serpente/coração/buda/boca
tradução	coração de serpente e boca de buda
interpretação figurativa	Refere-se a uma pessoa traiçoeira que fala amavelmente, mas tem coração vicioso.

Tabela 58: Tradução e interpretação figurativa da expressão 25a

Contextualização:

A expressão idiomática tem origem no *Compêndio das Cinco Lâmpadas*, no qual se refere aos budas que fazem maldades (Shi 1984, 1386). Com o tempo,

o sentido alargou-se, fazendo referência a pessoa traiçoeira que fala amavelmente, mas tem mau coração (E, 696).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
Budas são figuras bondosas.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
A serpente, por ser venenosa e fatal, é considerada má.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
CORAÇÃO POR CARÁCTER	metonímia conceptual
CARÁCTER MAU É CORAÇÃO DE SERPENTE	metáfora conceptual
BOCA POR PALAVRAS	metonímia conceptual
FALA AMÁVEL É BOCA DE BUDA	metáfora conceptual

Tabela 59: Motivação conceptual da expressão 25a

(26) Domínio-alvo: INIMIGO

a. 为虺弗摧 (E, 844)

romanização	<i>wéi huǐ fú cuī</i>
significado dos termos	ser/serpente pequena/não/destruir
tradução	Não se mata a serpente quando pequena.
interpretação figurativa	Se não se destrói o inimigo quando está fraco, tornar-se-á perigo no futuro.

Tabela 60: Tradução e interpretação figurativa da expressão 26a

Contextualização:

Constata-se no *Discurso dos Estados* que, no Período das Primaveras e Outonos, o Estado Wu venceu o Estado Yue, sendo que o rei Fuchai do Estado Wu decidiu aceitar o pedido de reconciliação do Estado Yue. O súbdito Shenxu, a fim de persuadir Fuchai a mudar da decisão, disse ao mesmo: “Se não se mata

a serpente quando pequena, o que se poderá fazer para a destruir quando maior?”  
(Zuo 1978, 595).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A força da serpente cresce com o tamanho, pelo que aumenta a dificuldade de a matar.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
INIMIGO É SERPENTE	metáfora conceptual
SER PEQUENA POR SER FRACA	metonímia conceptual

Tabela 61: Motivação conceptual da expressão 26a

A serpente, por ser um animal feroz que constitui perigo ao ser humano, é mapeada em inimigo no contexto humano. Daí, dado que a serpente deve ser morta quando é pequena e fraca, o inimigo também deve ser controlado quando é fraco.

(27) Domínio-alvo: PESSOA GANANCIOSA

a. 巴蛇吞象 (A, 26)

romanização	<i>bāshé tūn xiàng</i>
significado dos termos	serpente- <i>Ba</i> /engolir/elefante
tradução	A serpente- <i>Ba</i> engoliu um elefante.
interpretação figurativa	Refere-se à ganância humana.

Tabela 62: Tradução e interpretação figurativa da expressão 27a

Contextualização:

A serpente-*Ba* consiste num pitão preto com a cabeça verde registado no *Clássico das Montanhas e dos Mares*, que devorou um elefante e só três anos depois é que ejetou os ossos do mesmo (Chen 2008, 285; Strassburg 2002, 190). O idiomatismo derivou desta história, utilizado para fazer referência à ganância

humana (Li e Wang 2014, 95).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
a lenda da serpente- <i>Ba</i>	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
O elefante é um animal de porte muito maior que o da serpente.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
ENGOLIR UM ELEFANTE POR SER GANANCIOSA	metonímia conceptual
PESSOA GANANCIOSA É SERPENTE QUE ENGOLIU UM ELEFANTE	metáfora conceptual

Tabela 63: Motivação conceptual da expressão 27a

Dado que o elefante é um animal de porte muito maior que o da serpente, o devorar do elefante representa metonimicamente a ganância da serpente, que é mapeada metaforicamente na mesma característica humana.

Em suma, conclui-se que a figura da serpente é muito repugnante nos provérbios e idiomatismos chineses.

#### 4.1.7 Cavalo

A domesticação do cavalo tem uma longa história na China (Li e Wang 2014, 104-105). O cavalo desempenhava um papel relevante nos trabalhos agrícolas, no transporte de pessoas e de produtos, bem como na guerra. Isso reflete-se nos provérbios e idiomatismos chineses com este animal.

(28) Domínio-alvo: PESSOA DE GRANDE TALENTO

a. 千里马 (F, 330)

romanização	<i>qiān lǐ mǎ</i>
significado dos termos	mil/li (medida de comprimento chinesa equivalente a meio quilómetro) /cavalo
tradução	cavalo que aguenta mil <i>li</i>
interpretação figurativa	pessoa de grande talento

Tabela 64: Tradução e interpretação figurativa da expressão 28a

#### Contextualização:

A expressão surgiu dum ensaio de Han Yu (768-824) em que se constata: “Os cavalos que aguentam longa distância são muitos, enquanto são poucos os Bole (O Bole era uma pessoa no Período da Primavera e Outono conhecida pela capacidade de distinguir bons cavalos) (CH 2009, 181)” (1985, 75-76). Com isso, o autor expressa a tristeza de que as pessoas realmente talentosas não eram reconhecidas, sendo que faltavam pessoas que as conseguissem identificar.

#### Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O Bole era uma pessoa conhecida pela capacidade de distinguir cavalos resistentes, que se refere metaforicamente a pessoas com a visão de identificar pessoas talentosas.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MIL LI POR GRANDE CAPACIDADE	metonímia conceptual
PESSOA DE GRANDE TALENTO É CAVALO QUE AGUENTA LONGA DISTÂNCIA	metáfora conceptual

Tabela 65: Motivação conceptual da expressão 28a

O conhecimento sobre o Bole e sua relação com os bons cavalos desempenha um papel importante na compreensão desta expressão idiomática, o que reflete a

natureza conceptual das expressões idiomáticas. Sendo que não se trata de uma correspondência mecânica entre a expressão em questão e o seu significado, é necessário conhecer o contexto cultural para aceder à expressão.

(29) Domínio-alvo: PESSOA LUTADORA APESAR DA IDADE AVANÇADA

a. 老骥伏枥 (E, 459)

romanização	<i>lǎo jì fú lì</i>
significado dos termos	velho/ <i>qiān lǐ mǎ</i> (cavalo que aguenta mil <i>li</i> ) /deitado/presépio
tradução	cavalo que aguenta mil <i>li</i> velho deitado no presépio
interpretação figurativa	Refere-se a uma pessoa que, apesar de ser idosa, continua a ter ambição elevada.

Tabela 66: Tradução e interpretação figurativa da expressão 29a

Contextualização:

A expressão vem dum poema do político, estratega e escritor Cao Cao (155-220), no qual se constata o seguinte verso “*Lǎo jì fú lì, zhì zài qiān lǐ* 老骥伏枥，志在千里” (Cavalo que aguenta mil *li* velho deitado no presépio pretende galopar mil *li*) (2006, 43). Escrito depois da vitória numa batalha, implica que ainda tem grande aspiração, apesar de ter cerca de 60 anos.

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
o <i>background</i> do verso elaborado por Cao Cao	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
TER ASPIRAÇÃO ELEVADA É PRETENDER GALOPAR MIL <i>LI</i>	metáfora conceptual
PESSOA LUTADORA APESAR DA IDADE	metáfora conceptual

AVANÇADA É VELHO <i>QIANLIMA</i> QUE QUER GALOPAR MIL <i>LI</i>	
--	--

Tabela 67: Motivação conceptual da expressão 29a

(30) Alvo: SOLDADO

a. 戎马生涯 (E, 665)

romanização	<i>róngmǎ shēngyá</i>
significado dos termos	cavalo de guerra/carreira
tradução	carreira de cavalo de guerra
interpretação figurativa	carreira enquanto um militar

Tabela 68: Tradução e interpretação figurativa da expressão 30a

Contextualização:

A expressão surgiu numa prosa de Yuan Ying (1924-), na qual se refere à carreira militar durante décadas de alguns soldados idosos (1987, 120). Dado que o cavalo montado era utilizado enquanto meio de transporte e arma de guerra, frequentemente refere-se metonimicamente a guerra e soldado. Deste modo, a “carreira de cavalo de guerra” reporte-se, metaforicamente, a uma carreira militar.

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
a utilização do cavalo montado na guerra	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
CAVALO DE GUERRA POR SOLDADO	metonímia conceptual
CARREIRA DE CAVALO DE GUERRA É CARREIRA MILITAR	metáfora conceptual

Tabela 69: Motivação conceptual da expressão 30a

(31) Domínio-alvo: PESSOA QUE COMETE ERRO

a. 马有漏蹄, 牛有失脚 (D, 151)

romanização	<i>mǎ yǒu lòutí, niú yǒu shījiǎo</i>
significado dos termos	cavalo/poder/tropeçar, búfalo/poder/tropeçar
tradução	O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar.
interpretação figurativa	Qualquer pessoa pode cometer erro.

Tabela 70: Tradução e interpretação figurativa da expressão 31a

Contextualização:

O provérbio em questão consiste num dito convencionalizado cuja origem não é certa. Veja-se o exemplo num conto de Kong Jue (1914-1966): “Diz bem o dito popular: ‘O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar.’ Quem é que consegue evitar cometer erro?” (1980, 228).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
É natural que o cavalo e o búfalo tropecem.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
COMETER ERRO É TROPEÇAR	metáfora conceptual
PESSOA QUE COMETE ERRO É CAVALO	metáfora conceptual
PESSOA QUE COMETE ERRO É BÚFALO	metáfora conceptual

Tabela 71: Motivação conceptual da expressão 31a

O cavalo e o búfalo constituem em conjunto um duplo domínio-fonte para o mesmo domínio-alvo.

(32) Domínio-alvo: MULHER

a. 娶到的妻, 买到的马, 任人骑来任人打 (D, 38)

romanização	<i>qǔ dào de qī, mǎi dào de mǎ, rèn rén qí lái rèn rén dǎ</i>
-------------	---

	<i>rén dǎ</i>
significado dos termos	casar/complemento que indica resultado do verbo/palavra auxiliar utilizada depois de atributo/mulher, comprar/complemento que indica resultado do verbo/palavra auxiliar utilizada depois de atributo/cavalo, submeter-se a/humano/montar/palavra inserida para a eufonia/submeter-se a/humano/bater
tradução	Mulher casada, cavalo comprado, submete-se à montagem e pancada humanas.
interpretação figurativa	Refere-se a mulheres submissas à repreensão e violência física dos seus maridos.

Tabela 72: Tradução e interpretação figurativa da expressão 32a

#### Contextualização:

A origem do provérbio em questão perdeu-se no tempo. Trata-se de um dito popular que reflete a visão tradicional sexista. Veja-se o exemplo num conto de Zhao Shuli (1906-1970), em que se cita o provérbio para fazer referência ao costume tradicional de uma vila, onde se acredita que se um homem nunca bate na sua mulher, é porque tem medo da mesma, e por isso, é um homem covarde (1986, 61-62).

#### Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O cavalo submete-se à utilização e tratamento do ser humano.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER É CAVALO	metáfora conceptual
REPREENSÃO E VIOLÊNCIA FÍSICA DO HOMEM À MULHER É MONTAGEM E	metáfora conceptual

PANCADA DO HUMANO AO CAVALO	
-----------------------------	--

Tabela 73: Motivação conceptual da expressão 32a

(33) Domínio-alvo: PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE

a. 牛马襟裾 (E, 560)

romanização	<i>niú mǎ jīnjū</i>
significado dos termos	búfalo/cavalo/roupa
tradução	búfalo e cavalo vestidos de roupa
interpretação figurativa	Refere-se a pessoas com aparência elegante e baixo nível de moralidade.

Tabela 74: Tradução e interpretação figurativa da expressão 33a

Contextualização:

A expressão surgiu da peça de teatro *Qihu Molestou a Esposa*. Qihu foi para a guerra pouco depois de ter casado. Quando regressou à terra, enquanto um funcionário público de alto estatuto, viu uma mulher muito bonita que na realidade era a sua esposa, mas não a reconheceu nem ela a ele. Qihu molestou a mulher e ia violá-la. A mulher disse-lhe que era “búfalo e cavalo vestidos de roupa”, porque apesar de ele estar muito bem vestido, era na realidade uma pessoa maléfica com comportamento de besta (Shi 2008, 126).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O búfalo e o cavalo vestidos de roupa humana não mudam o facto de que são animais.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
TER UMA APARÊNCIA ELEGANTE É VESTIR-SE DE ROUPA HUMANA	metáfora conceptual
PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE É BÚFALO	metáfora conceptual

PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE É CAVALO	metáfora conceptual
---	---------------------

Tabela 75: Motivação conceptual da expressão 33a

A expressão denota o fenómeno de duplo domínio-fonte do mapeamento metafórico.

Em suma, o cavalo demonstra variadas figuras nos provérbios e idiomatismos analisados, refletindo o estreito laço entre o cavalo e a vida humana.

#### 4.1.8 Cabra

Os provérbios e idiomatismos refletem o sentimento afetivo dos chineses em relação a este animal, ao qual são atribuídas qualidades de bondade, gratidão e piedade filial. Além disso, devido à fraca capacidade de resistência da cabra perante os inimigos naturais, a mesma constitui-se como sinónimo de fraqueza.

(34) Domínio-alvo: PESSOA BOA

a. 狼羊同饲 (E, 457)

romanização	<i>láng yáng tóng sì</i>
significado dos termos	lobo/cabra/juntamente/criar
tradução	Criam-se juntos o lobo e a cabra.
interpretação figurativa	Tratam-se de maneira igual as pessoas más e boas.

Tabela 76: Tradução e interpretação figurativa da expressão 34a

Contextualização:

A expressão surgiu na carta de Zhang Juzheng (1525-1582), primeiro-ministro na Dinastia Ming, ao general Ling Yunji, que acabara de suprimir as revoltas de Luopang, um lugar agitado durante um longo período de tempo. Em

todo o caso, afirmou a importância de distinguir os lobos (os revoltosos disfarçados) e as cabras (as pessoas que sinceramente seguiam a liderança do Império), a fim de evitar a repetição das revoltas (J. Zhang 1984, 361). Com o tempo, o sentido mudou-se, fazendo referência ao tratamento indevido, não distinguindo as pessoas boas das más (E, 457).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
Os lobos comem cabras, pelo que a criação das duas espécies no mesmo lugar vai causar danos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MÁ É LOBO	metáfora conceptual
PESSOA BOA É CABRA	metáfora conceptual
NÃO DISTINGUIR PESSOAS MÁ S E BOAS É CRIAR JUNTOS LOBOS E CABRAS	metáfora conceptual

Tabela 77: Motivação conceptual da expressão 34a

(35) Domínio-alvo: FILHO GRATO E COM AMOR FILIAL

a. 羊羔跪乳，乌鸦反哺 (C, 451)

romanização	<i>yánggāo guì rǔ, wūyā fǎn bǔ</i>
significado dos termos	cria de cabra/ajoelhar-se/amamentar, corvo/inversamente/alimentar
tradução	A cria de cabra ajoelha-se ao ser amamentada, o corvo adulto alimenta inversamente a sua mãe.
interpretação figurativa	Os filhos devem ser gratos e demonstrar amor filial.

Tabela 78: Tradução e interpretação figurativa da expressão 35a

Contextualização:

O provérbio tem origem na *Coleção dos Provérbios Sensatos Tradicionais* (Zhou 2004, 3). Devido ao hábito de a cria se ajoelhar ao ser amamentada pela mãe, comportamento que demonstrava respeito à luz dos antigos rituais chineses, à cabra são atribuídas as qualidades de gratidão e amor filial (Li e Wang 2014, 133). De modo semelhante, o corvo adulto, por alimentar a mãe, é elogiado pelas mesmas características de caráter (Sterckx 2002, 33).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
os instintos acima referidos de cabra e corvo	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
SER GRATO E DEMONSTRAR AMOR FILIAL É AJOELHAR-SE AO SER AMAMENTADO	metáfora conceptual
FILHO GRATO E COM AMOR FILIAL É CRIA DE CABRA QUE SE AJOELHA AO SER AMAMENTADA	metáfora conceptual
SER GRATO E DEMONSTRAR AMOR FILIAL É ALIMENTAR INVERSAMENTE A MÃE	metáfora conceptual
FILHO GRATO E COM AMOR FILIAL É CORVO QUE ALIMENTA INVERSAMENTE A MÃE	metáfora conceptual

Tabela 79: Motivação conceptual da expressão 35a

O presente provérbio evidencia o fenómeno da ativação de duplo domínio-fonte para um mesmo domínio-alvo.

(36) Domínio-alvo: PESSOA FRACA

a. 虎入羊群 (E, 331)

romanização	<i>hǔ rù yáng qún</i>
significado dos termos	tigre/entrar/cabra/rebanho
tradução	O tigre entrou num rebanho de cabras.
interpretação figurativa	Os fortes reprimem arbitrariamente os fracos.

Tabela 80: Tradução e interpretação figurativa da expressão 36a

#### Contextualização:

A expressão surgiu no *Romance dos Três Reinos*, utilizada para descrever a facilidade dos três generais fortes Taishi Ci, Guan Yu e Zhang Fei em vencerem inimigos (Luo 1979, 93). Atualmente, a expressão denota uma valorização pejorativa, com o sentido de que os fortes reprimem arbitrariamente os fracos (E, 331).

#### Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
Devido à disparidade contrastante da força do tigre e da cabra, evidentemente, perante o ataque do tigre, um rebanho de cabras sofre massacre.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA FORTE É TIGRE	metáfora conceptual
PESSOA FRACA É CABRA	metáfora conceptual
ENTRAR NO REBANHO POR CAUSAR MORTE DE CABRAS	metonímia conceptual

Tabela 81: Motivação conceptual da expressão 36a

Pelo que foi dito anteriormente, as representações da cabra nos provérbios e idiomatismos refletem a afeição e compaixão dos chineses em relação a este animal.

#### 4.1.9 Macaco

Devido às semelhanças biológicas evidentes entre o macaco e o ser humano, o macaco constitui naturalmente uma ferramenta cognitiva para compreender as personalidades e comportamentos humanos.

(37) Domínio-alvo: PESSOA INQUIETA

a. 猴子屁股 (F, 188)

romanização	<i>hóuzi pìgǔ</i>
significado dos termos	macaco/rabo
tradução	rabo de macaco
interpretação figurativa	Refere-se a pessoa irrequieta, que não permanece sentada.

Tabela 82: Tradução e interpretação figurativa da expressão 37a

Contextualização:

Não se pode indicar a origem deste idiomatismo, que faz referência a um comportamento inquieto, por exemplo, “*Zhè hái zi yě guàn le, hóuzi pìgǔ* 这孩子野惯了, 猴子屁股” (A criança anda sem restrições, é rabo de macaco) (F, 188).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco tem uma natureza irrequieta.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
RABO POR SENTAR-SE	metonímia conceptual
PESSOA INQUIETA É MACACO	metáfora conceptual

Tabela 83: Motivação conceptual da expressão 37a

(38) Domínio-alvo: PESSOA MEDÍOCRE

a. 山上无老虎, 猴子称大王 (C, 342)

romanização	<i>shān shàng wú lǎohǔ, hóuzi chēng dāwáng</i>
significado dos termos	montanha/em/sem/tigre, macaco/nomear-se/rei
tradução	Na montanha onde não há tigre, o macaco nomeia-se como rei.
interpretação figurativa	Uma pessoa medíocre obtém poder num lugar onde não há pessoa competente.

Tabela 84: Tradução e interpretação figurativa da expressão 38a

#### Contextualização:

O provérbio surgiu no romance *Observação Objetiva*, no qual o macaco se refere ao filho da família Yu, que se gabava das suas influências sociais. Estas, no entanto, foram desafiadas pela protagonista Sulan, porque para ela, ele era somente um macaco sem grande capacidade intelectual (Wang 2006, 148).

#### Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
O tigre, tido como rei dos animais, tem uma força com que a do macaco não se compara, apesar de não ser um animal fraco.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COMPETENTE É TIGRE	metáfora conceptual
PESSOA MEDÍOCRE É MACACO	metáfora conceptual
NOMEAR-SE COMO REI POR GANHAR PODER	metonímia conceptual

Tabela 85: Motivação conceptual da expressão 38a

No presente provérbio, o macaco denota um comportamento inspirado no comportamento humano.

(39) Domínio-alvo: PESSOA BAJULADORA A QUEM TEM PODER

a. 树倒猢猻散 (D, 461)

romanização	<i>shù dǎo húsūn sǎn</i>
significado dos termos	árvore/tombar/macaco/dispersar-se
tradução	Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se.
interpretação figurativa	Quando uma pessoa influente perde poder, os seus bajuladores dispersam-se.

Tabela 86: Tradução e interpretação figurativa da expressão 39a

Contextualização:

O ministro-adjunto Cao Yong, por ser subordinado da confiança do primeiro-ministro Qin Gui, atraía muitos bajuladores, exceto o seu cunhado. Quando Qin Gui foi morto, Cao Yong foi despromovido, sendo que outras pessoas dependentes da influência de Qin Gui perderam poder. Assim, o seu cunhado escreveu um texto em prosa, em que comparava Qin Gui a uma árvore grande e os bajuladores dele, incluindo Cao Yong, aos macacos. Quando a árvore caiu, os macacos perderam o seu lugar de permanência e dispersaram-se. Daí, surgiu o presente provérbio (Li e Wang 2014, 152-153).

Motivação conceptual:

Figurações simbólicas	processo cognitivo
Os macacos habitam árvores, sendo as mesmas o seu lugar de abrigo.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM PODER É ÁRVORE	metáfora conceptual
PESSOA BAJULADORA A QUEM TEM PODER É MACACO	metáfora conceptual
QUEBRA DE PODER É QUEDA DE ÁRVORE	metáfora conceptual

Tabela 87: Motivação conceptual da expressão 39a

Verifica-se que o macaco serve à representação de qualidades humanas pejorativas nos provérbios e idiomatismos em questão.

#### 4.1.10 Galo

Sendo uma ave domesticada basilar na cadeia alimentar humana e um animal sem personalidade forte, logo, o galo representa frequentemente nos provérbios e idiomatismos as pessoas banais sem capacidade de inteligência ou posição social.

(40) Domínio-alvo: PESSOA COM ESTATUTO SOCIAL VULGAR

a. 拔了毛的凤凰不如鸡 (C, 4)

romanização	<i>Bá le máo de fènghuáng bù rú jī</i>
significado dos termos	arrancar/palavra auxiliar que indica a mudança de estado/pena/palavra auxiliar utilizada depois de atributo/fénix/não/à mesma altura/galo
tradução	Uma fénix depenada não está à altura do galo.
interpretação figurativa	Quando uma pessoa influente perde poder, enfrenta circunstâncias piores que as pessoas com estatuto social vulgar.

Tabela 88: Tradução e interpretação figurativa da expressão 40a

Contextualização:

Pelo que foi dito anteriormente, a fénix constitui o símbolo de poder na cultura chinesa. O provérbio em questão tem origem numa lenda: Uma fénix foi passear numa floresta. Quando voava, todas as suas penas fabulosas foram arrancadas pelos ramos de árvores e ficou feia como se fosse um galo depenado. Quando a fénix passou pela capoeira, ficou humilhada e foi pontuada até à morte pelos galos (Li e Wang 2014, 166).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A fénix, uma ave imaginária com penas coloridas, representa poder na cultura chinesa.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM PODER É FÉNIX	metáfora conceptual
PERDER PODER É TER PENAS ARRANCADAS	metáfora conceptual
PESSOA COM ESTATUTO SOCIAL VULGAR É GALO	metáfora conceptual

Tabela 89: Motivação conceptual da expressão 40a

(41) Domínio-alvo: PESSOA MEDÍOCRE

a. 鹤立鸡群 (E, 318)

romanização	<i>hè lì jī qún</i>
significado dos termos	cegonha/estar de pé/galo/conjunto
tradução	Uma cegonha está de pé no meio dum conjunto de galos.
interpretação figurativa	Uma pessoa de grande capacidade ou de bela aparência facilmente se distingue num grupo de pessoas medíocres.

Tabela 90: Tradução e interpretação figurativa da expressão 41a

Contextualização:

A cegonha, uma ave muito elegante, é muito elogiada na cultura tradicional chinesa, representando frequentemente uma pessoa de carácter íntegro (Li e Wang 2014, 167).

A expressão acima surgiu da *Abordagem dos Sete Sábios do Bosque de Bambu*, na qual o Ji Shao era descrito como uma cegonha no meio de um conjunto de galos, expressando o elogio à sua sensatez e aparência elegante (Dai

*apud* Ouyang 1965, 1563<sup>15</sup>).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A cegonha é um pássaro muito elegante e apreciado na cultura chinesa.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM CAPACIDADE DISTINTA OU APARÊNCIA ELEGANTE É CEGONHA	metáfora conceptual
PESSOA MEDÍOCRE É GALO	metáfora conceptual

Tabela 91: Motivação conceptual da expressão 41a

(42) Domínio-alvo: Esposo

a. 嫁鸡随鸡，嫁狗随狗. (C, 170)

romanização	<i>Jià jī suí jī, jià gǒu suí gǒu</i>
significado dos termos	casar/galo/seguir/galo, casar/cão/seguir/cão
tradução	Se casou seja com um galo, seja com um cão, segue-o.
interpretação figurativa	Seja que tipo de pessoa é o marido, a mulher tem de o seguir sempre.

Tabela 92: Tradução e interpretação figurativa da expressão 42a

Contextualização:

Não se pode localizar a origem do provérbio em questão, sendo uma expressão popular muito utilizada pelo menos desde as dinastias Tang e Song (C, 170).

<sup>15</sup> Os dois volumes da *Abordagem dos Sete Sábios do Bosque de Bambu* de Dai Kui (326-396) já não se encontram disponíveis hoje em dia, porém, o artigo no qual se constata a presente expressão idiomática foi registado no livro de Ouyang Xun (557-641).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O galo e o cão são dois animais diferentes.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MARIDO É GALO	metáfora conceptual
MARIDO É CÃO	metáfora conceptual

Tabela 93: Motivação conceptual da expressão 42a

Pode-se inferir do provérbio acima a desigualdade de género no casamento tradicional, sendo que as mulheres têm de obedecer aos seus maridos incondicionalmente. O sexismo demonstra-se, igualmente, no seguinte idiomatismo, no qual a galinha se refere às mulheres: *pìnjī wú chén* 牝鸡无晨 (A galinha não canta no alvorecer), expressando que as mulheres devem ser excluídas do círculo político (E, 580).

(43) Domínio-alvo: PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO

a. 淮南鸡犬 (E, 339)

romanização	<i>huáinán jī quǎn</i>
significado dos termos	rei <i>Huainan</i> /galo/cão
tradução	o galo e o cão do rei <i>Huainan</i>
interpretação figurativa	Refere-se a pessoas que se beneficiam duma pessoa com poder.

Tabela 94: Tradução e interpretação figurativa da expressão 43a

Contextualização:

A expressão idiomática em causa tem origem na lenda do rei *Huainan*. Diz-se que o rei por um processo de alquimia por ele desenvolvido se tornou imortal. Os galos e cães dele também comeram o remédio e ascenderam ao Céu (Wang 1991, 109). A lenda regista o fenómeno de que quando uma pessoa ganha poder,

as pessoas com ela relacionadas também são beneficiadas. Daí o galo e o cão na presente expressão fazerem referência às pessoas beneficiadas do favorecimento ilícito (E, 339).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
a lenda do rei <i>Huainan</i>	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM PODER É REI <i>HUAINAN</i>	metáfora conceptual
PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO É GALO	metáfora conceptual
PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO É CÃO	metáfora conceptual

Tabela 95: Motivação conceptual da expressão 43a

O fenómeno de duplo domínio-fonte do mapeamento metafórico está patente nesta expressão idiomática motivada.

(44) Domínio-alvo: PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE OU CAPACIDADE

a. 鸡栖凤巢 (A, 48)

romanização	<i>jī qī fèng cháo</i>
significado dos termos	galo/empoleirar/fénix/ninho
tradução	O galo empoleira-se no ninho da fénix.
interpretação figurativa	Pessoa com baixo nível de moralidade ou capacidade ocupa posição alta.

Tabela 96: Tradução e interpretação figurativa da expressão 44a

Contextualização:

A expressão tem origem no *Registro no Período Jingde da Transmissão da Lâmpada* (Shi 2010, 1184). Como já se referiu anteriormente, a fénix constitui o emblema de poder, virtude e competência, pelo que o ninho da fénix representa uma posição alta que é ocupada devidamente por uma pessoa virtuosa e competente.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
A fénix representa poder, competência e virtude.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA VIRTUOSA E COMPETENTE É FÉNIX	metáfora conceptual
POSIÇÃO ALTA É NINHO DE FÉNIX	metáfora conceptual
OCUPAR UMA POSIÇÃO É EMPOLEIRAR-SE	metáfora conceptual
PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE OU CAPACIDADE É GALO	metáfora conceptual

Tabela 97: Motivação conceptual da expressão 44a

Resumindo, o galo demonstra características muito vulgares nos provérbios e idiomatismos.

#### 4.1.11 Cão

O sentimento dos chineses em relação ao cão afigura-se dualista, sendo que por um lado, elogia-se a sua lealdade; mas por outro lado, desprezam-se algumas características e comportamentos dele, atribuindo-lhe conotações muito negativas.

(45) Domínio-alvo: SÚBDITO LEAL AO SEU SOBERANO

a. 狗吠非主 (E, 282)

romanização	<i>gǒu fēi fēi zhǔ</i>
significado dos termos	cão/ladrar/não/dono
tradução	O cão ladra exceto ao seu dono.
interpretação figurativa	Os vassalos são leais aos seus próprios soberanos.

Tabela 98: Tradução e interpretação figurativa da expressão 45a

#### Contextualização:

A expressão tem origem numa história do *Estratégias dos Estados Combatentes*. Shao Bo frequentemente criticava Tian Dan, por isso, Tian perguntou-lhe qual a razão para este seu comportamento. Shao, usando a metáfora de que o cão ladra a estranhos, explicou que dizia mal de Tian, não por desvalorizá-lo, mas por ser fiel a quem ele servia (Liu 2005, 140).

#### Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cão não ladra de maneira ameaçadora ao seu dono.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
SÚBDITO LEAL AO SEU SOBERANO É CÃO	metáfora conceptual
SOBERANO É DONO DE CÃO	metáfora conceptual
FAZER MAL É LADRAR	metáfora conceptual

Tabela 99: Motivação conceptual da expressão 45a

#### (46) Domínio-alvo: PESSOA MALICIOSA

##### a. 狗改不了吃屎. (C, 123)

romanização	<i>Gǒu gǎi bù liǎo chī shǐ</i>
significado dos termos	cão/mudar/não/palavra auxiliar que indica mudança de estado/comer/excremento

tradução	O cão não muda o hábito de comer excrementos.
interpretação figurativa	As pessoas más não mudam a natureza.

Tabela 100: Tradução e interpretação figurativa da expressão 46a

Contextualização:

O provérbio em questão surgiu no romance *Ameixa no Vaso Dourado*, referindo-se ao comportamento adúltero de Pan Jinlian, porque esta cometeu adultério com o seu genro, sendo que o seu casamento com Ximen Qing foi igualmente resultado do adultério (Lanlingxiaoxiaosheng 1995, 2567). Daí, o provérbio significa que os humanos (frequentemente refere-se às pessoas más), dificilmente mudam a natureza do seu comportamento (C, 123).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
Os cães comem excrementos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MALICIOSA É CÃO	metáfora conceptual
FAZER MALDADES É COMER EXCREMENTOS	metáfora conceptual

Tabela 101: Motivação conceptual da expressão 46a

b. 狗咬狗 (F, 168)

romanização	<i>gǒu yǎo gǒu</i>
significado dos termos	cão/morder/cão
tradução	Cão morde cão.
interpretação figurativa	Refere-se à competição entre pessoas más.

Tabela 102: Tradução e interpretação figurativa da expressão 46b

Contextualização:

Trata-se de uma expressão idiomática coloquial, cuja origem não foi possível verificar.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
Os cães mordem um a outro.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MÁ É CÃO	metáfora conceptual
COMPETIR É MORDER	metáfora conceptual

Tabela 103: Motivação conceptual da expressão 46b

(47) Domínio-alvo: PESSOA LISONJEIRA

a. 狗颠屁股 (E, 282)

romanização	<i>gǒu diān pìgu</i>
significado dos termos	cão/sacudir/rabo
tradução	O cão sacode o rabo.
interpretação figurativa	Usa-se para descrever o comportamento lisonjeiro.

Tabela 104: Tradução e interpretação figurativa da expressão 47a

Contextualização:

A expressão tem origem no *Sonho do Pavilhão Vermelho*, utilizada para descrever a cozinheira Liu. Quando a serva Qinwen pediu um prato para comer, Liu fê-lo de imediato e levou-o em pessoa a Qinwen. Mas num outro dia mais tarde, quando a outra serva Siqi pediu um prato para comer, Liu ignorou o seu pedido. Ela apenas correspondeu ao pedido, devido Qinwen ser uma serva com alto estatuto, ao invés de Siqi que era de baixo estatuto (Cao 2008, 833).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cão abana rabo para mostrar simpatia.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA LISONJEIRA É CÃO	metáfora conceptual
SER LISONJEIRO É SACUDIR RABO	metáfora conceptual

Tabela 105: Motivação conceptual da expressão 47a

(48) Domínio-alvo: PESSOA SNOBE

a. 人爱富的，狗咬穷的. (D, 66)

romanização	<i>Rén ài fù de, gǒu yǎo qióng de</i>
significado dos termos	pessoa/gostar/rico/palavra auxiliar utilizada depois de atributo, cão/morder/pobre/palavra auxiliar utilizada depois de atributo
tradução	Os humanos gostam dos ricos, os cães mordem os pobres.
interpretação figurativa	Os ricos são respeitados, enquanto os pobres são maltratados.

Tabela 106: Tradução e interpretação figurativa da expressão 48a

Contextualização:

É um dito popular cuja origem não foi encontrada.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
Os ricos possuem um estatuto mais alto que os pobres.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA SNOBE É CÃO	metáfora conceptual
MALTRATAR É MORDER	metáfora conceptual

Tabela 107: Motivação conceptual da expressão 48a

Verifica-se que o cão serve à representação de uma pessoa snobe, sendo que o cão distingue os seres humanos de acordo com a capacidade económica.

(49) Domínio-alvo: PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO

a. 一人得道, 鸡犬升天. (E, 982)

romanização	<i>Yī rén dé dào, jī quǎn shēng tiān</i>
significado dos termos	um/pessoa/alcançar/ <i>Tao</i> , galo/cão/ascender/céu
tradução	Quando uma pessoa alcançou o <i>Tao</i> , os seus galos e cães igualmente vão para o Céu.
interpretação figurativa	Quando uma pessoa ganhou poder, as pessoas relacionadas com a mesma igualmente beneficiam-se disso.

Tabela 108: Tradução e interpretação figurativa da expressão 49a

Contextualização:

A expressão idiomática em causa tem origem da lenda do rei *Huainan* anteriormente referida.

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
a lenda do rei <i>Huainan</i>	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
GANHAR PODER É TORNAR-SE IMORTAL	metáfora conceptual
BENEFICIAR-SE DO FAVORECIMENTO ILÍCITO É ASCENDER AO CÉU	metáfora conceptual
PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO É CÃO	metáfora conceptual

PESSOA	BENEFICIADA	DO	metáfora conceptual
FAVORECIMENTO ILÍCITO É GALO			

Tabela 109: Motivação conceptual da expressão 49a

O fenómeno de duplo domínio-fonte relativamente a um único domínio-alvo configura este tipo de mapeamentos metafóricos inerentes desta expressão idiomática.

Resumindo, os provérbios e idiomatismos analisados demonstram uma valorização apreciativa muito pejorativa em relação ao cão.

#### 4.1.12 Porco

O porco é associado à estupidez, preguiça e maldade nos provérbios e idiomatismos.

(50) Domínio-alvo: PESSOA ESTÚPIDA

a. 一龙一猪 (E, 977)

romanização	<i>yī lóng yī zhū</i>
significado dos termos	um/dragão/um/porco
tradução	um dragão e um porco
interpretação figurativa	Refere-se à diferença evidente entre uma pessoa excelente e uma pessoa estúpida.

Tabela 110: Tradução e interpretação figurativa da expressão 50a

Contextualização:

A expressão em apreço tem origem num poema escrito por Han Yu ao seu filho, a fim de advogar a importância de ser uma pessoa diligente, que relata a história de duas crianças que cresceram juntas. Contudo, uma tornou-se uma pessoa excelente como um dragão, a outra estúpida como um porco (Han 1986, 25).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O dragão consiste num animal imaginário onipotente, enquanto o porco é tido como estúpido.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA EXCELENTE É DRAGÃO	metáfora conceptual
PESSOA ESTÚPIDA É PORCO	metáfora conceptual

Tabela 111: Motivação conceptual da expressão 50a

(51) Domínio-alvo: PESSOA PREGUIÇOSA SEM TRABALHO

a. 猪朋狗友 (E, 1117)

romanização	<i>zhū péng gǒu yǒu</i>
significado dos termos	porco/amigo/cão/amigo
tradução	amigo porco e amigo cão
interpretação figurativa	Refere-se a amigo de má influência que não faz nenhum trabalho sério.

Tabela 112: Tradução e interpretação figurativa da expressão 51a

Contextualização:

A expressão tem origem no romance *Luta Dura*, no qual se refere aos amigos preguiçosos de He Shouren (Ouyang 1979, 364).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
O porco e o cão não são animais de trabalho.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA PREGUIÇOSA SEM TRABALHO É PORCO	metáfora conceptual
PESSOA PREGUIÇOSA SEM	metáfora conceptual

TRABALHO É CÃO	
----------------	--

Tabela 113: Motivação conceptual da expressão 51a

A expressão idiomática acima evidencia o fenómeno de duplo domínio-fonte para um único domínio-alvo para representação de pessoa preguiçosa.

(52) Domínio-alvo: PESSOA VIL

a. 猪卑狗险 (B, 232)

romanização	<i>zhū bēi gǒu xiǎn</i>
significado dos termos	porco/vil/cão/traiçoeiro
tradução	O porco é vil e o cão é traiçoeiro
interpretação figurativa	Refere-se a pessoas vis e traiçoeiras.

Tabela 114: Tradução e interpretação figurativa da expressão 52a

Contextualização:

A expressão surgiu no *Livro da Dinastia Qi Meridional*, que criticou as pessoas com fortuna e poder social, sendo pessoas vis e traiçoeiras (Xiao 1972, 893).

Motivação conceptual:

figurações simbólicas	processo cognitivo
PESSOA VIL É PORCO	metáfora conceptual
PESSOA TRAIÇOEIRA É CÃO	metáfora conceptual

Tabela 115: Motivação conceptual da expressão 52a

Pode verificar-se que o porco é muito desvalorizado nos provérbios e idiomatismos, servindo a conceptualização metafórica de pessoas estúpidas, vis e preguiçosas.

## 4.2 Análise cognitiva dos provérbios e idiomatismos portugueses

### 4.2.1 Rato

As figurações metafóricas do rato nos provérbios e idiomatismos portugueses são bastante diversificadas.

#### (1) Domínio-alvo: PESSOA ESPERTA

##### A. esperteza de rato (H, 160)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O rato é hábil e rápido.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
INTELIGÊNCIA RÁPIDA HUMANA É ESPERTEZA DE RATO	metáfora conceptual

Tabela 116: Motivação conceptual da expressão 1A

O rato empreende as suas ações quotidianas de procura de alimentos de forma hábil e rápida, conseguindo escapar à captura pelos seres humanos, pelo que esta sua habilidade é mapeada na inteligência rápida humana.

#### (2) Domínio-alvo: PESSOA MANHOSA

##### A. rato pelado (H, 332)

figurações simbólicas	processo cognitivo
SER PELADO POR SER VELHO	metonímia conceptual
Com a idade acumula-se manha.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MANHOSA É RATO PELADO	metáfora conceptual

Tabela 117: Motivação conceptual da expressão 2A

#### (3) Domínio-alvo: LADRÃO

##### A. rato de hotel (H, 206)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O rato apodera-se de bens do ser humano em unidades hoteleiras.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
LADRÃO É RATO	metáfora conceptual

Tabela 118: Motivação conceptual da expressão 3A

(4) Domínio-alvo: PESSOA GULOSA

A. O grande defeito do rato é ser guloso. (G, 792)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O rato come indiscriminadamente os alimentos que apanha.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA GULOSA É RATO	metáfora conceptual

Tabela 119: Motivação conceptual da expressão 4A

O rato, em virtude da sua voracidade alimentar, constitui o domínio-fonte da representação metafórica de uma pessoa gulosa que tem tendência para não resistir a tentações alimentares.

(5) Domínio-alvo: PESQUISADOR

A. rato de biblioteca (H, 51)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O rato rói o papel dos livros, pelo que em bibliotecas importantes como a do Convento de Mafra foram introduzidos, ao longo do tempo, morcegos que os comem para ajudar a controlar a sua proliferação.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESQUISADOR É RATO DE BIBLIOTECA	metafonímia conceptual metáfora com base na metonímia

	BIBLIOTECA POR LUGARES EM QUE SE REALIZAM INVESTIGAÇÕES
IDEIAS SÃO ALIMENTOS	metáfora conceptual

Tabela 120: Motivação conceptual da expressão 5A

(6) Domínio-alvo: PESSOA SUBORDINADA DE COMPORTAMENTO LIVRE

A. Casa onde não há gatos, os ratos dançam o fado. (G, 792)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O gato domina o rato na hierarquia animal.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA SUBORDINADA É RATO	metáfora conceptual
PESSOA SUPERIOR É GATO	metáfora conceptual
TER LIBERDADE É DANÇAR O FADO	metáfora conceptual

Tabela 121: Motivação conceptual da expressão 6A

Resumindo, em português europeu, os valores simbólicos associados ao rato nos provérbios e expressões idiomáticas representam significados depreciativos, servindo para representar pessoas gulosas e de comportamento livre ou insubordinadas. Também representa pessoas pesquisadoras, em virtude de muitas bibliotecas antigas estarem infestadas de ratos que comiam o papel dos livros. A proliferação da espécie era controlada mediante a introdução de vários morcegos que os comiam, como aconteceu durante muitos anos na biblioteca do Convento de Mafra.

#### 4.2.2 Búfalo

Não foi encontrado nenhum provérbio ou idiomatismo nas fontes às quais recorremos, sendo que o búfalo tem origem na Ásia, e embora o búfalo fosse introduzido nalguns países da Europa, o mesmo não sucedeu em Portugal (Long 2003, 459-460). Assim sendo, não

constitui um domínio cognitivo ativado na cognição dos portugueses para representar qualidades ou comportamentos humanos.

### 4.2.3 Tigre

Encontrámos somente dois provérbios portugueses respeitantes ao tigre nas fontes que consultámos. Os dois têm o mesmo sentido e denotam somente variações lexicais, pelo que analisaremos a conotação do tigre através dum destes dois provérbios.

#### (7) Domínio-alvo: PESSOA NASCIDA COM CARACTERÍSTICAS DOS PAIS

##### A. Filho de tigre já sai malhado. (G, 857)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O tigre tem listas de pele de diversas cores.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA NASCIDA COM CARACTERÍSTICAS DOS PAIS É TIGRE MALHADO	metáfora conceptual
NASCER COM CARACTERÍSTICAS DOS PAIS É SAIR MALHADO	metáfora conceptual

Tabela 122: Motivação conceptual da expressão 7A

Verifica-se que o tigre não se afigura significante nos provérbios e idiomatismos portugueses, sendo um animal originário da Ásia (Long 2003, 332). Com efeito, o povo português só ficou a conhecê-lo graças aos Descobrimentos e os intercâmbios com o Oriente. Durante uma longa fase da história, o tigre, assim como muitos outros animais exóticos, constituíam presentes diplomáticos e eram somente conhecidos por um pequeno grupo da sociedade, em especial monarcas e nobres mais importantes (Braga 2015, 334). Assim sendo, não constitui um domínio cognitivo ativado na cognição dos portugueses para representar comportamentos humanos.

#### 4.2.4 Coelho

Não foi encontrada nenhuma ocorrência proverbial e idiomática das nossas fontes em que o coelho é mapeado no ser humano, provavelmente porque o coelho consiste num animal com personalidades e comportamentos menos evidentes e acessíveis a referir-se aos humanos e com um lugar menos significativo no convívio quotidiano com os portugueses, sendo que a conceptualização humana concede precedência aos seres cognitivamente mais salientes e àqueles com que temos mais interações (Radden e Kövecses 1999, 45). Assim sendo, o coelho não constitui um domínio cognitivo ativado para representar qualidades ou comportamentos humanos.

#### 4.2.5 Dragão

O dragão está ausente na paremiologia e nas expressões idiomáticas portuguesas, sendo que, enquanto um animal imaginado, não é ativado em mapeamentos metafóricos para representar comportamentos humanos. Em face da herança cultural greco-romana e judaico-cristã, os portugueses conhecem esta criatura mitológica através da sua presença nessas matrizes culturais.

Na mitologia grega, o dragão figura frequentemente adversário de heróis ou deuses. Veja-se o caso de Hércules. Enquanto decorria o segundo dos seus lendários doze trabalhos, Hércules matou o dragão grego mais famoso – Ladão, um monstro com várias cabeças, que destruía homens, aldeias e rebanhos, transformando o distrito de Argólida num deserto estéril (Brandão 1986, 243; Jones 2016, 137).

Nos tempos romanos, por um lado, o dragão mantinha a encarnação da maldade e terror, como por exemplo, o escritor romano Propércio falou de um dragão vivido num poço profundo. Cada dia, uma jovem pura tinha de entrar na caverna com uma cesta de comida para o servir com as próprias mãos. Se ela vacilasse quando o dragão sugava a comida dos seus dedos ou se ela fosse impura no coração e no corpo, o dragão esfrangalhá-la-ia. Se ela manifestasse coragem e virtude, poderia regressar sã e salva (Jones 2016, 138). Por outro lado, o dragão constituía a insígnia da coorte, sendo que o exército romano frequentemente

exibia emblemas de dragão em escudos e estandartes, cuja imagem tinha o objetivo de intimidar inimigos (Borges 1969, 153; Jones 2016, 138). Deste modo, o dragão era representado nas antigas armas em Portugal. A título de exemplo, veja-se o da Rainha D. Maria II, que promulgou o brasão de armas da cidade do Porto, que incluía um dragão negro nas antigas armas dos reis, bem como o do emblema do Futebol Clube do Porto, que reproduz a mesma figura do dragão (Cleto 2012).

No cristianismo, o dragão constitui uma das formas do diabo, sendo que o *draco* em latim significa dragão ou serpente, representando o diabo em qualquer uma das formas (Hall 1996, 21). Nos contos cristãos constata-se um conjunto de santos que venceram dragões, como por exemplo, o S. Jorge, que matou um dragão na Líbia. Os habitantes locais eram mortos pelo seu hálito pestilento, ao mesmo tempo, tinham de lhe oferecer os seus filhos. Quando só restava a filha do rei para ser a vítima, o São Jorge venceu-o e salvou a princesa (Huxley 1979, 14-15). Em Monção, Portugal, celebra-se ao longo de séculos a festa da Coca, um torneio entre o cavaleiro S. Jorge, representando o bem, e um dragão designado por Coca, representando o mal. A vitória do cavaleiro agoura um bom ano agrícola, enquanto a da Coca tempos de fome e miséria (Fonseca 2013).

Pelo que foi dito anteriormente, o dragão figura na matriz cultural portuguesa, no entanto, está ausente nas expressões proverbiais e idiomáticas, o que aponta para uma característica das mesmas – os provérbios e idiomatismos portugueses com animais estão, de forma expressiva, ancorados na vivência quotidiana do seu povo, pelo que o dragão não faz parte do seu repositório.

#### **4.2.6 Serpente**

A serpente denota figuras muito repugnantes nas expressões proverbiais e idiomáticas registadas no nosso repositório, nas quais a serpente constitui um domínio-fonte para representar pessoas, sobretudo mulheres, como más e nocivas.

##### **(8) Domínio-alvo: MULHER NOCIVA**

A. Acalenta a serpente que ela te dará o pago (G, 814).

figurações simbólicas	processo cognitivo
A serpente é um animal feroz que pode ameaçar a vida humana.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER NOCIVA É SERPENTE	metáfora conceptual
CAUSAR DANO É DAR O PAGO	metáfora conceptual

Tabela 123: Motivação conceptual da expressão 8A

(9) Domínio-alvo: MULHER TRAIÇOEIRA E COM VÍCIOS

A. ser uma serpente (I, 632)

figurações simbólicas	processo cognitivo
a história bíblica da serpente e Eva	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER TRAIÇOEIRA E COM VÍCIOS É SERPENTE	metáfora conceptual

Tabela 124: Motivação conceptual da expressão 9A

Pode verificar-se nos provérbios e idiomatismos acima a associação da serpente às mulheres traíçoeriras na cultura portuguesa, que remete para o episódio bíblico de Adão e Eva no Paraíso.

Anteriormente às tradições judaico-cristãs, a serpente era frequentemente associada à mulher, consideradas como representação da fertilidade e poder de vida, mas foram ambas demonizadas na interpretação do mito de Adão e Eva (Walker 1988, 387-388; Noddings 1989, 51; Werness 2004, 376, 381), como por exemplo, afirma Huxley que na tradição cristã, a Tentação de Eva é frequentemente pintada com um Lúcifer, cujo corpo de serpente tem a cabeça de uma mulher (1979, 10). Daí, a serpente, culpada por levar Eva para comer o fruto proibido, afigura-se a encarnação do Diabo, enquanto a mulher é representada como a sedutora, destruidora do homem e aliada do Diabo (Chakraborty 2017, 157), o que reflete a necessidade patriarcal judaico-cristã de suprimir as tradições e religiões anteriores (Charlesworth 2010, 536; Werness 2004, 381). Em virtude da interpretação negativa

da serpente e da mulher nesse episódio bíblico, na cultura/língua portuguesa, a serpente aparece frequentemente associada às mulheres más, o que se demonstra nos provérbios e idiomatismos em questão.

É importante referir que tal característica de associação da cognição humana foi sublinhada por Lakoff no seu livro *Mulheres, Fogo e Coisas Perigosas* (1987), ao abordar a categorização das entidades do mundo físico do Dyirbal, língua aborígine da Austrália. Para o linguista, três princípios essenciais estão ancorados na categorização dos nomes dessa língua (1987, 93-95). Primeiro, o princípio de domínio de experiência, i.e., as entidades do mesmo domínio cognitivo pertencem à mesma categoria. Segundo, o princípio de mito-e-crença: a razão pela qual duas entidades pertencem à mesma categoria reside na sua ligação num mito ou crença. Terceiro, o princípio de propriedade importante, i.e., se um subconjunto de substantivos tem uma propriedade importante que o resto do conjunto não tem, os membros do subconjunto podem ser classificados com uma categoria diferente daquele ao qual o conjunto maior pertence.

Com base nestes princípios propostos por Lakoff, Kövecses (2006, 83) analisou os motivos pelos quais as três entidades no título do livro de Lakoff se encontram na mesma categoria em Dyirbal. A mulher e o sol pertencem à mesma categoria, porque o sol e a lua são mulher e marido no mito, e daí a mulher corresponde ao sol. O fogo e o sol são da mesma categoria devido ao princípio de fator comum de entidades que produzem calor. De mesmo modo, sendo o fogo perigoso, o fogo e coisas perigosas são classificados na mesma categoria. Assim sendo, as mulheres, o fogo e coisas perigosas pertencem à mesma categoria.

Inspirado no modo de categorização em Dyirbal advogado por Lakoff, desmistifica-se o facto de tipicamente a serpente ser associada a mulheres desmoralizadas na cultura portuguesa, cuja raiz reside no mito de Adão e Eva no Paraíso.

#### **4.2.7 Cavalo**

A figura do cavalo que é um animal utilizado pelo homem como “montada, animal de tracção ou de carga” (LPC 2001, 746), dá origem, por via metafórica, a provérbios ou idiomatismos relativos a características e comportamentos humanos.

(10) Domínio-alvo: PESSOA IMPERFEITA

A. Não há cavalo sem mancha. (G, 504)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Uma mancha no cavalo desvaloriza o animal.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
DEFEITO HUMANO É MANCHA DO CAVALO	metáfora conceptual
PESSOA IMPERFEITA É CAVALO	metáfora conceptual

Tabela 125: Motivação conceptual da expressão 10A

(11) Domínio-alvo: PESSOA QUE COMETE ERRO

A. Não há cavalo que não tropece. (G, 504)

figurações simbólicas	processo cognitivo
É natural um cavalo tropeçar.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA QUE COMETE ERRO É CAVALO	metáfora conceptual
COMETER ERRO É TROPEÇAR	metáfora conceptual

Tabela 126: Motivação conceptual da expressão 11A

(12) Domínio-alvo: PESSOA LIMITADA

A. Cavalo peado não salta valado. (G, 504)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cavalo peado tem limitações de movimento.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA LIMITADA É CAVALO PEADO	metáfora conceptual
CONSEGUIR AVANÇO É SALTAR VALADO	metáfora conceptual

Tabela 127: Motivação conceptual da expressão 12A

Verifica-se, no presente provérbio, que o cavalo constitui o sinónimo do ser humano, cuja ação limitada é elaborada a partir da imagem do cavalo peado, ou seja, com prisões que lhe seguram os pés (LPC 2001, 2792).

(13) Domínio-alvo: HOMEM LUTADOR

A. Cavalo que há-de ir à guerra, não corra lobo nem o abane a égua. (G, 504)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cavalo montado era utilizado nas guerras.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
HOMEM LUTADOR É CAVALO QUE HÁ-DE IR À GUERRA	metaftonímia conceptual com base da metonímia CAVALO POR HOMEM
O lobo é um animal feroz e constitui perigo para a vida do cavalo.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
CORRER RISCOS É PERSEGUIR LOBO	metáfora conceptual
MULHER É ÉGUA	metáfora conceptual
SER SEDUZIDO POR MULHERES É SER ABANADO POR ÉGUA	metáfora conceptual

Tabela 128: Motivação conceptual da expressão 13A

Dado que o cavalo montado era utilizado na guerra, este representa metaforicamente um homem lutador que vai correr grandes riscos e precisar de ter determinação firme, pelo que deve evitar enfrentar perigo ou ser seduzido por mulheres, aqui representadas metaforicamente pela égua.

(14) Domínio-alvo: PESSOA NEFASTA

A. A cavalo roedor, cabresto curto. (G, 503)

figurações simbólicas	processo cognitivo
-----------------------	--------------------

O cavalo é amarrado, e assim, controlado com cabresto.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA NEFASTA É CAVALO ROEDOR	metáfora conceptual
CONTROLO À PESSOA NEFASTA É CABRESTO CURTO NO CAVALO	metaftonímia conceptual com base na metonímia CABRESTO POR CONTROLO

Tabela 129: Motivação conceptual da expressão 14A

Ao mapear o cavalo roedor no ser humano pretende construir-se a imagem metafórica de uma pessoa nefasta que, à luz do *frame* dos arreios do cavalo, só pode ser controlada, de forma efetiva, mediante o uso de um cabresto curto.

(15) Domínio-alvo: PESSOA VISTOSA

A. cavalo de cem moedas (H, 100)

figurações simbólicas	processo cognitivo
APARÊNCIA AGRADÁVEL É PREÇO ALTO	metáfora conceptual
PESSOA VISTOSA É CAVALO DE CEM MOEDAS	metáfora conceptual

Tabela 130: Motivação conceptual da expressão 15A

O idiomatismo reporta-se à construção metafórica das pessoas de aparência bonita à luz da imagem do cavalo de valor muito elevado, o que significa uma sobrevalorização dessas figuras humanas.

Verifica-se que o cavalo demonstra figuras diversificadas nos provérbios e idiomatismos em apreço<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> O provérbio “A cavalo dado não se olha o dente” não faz parte do repositório de análise da presente tese, tendo em conta que no mesmo, o cavalo, representando um presente que se recebe, não é mapeado metaforicamente em características e comportamentos dos humanos.

#### 4.2.8 Cabra

A cabra é um mamífero ruminante de temperamento vivo e ágil (LPC 2001, 611), que representa tipicamente o sexo feminino nos provérbios e idiomatismos portugueses.

(16) Domínio-alvo: MULHER MÁ E TRAIÇOEIRA

A. ser uma cabra (I, 113)

figurações simbólicas	processo cognitivo
A cabra dá coices de costas quando apanha alguém desprevenido. Além disso, a cabra procria com qualquer macho do rebanho.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER MÁ E TRAIÇOEIRA É CABRA	metáfora conceptual

Tabela 131: Motivação conceptual da expressão 16A

(17) Domínio-alvo: MULHER FALADORA

A. Cabra berradeira, ruim criadeira. (G, 479)

figurações simbólicas	processo cognitivo
FALAR É BERRAR DE CABRA	metáfora conceptual
MULHER FALADORA É CABRA BERRADEIRA	metáfora conceptual
A cabra é domesticada para produzir leite e procriar cabritos, o que não acontece quando é berradeira.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
FAZER POUCO TRABALHO É SER CABRA BERRADEIRA	metaftonímia conceptual com base na metonímia SER BERRADEIRA POR NÃO PRODUZIR LEITE

Tabela 132: Motivação conceptual da expressão 17A

(18) Domínio-alvo: MULHER MALCOMPORTADA

A. Cabra que vai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha. (G, 479)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O comportamento desobediente da cabra é difícil de controlar.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
A cabrita segue o comportamento da progenitora.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER MALCOMPORTADA É CABRA	metáfora conceptual
IMITAR MAU COMPORTAMENTO DA PROGENITORA POR SER MALCOMPORTADA	metonímia conceptual de causa-efeito

Tabela 133: Motivação conceptual da expressão 18A

O efeito de destruição de uma cabra malcomportada, que é imitada pela cria, é mapeado no comportamento da mulher malcomportada, que também é imitado pela sua prole, com os danos materiais e morais.

(19) Domínio-alvo: MULHER SOB CONTROLO

A. Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer. (G, 479)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Devido ao temperamento vivo da cabra, a única maneira de a controlar é atar-lhe uma corda curta a uma pata.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
CONTROLO APERTADO É CORDA CURTA	metáfora conceptual
MULHER SOB CONTROLO É CABRA ATADA	metáfora conceptual

Tabela 134: Motivação conceptual da expressão 19A

A cabra é um mamífero muito irrequieto, pelo que é preciso recorrer a uma corda curta para levar a cabo o seu controlo apertado, o que é mapeado no

controle apertado do comportamento da mulher, restringindo-lhe o seu raio de ação. Esta construção proverbial revela uma atitude machista e paternalista para com o sexo feminino.

Em suma, os mapeamentos metafóricos inerentes aos provérbios e idiomatismos com cabra em questão têm como domínio-alvo o género feminino, evidenciando um juízo de valor bastante negativo relativamente ao estatuto da mulher.

#### 4.2.9 Macaco

Associa-se ao macaco um comportamento desenvolto e irrequieto, mas também mentalmente ágil nos provérbios e idiomatismos portugueses.

(20) Domínio-alvo: PESSOA MANHOSA

A. ser um grande macaco (H, 234)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco tem uma natureza hábil e esperta.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MANHOSA É MACACO	metáfora conceptual

Tabela 135: Motivação conceptual da expressão 20A

B. macaco de rabo pelado (H, 234)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco é um animal hábil e esperto.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
SER PELADO POR SER VELHO	metonímia conceptual
Com a idade acumula-se manha.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA MUITO MANHOSA É MACACO DE RABO PELADO	metáfora conceptual

Tabela 136: Motivação conceptual da expressão 20B

(21) Domínio-alvo: PESSOA IMITADORA

A. macaco de imitação (H, 209)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco é bom imitador dos comportamentos humanos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA IMITADORA É MACACO DE IMITAÇÃO	metáfora conceptual

Tabela 137: Motivação conceptual da expressão 21A

Devido ao comportamento imitador do macaco, este é mapeado nas pessoas que, sem espírito crítico, imitam maneiras de outros.

(22) Domínio-alvo: HUMANO NA HIERARQUIA SOCIAL

A. cada macaco no seu galho (H, 191)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Cada macaco tem o seu poiso num galho de árvore.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
HUMANO NA HIERARQUIA SOCIAL É MACACO	metáfora conceptual
LUGAR DO HUMANO NA SOCIEDADE É GALHO DE MACACO	metáfora conceptual

Tabela 138: Motivação conceptual da expressão 22A

A expressão tem origem na guerra entre o Paraguai e uma aliança entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina de 1864 a 1870. Na altura, os brancos chamavam insultuosamente macacos aos homens negros, que constituíam a maioria do exército brasileiro. Numa batalha, pretendendo surpreender o inimigo, o duque de Caxias mandou que cada um deles subisse a uma árvore, ocupando um determinado lugar, afirmando: “Cada macaco em seu galho!” (Vale 2015, 123)

Esta expressão idiomática corrente no português europeu tem origem neste episódio da história do Brasil, revelando o laço entre os dois países devido à história colonial, bem como evidência deste evento histórico, que é revelador de um comportamento racista. No entanto, com o tempo, o macaco no idiomatismo em questão perdeu esse sentido insultuoso aos negros, sendo que se aplica no sentido generalizado de humanos.

(23) Domínio-alvo: PESSOA QUE IGNORA O SEU DEFEITO

A. O macaco não olha para o rabo. (G, 691)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco tem uma zona pelada, calosa e vermelha nas nádegas.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
DEFEITO HUMANO VISÍVEL É RABO PELADO DO MACACO	metáfora conceptual
a orientação da visão para a frente do macaco	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA QUE IGNORA O SEU DEFEITO É MACACO	metáfora conceptual

Tabela 139: Motivação conceptual da expressão 23A

Em virtude da orientação da visão do macaco para a frente, este não consegue ver o seu rabo pelado, sendo esta característica mapeada nas pessoas que ignoram os seus próprios defeitos, mas que estão bem visíveis aos olhos dos outros.

(24) Domínio-alvo: PESSOA MUITO IRREQUIETA

A. Macaco que muito mexa, merece chumbo. (G, 691)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O macaco é um animal de carácter muito	<i>frame</i> /conhecimento do

irrequieto.	mundo
PESSOA MUITO IRREQUIETA É MACACO	metáfora conceptual
MERECER CASTIGO É MERECER CHUMBO	metaftonímia conceptual com base na metonímia CHUMBO POR MATAR

Tabela 140: Motivação conceptual da expressão 24A

No provérbio em causa, as pessoas muito irrequietas são representadas metaforicamente pelo macaco, que devido ao seu comportamento merece um castigo mortal, representado metonimicamente pelo chumbo, sendo que as armas de fogo funcionavam com munições de chumbo.

(25) Domínio-alvo: PESSOA COM MUITA EXPERIÊNCIA DE VIDA

A. Macaco velho não põe pé em galho seco. (G, 691)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Com a idade acumula-se experiência de vida.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA COM MUITA EXPERIÊNCIA DE VIDA É MACACO VELHO	metáfora conceptual
O galho seco quebra-se facilmente e pode provocar um dano físico grave.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
NÃO FAZER ALGO ESTÚPIDO OU PERIGOSO É NÃO PÔR PÉ EM GALHO SECO	metáfora conceptual

Tabela 141: Motivação conceptual da expressão 25A

Verifica-se que nos provérbios e idiomatismos estudados, a morfologia física e o comportamento do macaco são mapeados principalmente nas características e comportamentos dos humanos depreciativos.

#### 4.2.10 Galo

Os provérbios sobre o galo demonstram uma característica específica que assinalaremos em seguida: muitos provérbios acerca do galo manifestam uma distinção propositada em relação ao galo e à galinha, como forma de abordagem dos argumentos sobre os homens e as mulheres, respetivamente, a saber, MULHER É GALINHA e HOMEM É GALO. Desse modo, através do respetivo mapeamento, os provérbios transmitem opiniões no que diz respeito aos papéis sociais e às normas de conduta dos diferentes géneros, refletindo, assim, valores sociais tradicionais de Portugal. Vejam-se os seguintes casos.

(26) Domínio-alvo: HOMEM

A. Aonde está o galo não canta a galinha. (G, 63)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O galo canta ao nascer do sol.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
HOMEM É GALO	metáfora conceptual
MULHER É GALINHA	metáfora conceptual
CANTAR É MANDAR	metáfora conceptual

Tabela 142: Motivação conceptual da expressão 26A

B. Galo que não canta tornar-se-á galinha. (G, 624)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O galo canta ao nascer do sol.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
HOMEM É GALO	metáfora conceptual
MULHER É GALINHA	metáfora conceptual
CANTAR É MANDAR	metáfora conceptual

Tabela 143: Motivação conceptual da expressão 26B

C. Galinha que canta com o galo, corta-se-lhe o gargalo. (G, 623)

figurações simbólicas	processo cognitivo
-----------------------	--------------------

O galo canta ao nascer do sol.	<i>frame/conhecimento do mundo</i>
HOMEM É GALO	metáfora conceptual
MULHER É GALINHA	metáfora conceptual
CANTAR É MANDAR	metáfora conceptual
APANHAR CASTIGO É CORTAR-SE O GARGALO	metáfora conceptual

Tabela 144: Motivação conceptual da expressão 26C

D. Em casa do Gonçalo mais pode a galinha que o galo. (G, 139)

figurações simbólicas	processo cognitivo
MARIDO É GALO	metáfora conceptual
MULHER É GALINHA	metáfora conceptual

Tabela 145: Motivação conceptual da expressão 26D

No provérbio em questão, os poderes diferentes entre o galo e a galinha são inspirados nos estatutos entre o homem e a mulher, sendo que o provérbio pode surgir numa comédia titulada *Casa de Gonçalo* em cerca de 1840, na qual o Gonçalo era obrigado a fazer tudo o que a mulher impunha sem avaliar as consequências, acabando por ser levado à destruição (Ferreira 1985, 69).

Todos os provérbios acima expressam a visão de que os homens é que mandam, sendo que os homens que não possuem tal poder são desprezados, e as mulheres que mandam devem ser castigadas. Daí, pode-se inferir que na sociedade tradicional portuguesa, as mulheres têm um estatuto inferior aos homens.

Além do mapeamento acima analisado, o galo também representa pessoa arrogante. Veja-se a seguinte expressão idiomática.

(27) Domínio-alvo: PESSOA ARROGANTE

A. cantar de galo (H, 192)

figurações simbólicas	processo cognitivo
-----------------------	--------------------

O galo anuncia, com cabeça levantada, a alvorada do Sol.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
Quando uma pessoa fala com cabeça levantada, mostra uma atitude arrogante.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA ARROGANTE É GALO	metáfora conceptual
FALAR DE MODO ARROGANTE É CANTAR DE GALO	metáfora conceptual

Tabela 146: Motivação conceptual da expressão 27A

Em suma, com base no comportamento do cantar de galo, os galos nos provérbios e idiomatismos portugueses contam-nos características humanas, bem como valores sociais tradicionais, em que o homem se encontra num patamar superior à mulher na escala hierárquica.

#### 4.2.11 Cão

A figura canina nos provérbios e idiomatismos pode parecer surpreendente ao comparar-se com o seu estatuto enquanto animal de estimação, sendo que se afigura muito negativa nos mesmos.

(28) Domínio-alvo: PESSOA POTENCIALMENTE PERIGOSA

A. Cão que não ladra, desse te guarda. (G, 482)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cão que não ladra pode morder, apesar de não ter manifestado a intenção.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MOSTRAR PERSONALIDADE OU INTENÇÃO É LADRAR	metáfora conceptual
PESSOA POTENCIALMENTE PERIGOSA É CÃO QUE NÃO LADRA	metáfora conceptual

Tabela 147: Motivação conceptual da expressão 28A

(29) Domínio-alvo: PESSOA QUE FALA E NÃO PERIGOSA

A. O cão que ladra não morde. (G, 484)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Quando o cão vai ladrando, não pode morder.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
FALAR E SER NÃO PERIGOSA É LADRAR	metáfora conceptual
CAUSAR PERIGO É MORDER	metáfora conceptual
PESSOA QUE FALA E NÃO PERIGOSA É CÃO QUE LADRA	metáfora conceptual

Tabela 148: Motivação conceptual da expressão 29A

(30) Domínio-alvo: PESSOA DANADA

A. Quem se deita com cães acorda com pulgas. (G, 483)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Os cães têm pulgas, que se deslocam para quem se aproxima dos mesmos.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA DANADA É CÃO	metáfora conceptual
ENVOLVER-SE COM PESSOA DANADA É DEITAR-SE COM CÃES	metáfora conceptual
FICAR MAL INFLUENCIADO É ACORDAR COM PULGAS	metáfora conceptual

Tabela 149: Motivação conceptual da expressão 30A

(31) Domínio-alvo: MULHER INTERESSEIRA

A. Amor de mulher e amor de cão de nada valem se nada lhe dão. (I, 34)

figurações simbólicas	processo cognitivo
Os humanos subjagam e alimentam o cão, pelo que este é obediente ao seu dono.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
MULHER INTERESSEIRA É CÃO	metáfora conceptual

AMOR SUPERFICIAL É OBJETO QUE NADA VALE	metáfora conceptual
--	---------------------

Tabela 150: Motivação conceptual da expressão 31A

O presente provérbio demonstra uma visão preconceituosa em relação ao sexo feminino, sendo que por um lado, o cão, que supostamente não terá apego ao dono se este não lhe der comida, o que se demonstra no seguinte provérbio – “Bole o rabo do cão, não por ti, mas pelo pão” (G, 482), é mapeado na mulher e daí a mulher é interesseira; por outro lado, subentende-se nesse mapeamento que o marido oferece à mulher meio de subsistência, sendo que a mulher fica na sua dependência.

(32) Domínio-alvo: PESSOA QUE DEFENDE ALGO OU ALGUÉM  
AGRESSIVAMENTE

A. cão de fila (H, 86)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cão é destinado à proteção de pessoas e bens, sendo servo do ser humano.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA QUE DEFENDE ALGO OU ALGUÉM AGRESSIVAMENTE É CÃO DE FILA	metáfora conceptual

Tabela 151: Motivação conceptual da expressão 32A

(33) Domínio-alvo: PESSOA INGRATA

A. cão que não conhece o dono (I, 126)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O cão é valorizado por ser fiel ao seu dono.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
NÃO RECONHECER BENFEITOR É NÃO CONHECER O DONO	metáfora conceptual

PESSOA INGRATA É CÃO QUE NÃO CONHECE O DONO	metáfora conceptual
--	---------------------

Tabela 152: Motivação conceptual da expressão 33A

O cão, pelo estatuto subjugado e alimentado pelo Homem, é valorizado por ser fiel e obediente ao seu dono, pelo que um cão que não conhece o dono é considerado ingrato. Assim sendo, tal figura é mapeada numa pessoa ingrata que não reconhece a importância do benfeitor.

Com base nos provérbios e idiomatismos em questão, o cão serve à representação de comportamentos humanos negativos, de uma forma geral.

#### 4.2.12 Porco

Ao porco atribuem os provérbios e idiomatismos portugueses várias conotações pejorativas, pelo que consiste num animal com características muito depreciativas.

(34) Domínio-alvo: PESSOA SUJA

A. Aqui não é curral de porcos. (I, 67)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O ambiente em que se criam porcos tem pouca higiene.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA SUJA É PORCO	metáfora conceptual
ESPAÇO DE VIVÊNCIA SUJO É CURRAL DE PORCOS	metáfora conceptual

Tabela 153: Motivação conceptual da expressão 34A

Dado o perfil sujo do ambiente onde vive o porco, este tipicamente representa pessoas que apresentam sujidade, sendo que em português se diz “ser um porco”, referindo-se a alguém com poucos cuidados de higiene ou sem moral.

(35) Domínio-alvo: PESSOA PREGUIÇOSA

A. vida de porco (H, 317)

figurações simbólicas	processo cognitivo
O porco criado no curral passa os dias a comer, beber e dormir.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA PREGUIÇOSA É PORCO	metáfora conceptual
VIDA DE PREGUIÇA É VIDA DE PORCO	metáfora conceptual

Tabela 154: Motivação conceptual da expressão 35A

(36) Domínio-alvo: PESSOA GROSSEIRA

A. língua porca (H, 227)

figurações simbólicas	processo cognitivo
A roncaria do porco é um som desagradável.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
PESSOA GROSSEIRA É PORCO	metáfora conceptual
LINGUAGEM GROSSEIRA É LÍNGUA PORCA	metáfora conceptual

Tabela 155: Motivação conceptual da expressão 36A

O porco é considerado o animal mais sujo e com uma roncaria desagradável, pelo que língua porca representa metaforicamente um ser humano que usa linguagem grosseira.

(37) Domínio-alvo: PESSOA QUE NÃO APRECIA O VALOR DE ALGO PRECIOSO

A. dar pérolas a porcos (I, 188)

figurações simbólicas	processo cognitivo
As pérolas, apesar de serem valorizadas pelo ser humano, não servem para o porco.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo

PÉROLA POR ALGO PRECIOSO	metonímia conceptual
PESSOA QUE NÃO APRECIA O VALOR DE ALGO PRECIOSO É PORCO	metáfora conceptual

Tabela 156: Motivação conceptual da expressão 37A

Tal expressão vem do Evangelho segundo São Mateus, em que Cristo disse no Sermão da Montanha “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis pérolas a porcos”, mantendo até hoje o sentido alegórico que se refere a pessoa que não aprecia alguma coisa de valor (Vale 2015, 116).

(38) Domínio-alvo: PESSOA QUE NÃO MERECE O QUE RECEBE

A. A melhor espiga é para o pior porco. (G, 774)

figurações simbólicas	processo cognitivo
A espiga é um alimento do porco.	<i>frame</i> /conhecimento do mundo
O MELHOR RECEBIMENTO É A MELHOR ESPIGA	metáfora conceptual
PESSOA QUE NÃO MERECE O QUE RECEBE É O PIOR PORCO	metáfora conceptual

Tabela 157: Motivação conceptual da expressão 38A

De forma evidente, o porco manifesta representações muito repugnantes nos idiomatismos e provérbios acima referidos.

### 4.3 Análise comparativa entre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses

Em primeiro lugar, resumimos os domínios-alvo dos mapeamentos ancorados nos provérbios e idiomatismos analisados anteriormente nas seguintes tabelas:

provérbios e idiomatismos com rato			
chinês		português	
1a	PESSOA MÁ: Quando um rato atravessa a rua, todos gritam: “Matem-no!”	1A	PESSOA ESPERTA: esperteza de rato
1b	PESSOA MÁ: É difícil atirar (um pau para atacar) um rato perto de recipientes.	2A	PESSOA MANHOSA: rato pelado
2a	PESSOA ASTUTA: cabeça de hidrópote e olhos de rato	3A	LADRÃO: rato de hotel
3a	PESSOA INCOMPETENTE: O rato queimou o seu rabo (para se tornar no dragão).	4A	PESSOA GULOSA: O grande defeito do rato é ser guloso.
4a	PESSOA DE VISÃO LIMITADA: O rato só consegue ver luz à distância de uma polegada.	5A	PESQUISADOR: rato de biblioteca
5a	PESSOA REGULADA COM COMPORTAMENTO IMORAL OU ILÍCITO: O gato e o rato dormem juntos.	6A	PESSOA SUBORDINADA DE COMPORTAMENTO LIVRE: Casa onde não há gatos, os ratos dançam o fado.

Tabela 158: Provérbios e idiomatismos com rato

provérbios e idiomatismos com búfalo		
chinês		português
6a	PAIS AMOROSOS: O búfalo velho lambe o bezerro.	----
7a	PESSOA QUE SERVE O POVO COM MUITA DEDICAÇÃO: búfalo (disposto a servir o seu) jovem filho	
8a	PESSOA ESTÚPIDA: tocar cítara chinesa ao búfalo	
9a	PESSOA COM TRABALHO DURO, MAS EXPLORADO POR OUTROS: vida de búfalo e de cavalo	
10a	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE: búfalo e cavalo vestidos de roupa	

Tabela 159: Provérbios e idiomatismos com búfalo

provérbios e idiomatismos com tigre		
chinês		português
11a	COMPETIDOR MUITO FORTE: O tigre e o dragão competem.	7A PESSOA NASCIDA COM CARACTERÍSTICAS DOS PAIS: Filho de tigre já sai malhado.

12a	PESSOA PODEROSA: A raposa pediu emprestado o poder do tigre.	----
13a	PESSOA VALENTE/COMPETENTE: O pai tigre não gera filho cão.	
14a	PESSOA CRUEL: O tigre e o lobo (embora sejam cruéis) não comem as suas crias.	
15a	PESSOA MÁ: ser fantasma <i>chang</i> ao tigre	

Tabela 160: Provérbios e idiomatismos com tigre

provérbios e idiomatismos com coelho		
chinês		português
16a	PESSOA DÓCIL: O coelho também vai morder pessoas quando está ansioso.	----
17a	PESSOA QUE TEM VÁRIAS ESTRATÉGIAS OU LUGARES PARA EVITAR INFORTÚNIO: Um coelho esperto tem três tocas.	
18a	PESSOA MALICIOSA: O coelho não come ervas ao redor da sua toca.	

Tabela 161: Provérbios e idiomatismos com coelho

provérbios e idiomatismos com dragão		
chinês		português
19a	IMPERADOR: Feito o <i>ding</i> , o dragão partiu.	----
19b	IMPERADOR: prédio de dragão e pavilhão de fénix	
20a	PESSOA PODEROSA: O dragão não deixa o mar e o tigre não deixa a montanha.	
21a	PESSOA EXCELENTE: desejar que o filho varão se torne dragão	
22a	PESSOA FORTE: Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão.	
23a	PESSOA ÍNTEGRA: não distinguir o dragão e a serpente	

Tabela 162: Provérbios e idiomatismos com dragão

provérbios e idiomatismos com serpente
--

chinês		português	
24a	PESSOA MALÉVOLA: A serpente que entrou num tubo não perde a natureza de locomoção em ziguezagues.	8A	MULHER NOCIVA: Acalenta a serpente que ela te dará o pago.
25a	PESSOA MÁ E TRAIÇOEIRA: coração de serpente e boca de buda		
26a	INIMIGO: Não se mata a serpente quando pequena.	9A	MULHER TRAIÇOEIRA E COM VÍCIOS: ser uma serpente
27a	PESSOA GANANCIOSA: A serpente-Ba engoliu um elefante.		

Tabela 163: Provérbios e idiomatismos com serpente

provérbios e idiomatismos com cavalo			
chinês		português	
28a	PESSOA DE GRANDE TALENTO: cavalo que aguenta mil <i>li</i>	10A	PESSOA IMPERFEITA: Não há cavalo sem mancha.
29a	PESSOA LUTADORA APESAR DA IDADE AVANÇADA: cavalo que aguenta mil <i>li</i> velho deitado no presépio	11A	PESSOA QUE COMETE ERRO: Não há cavalo que não tropece.
30a	SOLDADO: carreira de cavalo de guerra	12A	PESSOA LIMITADA: Cavalo peado não salta valado.
31a	PESSOA QUE COMETE ERRO: O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar.	13A	HOMEM LUTADOR: Cavalo que há-de ir à guerra, não corra lobo nem o abane a égua.
32a	MULHER: Mulher casada, cavalo comprado, submete-se à montagem e pancada humanas.	14A	PESSOA NEFASTA: A cavalo roedor, cabresto curto.
33a	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE: búfalo e cavalo vestidos de roupa	15A	PESSOA VISTOSA: cavalo de cem moedas

Tabela 164: Provérbios e idiomatismos com cavalo

provérbios e idiomatismos com cabra			
chinês		português	
34a	PESSOA BOA: Criam-se juntos o lobo e a cabra.	16A	MULHER MÁ E TRAIÇOEIRA: ser uma cabra
35a	FILHO GRATO E COM AMOR FILIAL: A cria de cabra	17A	MULHER FALADORA: Cabra berradeira, ruim criadeira

	ajoelha-se ao ser amamentada, o corvo adulto alimenta inversamente a sua mãe.		
36a	PESSOA FRACA: O tigre entrou num rebanho de cabras.	18A	MULHER MALCOMPORTADA: Cabra que vai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha.
		19A	MULHER SOB CONTROLO: Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer.

Tabela 165: Provérbios e idiomatismos com cabra

provérbios e idiomatismos com macaco			
chinês		português	
37a	PESSOA INQUIETA: rabo de macaco	20A	PESSOA MANHOSA: ser um grande macaco
38a	PESSOA MEDÍOCRE: Na montanha onde não há tigre, o macaco nomeia-se como rei.	20B	PESSOA MANHOSA: macaco de rabo pelado
39a	PESSOA BAJULADORA A QUEM TEM PODER: Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se.	21A	PESSOA IMITADORA: macaco de imitação
		22A	HUMANO NA HIERARQUIA SOCIAL: cada macaco no seu galho
-----		23A	PESSOA QUE IGNORA O SEU DEFEITO: O macaco não olha para o rabo.
		24A	PESSOA MUITO IRREQUIETA: Macaco que muito mexa, merece chumbo.
		25A	PESSOA COM MUITA EXPERIÊNCIA DE VIDA: Macaco velho não põe pé em galho seco.

Tabela 166: Provérbios e idiomatismos com macaco

provérbios e idiomatismos com galo			
chinês		português	
40a	PESSOA COM ESTATUTO SOCIAL VULGAR: Uma fénix depenada não está à altura do galo.	26A	HOMEM: Aonde está o galo não canta a galinha.
41a	PESSOA MEDÍOCRE: Uma cegonha está de pé no meio dum	26B	HOMEM: Galo que não canta tornar-se-á galinha.

	conjunto de galos.		
42a	ESPOSO: Se casou seja com um galo, seja com um cão, segue-o.	26C	HOMEM: Galinha que canta com o galo, corta-se-lhe o gargalo.
43a	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO: o galo e o cão do rei <i>Huainan</i>	26D	HOMEM: Em casa do Gonçalo mais pode a galinha que o galo.
44a	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE OU CAPACIDADE: O galo empoleira-se no ninho da fénix.	27A	PESSOA ARROGANTE: cantar de galo

Tabela 167: Provérbios e idiomatismos com galo

provérbios e idiomatismos com cão			
chinês		português	
45a	SÚBDITO LEAL AO SEU SOBERANO: O cão ladra exceto ao seu dono.	28A	PESSOA POTENCIALMENTE PERIGOSA: Cão que não ladra, desse te guarda.
46a	PESSOA MALICIOSA: O cão não muda o hábito de comer excrementos.	29A	PESSOA QUE FALA E NÃO PERIGOSA: O cão que ladra não morde.
46b	PESSOA MALICIOSA: Cão morde cão.	30A	PESSOA DANADA: Quem se deita com cães acorda com pulgas.
47a	PESSOA LISONJEIRA: O cão sacode o rabo.	31A	MULHER INTERESSEIRA: Amor de mulher e amor de cão de nada valem se nada lhe dão
48a	PESSOA SNOBE: Os humanos gostam dos ricos, os cães mordem os pobres.	32A	PESSOA QUE DEFENDE ALGO OU ALGUÉM AGRESSIVAMENTE: cão de fila
49a	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO: Quando uma pessoa alcançou o <i>Tao</i> , os seus galos e cães igualmente vão para o Céu.	33A	PESSOA INGRATA: cão que não conhece o dono

Tabela 168: Provérbios e idiomatismos com cão

provérbios e idiomatismos com porco			
chinês		português	
50a	PESSOA ESTÚPIDA: um dragão e um porco	34A	PESSOA SUJA: Aqui não é curral de porcos.
51a	PESSOA PREGUIÇOSA SEM TRABALHO: amigo	35A	PESSOA PREGUIÇOSA: vida de porco

	porco e amigo cão		
52a	PESSOA VIL: O porco é vil e o cão é traiçoeiro.	36A	PESSOA GROSSEIRA: língua porca
		37A	PESSOA QUE NÃO APRECIA O VALOR DE ALGO PRECIOSO: dar pérolas a porcos
		38A	PESSOA QUE NÃO MERECE O QUE RECEBE: A melhor espiga é para o pior porco.

Tabela 169: Provérbios e idiomatismos com porco

A seguir, confrontamos as convergências e divergências dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses em questão.

Primeiro, verifica-se que os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais demonstram metáforas semelhantes, que se elencam na seguinte tabela:

domínio-fonte	domínio-alvo	
	português	chinês
RATO	PESSOA MANHOSA	PESSOA ASTUTA
CAVALO	PESSOA QUE COMETE ERRO	PESSOA QUE COMETE ERRO
CAVALO	HOMEM LUTADOR	SOLDADO
MACACO	PESSOA INQUIETA	PESSOA IRREQUIETA
GALO	MARIDO	ESPOSO
PORCO	PESSOA PREGUIÇOSA	PESSOA PREGUIÇOSA SEM TRABALHO

Tabela 170: Metáforas semelhantes dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses

Apesar destas semelhanças, é por demais evidente que as metáforas ancoradas nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses são, na maioria dos casos, muito diferentes.

Segundo, ambos os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses fazem mapeamentos nomeadamente nos comportamentos e características indesejáveis dos humanos. No caso chinês, todos os animais, exceto o dragão, têm domínio-alvo com sentido depreciativo. No caso português, todos os animais denotam figuras negativas sem ter em conta o búfalo, o tigre, o dragão e o coelho que estão ausentes ou insignificantes para a

presente análise. De modo semelhante, o rato, a serpente, o cão e o porco são os animais mais repugnantes em ambos os casos.

Não obstante essa convergência, enquanto no contexto chinês se sublinham as pessoas com baixo nível de moralidade, no contexto português evidencia-se a denegrição em relação às mulheres.

Elencamos os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses que focam na imoralidade nas seguintes tabelas:

domínio-fonte	domínio-alvo	caso proverbial e idiomático
RATO	PESSOA MÁ	Quando um rato atravessa a rua, todos gritam: “Matem-no!”
RATO	PESSOA MÁ	É difícil atirar (um pau para atacar) um rato perto de recipientes.
RATO	PESSOA ASTUTA	cabeça de hidrópote e olhos de rato
RATO	PESSOA REGULADA COM COMPORTAMENTO IMORAL OU ILÍCITO	O gato e o rato dormem juntos.
BÚFALO	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE	búfalo e cavalo vestidos de roupa
TIGRE	PESSOA CRUEL	O tigre e o lobo (embora sejam cruéis) não comem as suas crias.
TIGRE	PESSOA MÁ	ser fantasma <i>chang</i> ao tigre
COELHO	PESSOA MALICIOSA	O coelho não come ervas ao redor da sua toca.
SERPENTE	PESSOA MALÉVOLA	A serpente que entrou num tubo não perde a natureza de locomoção em ziguezagues.
SERPENTE	PESSOA GANANCIOSA	A serpente- <i>Ba</i> engoliu um elefante.
SERPENTE	PESSOA MÁ E TRAIÇOEIRA	coração de serpente e boca de buda
CAVALO	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE	búfalo e cavalo vestidos de roupa
MACACO	PESSOA BAJULADORA A QUEM TEM PODER	Quando a árvore cai, os macacos dispersam-se.
GALO	PESSOA COM BAIXO	O galo empoleira-se no ninho da fénix.

	NÍVEL DE MORALIDADE OU CAPACIDADE	
GALO	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO	o galo e o cão do rei <i>Huainan</i>
CÃO	PESSOA MALICIOSA	O cão não muda o hábito de comer excrementos.
CÃO	PESSOA MALICIOSA	Cão morde cão.
CÃO	PESSOA LISONJEIRA	O cão sacode o rabo.
CÃO	PESSOA SNOBE	Os humanos gostam dos ricos, os cães mordem os pobres.
CÃO	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO	Quando uma pessoa alcançou o <i>Tao</i> , os seus galos e cães igualmente vão para o Céu.
PORCO	PESSOA VIL	O porco é vil e o cão é traiçoeiro.

Tabela 171: Imoralidade nos provérbios e idiomatismos chineses

domínio-fonte	domínio-alvo	caso proverbial e idiomático
RATO	PESSOA MANHOSA	rato pelado
RATO	LADRÃO	rato de hotel
SERPENTE	MULHER TRAIÇOEIRA E COM VÍCIOS	ser uma serpente
CABRA	MULHER MÁ E TRAIÇOEIRA	ser uma cabra
MACACO	PESSOA MANHOSA	ser um grande macaco
MACACO	PESSOA MANHOSA	macaco de rabo pelado
CÃO	MULHER INTERESSEIRA	Amor de mulher e amor de cão de nada valem se nada lhe dão
CÃO	PESSOA INGRATA	cão que não conhece o dono

Tabela 172: Imoralidade nos provérbios e idiomatismos portugueses

Ao compararem-se as duas tabelas, verifica-se que os provérbios e idiomatismos chineses atribuem a praticamente todos os animais características ou comportamentos de imoralidade variados, enquanto este fenómeno se afigura menos significativo no contexto português. Nota-se que quando os provérbios e idiomatismos portugueses incidem sobre a

imoralidade humana, por vezes referem-se exclusivamente ao sexo feminino.

Compararemos os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses em relação às mulheres, elencadas nas seguintes tabelas:

domínio-fonte	domínio-alvo	caso proverbial e idiomático
SERPENTE	MULHER NOCIVA	Acalenta a serpente que ela te dará o pago.
SERPENTE	MULHER TRAIÇOEIRA E COM VÍCIOS	ser uma serpente
ÉGUA	MULHER	Cavalo que há-de ir à guerra, não corra lobo nem o abane a égua.
CABRA	MULHER MÁ E TRAIÇOEIRA	ser uma cabra
CABRA	MULHER FALADORA	Cabra berradeira, ruim criadeira.
CABRA	MULHER MALCOMPORTADA	Cabra que vai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha.
CABRA	MULHER SOB CONTROLO	Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer.
GALINHA	MULHER	Aonde está o galo não canta a galinha.
GALINHA	MULHER	Galo que não canta tornar-se-á galinha.
GALINHA	MULHER	Galinha que canta com o galo, corta-se-lhe o gargalo.
GALINHA	MULHER	Em casa do Gonçalo mais pode a galinha que o galo.
CÃO	MULHER INTERESSEIRA	Amor de mulher e amor de cão de nada valem se nada lhe dão.

Tabela 173: Mulheres nos provérbios e idiomatismos portugueses

domínio-fonte	domínio-alvo	caso proverbial e idiomático
CAVALO	MULHER	Mulher casada, cavalo comprado, submete-se à montagem e pancada humanas.
GALO/CÃO	HOMEM	Se casou seja com um galo, seja com um cão, segue-o.

Tabela 174: Mulheres nos provérbios e idiomatismos chineses

A depreciação do sexo feminino nos provérbios e idiomatismos portugueses torna-se evidente ao compararmos os casos da serpente e do cão: no caso chinês a serpente representa pessoa má e traiçoeira (24a e 25a) e o cão representa pessoa snobe (48a), indiferentemente do sexo, entretanto; no caso português, os dois animais denotam figuras bastante semelhantes, porém, especificamente projetadas no sexo feminino (9A e 31A).

Os provérbios e idiomatismos portugueses no que concerne às mulheres transmitem essencialmente as visões que seguidamente apresentamos. Por um lado, as mulheres são más ou têm comportamentos maus, sendo que causam danos, sobretudo aos homens, o que se exemplifica evidentemente nos seguintes casos proverbiais e idiomáticos: “Acalenta a serpente que ela te dará o pago”, “ser uma serpente” e “Cavalo que há-de ir à guerra, não corra lobo nem o abane a égua”. Por outro lado, as mulheres têm de ser subjugadas pelos homens, o que é óbvio nomeadamente nos provérbios seguintes: “Aonde está o galo não canta a galinha”, “Galinha que canta com o galo, corta-se-lhe o gargalo” e “Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer”.

Os dois provérbios e idiomatismos chineses em relação às mulheres reportam-se ao segundo aspeto acima, sendo que as mulheres se encontram no mau tratamento dos maridos, mas, apesar disso, têm de os seguir incondicionalmente.

Terceiro, os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses têm motivações cognitivas diferentes. Os provérbios e idiomatismos portugueses estão ancorados essencialmente nas experiências adquiridas em vivências quotidianas com os animais. Vejam-se os casos demonstrados na seguinte tabela:

caso proverbial e idiomático	experiências adquiridas em vivências quotidianas
rato de hotel	O rato apodera-se de bens do ser humano em unidades hoteleiras.
rato de biblioteca	O rato rói o papel dos livros.
Não há cavalo sem mancha.	Uma mancha no cavalo desvaloriza o animal.
Não há cavalo que não tropece.	É natural um cavalo tropeçar.
Cavalo peado não salta valado.	O cavalo peado tem limitações de movimento.
Cabra que vai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha.	A cabrita segue o comportamento da progenitora.
Para a cabra e para a mulher, corda curta é que se quer.	Devido ao temperamento vivo da cabra, a única maneira de a controlar é atar-lhe uma corda curta a

	uma pata.
macaco de imitação	O macaco é bom imitador dos comportamentos humanos.
Macaco velho não põe pé em galho seco.	O galho seco quebra-se facilmente e pode provocar um dano físico grave, pelo que um macaco velho com experiências não comete tal erro.
O cão que ladra não morde.	Quando o cão vai ladrando, não pode morder.
Quem se deita com cães acorda com pulgas.	Os cães têm pulgas, que se deslocam para quem se aproxima dos mesmos.
cão de fila	O cão é destinado à proteção de pessoas e bens, sendo servo do ser humano.
Aqui não é curral de porcos.	O ambiente em que se criam porcos tem pouca higiene.

Tabela 175: Motivações cognitivas dos provérbios e idiomatismos portugueses

Através dos casos acima, verifica-se que os provérbios e idiomatismos portugueses nos contam os conhecimentos sobre os próprios animais e o convívio humano com os mesmos.

Em contraponto, os provérbios e idiomatismos chineses estão ancorados fundamentalmente nas vivências culturais e sociais, o que se demonstra em dois aspetos. Por um lado, os provérbios e idiomatismos estão pautados frequentemente em lendas, mitos, superstições, obras literárias, episódios históricos, entre outro repositório cultural. A presença importante das duas criaturas mitológicas, a saber, o dragão e a fénix, constitui um bom exemplo. Além disso, vejam-se os casos na tabela abaixo:

caso proverbial e idiomático	conhecimento cultural
O rato queimou o seu rabo (para se tornar no dragão).	o mito sobre a transformação de dragão, o símbolo cultural do dragão e a história do Yu Wenhong
O gato e o rato dormem juntos.	conto registado no <i>Novo Livro da Dinastia Tang</i>
búfalo (disposto a servir o seu) jovem filho	o episódio histórico do rei Jing
tocar cítara chinesa ao búfalo	a lenda do músico Gongming Yi
búfalo e cavalo vestidos de roupa	peça de teatro <i>Qiuhu Molestou a Esposa</i>
O tigre e o dragão competem.	a figura lendária do dragão, peça de teatro do Jin Renjie
ser fantasma <i>chang</i> ao tigre	a superstição sobre o fantasma <i>chang</i>
Feito o <i>ding</i> , o dragão partiu.	a lenda do Imperador Amarelo

prédio de dragão e pavilhão de fénix	as figuras lendárias do dragão e da fénix
O dragão não deixa o mar e o tigre não deixa a montanha.	a figura lendária do dragão, o episódio histórico sobre o Imperador Zhaozong
desejar que o filho varão se torne dragão	a figura lendária do dragão e a lenda do Xie Jin
Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão.	a figura lendária do dragão
não distinguir o dragão e a serpente	figuras culturais dos dois animais, a peça de teatro <i>Li Taibai Exilado em Yelang</i>
Não se mata a serpente quando pequena.	o episódio histórico do rei Fuchai
A serpente- <i>Ba</i> engoliu um elefante.	a lenda da serpente- <i>Ba</i>
cavalo que aguenta mil <i>li</i>	a lenda sobre o Bole e o ensaio de Han Yu
<i>qianlima</i> velho deitado no presépio	o verso de Cao Cao
Uma fénix depenada não está à altura do galo.	a figura lendária da fénix e a história da fénix depenada
Uma cegonha está no meio dum conjunto de galos.	a figura cultural da cegonha
o galo e o cão do rei <i>Huainan</i>	a lenda do rei <i>Huainan</i>
O galo empoleira-se no ninho da fénix.	a figura lendária da fénix
Quando uma pessoa alcançou o <i>Tao</i> , os seus galos e cães igualmente vão para o Céu.	a lenda do rei <i>Huainan</i>
um dragão e um porco	o poema de Han Yu

Tabela 176: Motivações cognitivas dos provérbios e idiomatismos chineses

Nota-se que os provérbios e idiomatismos portugueses demonstram igualmente a motivação ancorada no repositório cultural, como por exemplo, “ser uma serpente” que tem por base a história bíblica de Adão e Eva, porém, não consiste num fenómeno frequente nos provérbios e idiomatismos portugueses.

Por outro lado, os provérbios e idiomatismos chineses estão ancorados nas circunstâncias e relações da sociedade humana, em vez das próprias características e interações dos animais na natureza. Segundo Lakoff e Turner (1989) e Kövecses (2010), por vezes, os animais assumem características personificadas e depois representam características humanas, i.e., os animais são primeiramente metaforizados com

características humanas, e seguidamente, essas características são mapeadas nos seres humanos. Verifica-se que nos idiomatismos e provérbios chineses, são atribuídos comportamentos e relações humanos aos animais, que depois são projetados nos humanos. Vejam-se os casos que demonstram esta característica: “A raposa pediu emprestado o poder do tigre”, “Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão”, “Na montanha onde não há tigre, o macaco nomeia-se como rei”, e “Se casou com um galo, seja com um cão, segue-o”, entre outros. Nestes exemplos, as características, comportamentos e relações dos animais são inspirados nos mesmos dos humanos, que por sua vez, são mapeados nos humanos.

É de ênfase que, de modo semelhante, se constata nos provérbios e idiomatismos portugueses a mesma motivação conceptual, o que se evidencia, como, por exemplo, no seguinte provérbio com galo: “Em casa do Gonçalo mais pode a galinha que o galo.” Obviamente, na natureza não há distinção de poder entre o galo e a galinha, e tal hierarquia de estatuto tem por base o estatuto diferente entre o homem e a mulher. Apesar disso, em comparação com os provérbios e idiomatismos chineses, este fenómeno afigura-se menos frequente nos provérbios e idiomatismos portugueses.

Quarto, constata-se a ausência e insignificância de alguns animais nos provérbios e idiomatismos portugueses: 1) Não há nenhum caso proverbial e idiomático sobre o búfalo, o que contrasta o caso do chinês. 2) Os provérbios e idiomatismos portugueses relativamente ao tigre são insignificantes, tendo em conta a quantidade muito reduzida e o facto de que os mesmos transmitem pouca informação, seja em relação ao tigre, seja ao ser humano. No contexto chinês, os provérbios e idiomatismos com tigre são muito importantes. 3) Sublinha-se a ausência do dragão nos provérbios e idiomatismos portugueses. Em contraponto, o dragão é atribuído de mapeamentos abundantes nos provérbios e idiomatismos chineses, nos quais o dragão denota variadas propriedades e interações com outros animais, que se demonstram nos seguintes exemplos: “O tigre e o dragão competem” e “Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão”. 4) Apesar de a fênix não fazer parte do zodíaco, a diferença entre os provérbios e idiomatismos com esta criatura mitológica nos dois contextos é significativa, sendo que está presente no contexto chinês,

mas ausente no português. 5) Não se encontra nenhuma expressão proverbial e idiomática com coelho na qual o coelho se refere ao ser humano no nosso repositório português. No repositório chinês somente se constata três casos com este animal.

Quinto, verifica-se frequentemente o mapeamento de duplo domínio-fonte no mesmo domínio-alvo nos provérbios e idiomatismos chineses, que se evidencia na seguinte tabela:

domínio-fonte	domínio-alvo	caso proverbial e idiomático
BÚFALO e CAVALO	PESSOA COM TRABALHO DURO, MAS EXPLORADO POR OUTROS	vida de búfalo e de cavalo
BÚFALO e CAVALO	PESSOA COM BAIXO NÍVEL DE MORALIDADE	búfalo e cavalo vestidos de roupa
TIGRE e DRAGÃO	COMPETIDOR MUITO FORTE	O tigre e o dragão competem.
TIGRE e LOBO	PESSOA CRUEL	O tigre e o lobo (embora sejam cruéis) não comem as suas crias.
DRAGÃO e FÉNIX	IMPERADOR	prédio de dragão e pavilhão de fénix
TIGRE e DRAGÃO	PESSOA PODEROSA	O dragão não deixa o mar e o tigre não deixa a montanha.
TIGRE e DRAGÃO, CÃO e CAMARÃO	PESSOA FORTE, PESSOA FRACA	Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão.
BÚFALO e CAVALO	PESSOA QUE COMETE ERRO	O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar.
CABRA e CORVO	FILHO GRATO E COM AMOR FILIAL	A cria de cabra ajoelha-se ao ser amamentada, o corvo adulto alimenta inversamente a sua mãe.
GALO e CÃO	ESPOSO	Se casou seja com um galo, seja com um cão, segue-o.
GALO e CÃO	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO	o galo e o cão do rei <i>Huainan</i>
GALO e CÃO	PESSOA BENEFICIADA DO FAVORECIMENTO ILÍCITO	Quando uma pessoa alcançou o <i>Tao</i> , os seus galos e cães igualmente vão para o Céu.
PORCO e CÃO	PESSOA PREGUIÇOSA SEM TRABALHO	amigo porco e amigo cão

PORCO CÃO	e	PESSOA VIL	O porco é vil e o cão é traiçoeiro.
--------------	---	------------	-------------------------------------

Tabela 177: Duplo domínio-fonte nos provérbios e idiomatismos chineses

Não se encontra nenhum caso com este fenómeno no nosso repositório português, sendo que tal diferença entre os dois contextos culturais se torna evidente ao se compararem os dois provérbios chinês e português: “O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar” e “Não há cavalo que não tropece”.

Comparadas as semelhanças e diferenças entre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses em questão, incidiremos sobre os motivos das mesmas a partir de dois aspetos – bases experienciais e características cognitivas.

### **Bases experienciais**

As semelhanças e diferenças entre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses remetem para as experiências adquiridas no ambiente físico e cultural convergentes e divergentes dos dois povos.

Primeiro, os mapeamentos metafóricos semelhantes anteriormente apontados têm por base experiências físicas parecidas dos dois países. Por um lado, com base nos conhecimentos sobre as mesmas propriedades biológicas de animais, surgem metáforas semelhantes: devido à característica da habilidade do rato e da irrequietude do macaco, e ao facto de que é normal o cavalo tropeçar, os três animais são mapeados nos mesmos domínios-alvo nos dois contextos culturais. Por outro lado, outras metáforas semelhantes refletem os papéis vulgares que os animais ocupam na vida humana: Enquanto uma ferramenta imprescindível antiga nas guerras, o cavalo associa-se ao soldado; Sendo um animal domesticado cativado num espaço limitado, o movimento do porco afigura-se restrito. Além disso, o porco come muito e engorda facilmente. Daí, os dois povos consideram-no preguiçoso; Os galos são animais domesticados muito importantes para a alimentação dos dois povos, que na vida rural vivem com os humanos no dia-a-dia. O seu convívio com os humanos e as diferenças facilmente identificadas do macho e fêmea dos galos possibilitam a fácil comparação com os homens e as mulheres, respetivamente.

Enquanto as mesmas experiências físicas resultam nas semelhanças, as diferenças entre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses refletem as experiências físicas divergentes dos dois países. A ausência e a presença do búfalo nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, respetivamente revelam o facto de que este animal habita a Ásia e é assim, desconhecido pelo povo português. No que concerne ao tigre, a sua insignificância e importância no contexto português e chinês, respetivamente, refletem a sua distribuição na Ásia e o desconhecimento em relação ao mesmo do povo português, sendo que antigamente o tigre constituía presente diplomático e era somente conhecido por um pequeno grupo da sociedade (cf. 4.2.3).

Segundo, as experiências ancoradas nas matrizes culturais distintas da China e de Portugal contribuem, de modo expressivo, para as diferenças entre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses.

De acordo com o que referimos no capítulo I, a conceptualização de animais em diferentes culturas categoriza-se em dois ramos diferentes – o modelo sociocêntrico e o de universo dualista, pertencendo o caso chinês ao modelo anterior e o caso português ao posterior. Tal delimitação radica na diferenciação entre a natureza e a cultura, sendo que, na cultura chinesa, se destaca a continuidade entre o mundo da natureza e da cultura humana, enquanto a dicotomia entre a cultura e a natureza é mais evidente na cultura portuguesa.

Os dois modelos culturais refletem-se nos provérbios e idiomatismos com animais, dando explicações para as divergências entre os casos chinês e português. Os provérbios e idiomatismos chineses demonstram uma evidente continuidade entre a natureza e a cultura, sendo que os mesmos estão fundamentalmente ancorados nas vivências culturais e sociais dos chineses. Neste aspeto, sublinham-se a ausência e a presença dos dois animais mitológicos, a saber, o dragão e a fénix, nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, respetivamente, o que aponta para a fronteira menos nítida entre a natureza e a cultura no modelo cultural chinês. Além disso, o provérbio “O rato queimou o seu rabo (para se tornar no dragão)” com base no mito sobre a transformação do peixe para o dragão remete para o facto de que nas visões clássicas chinesas, os animais encontram-se em transformação e metamorfose, o que reflete uma continuidade da natureza e a cultura.

Em contraponto, os provérbios e idiomatismos portugueses refletem o modelo de

universo dualista, uma vez que estão ancorados essencialmente nas experiências adquiridas em vivências quotidianas com os animais, reportando-se às próprias propriedades biológicas dos animais bem como às experiências físicas de interações humano-animal, pelo que têm um fundamento relativamente menos dependente do repositório cultural ou das características da sociedade humana.

Ancorados nos dois modelos diferentes de conceptualização, nos provérbios e idiomatismos chineses, fundem-se as propriedades naturais e culturais de animais, enquanto nos provérbios e idiomatismos portugueses focalizam-se as propriedades naturais de animais. Tal fornece uma explicação possível para as diferenças entre os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com coelho. Como o coelho consiste num animal com características e comportamentos relativamente menos evidentes e acessíveis a referir-se às personalidades e comportamentos humanos e com um lugar menos significativo no convívio quotidiano com os humanos, não foi encontrada nas nossas fontes ocorrência proverbial e idiomática portuguesa em que o coelho é mapeado no ser humano e as ocorrências chinesas são muito reduzidas, sendo que a conceptualização humana concede precedência aos seres cognitivamente mais salientes e àqueles com que temos mais interações (Radden e Kövecses 1999, 45). No contexto chinês, o coelho constitui um domínio-fonte para metaforizar pessoas mansas, maliciosas e aqueles que têm várias estratégias ou lugares para evitar infortúnio. Exceto o mapeamento em pessoas mansas, que tem por base as características do coelho, os outros dois casos repercutem o cariz do fundamento no repositório cultural dos provérbios e idiomatismos chineses. O mapeamento do coelho em pessoas maliciosas resulta na diferenciação entre o Homem e os animais com base no senso de moralidade, ao passo que o mapeamento em pessoas que têm várias estratégias ou lugares para evitar infortúnio baseia-se no episódio histórico do senhor Mengchang. Desse modo, há mais casos de provérbios e idiomatismos chineses nos quais o coelho é mapeado nos humanos, enquanto não se encontra nas nossas fontes nenhuma ocorrência proverbial ou idiomática portuguesa com coelho, porque no contexto chinês as propriedades culturais enriquecem a representação deste animal, enquanto no contexto português, quando as propriedades naturais de animais são menos acessíveis e as interações com animais são menos significantes, os animais não constituem ativamente num domínio cognitivo para

representar as personalidades e comportamentos humanos.

Em suma, nas linhas de Sterckx (2002, 3), a representação metafórica dos animais está intimamente entrelaçada com a percepção do lugar humano entre as espécies vivas e com a forma como as fronteiras entre a cultura e a natureza, bem como entre o Homem e os animais, são concebidas.

### **Características cognitivas**

Os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses demonstram características cognitivas convergentes e preferências cognitivas próprias.

Primeiro, em ambos os casos, os animais constituem um domínio-fonte muito produtivo para a compreensão das características e comportamentos dos humanos. Verifica-se que por um lado, os humanos são compreendidos com base nas propriedades inerentes dos animais, pelo que os dois contextos culturais partilham metáforas semelhantes; por outro lado, por vezes, os humanos são compreendidos com base nas propriedades culturais dos animais.

Em consequência, os *frames* das expressões com animais denotam variações culturais evidentes nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, sendo que contêm informações não só dos animais em si, mas também dos conhecimentos culturais e sociais. Tal reflete a natureza subjetiva da cognição humana, devido à qual o *frame* é denominado de modelo cognitivo idealizado (ICM) (Lakoff 1987). Por outras palavras, segundo a linguística cognitiva, a realidade exterior é moldada pela mente humana, sendo que o mundo é “criado” pela mente de modo idealizado, e daí, a realidade pode ser conceptualizada de maneiras culturalmente alternativas (Kövecses 2006, 10-11). O dragão, por excelência, revela essas características, sendo um *frame* que, na cultura chinesa, integra o modelo cognitivo idealizado do comportamento animal.

Segundo, ambos os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, na grande maioria dos casos, têm por domínios-fonte os animais para fazer referência às características e comportamentos indesejáveis dos seres humanos. O facto de que os homens sentem a superioridade em relação aos animais, marcando uma distância entre eles, fornece uma explicação a essa característica cognitiva (Kövecses 2010; Goatly 2006; Rodríguez 2009), sendo que, tal como foi referido no capítulo I, ambas as visões clássicas em relação aos animais na cultura chinesa e ocidental apontam para a superioridade humana

em relação aos animais e até denotam uma escala semelhante dos seres (Needham 1956, 23; Sterckx 2002, 82, 89; Lloyd 2008, 104-105).

Entretanto, apesar desta semelhança, os dois casos denotam as suas preferências cognitivas. Relativamente aos provérbios e idiomatismos chineses, estes servem de domínio-fonte para realizar os mapeamentos dos animais em pessoas imorais, porque, tal como foi referido no capítulo I, nas visões clássicas chinesas, o que distingue o Homem e os animais reside no senso de moralidade, e com base nesta distinção, os indivíduos sem moralidade são frequentemente caracterizados como tendo um determinado comportamento animal.

Os provérbios e idiomatismos portugueses são claramente depreciativos em relação ao sexo feminino, o que acontece pontualmente no chinês. Na língua portuguesa, cujos nomes são categorizados de acordo com os géneros de masculino e feminino, as mulheres são frequentemente associadas aos animais de género feminino, como por exemplo, cabra, serpente e galinha, assim sendo, os provérbios e idiomatismos portugueses “aproveitam” esta característica para expressar opiniões pejorativas em relação às mulheres. Em contraponto, em chinês, os nomes não são classificados de acordo com o género, para além disso, os animais nos provérbios e idiomatismos chineses são normalmente nomes para a espécie, que não especifica o tipo da família de determinada espécie, nem se se trata de fêmeas ou machos, pelo que se verifica pontualmente depreciação em relação às mulheres nos provérbios e idiomatismos.

De qualquer modo, os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses convergem no facto de que os animais servem de metáforas na criação de modelos sociais de autoridade. Por um lado, as identificações metafóricas das mulheres com animais perpetuam avaliações coletivas sobre o seu papel na sociedade, reforçando estereótipos e servindo de veículos para a transmissão de valores sociais em benefício dos homens. Esse fenómeno na sociedade portuguesa tem raiz essencialmente nas doutrinas religiosas, sendo “ser uma serpente” um exemplo disso. A discriminação às mulheres na sociedade chinesa enraíza-se nos princípios confucionistas, sendo que advogam que “as mulheres solteiras subjugam-se ao pai, as casadas ao marido e as viúvas ao filho varão” (CH 2009, 1926), como por exemplo, “Se casou seja com um galo, seja com um cão, segue-o”.

Por outro lado, a prevalente identificação de pessoas com baixo nível de moralidade como animais no contexto chinês, de tipo depreciativo, reflete a essência do confucionismo, que advoga a benevolência pessoal bem como a importância da preservação dos valores morais, em detrimento da violência autoritária para o governo do país (Cheng 2017, 91-92), pelo que teoricamente as pessoas virtuosas devem ser valorizadas no círculo político, o que se exemplifica pela origem e conotação dos seguintes idiomatismos: “não distinguir o dragão e a serpente” e “O galo empoleira-se no ninho da fênix.”

É de sublinhar que os provérbios e idiomatismos chineses frequentemente utilizam um duplo domínio-fonte para o mapeamento no mesmo domínio-alvo, o que não se verifica nos provérbios e idiomatismos portugueses estudados. Esta diferença reflete o modo de pensar divergente dos dois povos. Segundo Lian Shuneng (2002, 42-43), os chineses e os ocidentais têm dois modos de pensar que se caracterizam holístico e analítico, respetivamente.

A mentalidade holística dá importância à inter-relação, equilíbrio e simetria de duas entidades associadas, o que se exemplifica no *yin* e *yang*, que são duas forças complementares, simétricas e interdependentes que se encontram constantemente em equilíbrio, tais como, terra e céu, noite e dia, lua e sol, mulher e homem, frio e calor, entre outros, que representam a totalidade equilibrada do universo na filosofia chinesa. Com este modo de pensar, os chineses procuram a simetria, considerando-a não só um fator de equilíbrio e harmonia, mas também um padrão estético, o que se demonstra por excelência no design da cidade antiga de Pequim, construída simetricamente ao longo dum eixo Norte-Sul. De modo idêntico, a preferência da simetria e equilíbrio manifesta-se nos provérbios e idiomatismos chineses com a utilização conjunta de duplo domínio-fonte na mesma expressão idiomática ou proverbial, que evidenciam uma simetria linguística e estética.

Por sua vez, a mentalidade analítica foca a essência em vez da ligação na compreensão do mundo, devido à qual as entidades são categorizadas separadamente. Este modo de pensar evidencia-se no modelo dualista ocidental da conceptualização de natureza, sendo que a natureza, incluindo o mundo dos animais e a cultura são conceptualizados de forma separada, enquanto no modelo sociocêntrico chinês, a natureza e a cultura são conceptualizadas de modo holístico, sendo que os dois âmbitos se encontram interligados.

Em suma, as divergências dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses são por demais evidentes. Estas divergências resultam, principalmente, das experiências socioculturais e características cognitivas diferentes dos dois panoramas culturais, com destaque nos dois modelos da percepção da relação entre a natureza e a cultura.

## **Conclusão**

A nossa tese consiste num estudo comparativo do ponto de vista cognitivo-cultural e tem por objetivo realizar uma análise, à luz da linguística cognitiva, dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses com animais, confrontando as características que manifestam, e finalmente incidir sobre as convergências e divergências culturais e cognitivas subjacentes aos acervos proverbiais e idiomáticos em questão das duas línguas/culturas à luz de uma abordagem centrípeta da cultura.

Foi possível comprovar que os provérbios e idiomatismos são motivados pelos conhecimentos conceptuais do ser humano e refletem sistemas coerentes de conceitos metafóricos e metonímicos, contrariamente à natureza somente linguística dos provérbios e idiomatismos advogada pelas visões tradicionais. Do ponto de vista da linguística cognitiva, em virtude da sua natureza conceptual, os idiomatismos e provérbios proporcionam evidências da natureza metafórica do nosso pensamento e mecanismo cognitivo de representação, dado que são inspirados nas experiências físicas, culturais e sociais.

Em primeiro lugar, os provérbios e idiomatismos com animais apontam para o facto de que o nosso pensamento se afigura metafórico. Os animais constituem um domínio-fonte

extremamente produtivo para a compreensão do ser humano, sendo que as diferentes características dos animais são mapeadas nas variadas dimensões do ser humano nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses. Podem encontrar-se pessoas com diferentes personalidades, estatutos e poderes, capacidades, bem como níveis de moralidade nos domínios-alvo que representam os animais.

Em segundo lugar, as experiências adquiridas na percepção de nós próprios e na nossa interação com o mundo exterior exercem um papel fundamental na cognição humana, sendo que as metáforas e metonímias de animais nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses em questão, enquanto mecanismos cognitivos, estão alicerçadas fundamentalmente na motivação experiencial. Esta base experiencial compreende as experiências físicas assim como as experiências culturais, sendo que ambas contribuem para as especificidades culturais das metáforas e metonímias. Além disso, devido ao facto de a cognição humana estar fundamentalmente pautada em experiências de todo o tipo, os diferentes povos demonstram preferências cognitivas moldadas por estas mesmas experiências. Desse modo, a natureza cognitiva e a base experiencial fazem com que as metáforas e metonímias denotem divergências em diferentes culturas, sendo que as “metáforas são tão culturais da mesma forma que são entidades e processos cognitivos” (Kövecses 2005, 11), o que foi comprovado pelas metáforas de animais nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses, cujas convergências e divergências refletem as bases experienciais e características cognitivas partilhadas e distintas dos dois povos.

### **Bases experienciais**

Em termos das bases experienciais, as experiências físicas parecidas dos dois povos motivam os semelhantes provérbios e idiomatismos com animais portugueses e chineses, sendo que diferentes experiências físicas resultam em divergências. Todavia, são as experiências culturais que contribuem de modo expressivo para as características distintas dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses.

Com base nos conhecimentos sobre as mesmas propriedades biológicas de animais, assim como nos papéis vulgares que os animais ocupam na vida humana, surgem metáforas semelhantes nos dois contextos culturais. Vejam-se os seguintes exemplos. Em face da característica da habilidade do rato e da irrequietude do macaco, os dois animais são

mapeados nos mesmos domínios-alvo em ambos os contextos culturais estudados. Além disso, enquanto recurso animal importante nas guerras antigas, o cavalo associa-se ao soldado em ambos os contextos.

Por sua vez, quando os animais estão ausentes do mundo da experiência quotidiana, como é o caso do búfalo e do tigre, devido à sua ausência no ambiente ecológico de Portugal, não constituem domínios-fonte das metáforas inerentes aos provérbios e idiomatismos portugueses. Pelo contrário, são importantes nos provérbios e idiomatismos chineses, em virtude das experiências físicas e culturais do povo chinês relativamente a estes animais.

As experiências ancoradas nas matrizes culturais distintas da China e de Portugal, especificamente os dois modelos distintos da conceptualização de natureza das duas culturas, são os motivos mais importantes que causam as discrepâncias entre os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses.

A conceptualização de natureza, incluindo o âmbito de animais, nas culturas chinesa e portuguesa pertencem a dois modelos diferentes preconizados por Descola (1996) – o modelo sociocêntrico e o de universo dualista, respetivamente. Tal diferenciação radica na perceção da fronteira entre a natureza e a cultura, sendo que, na cultura chinesa, se destaca a continuidade entre o mundo da natureza e da cultura humana, enquanto a dicotomia entre a cultura e a natureza se afigura mais explícita na cultura portuguesa. Os dois modelos culturais, na nossa ótica, encontram reflexo nos provérbios e idiomatismos com animais chineses e portugueses.

Nos provérbios e idiomatismos chineses, fundem-se as propriedades naturais e culturais de animais, sendo que os provérbios e idiomatismos estão fundamentalmente ancorados nas vivências culturais e sociais, como por exemplo, “Um dragão que nada em águas rasas é provocado por camarão, um tigre que desceu para o terreno plano é maltratado por cão”, “O gato e o rato dormem juntos”, “O rato queimou o seu rabo (para se tornar no dragão)”, entre outros.

Os provérbios e idiomatismos portugueses estão ancorados essencialmente nas vivências quotidianas, sendo que se focalizam as propriedades naturais de animais bem como as experiências físicas de interações humano-animal, como por exemplo, “Não há cavalo sem mancha”, “Cabra que vai à vinha, tal é a mãe, tal é a filha”, e “Quem se deita

com cães acorda com pulgas.”

### **Características cognitivas**

No que diz respeito às características cognitivas, verifica-se que os provérbios e idiomatismos com animais chineses e portugueses revelam semelhanças e especificidades dos dois povos.

Em ambos os casos, os animais constituem um domínio-fonte muito produtivo para a compreensão das características e comportamentos dos humanos. Neste processo metafórico, verifica-se que por um lado, os humanos são compreendidos com base nas próprias propriedades dos animais, pelo que os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses partilham metáforas semelhantes, como por exemplo, “PESSOA QUE COMETE ERRO É CAVALO” e “PESSOA INQUIETA É MACACO”; por outro lado, constata-se que os humanos são compreendidos mediante as propriedades culturais e sociais atribuídas aos animais. Desse modo, as representações dos animais denotam variações culturais evidentes nos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses. Tal aponta para o facto de que o mundo é “criado” pela mente humana de modo idealizado, e daí, a realidade pode ser conceptualizada de maneiras culturalmente alternativas (Kövecses 2006, 10-11).

Verifica-se que ambos os provérbios e idiomatismos com animais chineses e portugueses, na grande maioria dos casos, se reportam às características e comportamentos negativos dos humanos, o que remete para o ponto comum de que, seja na cultura portuguesa, seja na cultura chinesa, os homens sentem superioridade em relação aos animais, assim sendo, desvalorizam os animais e utilizam-nos para fazer referência aos aspetos desagradáveis de si próprios.

Entretanto, apesar desta semelhança, os provérbios e idiomatismos portugueses e chineses denotam as suas preferências cognitivas. Os provérbios e idiomatismos chineses tendem a fazer mapeamentos dos animais em pessoas imorais, porque nas visões clássicas chinesas, o que distingue o Homem e os animais reside no senso de moralidade, e com base nesta distinção, os indivíduos carentes de moralidade são frequentemente identificados com animais, como por exemplo, o rato, a serpente e o cão, entre muitos outros, são tipicamente representados como pessoas más.

Em contraponto, os provérbios e idiomatismos portugueses manifestam uma evidente

degradação em relação ao sexo feminino, enquanto os casos sexistas chineses são mais reduzidos. Na língua portuguesa, cujos nomes são categorizados de acordo com os géneros de masculino e feminino, as mulheres são frequentemente associadas a animais cujo género gramatical é o feminino, tais como cabra, serpente e galinha, assim sendo, os provérbios e idiomatismos portugueses “aproveitam” esta característica para expressar opiniões depreciativas em relação às mulheres. No entanto, em chinês, os nomes não são classificados de acordo com o género, para além disso, os animais nos provérbios e idiomatismos chineses são normalmente nomes para a espécie, que não especifica o tipo da família de determinada espécie, nem se se trata de fêmeas ou machos, pelo que se constata menos casos que apresentam discriminação ao sexo feminino.

Em suma, os provérbios e idiomatismos chineses e portugueses convergem no facto de que os animais servem de domínio-fonte para a perpetuação de modelos sociais estabelecidos pela comunidade autoritária, sendo que a depreciação afeta ambas as relações humana-animal e inter-humana. Por um lado, as identificações metafóricas depreciativas das mulheres com animais transmitem discriminações sobre as mulheres, como forma de defesa da supremacia dos homens, sendo “Aonde está o galo não canta a galinha” um exemplo disso. Por outro lado, a prevalente representação de pessoas com baixo nível de moralidade com animais no contexto chinês reflete a essência do confucionismo, que advoga a importância dos valores morais, em detrimento da violência autoritária no governo do país. Assim sendo, segundo as doutrinas do mesmo, são as pessoas virtuosas que devem ser valorizadas na administração do país, o que se exemplifica no seguinte idiomatismo: “O galo empoleira-se no ninho da fénix” significa que as pessoas imorais e incapazes ocupam uma posição alta que deve ser ocupada devidamente por uma pessoa virtuosa e competente.

As características cognitivas divergentes dos povos portugueses e chineses residem igualmente no facto de que os provérbios e idiomatismos chineses frequentemente utilizam um duplo domínio-fonte para o mapeamento no mesmo domínio-alvo, o que não se verifica no nosso repositório português. Esta diferença reflete os dois modos de pensar dos chineses e portugueses – o modo holístico e o modo analítico, respetivamente.

A mentalidade holística dá importância à inter-relação, equilíbrio e simetria de duas

entidades associadas, o que se instancia por excelência pelo *yin* e *yang*, sendo duas entidades simétricas e interdependentes que se encontram constantemente em equilíbrio. Com este modo de pensar, os chineses valorizam muito a simetria e equilíbrio, o que se manifesta nos provérbios e idiomatismos chineses com a utilização conjunta de duplo domínio-fonte na mesma expressão idiomática ou proverbial, como por exemplo, “amigo porco e amigo cão”, “O dragão não deixa o mar, o tigre não deixa a montanha” e “O cavalo pode tropeçar, o búfalo pode tropeçar.”

Por sua vez, a mentalidade analítica foca a essência de cada entidade em vez da ligação entre entidades na compreensão do mundo, devido à qual as entidades são categorizadas separadamente. Este modo de pensar evidencia-se no modelo dualista ocidental da conceptualização de natureza, sendo que a fronteira entre a natureza e a cultura é explicitamente delimitada, enquanto no modelo sociocêntrico chinês, a natureza e a cultura são conceptualizadas de modo holístico, sendo dois âmbitos interligados.

Resumindo, não obstante algumas convergências linguístico-culturais, destacam-se as divergências dos provérbios e idiomatismos chineses e portugueses, que resultam principalmente das experiências socioculturais e características cognitivas diferentes nos dois panoramas culturais, com destaque nos dois modelos da percepção da relação entre a natureza e a cultura, especificamente entre os animais e os humanos. Tal como afirma Sterckx (2002, 3), a representação metafórica dos animais está intimamente entrelaçada com a percepção do lugar humano entre as espécies vivas e com a forma como as fronteiras entre a cultura e a natureza, bem como entre o Homem e os animais, são concebidas. Nesse sentido, a conceptualização metafórica está fundamentalmente ancorada na cultura, sendo que os valores mais elementais duma cultura integram um sistema coerente de conceitos metafóricos (Lakoff e Johnson [1980] 2003, 22), pelo que as visões culturais moldam a representação metafórica de animais nos provérbios e idiomatismos, que por sua vez, refletem os carizes culturais subjacentes.

Assim sendo, na presente tese, tendo em vista a estreita ligação entre as metáforas conceptuais e a cultura, bem como a essência metafórica dos provérbios e idiomatismos com animais, o confronto dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses com animais, à luz do enfoque cognitivo, desvenda as convergências e divergências entre os

panoramas culturais chinês e português, contribuindo para uma melhor compreensão das duas línguas/culturas, dando um contributo para uma nova perspectiva e metodologia do estudo das propriedades culturais das representações linguísticas nestas duas línguas/culturas. Para uma investigação futura, o estudo comparativo cognitivo-cultural dos provérbios e idiomatismos portugueses e chineses de outros âmbitos além dos animais, como por exemplo, com emoções e partes corporais, entre outros, poderá servir de suporte a outros aspetos a explorar no âmbito destas duas línguas/culturas.



## Bibliografia

- Agostinho, Fortes. 1924. “Levia Verba.” In *História Geral dos Adágios Portugueses*, Ladislau Batalha. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Almeida, Maria Clotilde, Bibiana de Sousa, Paula Órfão, e Sílvia Teixeira. 2013. *Jogar Futebol com as Palavras: Imagens Metafóricas no Jornal “A Bola”*. Lisboa: Colibri.
- Almeida, Maria Clotilde, Bibiana de Sousa, e Teresa Cardoso. 2013. “Metaphors in Rap Texts: Local Architecturings of Political Agendas.” In *Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas*, Augusto Soares da Silva, José Cândido Martins, Luísa Magalhães, e Miguel Gonçalve (org.), 127-140. Braga: Aletheia.
- Almeida, Maria Clotilde. 2016. “Going Political – Multimodal Metaphor Framings on a Cover of the Sports Newspaper A Bola.” *SCRIPTA* 20 (40): 84-98.
- Aristóteles. [1944] 1959. *Politics*. Traduzida por H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press.
- Baker, Steve. 1993. *Picturing the Beast: Animals, Identity and Representation*. Manchester, U.K. and New York: Manchester University Press.
- Ban, Gu 班固. 2003. *Han Shu 汉书 (Livro da Dinastia Han)*. Shenyang: Liaoning Dianzi

Tushu Youxian Zeren Gongsi. Vol. II.

- Barcelona, Antonio. 2001. *On the Systematic Contrastive Analysis of Conceptual Metaphors: Case Studies and Proposed Methodology*. In *Applied Cognitive Linguistics, vol. 2, Language Pedagogy*, Martin Pütz, Susanne Niemeier, e René Dirven (eds.), 117-146. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Barcelona, Antonio. 2003. "Names: A Metonymic 'Return Ticket' in Five Languages." *Jezikoslovlje*, 4.1: 11-41.
- Barcelona, Antonio. 2018. "General Description of the Metonymy Database in the Córdoba Project, with Particular Attention of Issues of Hierarchy, Prototypicality, and Taxonomic Domains". In *Conceptual Metonymy: Methodological, Theoretical, and Descriptive Issues (Human Cognitive Processing)*, Olga Blanco-Carrión, Antonio Barcelona, Rossella Pannain (eds.), 27-54. Amsterdam: J. Benjamins.
- Batalha, Ladislau. 1924. *História Geral dos Adágios Portugueses*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Batoréo, Hanna. 2005. "Como não 'Pôr o Pé em Ramo Verde' ou do Papel da Polissemia na Construção do Sentido." In *Estudos em Homenagem ao Professor Mário Vilela*, Rio-Torto, Graça Maria, Olívia Figueiredo, e Fátima Silva (eds.), 237-251. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Belkhir, Sadia. 2014. "Cultural Influence on the Use of DOG Concepts in English and Kabyle Proverbs" In *Metaphor and Intercultural Communication*, Andreas Musolff, Fiona MacArthur, e Giulio Pagain (eds.), 131-145. London: Bloomsbury.
- Benson, Morton. 1985. "Collocations and Idioms." In *Dictionary, Lexicography and Language Learning*, Robert Ilson (ed.), 61-68. Oxford: Pergamon Press.
- Berger, John. 1980. *About Looking*. London: Bloomsbury Publishing.
- Bílková, Ilona. 2000. "Czech and English Idioms of Body Parts: A View from Cognitive Semantics." Tese de Mestrado. Universidade de Glásgua.
- Boers, Frank. 2003. "Applied Linguistics Perspectives on Cross-Cultural Variation in Conceptual Metaphor". *Metaphor and Symbol*, 18(4): 231-238.
- Boers, Frank. 2008. "Language Awareness: Understanding Idioms." *MED Magazine* 49. Disponível em <http://www.macmillandictionaries.com/MED->

- [Magazine/February2008/49-LA-Idioms.htm](#), consultado a 7 de dezembro de 2017.
- Borges, Jorge. 1969. *The Book of Imaginary Beings*. Middlesex: Penguin Books.
- Bourdieu, Pierre. 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press. Trans. by Richard Nice.
- Braga, Isabel. 2015. “Descobrir e Juntar Animais: «Novas Novidades», Pátio dos Bichos e Jardim Zoológico de Lisboa.” In *Animais e Companhia na História de Portugal*, Isabel Braga e Paulo Braga (eds.), 317-389. Lisboa: Círculo Leitores.
- Brandão, Junito. 1986. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes. Vol. I.
- Brdar, Mario e Rita Brdar-Szabó. 2003. “Metonymic Coding of Linguistic Action in English, Croatian and Hungarian.” In *Metonymy and Pragmatic Inferencing*, Klaus-Uwe Panther e Linda Thornburg (eds.), 241–266. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Brădeanu, Ligia. 2012. “Defining Features of Idioms: 'Stumbling Blocks' in the Process of Translation.” *Studia Ubb Philologia*, LVII (3) :239-252. Disponível em <http://www.diacronia.ro/ro/indexing/details/A15719/pdf>, consultado a 7 de dezembro de 2017.
- Brazão, José (ed.). 1999. *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*, 2ª ed. Lisboa: Editorial Notícias.
- Buchanan, Daniel. 1965. *Japanese Proverbs and Sayings*. Norman: University of Oklahoma Press.
- Cabré, María Teresa. 2003. “Theories of Terminology: their Description, Prescription and Explanation.” *Terminology* 9 (2): 163-199.
- Caldas, Ivy. 2014. “De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo: A Presença dos Animais nos Provérbios Brasileiros.” Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Brasília.
- Cao, Cao 曹操. 2006. “Gui Sui Shou 龟虽寿 (Embora a Tartaruga Viva por Muito Tempo)”. In *Zhongguo Wenxue Jingdian 中国文学经典 (Clássicos da Literatura Chinesa)*, Zhou Xiaotian (ed.), 43. Chengdu: Sichuan Daxue Chubanshe.
- Cao, Xueqin 曹雪芹. 2008. *Hong Lou Meng 红楼梦 (O Sonho do Pavilhão Vermelho)*. Beijing: Renmin Wenxue Chubanshe.

- Carmo, Luciana. 2017. “A Presença de Nomes de Animais nos Fraseologismos: Interface Português-espanhol-italiano.” Dissertação de Pós-Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Chacoto, Lucília. 1994. “Estudo e Formalização das Propriedades Léxico-Sintáticas das Expressões Fixas Proverbiais.” Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Chakraborty, Suman. 2017. “Women, Serpent and Devil: Female Devilry in Hindu and Biblical Myth and its Cultural Representation: A Comparative Study.” *Journal of International Women's Studies* 18 (2): 156-165.
- Chang, Jun 常峻. 2001. *Zhongguo Shengxiao Wenhua 中国生肖文化 (A Cultura do Zodíaco Chinês)*. Shanghai: Shanghai Cishu Chubanshe.
- Charlesworth, James. 2010. *The Good and Evil Serpent*. New Haven and London: Yale University Press.
- Charteris-Black, Jonathan. 2003. “Speaking with Forked Tongue: A Comparative Study of Metaphor and Metonymy in English and Malay Phraseology.” *Metaphor and Symbol* 18 (4): 289-310.
- Chen, Anli 陈安利. 1988. “Guwenwu zhong de Shier Shengxiao 古文物中的十二生肖 (Os Doze Signos do Zodíaco Chinês nas Antiguidades).” *Wenbo 文博 (Wenbo)* 2:41-50.
- Chen, Chen 陈忱, e Jianhua Zhu 朱建华. 2004. “Zhong De Shuyu zhong Dongwu Xiangzheng Yiyi de Bijiao 中德熟语中动物象征意义的比较 (Estudo Comparativo dos Simbolismos dos Animais nas Fraseologias em Chinês e Alemão).” *Deguo Yanjiu 德国研究 (Estudo sobre a Alemanha)* 4 (19): 68-72.
- Chen, Cheng 陈成 (ed. and trans.). 2008. *Shanhaijing Yi Zhu 山海经译注 Edição Traduzida e Anotada do Clássico das Montanhas e dos Mares*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.
- Chen, Huaqin 陈华琴. 2007. “Xiandai Hanyu Guanyongyu jiqi Wenhua Neihan Fenxi 现代汉语惯用语及其文化内涵分析 (As Locuções Idiomáticas do Chinês Moderno e a Análise das suas Conotações Culturais).” Tese de Mestrado, Universidade Minzu da China. Disponível em <http://www.doc88.com/p-0788360073757.html>, consultado a 5 de janeiro de 2018.

- Chen, Hui 陈晦. 2015. “Ying Han Zhiwu Mingming zhong de Dongwu Yinyu Xianxiang Duibi Yanjiu 英汉植物命名中的动物隐喻现象对比研究 (Estudo Comparativo do Fenómeno de Metaforização com Animais na Nomeação de Plantas em Inglês e Chinês).” *Xi'an Waiguoyu Daxue Xuebao 西安外国语大学学报 (Jornal da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an)* 23 (4): 1-5.
- Chen, Yuhong 陈雨虹. 2016. “Renzhi ji Wenhua Shijiao xia de Ying Han Dongwu Yinyu Yanjiu 认知及文化视角下的英汉动物隐喻研究 (Estudo das Metáforas Animais em Inglês e Chinês sob a Perspetiva Cognitivo-Cultural).” Dissertação de Mestrado, Universidade Normal de Sichuan.
- Cheng, Tianci 成天赐. 2012. “Han Tai Dongwu Shuyu de Bijiao Fenxi 汉泰动物熟语的比较分析 (Estudo Contrastivo das Fraseologias com Animais em Chinês e Tailandês).” Dissertação de Mestrado. Universidade de Tianjin.
- Cheng, Yuzhen 程裕祯. 2017. *Zhongguo Wenhua Yaolie 中国文化要略 (Uma Breve Introdução da Cultura Chinesa)*. Beijing: Waiyu Jiaoxue yu Yanjiu Chubanshe.
- Chomsky, Noam. 1980. *Rules and Representations*. Oxford: Basil Blackwell.
- Cintra, Luís Filipe Lindley. 2000. “Prefácio.” In *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, António Nogueira Santos, vii-viii. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Coimbra, Rosa, e Urbana Bendiha. 2004. “Nem Todas as Cegonhas Trazem Bebés. Um Estudo de Metáforas com Nomes de Animais em Falantes Portugueses e Chineses.” In *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, vol. II, Augusto Silva, Amadeu Torres, e Miguel Gonçalves (eds.), 217-225. Coimbra: Almedina.
- Corrêa-Cardoso, João. 2010. “A Quem Ler.” In *Os Animais na Linguagem Portuguesa*, Delmira Maças, XIII-L. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Costa, José. (1999) 2004. *O Livro dos Provérbios Portugueses*. Barcarena: Editorial Presença.
- Dai, Sheng 戴圣 (ed.). 2000. *Liji 礼记 Clássico dos Ritos*. Shenyang: Liaoning Jiaoyu Chubanshe.
- Deignan, Alice. 2003. “Metaphorical Expressions and Culture: An Indirect Link.” *Metaphor and Symbol* 18 (4): 255-271.
- DeMello, Margo. 2012. *Animals and Society: An Introduction to Human-Animal Studies*.

- New York: Columbia University Press.
- Descola, Philippe. 1996. "Constructing Natures: Symbolic Ecology and Social Practice." In *Nature and Society: Anthropological Perspectives*, Philippe Descola e Gísli Pálsson (ed.), 82-102. London and New York: Routledge.
- Dobrovól'skij, Dmitrij, e Elisabeth Piirainen. 2005. "Cognitive Theory of Metaphor and Idiom Analysis." *Jezikoslovlje* 6 (1): 7-35.
- Dong, Beifei 董蓓菲. 2000. *Chengyu Gushi Sanbei Ze 成语故事三百则 (Trezentas Expressões Idiomáticas com Histórias)*. Shanghai: Shanghai Yuandong Chubanshe.
- Drăghici, Cristina. 2009. "Expressões Idiomáticas na Área das Emoções em Português e Romeno." Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Dundes, Alan. 1971. "Folk Ideas as Units of Worldview." *The Journal of American Folklore*, 331:93-103.
- Eberhard, Wolfram. 2006. *A Dictionary of Chinese Symbols: Hidden Symbols in Chinese Life and Thought*. London and New York: Routledge.
- Elman, Benjamin. 2000. *A Cultural History of Civil Examinations in Late Imperial China*. Berkeley: University of California Press.
- Evangelista, Helena. 2003. "A Compreensão das Expressões Idiomáticas com Variação em Grau." Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Evans, Vyvyan, e Melanie Green. 2006. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Falcão, Paula, e Claudia Xatara. 2005. "Os Animais nos Idiomatismos: Interface Inglês-Português." *Cadernos de Tradução* 2:71-82.
- Fan, Weixin. 1997. *Cem Provérbios Chineses*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Fan, Ye 范晔. 1993. *Hou Han Shu 后汉书 Livro da Dinastia Han Posterior*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Fan, Zeng 范曾. 2009. "Ganzhi yu Shengxiao de Miwu 干支与生肖的迷雾 (A Bruma dos Troncos Celestiais e Ramos Terrestres e do Zodíaco Chinês)." *Beijing Daxue Xuebao 北京大学学报 (Jornal da Universidade de Pequim)* 46 (5): 5-10.
- Faria, Isabel Hub. 1999. "Expressões Idiomáticas, Metáforas, Emoções, Sentidos Figurados e Sujeitos Experienciadores." In *Lindley Cintra, Homenagem ao Homem*,

- ao Mestre e ao Cidadão*, Isabel Faria (ed.), 377-402. Lisboa: Edições Cosmos.
- Fernando, Chitra, e Roger Flavell. 1981. *On Idiom: Critical Views and Perspectives*. Exeter: University of Exeter.
- Ferreira, António. 1985. *Os Animais no Adagiário Português*. Lisboa: Direcção-geral da Comunicação Social.
- Fillmore, Charles. 1976. "Frame Semantics and the Nature of Language." *Annals New York Academy of Sciences: Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, 280:20–32.
- Fraser, Bruce. 1970. "Idioms within a Transformational Grammar." *Foundations of Language*, 6 (1): 22-42.
- Fu, Jie. 2008. "The Conceptual Motivation of Animals Proverbs in English and Chinese." Ensaio não publicado. Disponível em <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A228943&dswid=-1661>, consultado a 12 de março de 2018.
- Cavalcanti, Fernanda, e Ana Pelosi. 2016. "As Metáforas Animais e Suas Implicações Interacionais." *Revista SCRIPTA*, 20 (40): 272-285.
- Gao, Na. 2017. "Um Estudo Comparativo de Provérbios Portugueses e Chineses: O Caso das Metáforas Zoomórficas." Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- Geeraerts, Dirk. 2003. "The Interaction of Metaphor and Metonymy in Composite Expressions." In *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*, René Dirven, e Ralf Pörings (eds.), 435-465. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Geertz, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- Gibbs, Raymond. 1987. "Linguistic Factors in Children's Understanding of Idioms." *Journal of Child Language* 14:569-586.
- Gibbs, Raymond. 1991. "Semantic Analyzability in Children's Understanding of Idioms." *Journal of Speech and Hearing Research* 34:613-620.
- Gibbs, Raymond. 1994a. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. New York: Cambridge University Press.
- Gibbs, Raymond. 1994b. "Proverbs are the Children of Experience: Metaphor in Proverb Understanding." Citado em Gibbs, Raymond, e Dinara Beitel. 1995. "What Proverb

- Understanding Reveals about How People Think.” *Psychological Bulletin* 118 (1): 133-154.
- Gibbs, Raymond. 1995. “Idiomaticity and Human Cognition.” In *Idioms: Structural and Psychological Perspectives*, Martin Everaert, Erik-Jan Linden, André Schenk, e Rob Schreuder (eds.), 97-116. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Gibbs, Raymond. 1996. “Why Many Concepts Are Metaphorical.” *Cognition* 61:309-319.
- Gibbs, Raymond. 1999. “Taking Metaphor out of Our Heads and Putting it into the Cultural World.” In *Metaphor in Cognitive Linguistics*, Raymond Gibbs, e Gerard Steen (eds.), 145-166. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins B.V.
- Gibbs, Raymond. 2005. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, Raymond. 2007. “Idioms and Formulaic Language.” In *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, Dirk Geeraerts, e Hubert Cuyckens (eds.), 697-725. New York: Oxford University Press.
- Gibbs, Raymond, e Dinara Beitel. 1995. “What Proverb Understanding Reveals about How People Think.” *Psychological Bulletin* 118 (1): 133-154.
- Gibbs, Raymond, Herbert Colston, e Michael Johnson. 1996. “Proverbs and the Metaphorical Mind.” *Metaphor and Symbolic Activity* 11 (3): 207-216.
- Gibbs, Raymond, Lise Strom, e Michael Spivey-Knowlton. 1997. “Conceptual Metaphors in Mental Imagery for Proverbs.” *Journal of Mental Imagery* 21:83-110.
- Gibbs, Raymond, Michael Johnson, e Herbert Colston. 1996. “How to Study Proverb Understanding.” *Metaphor and Symbolic Activity* 11 (3): 233-239.
- Gibbs, Raymond, e Nandini Nayak. 1989. “Psycholinguistic Studies on the Syntactic Behavior of Idioms.” *Cognitive Psychology* 21:100-138.
- Gibbs, Raymond, e Nandini Nayak. 1991. “Why Idioms Mean What They Do?” *Journal of Experimental Psychology: General* 120 (1): 93-95.
- Gibbs, Raymond, Nandini Nayak, e Cooper Cutting. 1989. “How to Kick the Bucket and Not Decompose: Analyzability and Idiom Processing.” *Journal of Memory and Language* 28:576-593.
- Gibbs, Raymond, Nandini Nayak, John Bolton, e Melissa Keppel. 1989. “Speakers’

- Assumptions about the Lexical Flexibility of Idioms.” *Memory & Cognition* 17 (1): 58-68.
- Gibbs, Raymond, e Jennifer O’Brien. 1990. “Idioms and Mental Imagery: The Metaphorical Motivation of Idiomatic Meaning.” *Cognition* 36:35-68.
- Gibbs, Raymond, Paula Lima, e Edson Francozo. 2004. “Metaphor is Grounded in Embodied Experience.” *Journal of Pragmatics* 36:1189–1210.
- Goatly, Andrew. 2006. “Humans, Animals, and Metaphors.” *Society & Animals* 14 (1): 15-37.
- Goatly, Andrew. 2007. *Washing the Brain. Metaphor and Hidden Ideology*. Amsterdam: John Benjamins.
- Gonçalves, Maria. 2002. “Animais, Imagens e Símbolos nos Poetas Greco-Latinos.” In *Animalia – Presença e Representações*, Miguel Alarcão, Luís Krus, Maria Miranda (eds.), 11-31. Lisboa: Edições Colibri.
- Goossens, Louis. 1990. “Metaphonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action.” *Cognitive Linguistics* 1 (3): 323-340.
- Goossens, Louis. 2003. “Metaphonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action.” In *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*, René Dirven, e Ralf Pörings (eds.), 351-377. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Goshkheteliani, Irine. 2013. “Idioms in Cross-cultural Communication.” In *Research on Phraseology across Continents*, Joanna Szerszunowicz, Bogusław Nowowiejski, Katsumasa Yagi e Takaaki Kanzaki (eds.) vol. 2, 19-35. Białystok: University of Białystok Publishing House.
- Grady, Joseph. 1997. “THEORIES ARE BUILDINGS Revisited.” *Cognitive Linguistics* 8 (4): 267-290.
- Hall, James. 1996. *The Illustrated Dictionary of Symbols in Eastern and Western Art*. Boulder: Westview Press.
- Hall, Stuart. 1997. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications.

- Han, Yu 韩愈. 1985. “Zashuo Si 杂说四 (Ensaio IV).” In *Lidai Zawen Xuan 历代杂文选 (Antologia de Ensaio das Dinastias Passadas)*, Bei Yuanchen (ed.), 75-77. Changsha: Hunan Renmin Chubanshe.
- Han, Yu 韩愈. 1986. “Fu Dushu Chengnan 符读书城南 (O Fu Estuda na Escola Chengnan).” In *Wanjin Jiashu 万金家书 (Cartas de Casa Preciosas)*, Zhang Tianlong (ed.), 25-26. Beijing: Zhongguo Wenlian Chubanshe.
- Haraway, Donna. 1991. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- Haslam, Nick, Steve Loughnan, e Pamela Sun. 2011. “Beastly: What Makes Animal Metaphors Offensive?” *Journal of Language and Social Psychology* 30 (3): 311-325.
- Hatalová, Henrieta. 2007. “The Dog as a Metaphor or Symbol in Chinese Popular Phraseology.” *Asian and African Studies* 16 (2): 161-185.
- He, Zhen 和贞. 2002. “Cong Zhong Wai Yinyu Yanjiu Duibi Kan De Han Chengyu de Yinyu Jiegou 从中外隐喻研究对比看德汉成语的隐喻结构 (Observar a Estrutura da Metáfora dos Idiomatismos em Alemão e Chinês com base na Comparação dos Estudos sobre a Metáfora Chineses e Estrangeiros).” Dissertação de Mestrado, Universidade de Economia e Negócios Internacionais.
- Holme, Randal. 2004. *Mind, Metaphor and Language Teaching*. New York: Palgrave Macmillan.
- Hsieh, Shelley. 2006. “A Corpus-Based Study on Animal Expressions in Mandarin Chinese and German.” *Journal of Pragmatics* 38: 2206-2222.
- Hu, Yongxiu 胡永修, Jianli Gou 苟建丽, e Qinrong Deng 邓琴容. 1990. *Xiandai Hanyu Tije Cidian 现代汉语题解辞典 (Dicionário de Soluções aos Problemas do Chinês Moderno)*. Chengdu: Sichuan Cishu Chubanshe.
- Hu, Yushu 胡裕树. 1981. *Xiandai Hanyu 现代汉语 (Chinês Moderno)*. Shanghai: Shanghai Jiaoyu Chubanshe.
- Huang, Xiaoping 黄晓萍. 2011. “Ying Han Dongwu Yanyu de Yinyu Yanjiu 英汉动物谚语的隐喻研究 (Estudo sobre a Metáfora nos Provérbios com Animais em Inglês e Chinês).” Dissertação de Mestrado, Universidade Normal de Guangxi.
- Huxley, Francis. 1979. *The Dragon: Nature of Spirit, Spirit of Nature*. London: Thames

and Hudson.

- Ismail, Wan, Abdul Samian, e Nazri Muslim. 2016. "The Symbol of Animals in Malay Proverbs." *International Journal of Humanities and Social Science* 6 (3): 148-154.
- Ji, An 冀安. 1995. *Shengxiao Wenhua 生肖文化 (A Cultura do Zodíaco Chinês)*. Beijing: Zhongguo Jingji Chubanshe.
- Jia, Xiuying 贾秀英, e Baigeng Hou 侯百耕. 2015. "Gainian Yinyuxue Shijiao xia Han Fa Zhiti Yanyu Duibi Fenxi – Yi 'Xin' wei Li 概念隐喻学视角下汉法肢体谚语对比分析 —— 以“心”(Coeur)为例 (Estudo Contrastivo dos Provérbios Corporais em Chinês e Francês à luz da Metáfora Conceptual – Caso do 'Coração')." *Zhongbei Daxue Xuebao 中北大学学报 (Jornal da Universidade do Norte da China)* 31 (5): 15-17.
- Jiang, Feng 江枫, e Ci Wang 王慈. 1985. *Minjian Yanyu Ji 民间谚语集 (A Compilção dos Provérbios Populares)*. Hangzhou: Zhejiang Wenyi Chubanshe.
- Jiang, Shiquan 蒋士铨. 1993. *Jiang Shiquan Xiqu Ji 蒋士铨戏曲集 (A Antologia das Peças de Teatro de Jiang Shiquan)*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Jiang, Yunlei. 2014. "A Metonymic Approach to Chinese Horse Idioms." Dissertação de Mestrado, Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an.
- Jiao, Liwei, Cornelius Kubler, e Weiguo Zhang. 2011. *500 Common Chinese Idioms*. Abingdon: Routledge.
- Jin, Renjie 金仁杰. 1988. "Xiao He Yueye Zhui Han Xin 萧何月夜追韩信 (Xiao He Persegue Han Xin numa Noite Enluarada)." In *Yuankan Zaju Sanshi Zhong Xin Jiao 元刊杂剧三十种新校 (Nova Versão Anotada de Trinta Peças de Teatro da Dinastia Yuan)*, Ning Xiyuan, (eds.), 32-47. Lanzhou: Lanzhou Daxue Chubanshe.
- Johnson, Mark. 1987. *The Body in the Mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Johnson, Mark. 1989. "Image-Schematic Bases of Meaning." *Recherches Sémiotique Semiotic Inquiry* 9 (1-2-3): 109-118.
- Jones, David. 2016. *An Instinct for Dragons*. New York: Routledge.
- Jorge, Guilhermina. 1991. "As Expressões Idiomáticas: da Língua Materna à Língua Estrangeira: Uma Análise Comparativa." Dissertação de Mestrado, Universidade de

Lisboa.

- Jorge, Guilhermina. 1998. "Os Determinantes: O Caso Específico das Expressões Idiomáticas." *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* I: 369-381.
- Jorge, Guilhermina. 2015. "Da Criatividade Linguística à Tradução: Uma Abordagem das Unidades Polilexicais em Mia Couto." Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Kobia, John. 2016. "A Conceptual Metaphorical Analysis of Swahili Proverbs with Reference to Chicken Metaphor." *International Journal of Education and Research* 4 (2): 217-228.
- Kong, Jue 孔厥. 1980. *Xin Ernü Yingxiong Xu Zhuan 新儿女英雄续传 (Continuação da Nova Biografia dos Filhos Heróicos)*. Beijing: Renmin Wenxue Chubanshe.
- Kou, Fuming 寇福明. 2007. "Han Ying Yanyu Duibi Yanjiu 汉英谚语对比研究 (Estudo Comparativo dos Provérbios em Chinês e Inglês)". Tese de Doutoramento, Universidade Minzu da China.
- Kövecses, Zoltán, e Péter Szabó. 1996. "Idioms: A View from Cognitive Semantics." *Applied Linguistics* 17 (3): 326-355.
- Kövecses, Zoltán, e Günter Radden. 1998. "Metonymy: Developing a Cognitive Linguistic View." *Cognitive Linguistics* 9 (1): 37-78.
- Kövecses, Zoltán. 2005. *Metaphor in Culture*. New York: Cambridge University Press.
- Kövecses, Zoltán. 2006. *Language, Mind and Culture*. New York: Oxford University Press.
- Kövecses, Zoltán. 2010. *Metaphor: A Practical Introduction*, 2ª ed.. New York: Oxford University Press.
- Kövecses, Zoltán. 2015. *Where Metaphors Come From: Reconsidering Context in Metaphor*. New York: Oxford University Press.
- Lakoff, George. 1987. *Women, Fire, and Dangerous Things*. London and Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George. 1990. "The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas?" *Cognitive Linguistics* 1 (1): 39-74.
- Lakoff, George. 1993. "The Contemporary Theory of Metaphor." In *Metaphor and Thought*, Andrew Ortony (ed.), 2ª ed., 202-251. Cambridge: Cambridge University Press.

- Lakoff, George, e Zoltán Kövecses. 1983. "The Cognitive Model of Anger Inherent in American English." *Cognitive Science Report* 10:1-30.
- Lakoff, George, e Mark Johnson. 1999. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Lakoff, George, e Mark Johnson. [1980] 2003. *Metaphors We Live by*. London: University of Chicago Press.
- Lakoff, George e Mark Turner. 1989. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.
- Langacker, Ronald. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Vol. 1. Stanford California: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald. 1993. "Reference-point Constructions." *Cognitive Linguistics* 4(1): 1-38.
- Langlotz, Andreas. 2006. *Idiomatic Creativity: A Cognitive-Linguistic Model of Idiom-Representation and Idiom-Variation in English*. Amsterdam: John Benjamins B.V.
- Lanlingxiaoxiaosheng 兰陵笑笑生. 1995. *Jinpingmei Cihua Jiaozhu 金瓶梅词话校注 (Versão Revista e Anotada da Ameixa no Vaso Dourado)*. Changsha: Yuelu Shushe. Vol. IV.
- Lanović, Nina. 2010. "Como se Pesca Noutros Mares? Domínio Conceptual de Pesca nas Unidades Fraseológicas Portuguesas e Croatas." *Língua Portuguesa: Ultrapassar Fronteiras, Juntar Culturas*, Maria Marçalo, Maria Lima-Hernandes, Elisa Esteves, Maria Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Vilela, e Ana Silva (eds.), 16-38. Évora: Universidade de Évora.
- Lau, Kimberly, Peter Tokofsky, e Stephen Winick. 2004. *What Goes Around Comes Around: The Circulation of Proverbs in Contemporary Life*. Logan: Utah State University Press Publications.
- Leach, Edmund. 1989. "Anthropological Aspects of Language: Animal Categories and Verbal Abuse." *Anthrozoös: A Multidisciplinary Journal of the Interactions of People and Animals*. 2 (3): 151-165.
- Li, Fei, e Jorge Bruxo. 2015. *Glossário Português-Chinês de Expressões e Provérbios Portugueses*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.

- Li, Ran 李然, e Chuanyi Yao 姚传义. 2005. *Shengxiao She 生肖蛇 (Signo de Serpente)*. Jinan: Qilu Shushe.
- Li, Shijia 李时佳. 2005. *Shenmi Wenhua Shu Shengxiao 神秘文化数生肖 (A Cultura Mais Misteriosa: o Zodíaco)*. Zhengzhou: Henan Daxue Chubanshe.
- Li, Shuxin 李树新, e Chong Wang 王冲. 2014. *Shengxiao Dongwu Shuyu Wenhua Yiyi Yanjiu 生肖动物熟语文化意义研究 (Estudo sobre as Conotações Culturais das Fraseologias com os Animais Zodiacais)*. Beijing: Zhongguo Shehui Kexue Chubanshe.
- Li, Xueqin 李学勤. 1997. *Shiluo de Wenming 失落的文明 (Civilização Perdida)*. Shanghai: Shanghai Wenyi Chubanshe.
- Li, Yaozong 李耀宗, e Jialin Ma 马加林. 1985. *Zhongguo Shaoshu Minzu Yanyu Xuan 中国少数民族谚语选 (Seleção dos Provérbios das Minorias Étnicas da China)*. Chengdu: Sichuan Renmin Chubanshe.
- Li, Yuxiu 李毓秀. 2007. *Dizigui Keben 弟子规课本 (Manual de Normas para Ser Um Bom Aluno e Criança)*. Beijing: Huayi Chubanshe.
- Lian, Shuneng 连淑能. 2002. “Lun Zhong Xi Siwei Fangshi 论中西思维方式 (Os Modos de Pensar Chinês e Ocidental)”. *Waiyu Yu Waiyu Jiaoxue 外语与外语教学 (Línguas Estrangeiras e a Sua Didática)* 2: 40-48.
- Liao, Guangrong 廖光蓉. 2000. Ying Han Wenhua Dongwu Ci Duibi 英汉文化动物词对比 (Estudo Comparativo das Palavras com Animais nas Culturas Chinesa e Anglística). *Waiyu 外语 (Jornal de Estudos Estrangeiros)* 5: 17-26.
- Littlemore, Jeannette. 2015. *Metonymy: Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Liu, Chengzhi 刘澄之. 1997. “Liangzhou Ji 梁州记 (Registros de Liangzhou)”. In *Han Tang Fangzhi Jiyi 汉唐方志辑佚 (Coleção das Obras Perdidas de Crônicas Locais das Dinastias Han e Tang)*, Liu Weiyi (ed.), 259-262. Beijing: Beijing Tushuguan Chubanshe.
- Liu, Jiexiu 刘洁修. 2000. *Chengyu 成语 (Idiomatismo)*. Beijing: Shangwu Yinshuguan.
- Liu, Mengru. 2012. “Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês.” Dissertação de Mestrado, Universidade de Braga. Disponível em

- <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24055/1/LIU%20Mengru.pdf>, consultado a 6 de janeiro de 2017.
- Liu, Naihe 刘乃和. 1983. “Zhongguo Lishi shang de Jinian (Shang) 中国历史上的纪年 (上) (A Contagem Anual na História da China) (I).” *Wenxian 文献 (Documentos)* 3:234-255.
- Liu, Shanshan 刘珊珊. 2014. “Hanyu Shier Shengxiao Dongwu Lei Chengyu Yanjiu 汉语十二生肖动物类成语研究 (Estudo dos Idiomatismos com os Doze Animais Zodiacais em Chinês).” Dissertação de Mestrado. Universidade Normal de Nanjing.
- Liu, Xiang 刘向 (ed.). 2005. *Zhanguo Ce 战国策 (Estratégias de Período dos Estados Combatentes)*. Jinan: Qilu Shushe.
- Liu, Xinfang 刘信芳. 2013. “Shengxiao de Qiyuan ji Wenhua Shuxing 生肖的起源及文化属性 (A Origem e a Propriedade Cultural do Zodíaco Chinês).” *Zhongyuan Wenhua Yanjiu 中原文化研究 (Estudos sobre a Cultura das Planícies Centrais)* 4:45-54.
- Lloyd, G. E. R. 2008. *Ancient Worlds, Modern Reflections: Philosophical Perspectives on Greek and Chinese Science and Culture*. New York: Oxford University Press.
- Lodi, Ariane, e Marilei Sabino. 2013. “Expressões Idiomáticas, Metáforas e Ensino.” *Signo y Seña* 23: 165-189.
- Long, John. 2003. *Introduced Mammals of the World: Their History, Distribution & Influence*. Collingwood: CSIRO Publishing.
- Lopes, Ana Cristina Macário. 1992. “Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática”. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugues%20C3%AAAs.pdf>, consultado a 12 de janeiro de 2017.
- Lopes, Márcia. 2005. *Metáforas sobre a Mulher: Uma Visão Linguística e Conceptual*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Lu, You 陆游. 1985. *Jian Nan Shi Gao Jiaozhu 剑南诗稿校注 (Edição Revista e Anotada de Poemas Feitos Quando da Vida Militar no Sul)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.

- Luo, Guanzhong 罗贯中. 1979. *San Guo Yanyi 三国演义 (Romance dos Três Reinos)*. Beijing: Renmin Wenxue Chubanshe.
- Luo, Guanzhong 罗贯中. 1983. *Cantang Wudai Shi Yanyizhuan 残唐五代史演义传 (Romance Histórico dos Finais da Dinastia Tang e do Período das Cinco Dinastias)*. Beijing: Baowentang Shudian.
- Ma, Guofan 马国凡. 1961. *Yanyu, Xiehouyu, Guanyongyu 谚语, 歇后语, 惯用语 (Provérbio, Dito Alegórico de Duas Partes, Locução Idiomática)*. Shenyang: Liaoning Renmin Chubanshe.
- Ma, Guofan 马国凡. 1978. *Chengyu 成语 (Idiomatismo)*. Huhhot: Neimenggu Renmin Chubanshe.
- Ma, Guofan 马国凡, e Gedong Gao 高歌东. 1983. *Xiehouyu 歇后语 (Dito Alegórico de Duas Partes)*. Huhhot: Neimenggu Renmin Chubanshe.
- Ma, Dan 马丹. 2006. “Lun Hanyu Chengyu zhong Shier Zhong Shengxiao Dongwu de Xiangzheng Yiyi jiqi Jiaoxue 论汉语成语中十二种生肖动物的象征意义及其教学 (O Significado Simbólico dos Doze Animais Zodiacais nos Idiomatismos em Chinês e o Seu Ensino).” Dissertação de Mestrado. Universidade de Sichuan.
- Ma, Jia 马佳. 2006. “Zhong Han Chengyu Suyu zhong Dongwu Xiangzheng Yiyi de Duibi Yanjiu 中韩成语俗语中动物象征意义的对比研究 (Estudo Comparativo do Significado Simbólico dos Animais nos Idiomatismos e Provérbios Chineses e Coreanos).” Dissertação de Mestrado. Universidade de Economia e Negócios Internacionais.
- Ma, Tiechuan. 2015. “Cause Analysis of Different Culture Image in English and Chinese Animal Idiom.” *Asian Journal of Humanities and Social Sciences* 3 (1): 10-19.
- Ma, Yingchang 马英昌. 1999. “Zhongguo Shier Shengxiao Qiyuan Tanwei 中国十二生肖起源探微 (Exploração da Origem dos Doze Signos Chineses).” *Xibei Shida Xuebao 西北师大学报 (Jornal da Universidade Normal do Noroeste)* 36 (4): 43-46.
- Ma, Yixiang 马忆湘. 1961. *Chaoyanghua 朝阳花 (Girassol)*. Beijing: Zhongguo Qingnian Chubanshe.
- Ma, Zhiyuan 马致远. 2002. *Ma Zhiyuan Quanji Jiaozhu 马致远全集校注 (Obras Completas e Anotadas de Ma Zhiyuan)*. Beijing: Yuwen Chubanshe.

- Maças, Delmira. 2010. *Os Animais na Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Mao, Zedong 毛泽东. 1991. “反对党八股 Fandui Dangbagu (Combater o Estilo de Oito Pernas do Partido).” In *毛泽东选集 Mao Zedong Xuanji (Antologia de Mao Zedong)*, 830-846. Beijing: Renmin Chubanshe. Vol III.
- Martsa, Sándor. 2007. “Conceptual Mappings Underlying Metaphoric Applications of Generic and Specific Terms for Animals.” In *Studies in Applied and Theoretical Linguistics*, Revi Sheory e Judit Kiss-Gulyás (eds.), 209-221. Debreceni: Kossuth Egytem Kiadó.
- Marvin, Garry, e Susan McHugh. 2014. *Routledge Handbook of Human-Animal Studies*. London and New York: Routledge.
- Mascarenhas, Zhong Yi. 1999. “Língua e Multiculturalidade: Expressões Idiomáticas em Português e Chinês.” *Acta IX Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Maputo: 41-59.
- Mele, Mohammed. 2013. “Kanuri Proverbs: Metaphoric Conceptualization of a Cultural Discourse.” *Journal of African Cultural Studies* 25 (3): 333-348.
- Mieder, Wolfgang. 1997. “Modern Paremiology in Retrospect and Prospect.” *Paremia* 6:399-416. Disponível em [https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/006/064\\_mieder.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/006/064_mieder.pdf), consultado a 8 de dezembro de 2017.
- Mieder, Wolfgang. 2004. *Proverbs: A Handbook*. London: Greenwood Press.
- Moon, Rosamund. 1998. *Fixed Expressions and Idioms in English: A Corpus-Based Approach*. New York: Oxford University Press.
- Muhammad, Nurul, e Sabariah Rashid. 2014. “Cat Metaphors in Malay and English Proverbs.” *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 118: 335-342.
- Nagarjuna. 2006. *Grande Tratado sobre a Perfeição da Sabedoria*. Edição Traduzida para Chinês por Kumarajiva (Taibei: Fotuo Jiaoyu Jijinhui, 2006). Vol. 5.
- Nayak, Nandini, e Raymond Gibbs. 1990. “Conceptual Knowledge in the Interpretation of Idioms.” *Journal of Experimental Psychology: General* 119 (3): 315-330.
- Needham, Joseph, e Ling Wang. 1956. *Science and Civilisation in China*. Cambridge:

Cambridge University Press.

- Nesi, Hilary. 1995. "A Modern Bestiary: A Contrastive Study of the Figurative Meanings of Animal Terms." *ELT Journal* 49 (3): 272-278.
- Niemeier, Susanne. 2008. "To be in Control: Kind-Hearted and Cool-Head. The Head-Heart Dichotomy in English". In *Culture, Body and Language: Conceptualizations of Internal Body Organs across Cultures and Languages*, Farzad Sharifian, René Dirven, Ning Yu, e Susanne Niemeier (eds.), 349–372. Berlin e New York: Walter de Gruyter.
- Ning, Ju 宁桀. 1980. *Yanyu, Geyan, Xiehouyu 谚语, 格言, 歇后语 (Provérbio, Máxima, Dito Alegórico de Duas Partes)*. Wuhan: Hubei Renmin Chubanshe.
- Niu, Jianjun 牛建军, e Bin Zhao 赵斌. 2014. *Zhonghua Chuantong Shengxiao Wenhua Changshi 中华传统生肖文化常识 (Conhecimento Geral sobre a Cultura Tradicional Chinesa do Zodíaco)*. Zhengzhou: Zhongzhou Guji Chubanshe.
- Noddings, Nel. 1989. *Women and Evil*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press.
- Norrick, Neal. 1985. *How Proverbs Mean: Semantic Studies in English Proverbs*. Berlin: Mouton Publishers.
- O'Grady, William. 1998. "The Syntax of Idioms." *Natural Language and Linguistic Theory* 16:279-312. Disponível em <http://www.ling.hawaii.edu/faculty/ogrady/Idioms.1998.pdf>, consultado a 26 de dezembro de 2017.
- Ouyang, Shan 欧阳山. 1979. *Ku Dou 苦斗 (Luta Dura)*. Beijing: Renmin Wenxue Chubanshe.
- Ouyang, Xiu 欧阳修, e Qi Song 宋祁. 1975. *Xin Tang Shu 新唐书 (Novo Livro da Dinastia Tang)*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Ouyang, Xun 欧阳询. 1965. *Yi Wen Lei Ju 艺文类聚 (Antologia Categorizada de Obras Literárias)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.
- Pan, Mingxia 潘明霞. 2012. "Han Ying 'Shen Wu Hu Yu' Cihui Duibi Yanjiu 汉英“身物互喻”词汇对比研究 (Estudo Comparativo Chinês-Inglês sobre as Palavras com a Metaforização Mutual entre o Ser Humano e os Seres não Humanos)". Tese de Doutorado, Universidade de Anhui.

- Panther, Klaus-Uwe, e Linda Thornburg. 1999. "The Potentiality for Actuality Metonymy in English and Hungarian." In *Metonymy in Language and Thought*, Klaus-Uwe Panther, e Günter Radden (eds.), 333-357. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V.
- Panther, Klaus-Uwe, e Linda Thornburg. 2003a. "Introduction: Metonymy across Languages." *Jezikoslovlje* 4 (1): 5-9.
- Panther, Klaus-Uwe, e Linda Thornburg. 2003b. "Metonymy and Lexical Aspect in English and French." *Jezikoslovlje* 4 (1): 71-101.
- Panther, Klaus-Uwe, e Linda Thornburg. 2007. "Metonymy." In *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, Dirk Geeraerts, e Hubert Cuyckens (eds.), 236-263. New York: Oxford University Press.
- Pasamanick, Judith. 1983. "Talk does Cook Rice: Proverb Abstraction through Social Interaction." *International Journal for the Sociology of Language* 44:5-25.
- Peggs, Kay. 2012. *Animals and Sociology*. London: Palgrave Macmillan.
- Pei, Xing 裴翎. 1980. *Chuanqi 传奇 (Legenda)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.
- Peters, Pam. 2004. *The Cambridge Guide to English Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Philip, Gill. 2007. "Idiom." In *The Linguistics Encyclopedia*, K. Malmkjaer (ed.), 3<sup>a</sup> ed., 1-4. London: Routledge. Disponível em <http://amsacta.unibo.it/2425/1/Idioms.pdf>, consultado a 8 de dezembro de 2017.
- Qi, Yucun 戚雨村, Dawu Dong 董达武, Yili Xu 许以理, e Guanglei Chen 陈光磊. 1993. *Yuyanxue Baike Cidian 语言学百科词典 (Dicionário Enciclopédico da Linguística)*. Shanghai: Shanghai Cishu Chubanshe.
- Queiroz, Nouraide. 2010. "Imagens Mí(s)ticas do Gato." Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Radden, Günter, e Zoltán Kövecses. 1999. "Towards a Theory of Metonymy." In *Metonymy in Language and Thought*, Klaus-Uwe Panther, e Günter Radden (eds.), 17-60. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V.
- Ramos, Nadja. 2017. "Provérbios e Metáfora Conceptual: Uma Proposta de Construção e Ampliação de Sentidos no Ensino Fundamental." Dissertação de Mestrado,

- Universidade Federal de Sergipe. Disponível em [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6444/1/NADJA\\_TATIANE\\_P\\_COELHO\\_RAMOS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6444/1/NADJA_TATIANE_P_COELHO_RAMOS.pdf), consultado a 10 de fevereiro de 2018.
- Raphals, Lisa. 2018. "Human and Animal in Early China and Greece." In *Ancient Greece and China Compared*, G. E. R. Lloyd, Jingyi Jenny Zhao, e Qiaosheng Dong (ed.), 131-159. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodríguez, Irene. 2009. "Of Women, Bitches, Chickens and Vixens: Animal Metaphors for Women in English and Spanish." *Culture, Language and Representation* vii: 77-100.
- Romão, Tito. 2013. "Fraseologias Zoonímicas relativas a Peixes, Cetáceos e Crustáceos: Um Estudo Comparativo entre o Português do Brasil e o Alemão." *Cadernos de Tradução* 32: 81-96.
- Ruiz, José, e Lorena Pérez. 2003. "Cognitive Operations and Pragmatic Implication." In *Metonymy and Pragmatic Inferencing*, Klaus-Uwe Panther, e Linda Thornburg (eds.), 23-49. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Russo, Joseph. 1983. "The Poetics of Ancient Greek Proverbs." *Journal of Folklore Research* 20 (2/3): 121-130.
- Sanauddin, Noor. 2015. "Proverbs and Patriarchy: Analysis of Linguistic Sexism and Gender Relations among the Pashtuns of Pakistan". Tese de Doutorado. Universidade de Glásgua. Disponível em <http://theses.gla.ac.uk/6243/>, consultado a 25 de dezembro de 2017.
- Santos, Ana. 1989. "Ser Um Osso Duro de Roer: Algumas Considerações sobre as Expressões Idiomáticas em Ser N Mod". Dissertação de Mestrado. Universidade Clássica de Lisboa.
- Santos, António. (1990) 2000. *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Sapir, Edward. 1929. "The Status of Linguistics as a Science." *Language* 5 (4): 207-214. Disponível em <https://cesaraguilar.weebly.com/uploads/2/7/7/5/2775690/sapir01.pdf>, consultado a 6 de janeiro de 2018.
- Saraiva, Arnaldo. 1999. "Os Provérbios no Algarve e em Portugal." In *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*, José Brazão (ed.), 2ª ed., 9-12. Lisboa: Editorial Notícias.

- Schemann, Hans, e Luiza Schemann-Dias. 1980. *Dicionário Idiomático Português-Alemão*. Braga: Livraria Cruz.
- Shahabi, Mitra, e Maria Roberto. 2015. "Metaphorical Application and Interpretation of Animal Terms: A Contrastive Study of English and Persian." *Languages in Contrast* 15 (2): 280-293.
- Shao, Jingmin 邵静敏. 2002. *Xiandai Hanyu Tonglun 现代汉语通论 (Introdução Geral do Chinês Moderno)*. Shanghai: Shanghai Jiaoyu Chubanshe.
- Shi, Daoyuan 释道原. 2010. *Jingde Chuan Deng Lu 景德传灯录 (Registro no Período Jingde da Transmissão da Lâmpada)*. Shanghai: Shanghai Shudian Chubanshe. Vol. III.
- Shi, Junbao 石君宝. 2008. "Qiu hu Xi Qi 秋胡戏妻 (Qiu hu Molestou a Esposa)." In *Yuan Zaju Xuanjie 元杂剧选解 (Antologia Anotada de Peças de Teatro da Dinastia Yuan)*, Chen Yunfa (ed.), 123-130. Shanghai: Fudan Daxue Chubanshe.
- Shi, Puji 释普济. 1984. *Wu Deng Hui Yuan 五灯会元 (Compilação Completa dos Cinco Registros da Lâmpada)*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Shi, Shi 史式. 1979. *Hanyu Chengyu Yanjiu 汉语成语研究 (Estudo sobre o Idiomatismo em Chinês)*. Chengdu: Sichuan Renmin Chubanshe.
- Silaški, Nadežda. 2013. "Animal Metaphors and Semantic Derogation. Do Women Think Differently from Men?" *Gender Studies* 12 (1): 319-332.
- Silva, Augusto Soares Da. 2008. "Os Estudos de Linguística Cognitiva do Português." *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos* 12:189-221.
- Sima, Qian 司马迁. 2016a. *Shiji Quan Ben 史记全本 (Versão Completa dos Registros do Historiador)*. Shenyang: Wanjuan Chuban Gongsì. Vol. II.
- Sima, Qian 司马迁. 2016b. *Shiji Quan Ben 史记全本 (Versão Completa dos Registros do Historiador)*. Shenyang: Wanjuan Chuban Gongsì. Vol. I.
- Siqueira, Maity, Laura Pereira, Caroline Ferrari, e Nichele Lopes. 2017. "Mapeamentos Metafóricos e Metonímicos em Provérbios do Português Brasileiro." *ReVEL* 15 (29): 159-175.
- Soares, Marinela. 2008. "Re ... encontros com provérbios". *Acta do 2º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios*, Tavira: 449-460.

- Song, Zhenhua 宋振华, e Jinzheng Wang 王今铮. 1957. *Yuyanxue Gailun 语言学概论 (Introdução Breve da Linguística)*. Changchun: Jilin Renmin Chubanshe.
- Sousa, Edite. 2000. “Expressões Idiomáticas V+N (Verbo+Sintagma Nominal): Aspectos Morfossintáticos e Semânticos”. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Sridhar, Maisa, e Dr. T. Karunakaran. 2013. “Idioms and Importance of Teaching Idioms to ESL Students: A Study on Teacher Beliefs.” *Asian Journal of Humanities and Social Sciences* 1 (1): 1-13. Disponível em <http://www.ajhss.org/pdfs/Idioms%20and%20Importance%20of%20Teaching...pdf>, consultado a 8 de dezembro de 2017.
- Sterckx, Roel. 2002. *The Animal and the Daemon in Early China*. New York: State University of New York Press.
- Strauss, Claudia, e Naomi Quinn. 1997. *A Cognitive Theory of Cultural Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Strassburg, Richard (ed. and trans.) 2002. *A Chinese Bestiary: Strange Creatures from the Guideways through Mountains and Seas*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.
- Su, Shi 苏轼. 2005. *Su Shi Xuanji 苏轼选集 (Antologia de Su Shi)*. Jinan: Qilu Shushe.
- Sun, Guangxian 孙光宪. 2003. *Bei Meng Suo Yan 北梦琐言 (Palavras Triviais do Sonho do Norte)*. Xi'an: Sanqin Chubanshe.
- Sun, Weizhang 孙维张. 1989. *Hanyu Shuyu Xue 汉语熟语学 (Estudo da Fraseologia em Chinês)*. Changchun: Jilin Jiaoyu Chubanshe.
- Talebinejad, Reza, e Vahid Dastjerdi. 2005. “A Cross-Cultural Study of Animal Metaphors: When Owls Are Not Wise!” *Metaphor and Symbol* 20 (2): 133-150.
- Tang, bingzheng 汤炳正. 1983. “Shi Lun ‘Yin’ Zi de Benyi yu Shier Zhi de Laiyuan 试论“寅”字的本义与十二支的来源 (Discussão sobre o Significado Original do Carácter ‘Yin’ e a Origem dos Doze Ramos Terrestres).” *Jiangnan Luntan 江汉论坛 (Fórum de Jiangnan)* 8:43-47.
- Tang, Qiyun 唐启运. 1981. *Chengyu, Yanyu, Xiehouyu Diangu Gaishuo 成语, 谚语, 歇后语典故概说 (Abordagem Breve da Origem do Idiomatismo, Provérbio e Dito Alegórico de Duas Partes)*. Guangzhou: Guangdong Renmin Chubanshe.

- Taylor, Archer. (1931) 1985. *The Proverb and an Index to "The Proverb"*. Berlin: Peter Lang Publishers.
- Teixeira, José. 2007. "Mecanismos Metafóricos e Mecanismos Cognitivos: Provérbios e Publicidade." *Actas del VI Congreso de Lingüística General*, Madrid: 1-12. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7400/1/Prov%C3%A9rbiosPublicid.pdf>, consultado a 8 de janeiro de 2017.
- Tian, Qing 田青. 2010. "Guqin de Renwen Jingshen 古琴的人文精神 (Os Espíritos Humanistas da Cítara Chinesa)." *Zhongguo Yinyuexue 中国音乐学 (Musicologia da China)* 4:5-10.
- Trench, Richard. 1861. *Proverbs and Their Lessons*. London: G Routledge. Disponível em [https://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted\\_hildebrandt/otesources/20-proverbs/text/books/trench-proverb/trench-proverbsandtheirlessons.pdf](https://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/otesources/20-proverbs/text/books/trench-proverb/trench-proverbsandtheirlessons.pdf), consultado a 25 de dezembro de 2017.
- Tresidder, Jack. 1999. *Dictionary of Symbols: An Illustrated Guide to Traditional Images, Icons and Emblems*. London: Watkins Publishing.
- Turner, Mark (ed.). 2006. *The Artful Mind: Cognitive Science and the Riddle of Human Creativity*. New York: Oxford University Press.
- Ungerer, Friedrich, e Hans-Jörg Schmid. 2006. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. 2ª ed. Edinburgh: Longman.
- Vale, Andreia. 2015. *Puxar a Brasa à Nossa Sardinha*. 5ª ed. Barcarena: Manuscrito.
- Venclovská, Natálie. 2010. "Animais nos Provérbios Portugueses." Dissertação de Mestrado, Universidade de Masaryk. Disponível em <https://theses.cz/id/ryws3x?lang=en>, consultado no dia 14 de março de 2018.
- Vilela, Mário. 2002. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.
- Waldau, Paul. 2013. *Animal Studies: An Introduction*. New York: Oxford University Press.
- Walker, Barbara. 1988. *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*. New York: HarperOne.
- Wang, Bocheng 王伯成. 1988. "Li Taibai Bian Yelang 李太白贬夜郎 (Li Taibai Exilado

- em Yelang).” In *Yuankan Zaju Sanshi Zhong Xin Jiao* 元刊杂剧三十种新校 (*Nova Versão Anotada de Trinta Peças de Teatro da Dinastia Yuan*), Ning Xiyuan, (eds.), 32-47. Lanzhou: Lanzhou Daxue Chubanshe.
- Wang, Chengxu. 2012. “Ensino de Português (PLE) a Falantes de Língua Materna Chinesa: As Expressões Idiomáticas.” Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/12245>, consultado a 2 de janeiro de 2017.
- Wang, Chong 王充. 1991. *Lun Heng* 论衡 (*Ensaaios Críticos*). Changsha: Yuelu Sheshe.
- Wang, Chongying, e Ann Dowker. 2008. “Interpretation of Animal Metaphors: Evidence from Chinese and English Children and Adults.” Paper presented at Child Language Seminar, University of Reading.
- Wang, Jingbo 王静波. 2010. *Shengxiao Wenhua* 生肖文化 (*A Cultura do Zodíaco Chinês*). Beijing: Zhongguo Jingji Chubanshe.
- Wang, Junqin 王浚卿. 2006. *Lengyan Guan* 冷眼观 (*Observação Objetiva*). Zhuhai: Zhuhai Bainian Dianzi Yinxiang Chubanshe.
- Wang, Qin 王勤. 1981. *Yanyu Xiehouyu Gailun* 谚语歇后语概论 (*Introdução Geral do Provérbio e do Dito Alegórico de Duas Partes*). Changsha: Hunan Jiaoyu Chubanshe.
- Wang, Qin 王勤. 1990. “Suyu de Xingzhi he Fanwei 俗语的性质和范围 (O Carácter e o Escopo do Provérbio).” *Xiangtan Daxue Xuebao* 湘潭大学学报 (*Jornal da Universidade de Xiangtan*) 14 (4): 107-111.
- Wang, Shaohua 汪少华. 2008. “Yanyu Jiagou Renzhi 谚语 架构 认知 (Provérbio: Estrutura e Cognição).” *Waiyu yu Waiyu Jiaoxue*, 外语与外语教学 (*Línguas Estrangeiras e a Sua Didática*) 231 (6): 4-6.
- Wang, Shijun 王士均. 2011. *Zhongguo Shengxiao Chengyu Xiehouyu* 中国生肖成语歇后语 (*Os Idiomatismos e Ditos Alegóricos de Duas Partes relacionados com o Zodíaco Chinês*). Shanghai: Xuelin Chubanshe.
- Wang, Wenbin 王文斌, e Jun Yao 姚俊. 2004. “Han Ying Yinyu Xiyu ICM he CB de Renzhi Duibi Kaocha – Yi Hanyu de Sizige Yinyu Xiyu wei Jidian 汉英隐喻习语 ICM 和 CB 的认知对比考察 —— 以汉语的四字格隐喻习语为基点 (Análise Cognitiva e Comparativa sobre os Modelos Cognitivos Idealizados e a Mesclagem

- Conceptual das Expressões Fixas Metafóricas em Mandarim e Inglês - com base nas Expressões Fixas de Quatro Caracteres em Chinês).” *Waiyu yu Waiyu Jiaoxue 外语与外语教学 (Língua Estrangeira e a Sua Didática)* 5:36-40.
- Wang, Yan 王岩. 2012. *Hanyu Shuyu de Wenhua Renzhi 汉语熟语的文化认知 (Cognição Cultural da Fraseologia em Chinês)*. Zhengzhou: Zhengzhou Daxiaing Chubanshe.
- Wang, Yanfeng 王艳峰, e Luncong Shang 尚论聪. 2010. *Zhongguo Shengxiao Wenhua 中国生肖文化 (A Cultura do Zodíaco Chinês)*. Beijing: Waiwen Chubanshe.
- Wen, Duanzheng 温端政. 1985. *Yanyu 谚语 (Provérbio)*. Beijing: Shangwu Yinshuguan.
- Wen, Duanzheng 温端政. 1989. *Zhongguo Suyu Da Cidian 中国俗语大词典 (Grande Dicionário do Provérbio Chinês)*. Shanghai: Shanghai Cishu Chubanshe.
- Wen, Duanzheng 温端政. 2000. *Xiehouyu 歇后语 (Dito Alegórico de Duas Partes)*. Beijing: Shangwu Yinshuguan.
- Wen, Yiduo 闻一多. 2006. *Fuxi Kao 伏羲考 (Investigação sobre Fuxi)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.
- Werness, Hope. 2004. *The Continuum Encyclopedia of Animal Symbolism in Art*. New York: Continuum.
- White, Geoffrey. 1987. “Proverbs and Cultural Models: An American Psychology of Problem Solving.” In *Cultural Models in Language and Thought*, Dorothy Holland and Naomi Quinn (eds.), 151-172. Cambridge: Cambridge University Press.
- Whiting, Bartlett. 1994. *When Evensong and Morrowsong Accord: Three Essays on the Proverb*. Cambridge: Harvard University Press.
- Williams, Raymond. 1981. *Culture*. London: Fontana.
- Winick, Stephen. 2003. “Intertextuality and Innovation in a Definition of the Proverb Genre.” In *Cognition, Comprehension, and Communication: A Decade of North American Proverb Studies (1990–2000)*, Wolfgang Mieder (ed.), 571-601. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren.
- Wu, Yucheng 吴裕成. 2003. *Zhongguo Shengxiao Wenhua 中国生肖文化 (A Cultura do Zodíaco Chinês)*. Tianjin: Tianjin Renmin Chubanshe.

- Wu, Zhankun 武占坤, e Guofan Ma 马国凡. 1983. *Yanyu 谚语 (Provérbio)*. Huhhot: Neimenggu Renmin Chubanshe.
- Wu, Zhankun 武占坤. 1986. *Xiandai Hanyu Duben 现代汉语读本 (O Livro do Chinês Moderno)*. Beijing: Beijing Yuyan Xueyuan Chubanshe.
- Wu, Zhankun 武占坤. 2000. *Zhonghua Yanyao Yanjiu 中华谚语研究 (Estudo sobre o Provérbio Chinês)*. Baoding: Hebei Daxue Chubanshe.
- Wu, Zhankun 武占坤. 2007. *Hanyu Shuyu Tonglun 汉语熟语通论 (Abordagem Geral da Fraseologia da Língua Chinesa)*. Baoding: Hebei Daxue Chubanshe.
- Xiao, Zixian 萧子显. 1972. *Nanqi Shu 南齐书 (Livro da Dinastia Qi Meridional)*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Xie, Huiling 谢慧玲. 2011. “Xiandai Hanyu zhong de Shuyu Yanjiu 现代汉语中的熟语研究 (Estudo sobre a Fraseologia do Chinês Moderno).” Tese de Mestrado, Universidade Tunku Abdul Rahman. Disponível em [http://xueshu.baidu.com/s?wd=paperuri:\(5bd0b962cbf5e1ffc2519ee4a007136e\)&filter=sc long sign&sc ks para=q%3D%E7%8E%B0%E4%BB%A3%E6%B1%89%E8%AF%AD%E4%B8%AD%E7%9A%84%E7%86%9F%E8%AF%AD%E7%A0%94%E7%A9%B6&tn=SE\\_baiduxueshu\\_c1gjeupa&ie=utf-8&sc us=10435532802226904879](http://xueshu.baidu.com/s?wd=paperuri:(5bd0b962cbf5e1ffc2519ee4a007136e)&filter=sc long sign&sc ks para=q%3D%E7%8E%B0%E4%BB%A3%E6%B1%89%E8%AF%AD%E4%B8%AD%E7%9A%84%E7%86%9F%E8%AF%AD%E7%A0%94%E7%A9%B6&tn=SE_baiduxueshu_c1gjeupa&ie=utf-8&sc us=10435532802226904879), consultado a 3 de janeiro de 2018.
- Xing, Fuyi 邢福义. 1993. *Xiandai Hanyu 现代汉语 (Chinês Moderno)*. Beijing: Gaodeng Jiaoyu Chubanshe.
- Xing, Fuyi 邢福义, e Guosheng Wang 汪国胜. 2003. *Xiandai Hanyu 现代汉语 (Chinês Moderno)*. Wuhan: Huazhong Shifan Daxue Chubanshe.
- Xu, Chuanwu 徐传武. 1987. “Ganzhi Manhua 干支漫话 (Abordagem Livre sobre os Troncos Celestiais e Ramos Terrestres).” *Minsu Yanjiu 民俗研究 (Estudos Folclóricos)* 4: 108-113.
- Xu, Lili 徐莉莉. 1986. “Manhua Gan, Zhi 漫话干、支 (Abordagem Livre sobre os Troncos Celestiais e Ramos Terrestres).” In *Gudai Lizhi Fengsu Mantan, 古代礼制风俗漫谈 Abordagem Livre sobre as Etiquetas e os Costumes nos Tempos Antigos*, 63-68. Beijing: Zhonghua Shuju.

- Xu, Naixiang 徐乃湘, e Yanxun Cui 崔岩岫. 1987. *Shuo Long 说龙 (Falar sobre o Dragão)*. Beijing: Zijincheng Chubanshe.
- Xu, Qiaoying 徐巧英, Xiao Wei 韦晓, e Sining Su 苏思宁. 1993. *Shu 鼠 (Rato)*. Nanning: Guangxi Renmin Chubanshe.
- Yao, Lijiang 姚立江, e Lanxiang Pan 潘兰香. 2002. *Renwen Dongwu – Dongwu Fuhao yu Zhongguo Wenhua 人文动物——动物符号与中国文化 (Animais Culturais – Símbolos Animais e a Cultura Chinesa)*. Harbin: Heilongjiang Renmin Chubanshe.
- Yao, Xiyuan 姚锡远. 1998. “‘Shuyu’ de Zhongshu Diwei jiqi Dingyiyu ‘熟语’的种属地位及其定义域 (O Estatuto de Categoria Geral da ‘Fraseologia’ e o Seu Escopo de Definição).” *Hanzi Wenhua, 汉字文化 (A Cultura do Carácter Chinês)* 2:38-42.
- Ye, Shuxian 叶舒宪. 1998. “Shengxiao Wenhua jiqi Qiyuan 生肖文化及其起源 (A Cultura do Zodíaco Chinês e Sua Origem).” *Xun Gen 寻根 (Procura de Raízes)* 1:7-9.
- Yu, Ankun 于安坤. 1994. *Shier Shengxiao Chengyu 十二生肖成语 (Os Idiomatismos com os Doze Signos Chineses)*. Dongying: Zhongguo Shiyou Daxue Chubanshe.
- Yu, Ning. 1995. “Metaphorical Expressions of Anger and Happiness in English and Chinese.” *Metaphor and Symbol* 10 (2): 59-92.
- Yu, Ning. 2000. “Figurative Uses of Finger and Palm in Chinese and English.” *Metaphor and Symbol* 15 (3): 159-175. DOI: 10.1207/S15327868MS1503\_3.
- Yu, Ning. 2008. “The Chinese Heart as the Central Faculty of Cognition.” In *Culture, Body, and Language: Conceptualizations of Internal Body Organs across Cultures and Languages*, Farzad Sharifian, René Dirven, Ning Yu, e Susanne Niemeier (eds.), 131-168. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Yu, Ning. 2009. *The Chinese HEART in a Cognitive Perspective: Culture, Body, and Language*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Yuan, Haiwang. 2006. *The Magic Lotus Lantern and Other Tales from the Han Chinese*. Westport: Libraries Unlimited.
- Yuan, Ying 袁鹰. 1987. *Yuan Ying Daibiaozuo 袁鹰代表作 (Obras Representativas de Yuan Ying)*. Zhengzhou: Henan Renmin Chubanshe.

- Zhang, Beian 张北安. 2009. “Wenhua Shijiao xia de Ying Han Dongwu Yinyu Yanjiu 文化视角下的英汉动物隐喻研究 (Estudo das Metáforas Animais em Inglês e Chinês sob a Perspetiva Cultural).” Dissertação de Mestrado, Universidade Normal de Sichuan.
- Zhang, Bin 张斌. 2005. *Xinbian Xiandai Hanyu 新编现代汉语 (Novo Manual do Chinês Moderno)*. Shanghai: Fudan Daxue Chubanshe.
- Zhang, Hao 张皓, 2001. *Shier Shengxiao 十二生肖 (Os Doze Signos Chineses)*. Wuhan: Hubei Jiaoyu Chubanshe.
- Zhang, Hui 张辉. 2003. *Shuyu jiqi Lijie de Renzhi Yuyixue Yanjiu 熟语及其理解的认知语义学研究 (Estudo da Fraseologia e Sua Compreensão sob a Perspetiva da Semântica Cognitiva)*. Beijing: Junshi Yiwen Chubanshe.
- Zhang, Hui 张辉, e Feng Ji, 季锋. 2012. “Chengyu Zugouxing de Renzhi Yuyanxue Jiedu 成语组构性的认知语言学解读 (A Interpretação da Composicionalidade do Idiomatismo à luz da Linguística Cognitiva).” *Waiyu Jiaoxue 外语教学 (Ensino de Línguas Estrangeiras)* 33 (2): 1-7.
- Zhang, Juzheng 张居正. 1984. *Zhang Taiyue Ji 张太岳集 (Antologia de Zhang Taiyue)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.
- Zhang, Rufang 张如芳. 1984. “Qianlun Yanyu he Geyan zhi Yitong 浅论谚语和格言之异同 (Abordagem Breve sobre a Diferença entre o Provérbio e a Máxima).” *Liaoning Shifan Daxue Xuebao 辽宁师范大学学报 (Jornal da Universidade Normal de Liaoning)* 2:78-81.
- Zhang, Wei 张玮. 2017. *Jiyu Yuliaoku Ying Han “Gou” de Gainian Yinyu 基于语料库英汉“狗”的概念隐喻 (Estudo Baseado em Corpus sobre a Metáfora Conceptual Canina em Inglês e Chinês)*. *Xi'an Waiguoyu Daxue Xuebao 西安外国语大学学报 (Jornal da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an)* 25 (2): 11-14.
- Zhang, Weiwei. 2016. *Variation in Metonymy*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Zhang, Yipeng 张一鹏. 2004. *Yanyu Da Dian 谚语大典 (Grande Dicionário do Provérbio)*. Shanghai: Hanyu Dacidian Chubanshe.
- Zhao, botao 赵伯陶. 2000. *Shier Shengxiao Mian Mian Guan 十二生肖面面观 (Observação Multidimensional dos Doze Signos Chineses)*. Jinan: Qilu Shushe.

- Zhao, Shuli 赵树理. 1986. *Zhao Shuli Daibiaozuo 赵树理代表作 (Obras Representativas de Zhao Shuli)*. Zhengzhou: Henan Renmin Chubanshe.
- Zhou, Mi 周密. 1988. *Guixin Za Shi 癸辛杂识 Conhecimentos Diversos Registrados na Rua Guixin*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Zhou, Qingji 周庆基. 1989. “Shier Shengxiao Shuo de Qiyuan he Gongyong 十二生肖说的起源和功用 (A Origem e a Função dos Doze Signos Chineses).” *Hebei Daxue Xuebao 河北大学学报 (Jornal da Universidade de Hebei)* 4:78-82.
- Zhou, Xitao 周希陶 (compilador). 2004. *Zeng Guang Xian Wen 增广贤文 (Coleção dos Provérbios Sábios Tradicionais)*. Hefei: Anhui Wenyi Chubanshe.
- Zhu, Xuliu 朱徐柳. 2008. “Ying Han Yanyu de Renzhi Fenxi 英汉谚语的认知分析 (Análise Cognitiva dos Provérbios em Inglês e Chinês).” Tese de Mestrado, Universidade Normal de Nanquim.
- Zhuangzi 庄子. 2010. *Zhuangzi 庄子 (Zhuangzi)*. Beijing: Zhonghua Shuju.
- Zhuo, Baihong 褚柏红, e Junfeng Guo 郭俊峰. 2005. *Shengxiao Hu 生肖虎 (Signo de Tigre)*. Jinan: Qilu Shushe.
- Zou, Taofen 邹韬奋. 2017. *Shenghuo yu Wo 生活与我 (A Vida e Eu)*. Shanghai: Shanghai Jiaotong Daxue Chubanshe.
- Zuo, Qiuming 左丘明. 1978. *Guoyu 国语 (Discurso dos Estados)*. Shanghai: Shanghai Guji Chubanshe.

### **Dicionários:**

- Cambridge Learner's Dictionary*. 2004. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Changyong Yanyu Fenlei Cidian 常用谚语分类词典 (Dicionário de Classificação dos Provérbios de Uso Comum)*. 2000. Shanghai: Shanghai Daxue Chubanshe.
- Cihai 辞海 (Dicionário Enciclopédico da Língua Chinesa)*. 2009. 6ª ed. Shanghai: Shanghai Cishu Chubanshe.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. 2006. Porto: Porto Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa. 2001. 2ªed. Braga: Editorial Verbo. Vol.I e II.
- Dicionário Verbo da Língua Portuguesa*. 2006. Lisboa: Verbo.

*Handa Chengyu Da Cidian* 汉大成语大词典 (*Grande Dicionário Handa do Idiomaticismo*). 2000. 2ªed. Shanghai: Hanyu Da Cidian Chubanshe.

*Hanyu Guanyongyu Cidian* 汉语惯用语词典 (*Dicionário das Locuções Idiomáticas em Chinês*). 1990. Beijing: Shangwu Yinshuguan.

*Xiandai Han Ying Cidian* 现代汉英词典 (*Dicionário Chinês-Inglês Moderno*). 2002. Beijing: Waiyu Jiaoxue yu Yanjiu Chubanshe.

*Xiandai Hanyu Cidian* 现代汉语词典 (*Dicionário do Chinês Moderno*). 2005. 5ª ed. Instituto de Estudos de Línguas da Academia das Ciências Sociais da China. Beijing: Shangwu Yinshuguan.

*Xiandai Hanyu Cihai* 现代汉语辞海 (*Dicionário Enciclopédico do Chinês Moderno*). 2003. Beijing: Guangming Ribao Chubanshe.

*Xiandai Ying Han Cidian* 现代英汉词典 (*Dicionário Inglês-Chinês Moderno*). 2002. Beijing: Waiyu Jiaoxue yu Yanjiu Chubanshe.

*Xinhua Cidian* 新华词典 (*Dicionário Xinhua*). 2001. 3ª ed. Beijing: Shangwu Yinshuguan.

*Xinhua Yanyu Cidian* 新华谚语词典 (*Dicionário Xinhua do Provérbio*). 2016. Beijing: Shangwu Yinshuguan.

*Xinshidai Han Ying Da Cidian* 新时代汉英大词典 (*Grande Dicionário Chinês-Inglês da Nova Era*). 2001. Beijing: Shangwu Yinshuguan.

*Ying Han Guanyongyu Da Cidian* 英汉惯用语大词典 (*Grande Dicionário das Locuções Idiomáticas Inglês-Chinês*). 1996. Beijing: Xinshijie Chubanshe.

### **Artigos em Jornais Online:**

1. Cleto, Joel. 2012. “"Dragão" é símbolo do Porto muito antes de ser adotado pelo FCP.” JN, 24 de dezembro. Consultado a 28 de junho de 2018. <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/dragao-e-simbolo-do-porto-muito-antes-de-ser-adotado-pelo-fcp-2963389.html>
2. Fonseca, Sofia. 2013. “O que significa a luta entre São Jorge e o dragão Coca.” Diário de Notícias, 15 de maio. Consultado a 30 de junho de 2018. <https://www.dn.pt/portugal/norte/interior/o-que-significa-a-luta-entre-sao-jorge-e-o-dragao-coca-3221766.html>